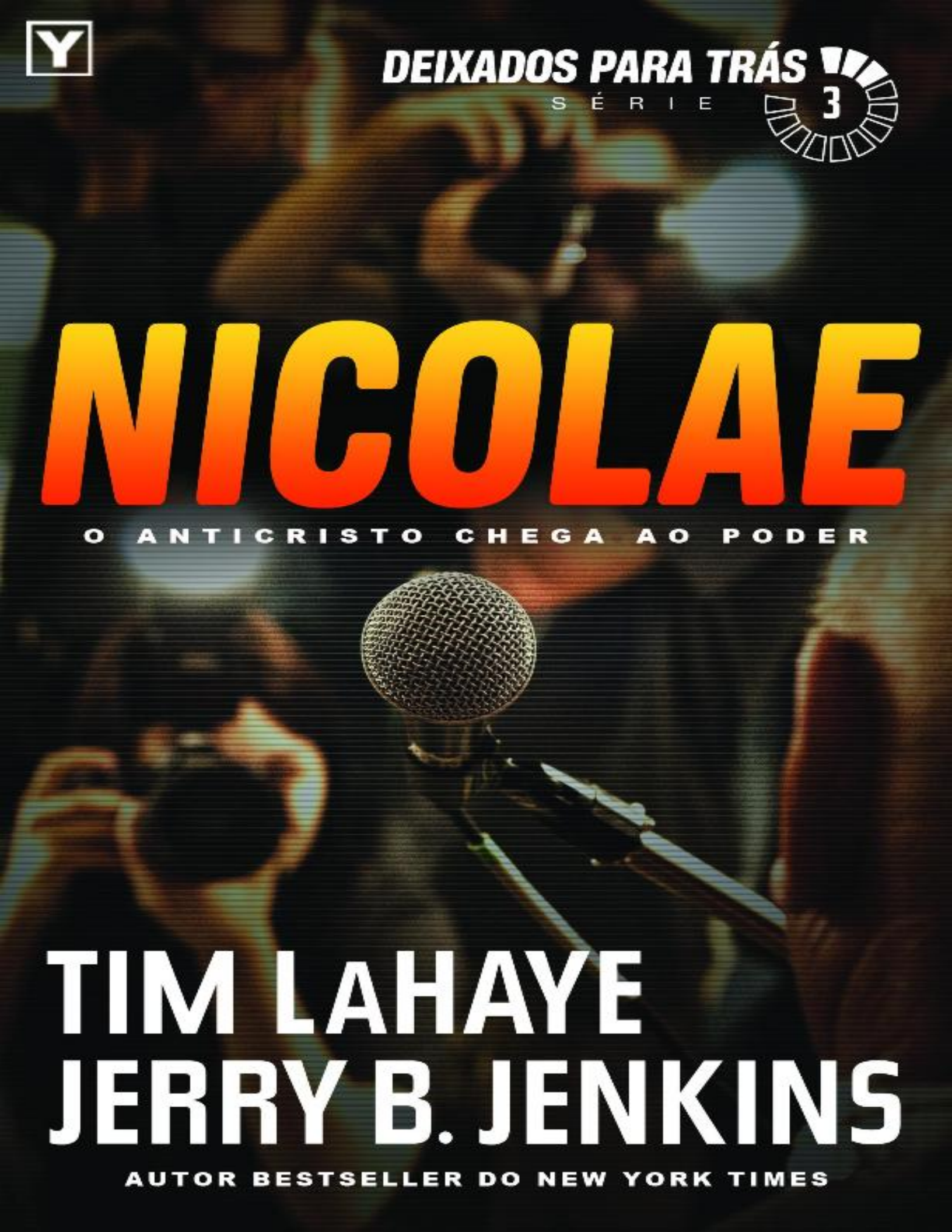
DEIXADOS PARA TRÁS

SÉRIE 3

# NICOLAE

O ANTICRISTO CHEGA AO PODER

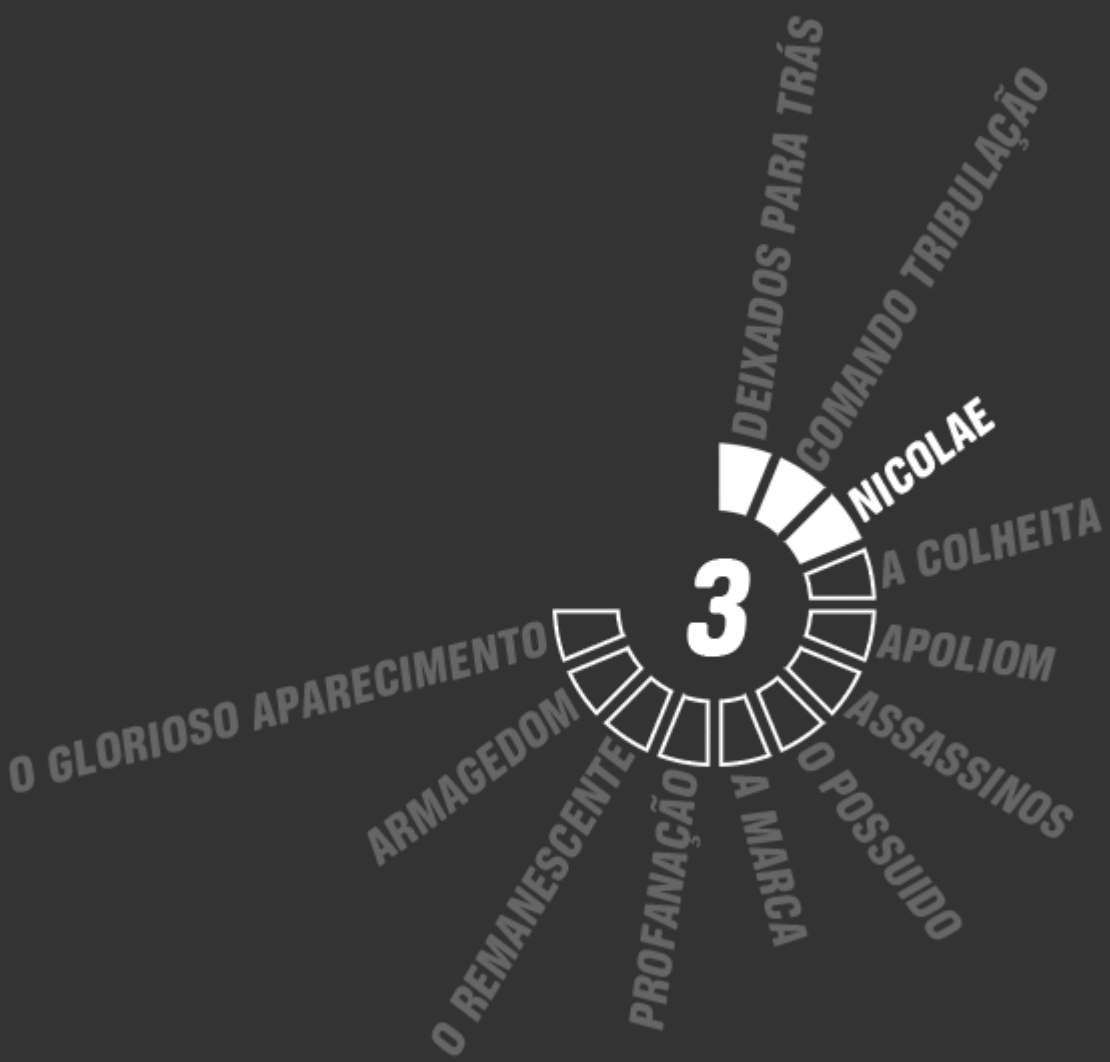



TIM LAHAYE

JERRY B. JENKINS

AUTOR BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

## *Série DEIXADOS PARA TRÁS*




Série de ficção mais lida no mundo, Deixados Para Trás vendeu mais de 70 milhões de livros e foi traduzida para mais de 30 idiomas. A história reúne ficção cristã, ação e suspense com lances de alta tecnologia num triller de tirar o fôlego. O tema principal é nada menos que o próprio final dos tempos.

Tim LaHaye & Jerry B. Jenkins

# *NICOLAE*

## O ANTICRISTO CHEGA AO PODER

Traduzido por
Maria Emília de Oliveira



UNITED PRESS

# *NICOLAE*

Esta edição é publicada sob contrato com
Tyndale House Publishers, U.S.A.

Originalmente publicado em inglês como Nicolae
Copyright (r) 1997 Tim LaHaye e Jerry B. Jenkins.

Todos os direitos reservados.
Copyright (r) 1999 Editora United Press Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)
LaHaye, Tim F.
Nicolae/ Tim LaHaye e Jerry Jenkins: tradução Maria Emília de Oliveira.
- Campinas, SP: Editora United Press, 1999.
Título original: Nicolae
ISBN 85-243-01-0176-7 1.
Ficção norte-americana I. LaHaye, Tim F. II. Título
99-4076 CDD-813.5
Índices para catálogo sistemático
1. Ficção : Século 20 : Literatura norte-americana 813.5
2. Século 20 : Ficção : Literatura norte-americana 813.5

Publicado no Brasil com a devida autorização.
EDITORA UNITED PRESS LTDA.
Rua Taquaritinga, Jardim Nova Europa 13.036-530
Campinas, São Paulo
Fone/Fax (019) 278-3
Visite nosso site: www.unitedpress.com

À Beverly e à Dianna

# *P R Ó L O G O*

## *O Que Aconteceu Antes...*

Os desaparecimentos em massa ocorreram há quase dois anos. Em apenas um momento, milhões de pessoas de todas as partes do mundo desapareceram, deixando para trás roupas e tudo o que era material.

O capitão Rayford Steele, piloto de avião, estava conduzindo um jumbo de volta a Chicago, tendo a bordo 300 passageiros mais a tripulação, todos cheios de temor. No momento da decolagem a aeronave estava lotada, mas, de repente, mais de 100 lugares ficaram vazios, sobrando ali apenas roupas, jóias, óculos, sapatos e meias.

Steele perdeu a esposa e um filho de 12 anos durante os desaparecimentos. Ele e sua filha Chloe, que frequentava a faculdade, foram deixados para trás.

Cameron "Buck" Williams, articulista sénior de uma revista semanal, estava entre os passageiros do avião pilotado por Rayford. Assim como o piloto, ele também empreendeu uma luta frenética em busca da verdade.

Rayford, Chloe e Buck, mais o seu mentor — o jovem pastor Bruce Barnes — tornaram-se crentes em Cristo e formaram um grupo ao qual deram o nome de Comando Tribulação. Eles estavam determinados a lutar contra o novo líder mundial, Nicolae Carpathia, da Roménia, que se tornou chefe da Organização das Nações Unidas quase que do dia para a noite. Enquanto Carpathia fascina o mundo com seu charme, o Comando Tribulação passa a acreditar que ele é o anticristo.

No decorrer de uma série de circunstâncias estranhas, Rayford e Buck tornam-se funcionários de Carpathia — Rayford como seu piloto; Buck como editor do Semanário Comunidade Global. Carpathia sabe que Rayford e sua nova esposa, Amanda, são crentes, mas desconhece a nova fé de Buck e seu relacionamento com o casal.

O Comando Tribulação programa uma reunião em Chicago. Rayford conduz o potentado da Comunidade Global.Nicolae Carpathia, de avião desde a Nova Babilónia até Washington D.C. (com Amanda a bordo). Ao tomar conhecimento de uma conspiração, Carpathia divulga um itinerário complicado e conflitante para dificultar sua localização.

Nesse ínterim, Rayford levou Amanda a bordo do Comunidade Global Um até Chicago para o encontro que teriam com Buck, Chloe e Bruce.

Eles ficam sabendo que Bruce está internado em um hospital, mas, enquanto se dirigem para lá a fim de visitá-lo, irrompe uma guerra mundial. As facções da milícia norte-americana, sob a liderança clandestina do presidente Gerald Fitzhugh, cujo poder Carpathia enfraquecera, juntam forças com a União das Nações Britânicas e com o antigo Estado soberano do Egito, agora parte do recém-organizado Estado Democrático do Oriente Médio. As forças da milícia da costa leste dos Estados Unidos haviam atacado Washington, agora transformada em ruínas.

O hotel em que Carpathia se hospedaria desabou, e ele é resgatado ileso. Em represália, as forças aéreas da Comunidade Global atacam a antiga base Nike na região suburbana de Chicago, onde se localiza o hospital em que Barnes se encontra por ter sido atacado por um vírus mortal. Um ataque à Nova Babilónia é rapidamente debelado, e Londres é bombardeada pelas forças da Comunidade Global em retaliação ao conluio entre a Inglaterra e a milícia norte-americana.

Durante todos esses acontecimentos, Rayford pede a seu ex-chefe, Earl Halliday, que pilote o Comunidade Global Um até Nova York, onde Rayford supostamente se encontraria com Carpathia. Mas, quando as forças da Comunidade Global se reúnem em Nova York, Rayford teme ter enviado seu velho amigo para a morte.

Rayford, Amanda, Buck e Chloe tentam freneticamente visitar Bruce, o amigo enfermo, no Hospital da Comunidade Noroeste, localizado em Arlington Heights, Illinois, quando ouvem pelo rádio um pronunciamento ao vivo do potentado da Comunidade Global: "Leais cidadãos da Comunidade Global, dirijo-me a vocês neste dia com o coração quebrantado, sem ao menos poder dizer-lhes de onde estou falando. Temos trabalhado há mais de um ano para congregar esta Comunidade Global sob a bandeira da paz e da harmonia. Hoje, lamentavelmente, soubemos outra vez que ainda existem pessoas entre nós que desejam a nossa desunião.

"Não é segredo que sou, tenho sido e sempre serei um pacifista. Não acredito em guerra. Não acredito em armamento s. Não acredito

em derramamento de sangue. Por outro lado, sinto-me responsável por você, meu irmão ou minha irmã desta aldeia global.

"As forças pacificadoras da Comunidade Global já subjugaram a resistência. Lamento muito a morte de civis inocentes, mas prometo solenemente que todos os inimigos da paz terão julgamento imediato. A bela capital dos Estados Unidos da América do Norte foi devastada, e vocês ouvirão mais notícias de destruição e morte. Nosso objetivo continua sendo a paz e a reconstrução. Estarei de volta aos escritórios da Nova Babilónia no devido tempo e me comunicarei com vocês com frequência.

"Acima de tudo, não tenham medo. Confiem que nenhuma ameaça à tranquilidade mundial será tolerada. Nenhum inimigo da paz sobreviverá."

Enquanto Rayford procurava um caminho que o levasse próximo ao Hospital da Comunidade Noroeste, o correspondente da CNN/Rede Comunidade Global voltou a falar.

"E uma notícia de última hora: as forças militares da Comunidade anti-Global ameaçaram dar início a uma guerra nuclear sobre Nova York, principalmente sobre o Aeroporto Internacional Kennedy. Os civis estão fugindo daquela área e causando um dos piores congestionamentos de tráfego e de pedestres da história de Nova York. As forças pacificadoras da Comunidade Global dizem que têm condições e tecnologia para interceptar mísseis, mas estão preocupadas com os danos que serão causados às áreas mais afastadas.

"E agora uma notícia de Londres: Uma bomba de cem megatons destruiu o aeroporto de Heathrow, e a precipitação radioativa ameaça a população que vive a quilómetros de distância. Aparentemente a bomba foi atirada pelas forças pacificadoras após a descoberta de um contrabando de bombardeiros egípcios e ingleses que estavam agrupados numa pista aérea militar perto de Heathrow. As notícias dão conta de que os navios de guerra, que foram abatidos pelo ar, estavam equipados com armamentos nucleares e a caminho de Bagdá e da Nova Babilónia."

— É o fim do mundo — murmurou Chloe. — Que Deus os ajude.

Rayford continuava tentando desesperadamente encontrar o hospital onde estava Bruce. Uma transeunte lhe disse que o Hospital da

Comunidade Noroeste ficava "logo depois daquele campo, naquela elevação. Mas não sei se vocês vão conseguir chegar perto do que restou dele".

— O hospital foi atingido?

— Se foi atingido? Senhor, ele fica perto da estrada e do outro lado da rua da antiga base Nike. Quase todos acham que ele foi atingido em primeiro lugar.

O coração de Rayford angustiou-se quando ele chegou à elevação e viu o hospital.

Estava quase em ruínas.

— Alto lá! — gritou um guarda de segurança. — Esta é uma área restrita!

— Tenho autorização para passar! — gritou Rayford, exibindo sua carteira com a credencial.

Ao chegar perto de Rayford, o guarda pegou a carteira e analisou a credencial, comparando a foto com o rosto de Rayford.

— Puxa! Autorização nível 2-A. Você trabalha diretamente para Carpathia?

Rayford assentiu e caminhou em direção ao que havia sido a frente do hospital. Os corpos estavam colocados um ao lado do outro e cobertos.

— Há sobreviventes? — perguntou Rayford a um atendente do pronto-socorro.

— Ouvimos vozes — respondeu o atendente. — Mas ainda não conseguimos resgatar ninguém.

— Ajude ou saia do caminho — disse asperamente uma mulher corpulenta ao passar esbarrando em Rayford.

— Estou à procura de Bruce Barnes — disse Rayíord.

A mulher consultou uma prancha contendo uma lista de nomes.

— Dê uma olhada ali — ela disse, apontando para seis corpos. — Parente seu?

— Mais que um irmão.

— O senhor quer que eu verifique?

O rosto de Rayford contorceu-se e ele mal conseguiu falar.

— Ficaria muito agradecido.

Ela ajoelhou-se ao lado de cada corpo para verificar, enquanto um soluço brotava na garganta de Rayford. Quando se aproximou do quarto

corpo e começou a levantar o lençol, ela hesitou e verificou o nome escrito no bracelete. Olhou para Rayford, e ele entendeu. As lágrimas começaram a rolar por seu rosto. A mulher afastou lentamente o lençol, mostrando Bruce, de olhos abertos, sem vida. Rayford tentou manter a calma, sentindo um aperto no peito. Estendeu a mão para fechar os olhos de Bruce, mas a mulher disse: — Não posso permitir que o senhor faça isto.

— Você poderia verificar a pulsação? perguntou Rayford.

— Oh, senhor — ela disse com voz comovida — eles só trazem aqui para fora os que estão mortos.

— Por favor — murmurou Rayford, agora em prantos. — Faça isso por mim.

Enquanto Rayford permanecia em pé e com as mãos no rosto, no burburinho do início de tarde daquela região suburbana de Chicago, a mulher desconhecida colocou o polegar e o indicador sob a mandíbula do pastor. Sem olhar para Rayford, ela tirou a mão, cobriu novamente a cabeça de Bruce Barnes com o lençol e voltou ao seu trabalho.

Rayford abaixou-se e ajoelhou-se no chão enlameado. O som das sirenes ecoava ao longe, luzes de emergência piscavam à volta dele, e sua família o aguardava a menos de um quilómetro de distância. Agora só haviam sobrado ele e os outros três. Não havia mais o mestre. Não havia mais o mentor. Só eles quatro.

Enquanto se levantava e descia penosamente a elevação para dar a terrível notícia, Rayford ouviu o Sistema Transmissor de Emergência ligado em todos os carros pelos quais passava. Washington fora arrasada. Heathrow não mais existia. Houve mortes no deserto egípcio e nos céus de Londres. Nova York estava em estado de alerta.

O Cavalo Vermelho do Apocalipse estava entrando em ação.

# *CAPÍTULO* 1

Era o pior de todos os tempos; era o pior de todos os tempos.

Os joelhos de Rayford Steele estavam doloridos quando ele se sentou ao volante do Lincoln alugado. Ele caíra ao solo diante da cruel constatação da morte de seu pastor. A dor física, que o acompanharia por alguns dias, era insignificante quando comparada à angústia de ter perdido outra das pessoas mais queridas de sua vida.

Rayford sentiu o olhar de Amanda fixo nele. Ela colocou a mão sobre a perna dele, em sinal de solidariedade. No assento traseiro estavam sua filha Chloe e o marido Buck, ambos com as mãos sobre o ombro de Rayford.

E agora? perguntou Rayford a si mesmo. O que faremos sem Bruce? Para onde iremos?

O Sistema Transmissor de Emergência voltou a transmitir as notícias sobre o caos, a devastação, o terror e a destruição pelo mundo inteiro. Sentindo um nó na garganta e sem conseguir falar, Rayford tratou de abrir caminho por entre o trânsito congestionado.

Por que o povo estava nas ruas? O que queriam ver? Será que não estavam com medo de mais bombas ou de precipitação radioativa?

— Preciso ir até a sucursal de Chicago — disse Buck.

— Você pode usar o carro depois que chegarmos à igreja — disse Rayford. — Preciso dar a notícia sobre Bruce.

As forças pacificadoras da Comunidade Global supervisionavam a polícia local e o pessoal da emergência, dirigindo o tráfego e tentando forçar o povo a voltar para casa.

Pelo fato de viver há muitos anos na região de Chicago, Rayford sabia fazer uso de vias marginais e secundárias para desviar das ruas principais, que estavam totalmente congestionadas.

Rayford perguntou a si mesmo se não deveria ter aceitado a oferta de Buck para dirigir o carro. Mas ele não queria demonstrar fraqueza. Balançou a cabeça. Não há limites para o ego de um piloto! Ele tinha vontade de encolher-se por inteiro e chorar até dormir de exaustão.

Após quase dois anos do desaparecimento de sua mulher e filho, com milhões de outras pessoas, Rayford não mais nutria ilusões sobre sua vida no apagar das luzes da História. Ele se sentia arrasado. Convivia com o sofrimento e o sentimento de culpa. Era difícil demais...

Rayford sabia que sua vida podia ter sido pior. E se ele não tivesse se tornado um crente em Cristo e estivesse perdido para sempre? E se não tivesse encontrado um novo amor e estivesse sozinho? E se Chloe tivesse desaparecido? E se ele não tivesse conhecido Buck? Havia muitos motivos de gratidão. Se não fosse o apoio dos outros três no carro, Rayford talvez não tivesse reunido forças para prosseguir.

Para ele, era difícil imaginar como teria sido sua vida se não tivesse conhecido e amado Bruce Barnes. De todas as pessoas que conhecera, Bruce havia sido quem mais lhe havia ensinado, esclarecido e inspirado. E não foram apenas o conhecimento e as aulas de Bruce que fizeram a diferença.

Era o amor que ele dedicava às pessoas. Ele foi um homem que percebeu rápida e nitidamente que não fizera caso da maior de todas as verdades comunicadas à humanidade, e que não estava disposto a repetir o erro.

— Papai, aqueles dois guardas perto da passarela parecem estar acenando para você — disse Chloe.

— Estou tentando não dar atenção a eles — disse Rayford. — Todos esses "joõesninguém tentando ser alguém" pensam que conhecem mais a direção em que o tráfego deve fluir.

Se eu lhes der atenção, ficaremos aqui durante horas. Quero chegar à igreja.

— Ele está chamando você pelo megafone — disse Amanda, abaixando alguns centímetros o vidro de sua porta.

— Ei, você que está no Lincoln branco! — soou a voz ribombante. Rayford desligou o rádio imediatamente. — Você é Rayford Steele?

— Como é que eles sabem? — perguntou Buck.

— Será que não há limites para o serviço de inteligência da Comunidade Global? — perguntou Rayford enojado.

— Se você for Rayford Steele — soou a voz novamente — por favor encoste seu veículo ao lado da faixa de bloqueio do trânsito!

Rayford achou que não devia fazer caso da ordem, mas pensou melhor. Não havia jeito de fugir daqueles guardas uma vez que eles o

conheciam. Mas como?

Ele encostou o carro ao lado da faixa.

Buck Williams retirou a mão do ombro de Rayford e esticou o pescoço para enxergar melhor os dois soldados uniformizados que estavam descendo o aterro. Ele não fazia idéia de como a força militar da Comunidade Global conseguira seguir a pista de Rayford, mas uma coisa era certa: não seria nada bom Buck ser visto na companhia do piloto de Carpathia.

— Ray — ele disse rapidamente — trago comigo uma credencial falsa com o nome de Herb Katz. Diga-lhes que sou um piloto amigo seu ou coisa parecida.

— Está bem — disse Rayford — mas ao que tudo indica eles me darão um tratamento diferenciado. Evidentemente, Nicolae está tentando entrar em contato comigo.

Buck esperava que Rayford estivesse certo. Fazia sentido Carpathia querer ter a certeza de que seu piloto estava bem e que podia levá-lo de volta à Nova Babilónia. Os dois guardas uniformizados já estavam atrás do Lincoln, um falando por walkie-talkie, o outro por telefone celular. Buck resolveu partir para ofensiva e abriu a porta.

— Por favor, permaneça dentro do veículo — disse o guarda que segurava o walkietalkie.

Buck voltou a sentar-se no carro e trocou o documento verdadeiro pelo falso. Chloe parecia aterrorizada. Buck passou o braço ao redor dos ombros dela e puxou-a para perto de si.

— Carpathia deve ter enviado um boletim a todos os setores de trânsito. Ele sabia que seu pai teria de alugar um carro, e não demorou muito para encontrá-lo.

Buck não fazia ideia do que os dois homens da CG estavam fazendo atrás do carro.

Ele só sabia que todas as perspectivas a respeito dos próximos cinco anos haviam mudado em um piscar de olhos. Quando a guerra mundial irrompeu uma hora atrás, Buck perguntou a si mesmo se ele e Chloe sobreviveriam ao período restante da Tribulação. Agora, com a notícia da morte de Bruce, Buck perguntou a si mesmo se eles queriam sobreviver. A expectativa de ir para o céu e estar com Cristo parecia melhor que viver no que restara deste mundo, mesmo que fosse necessário morrer para chegar lá.

O guarda com o walkie-talkie aproximou-se da porta do motorista. Rayford abaixou o vidro.

— O senhor é Rayford Steele?

— Depende de quem está perguntando — disse Rayford.

— Este carro, com esta placa, foi alugado em O'Hare por alguém que se identificou como Rayford Steele. Se este não for o seu nome, o senhor está numa grande encrenca.

— O senhor não concorda comigo — disse Rayford — que estamos todos numa grande encrenca, seja eu quem for?

Buck achou graça na reação mal-humorada de Rayford, diante da situação.

— Cavalheiro, preciso saber se o senhor é Rayford Steele.

— Sou.

— E o senhor pode provar isso?

Buck nunca havia visto Rayford tão agitado assim.

— O senhor me faz sinal para parar, me chama pelo megafone e me diz que estou dirigindo um carro alugado em nome de Rayford Steele, e agora quer que eu lhe prove que sou quem acho que sou?

— Cavalheiro, o senhor precisa entender a minha posição. O potentado Carpathia, da Comunidade Global, está conectado àquele telefone celular ali. Nem sei de onde ele está falando. Se eu colocar alguém na linha e disser ao potentado que é Rayford Steele, é melhor que seja Rayford Steele.

Buck sentiu-se agradecido pela brincadeira de gato e rato engendrada por Rayford, por ela ter desviado a atenção dos guardas sobre os outros no carro, mas isso não durou muito. Rayford tirou do bolso a carteira com a credencial. Enquanto examinava o documento, o guarda perguntou displicentemente: — E os outros?

— Familiares e amigos — respondeu Rayford. — É melhor, não fazer o potentado esperar.

— Vou ter de pedir que o senhor saia do carro para falar ao telefone. Questão de segurança.

Rayford deu um suspiro profundo e saiu do carro. Buck desejava que o guarda com o walkie-talkie fosse embora dali, mas ele interceptou os passos de Rayford e apontou em direção a seu colega, o que estava com o telefone celular. Em seguida, ele debruçou-se para falar com Buck.

— Cavalheiro, caso tenhamos de levar o capitão Steele para um encontro, o senhor poderia ficar responsável por este veículo?

Será que todo o pessoal uniformizado fala desta maneira? imaginou Buck. — Claro.

Amanda curvou o corpo.

— Sou a Sra. Steele — ela disse. — Aonde quer que o Sr.Steele for, irei com ele.

— Isto será decidido pelo potentado — disse o guarda — e desde que haja lugar no helicóptero.

— Sim, senhor — disse Rayford ao telefone. — Vou me encontrar brevemente com o senhor. Rayford entregou o telefone celular ao segundo guarda.

— Como chegaremos a esse tal lugar?

— Um helicóptero deverá chegar a qualquer momento. Rayford fez um sinal para Amanda pedindo que ela pegasse as malas e saísse do carro. Enquanto carregava as malas de ambos, ele abaixou-se perto da porta do passageiro e cochichou: — Amanda e eu temos um encontro com Carpathia, mas ele nem sequer disse onde estava ou onde nos encontraremos. Aquele telefone ali não pode ser interceptado. Tenho a impressão de que não é muito longe daqui, a não ser que estejam nos levando de helicóptero até um campo de pouso, de onde partiremos para um lugar qualquer. Buck, é melhor você devolver logo o carro para a empresa locadora. Caso contrário, vai ser fácil eles estabelecerem uma relação entre mim e você. Cinco minutos depois, Rayford e Amanda estavam voando.

— Você tem ideia para onde estamos indo? — gritou Rayford para um dos guardas da Comunidade Global.

O guarda deu um tapinha no ombro do piloto do helicóptero e perguntou: — Temos permissão para dizer aonde estamos indo?

— Glenview! — gritou o piloto.

— O Posto Aéreo Naval de Glenview está fechado há anos — disse Rayford.

O piloto virou-se e olhou para ele.

— A pista principal de decolagem ainda está aberta! O homem está lá neste momento!

Amanda curvou-se em direção a Rayford.

— Carpathia já está em Illinois?

— Ele deve ter saído de Washington antes do ataque. Achei que o levariam para um dos abrigos antiaéreos do Pentágono ou da Administração de Segurança Nacional, mas seu serviço secreto deve ter imaginado que esses seriam os primeiros lugares que a milícia atacaria.



— Estou me lembrando de nossos tempos de recém-casados — disse Buck, enquanto Chloe se aconchegava a ele.

— Como assim? Nós ainda somos recém-casados!

— Espere um pouco! — disse Buck rapidamente. — O que eles estão falando sobre Nova York?

Chloe aumentou o volume do rádio. "... verdadeira carnificina por toda a parte aqui no centro de Manhattan. Edifícios bombardeados, veículos de emergência abrindo caminho por entre os escombros, pessoal da Defesa Civil pedindo ao povo, por meio de altofalantes, que permaneçam nos abrigos subterrâneos."

Buck percebeu um tom de pânico na voz do repórter, enquanto ele prosseguia. "Eu também estou procurando abrigo, mas acho que é tarde demais para evitar os efeitos da radiação. Ninguém sabe ao certo se as ogivas eram nucleares, mas todos estão sendo alertados para não se arriscarem. Estima-se um prejuízo de bilhões de dólares. A vida aqui nunca mais será a mesma. Há devastação por toda parte, até aonde a vista consegue alcançar.

"Todos os principais centros de transporte estão fechados ou foram destruídos.

Enormes engarrafamentos de trânsito tomaram conta do Túnel Lincoln, da Ponte Triborough e das principais vias de saída de Nova York. Aquela que foi conhecida como a capital do mundo parece cenário de filme de catástrofe. Agora voltamos à CNN/Rede Comunidade Global em Atlanta."

—Buck — disse Chloe — nossa casa. Onde vamos morar? Buck não respondeu. Ele olhava fixamente para o trânsito, vendo as enormes nuvens de fumaça preta e as bolas intermitentes de fogo de cor

alaranjada que pareciam pairar sobre Monte Prospect. Era normal que Chloe estivesse preocupada com sua casa. Buck estava menos preocupado com isso. Poderia morar em qualquer lugar e talvez tivesse vivido em todos os lugares. Se ele tivesse Chloe e um lugar para morar, tudo estaria bem. Mas ela transformara em lar aquela cobertura ridiculamente cara na Quinta Avenida. Finalmente Buck resolveu falar.

— Eles não vão permitir que ninguém volte a Nova York durante dias, talvez mais tempo ainda. Até nossos carros, se ainda estiverem inteiros, não poderão ser usados.

— O que vamos fazer, Buck?

Buck gostaria de saber o que responder. Normalmente, ele teria uma resposta. O desembaraço tinha sido a marca registrada de sua carreira. Fosse qual fosse o obstáculo, ele sempre conseguia vencer qualquer situação, em qualquer lugar do mundo, em qualquer época. Agora, com sua jovem esposa ao lado, sem saber onde morariam ou o que fariam, ele estava completamente perdido. Ele só queria ter a certeza de que seu sogro e Amanda estavam em lugar seguro, apesar do perigoso trabalho de Rayford.

Queria também chegar a Monte Prospect para saber o que estava sucedendo com os crentes da Igreja Nova Esperança e informar-lhe sobre a tragédia que acontecera a seu amado pastor.

Buck nunca teve paciência para aturar congestionamentos de trânsito, mas aquele era um absurdo. Com as mãos apertando firme o volante, ele mantinha as mandíbulas cerradas e o pescoço rijo. O carro de último modelo rodava com suavidade, mas naquela velocidade lenta, quase parando, seu motor possante mais parecia um cavalo de corrida impedido de dar a largada.

De repente, uma explosão fez balançar o carro e quase o soltou das rodas. Buck pensou que os vidros do carro estilhaçariam em cima deles. Chloe deu um grito agudo e escondeu a cabeça no peito do marido. Buck esquadrinhou o horizonte procurando ver o que poderia ter causado a explosão. Vários carros próximos a eles saíram imediatamente da pista. Pelo espelho retrovisor, Buck viu uma nuvem no formato de um cogumelo levantando-se lentamente, e entendeu que aquilo estava acontecendo perto do Aeroporto Internacional O'Hare, a alguns quilómetros de distância.

A emissora CNN/RCG informou quase que imediatamente. "Esta notícia vem de Chicago: Nossa retransmissora de lá foi atingida por uma violenta explosão. Não sabemos ainda se foi um ataque das forças militares ou uma retaliação desferida pela Comunidade Global. Temos tantas notícias de guerras, derramamento de sangue, devastação e morte nas principais cidades do mundo que é impossível sabermos tudo o que está acontecendo..."

Buck olhou para trás e para os lados. Assim que o carro da frente andou um pouco, ele deu uma guinada para a esquerda e pisou fundo no acelerador. Chloe prendeu a respiração quando o carro subiu no meio-fio, atravessou um bueiro e saiu do outro lado.

Buck seguiu por uma avenida e passou na frente de uma longa fila de carros que se arrastavam lentamente no trânsito.

— O que você está fazendo, Buck? — perguntou Chloe, segurando-se no painel.

— Não sei o que estou fazendo, querida, mas sei o que não quero fazer: não quero ficar no meio de um congestionamento de trânsito enquanto o mundo está indo para o inferno.



O guarda que acenara para Rayford, da passarela, estava agora retirando as bagagens do helicóptero. Ele foi encarregado de conduzir os Steeles. Passaram por baixo das lâminas da hélice, atravessando uma pista curta de macadame até chegarem a um edifício de tijolos de um só pavimento localizado à beira da pista principal. Ervas daninhas cresciam entre as fendas da pista. Um Learjet estava no final da pista, perto do helicóptero, mas Rayford não avistou ninguém na cabina nem viu ouviu barulho de motor funcionando.

— Espero que eles não queiram que eu pilote esta coisa! — ele gritou para Amanda enquanto entravam no edifício.

— Não se preocupe — disse o guarda acompanhante. — O sujeito que trouxe este jato até aqui vai levar vocês até Dálias onde está a grande aeronave que você vai pilotar.

Rayford e Amanda foram conduzidos até um pequeno e desgastado escritório militar da Força Aérea, decorado com cadeiras de plástico de cor berrante. Rayford sentou-se, massageando os joelhos com força. Amanda andava de um lado para o outro, e só parou quando o acompanhante fez um gesto para que ela se sentasse.

— Tenho liberdade para permanecer em pé, não? — ela disse.

— Sinta-se à vontade. Por favor, esperem aqui alguns instantes. O potentado já deve estar chegando.



Os guardas de trânsito acenavam, apontavam e gritavam para Buck. Os outros motoristas buzinavam e faziam gestos obscenos para ele. Mas nada o detinha.

— Para onde você está indo? — insistiu Chloe.

— Estou precisando de um outro carro — ele disse. — Alguma coisa me diz que esta vai ser a nossa única chance de sobrevivência.

— Do que você está falando?

— Você não está enxergando, Chio'? — ele perguntou. -Esta guerra acabou de irromper. E não vai terminar logo. Vai ser impossível dirigir um veículo comum em qualquer lugar que seja.

— E o que você pretende fazer? Comprar um tanque de guerra?

— Se não chamasse tanta atenção, até que eu compraria. Buck cruzou um imenso terreno gramado, atravessou um, estacionamento e passou ao lado de uma ampla escola suburbana de segundo grau. Atravessou uma quadra de ténis e um campo de futebol. O carro ziguezagueava, atirando lama e pedaços de grama para todos os lados. O rádio continuava a dar notícias do mundo inteiro sobre acidentes e destruições enquanto Buck e sua mulher eram jogados de um lado para o outro do carro, que corria em alta velocidade passando por sinais de trânsito e derrapando nas curvas. Buck esperava estar na direção certa. Queria chegar à Northwest Highway, onde um grupo de revendedores de automóveis comercializavam suas mercadorias.

Na última curva acentuada, já entrando na zona urbana, Buck se viu no meio de um trânsito "pesado, lento, anda-e-pára" — conforme

costumava dizer o repórter de trânsito de sua preferência — que se estendia por toda a Northwest Highway. Buck estava disposto a enfrentar a situação, e até ali tudo havia dado certo, portanto resolveu prosseguir. Cortando a frente de motoristas irados, ele seguiu acompanhando a faixa lateral de bloqueio de trânsito por quase dois quilómetros até dar de frente com os revendedores de carro.

— Acertei! — ele disse.



Rayford estava perplexo e sabia que Amanda sentia o mesmo, diante do comportamento de Nicolae Carpathia. O jovem elegante, agora na casa dos trinta anos, parecia ter atingido o posto de líder mundial do dia para a noite, talvez contra a sua vontade. Passara de um indivíduo desconhecido pertencente à Câmara dos Deputados da Roménia a presidente daquele país. Em seguida, quase que imediatamente, tomara o lugar do secretário-geral da Organização das Nações Unidas. Após quase dois anos de paz e de uma campanha maciça bem-sucedida para cativar o povo depois do caos e do terror que se instalaram no mundo em seguida aos desaparecimentos, Carpathia estava enfrentando pela primeira vez uma oposição significativa.

Rayford não sabia o que esperar de seu patrão. Estaria ele magoado, ofendido, irado? Não demonstrava nada disso. Conduzido por Leon Fortunato, um funcionário bajulador do escritório da Nova Babilónia, até o escritório administrativo do Posto Aéreo Naval de Glenview, que estava desativado há muito tempo, Carpathia parecia eufórico, animado.

— Capitão Steele! — Ele cumprimentou com entusiasmo. — Al - Ah!, Ahn!, ahn!, Sra. Steele, que bom ver vocês dois e saber que estão bem!

— Pode me chamar de Amanda — ela disse.

— Perdoe-me, Amanda — disse Carpathia, segurando a mão dela entre as suas.

Rayford percebeu que a reação dela estava lenta. Carpathia prosseguiu: — Depois de toda essa agitação, você há de compreender...

Agitação, pensou Rayford. De uma forma ou outra, a Terceira Guerra Mundial parecia ser mais que agitação.

Os olhos de Carpathia brilhavam de entusiasmo, e ele esfregou as mãos, como se estivesse emocionado com o que se passava.

— Bem, pessoal — ele disse — precisamos voltar para casa.

Rayford sabia que, para Carpathia, voltar para casa significava voltar para a Nova Babilónia, para Hattie Durham, para a suíte 216, para o andar inteiro destinado ao potentado, com seus luxuosos escritórios na esplêndida e extravagante sede da Comunidade Global. Apesar de Rayford e Amanda morarem em um espaçoso apartamento de dois pavimentos dentro do mesmo complexo que abrigava as instalações da Comunidade Global, não passava pela cabeça de nenhum dos dois considerar a Nova Babilónia como um lar.

Ainda esfregando as mãos, parecendo não conseguir conter-se, Carpathia virou-se para o guarda com o walkie-talkie na mão.

— Quais são as novidades?

O guarda uniformizado da CG estava com os fones de ouvido ligados e levou um susto por Carpathia ter-lhe dirigido diretamente a palavra. Ele arrancou o aparelho do ouvido e gaguejou: — O quê? Isto é, desculpe, Sr. potentado.Carpathia fixou o olhar no homem.

— Quais são as novidades? O que está acontecendo?

—Ah!, nada de muito diferente, senhor. Muita agitação e muito destruição na maioria das grandes cidades.

Para Rayford, Carpathia estava tendo dificuldade em demonstrar tristeza.

—Essa agitação está concentrada no centro-oeste e na costa leste? — perguntou o potentado.

O guarda balançou a cabeça afirmativamente.

— E um pouco no sul — complementou.

— Então até agora não aconteceu nada na costa oeste — disse Carpathia, mais em tom de afirmação que de pergunta. O guarda assentiu. Rayford gostaria de saber se qualquer outra pessoa que desconhecesse que Carpathia era o anticristo teria notado um ar de satisfação, quase que de divertimento no olhar daquele homem.

— E quanto a Dallas/Fort Worth? — perguntou Carpathia.

— Foi atingido — respondeu o guarda. — Apenas a pista principal permanece aberta.

Ninguém chega, mas há muitas aeronaves partindo de lá.

Carpathia olhou de relance para Rayford.

— E quanto à pista militar perto de lá, onde meu piloto fez o teste para o 757?

— Creio que ainda está funcionando, senhor — disse o guarda.

— Então, tudo bem, ótimo — disse Carpathia, virando-se para Fortunato. — Estou certo de que ninguém conhece nosso paradeiro, mas, por via das dúvidas, o que você trouxe para mim?

O homem abriu uma sacola de lona que parecia imprópria para o momento.

Aparentemente o homem conseguira juntar alguns disfarces da Força Aérea para Carpathia. Tirou de dentro um quepe que não combinava com um imenso sobretudo.

Carpathia rapidamente vestiu o traje e fez um sinal para que os quatro da sala se reunissem em volta dele.

—Onde está o piloto do jato? — ele perguntou.

— Aguardando lá fora, de acordo com suas instruções, senhor — respondeu Fortunato.

Carpathia dirigiu-se para o guarda armado.

— Obrigado por seus serviços. Você pode retornar de helicóptero para seu posto. O Sr. Fortunato, os Steeles e eu voaremos até um outro avião, no qual o capitão Steele me levará de volta à Nova Babilónia.

Rayford disse em voz alta. — E aquilo que está na ...? Carpathia levantou a mão para que ele não prosseguisse.

— É melhor não passarmos ao nosso jovem amigo nenhuma informação sobre a qual ele tenha de ser responsável — ele disse, sorrindo para o guarda uniformizado. — Você pode ir. — Enquanto o homem se afastava rapidamente dali, Carpathia disse em voz baixa a Rayford. — O Condor 216 está à nossa espera perto de Dallas. Vamos voar em direção a oeste para chegarmos ao leste, se é que você está me entendendo.

— Nunca ouvi falar em Condor 216 — disse Rayford. — Não sei se estou habilitado para ...

— Já estou sabendo — interrompeu Carpathia — que você está mais que habilitado para pilotá-lo.

— Mas o que é um Condor 2 ...

— Um híbrido que projetei e dei um nome — disse Carpathia. — Com certeza você não está pensando que o que aconteceu aqui hoje foi surpresa para mim.

— Estou aprendendo — disse Rayford, lançando um olhar furtivo para Amanda que parecia estar confusa.

— Você está aprendendo — repetiu Carpathia, com um largo sorriso. — Gosto disso.

Venha, durante a viagem vou lhe contar o quanto é espetacular a minha nova aeronave.

Fortunato levantou o dedo indicador.

— Recomendo que o senhor e eu sigamos juntos até o final da pista e entremos no jato. Os Steeles devem sair daqui depois que estivermos a bordo.

Carpathia ajeitou o quepe grande por cima de seus cabelos bem aparados e acompanhou Fortunato, o qual abriu a porta e fez um sinal com a cabeça para o piloto. O piloto imediatamente correu em direção ao Learjet. Carpathia e Fortunato seguiram-no a passos rápidos alguns metros atrás. Rayford passou o braço ao redor de Amanda e puxoua para perto de si.

— Rayford — disse Amanda — alguma vez na vida você já ouviu Carpathia pronunciar uma palavra incorretamente?

— Pronunciar uma palavra incorretamente?

— Gaguejar, balbuciar, precisar repetir uma palavra, esquecer o nome de alguém?

Rayford conteve um sorriso, surpreso por achar graça num momento que poderia ser seu último dia na terra.

— Esquecer outros nomes além do seu, é isto que você quer dizer?

— Ele age assim de propósito, e você sabe disso — respondeu Amanda.

Rayford deu de ombros.

— Talvez você tenha razão. Mas qual seria o motivo?

— Não faço a menor ideia.

— Querida, você não está enxergando a ironia de ter sido ofendida pelo homem que com certeza é o anticristo? Amanda olhou espantada para Rayford. — Pense um pouco — ele prosseguiu. — Você

espera cortesia e decência do homem mais maligno da história do universo?

Amanda balançou a cabeça e desviou o olhar.

— Vendo por esse ângulo — ela murmurou — acho que estou sendo sensível demais.



Buck estava sentado no escritório do gerente de vendas de uma concessionária Land Rover.

— Você nunca pára de me surpreender — sussurrou Chloe.

— Não tenho sido muito convencional, tenho?

— É raro, e agora acho que qualquer esperança de normalidade que porventura houvesse acabou de voar pela janela.

— Não preciso apresentar desculpas por ser uma pessoa singular — ele disse — mas todos, em qualquer lugar do mundo, brevemente vão passar a agir por impulso.

O gerente de vendas, que estava atarefado com a papelada e calculando o preço, virou os documentos e os colocou sobre a mesa diante de Buck.

— Você não está trocando o Lincoln, está?

— Não, ele foi alugado — respondeu Buck. — Mas vou pedir que você me faça o favor de mandá-lo de volta para O'Hare. — Buck olhou para o gerente sem examinar os documentos.

— Trata-se de um fato inusitado — disse o gerente. — Eu teria de mandar dois funcionários e um carro extra para queeles possam voltar.

Buck levantou-se.

— Acho que estou pedindo demais. Tenho certeza de que qualquer outro revendedor estará disposto a fazer muito mais que isto para me vender um carro, principalmente quando ninguém sabe o que acontecerá amanhã.

— Sente-se, Sr. Williams. Não vou ter nenhum problema em destacar meu gerente de distrito para lhe fazer aquele pequeno favor. Como o senhor pode ver, será possível sair daqui com seu Range Rover

totalmente equipado dentro de uma hora, pagando um preço abaixo de 100 mil dólares.

— Consiga tudo isso em meia hora — disse Buck — e negócio fechado.

O gerente de vendas levantou-se e apertou a mão de Buck.

—Negócio fechado!

# *CAPÍTULO* **2**

O Learjet era um jatinho de seis lugares. Carpathia e Fortunato conversavam sem parar e não deram atenção quando Rayford e Amanda passaram por eles. Os Steeles acomodaram-se nas duas poltronas do fundo, de mãos dadas. Rayford sabia que o terror que tomava conta do mundo era um fato inteiramente novo para Amanda. Também era um fato novo para ele. Na situação atual, era um fato novo para todos. Amanda segurou a mão do marido com tanta força que os dedos dele ficaram brancos. Ela estava tremendo.

Carpathia virou-se no assento e olhou para o casal. Ele parecia estar lutando para conter o riso, o que Rayford considerou uma insanidade diante da situação.

— Sei que você não foi preparado para pilotar jatos tão pequenos como este — disse Carpathia — mas vai precisar aprender alguma coisa na poltrona do co-piloto.

Rayford estava muito mais preocupado com a aeronave que ele pilotaria a partir de Dallas, da qual ele nunca ouvira falar. Olhou para Amanda, na esperança de que ela lhe pediria para não sair dali, mas ela soltou a mão dele e assentiu.

Rayford caminhou em direção à cabina, que estava separada das outras poltronas por um painel bem fino. Sentou-se, amarrou o cinto e olhou com ar de desculpa para o piloto, que lhe estendeu a mão e disse:
— Chico Hernandez, capitão Steele. Não se preocupe, já fiz a verificação antes da decolagem, e não estou precisando de ajuda.

— De qualquer forma, eu não lhe seria muito útil — disse Rayford. — Faz anos que não piloto aeronaves menores que um 707.

— Comparado às aeronaves que você costuma pilotar — disse Hernandez — isto aqui deve parecer uma motocicleta.

Era exatamente o que Rayford estava pensando. O Learjet emitiu um som estridente e gemeu enquanto Hernandez aprumava-o em linha reta com a pista. Em segundos, a aeronave ganhou velocidade e decolou, derivando para a direita e seguindo a rota em direção a Dálias.

— Com que torre você vai manter comunicação? — perguntou Rayford.

— Não há ninguém na torre de Glenview — disse Hernandez.

— Eu percebi.

— Vou informar a algumas torres que estou a caminho. O pessoal da meteorologia vai nos dizer se podemos prosseguir. O serviço secreto da Comunidade Global não localizou nenhuma aeronave inimiga no percurso daqui até a aterrissagem.

Aeronave inimiga, pensou Rayford. Que maneira interessante de referir-se às forças militares norte-americanas! Ele se lembrou de que não gostava dos militares, não os compreendia, achando que eram criminosos. Mas isso foi no tempo em que o governo dos Estados Unidos também era inimigo deles. Agora eram aliados do incompetente presidente dos Estados Unidos Gerald Fitzhugh, e o inimigo deles era inimigo de Rayford — principalmente o seu patrão. Rayford não tinha ideia de onde surgira Hernandez, qual era sua formação profissional, se concordava com as ideias de Carpathia e era leal a ele ou se havia sido forçado a aceitar o emprego da mesma forma que Rayford.

Rayford colocou os fones de ouvido e descobriu onde se localizava o mostrador de discagem para comunicar-se com o piloto sem que ninguém ouvisse.

— Aqui fala seu pretenso primeiro piloto — ele disse brandamente. — Você está me ouvindo?

— Em alto e bom som, "co-piloto" — disse Hernandez. E, parecendo ler os pensamentos de Rayford, complementou: — Este canal é seguro.

Esse comentário fez Rayford ter a certeza de que ninguém, dentro ou fora da aeronave, podia ouvir a conversa entre eles. Fazia sentido. Mas por que Hernandez dissera aquilo? Teria ele percebido que Rayford queria conversar? E seria confortável conversar com um estranho? O fato de ambos serem pilotos não significava que ele poderia conversar francamente com aquele homem.

— Estou curioso a respeito do Comunidade Global Um — disse Rayford.

— Você não ouviu nenhum comentário? — perguntou Hernandez.

— Negativo.

Hernandez deu uma olhada para trás, onde Carpathia e Fortunato estavam sentados. Rayford preferiu permanecer imóvel para não

levantar suspeitas. Hernandez resolveu contar o que sabia a respeito do antigo avião pilotado por Rayford, porque Carpathia e Fortunato prosseguiam conversando animadamente.

— Acho que o potentado teria contado a você se tivesse tido uma oportunidade — disse Hernandez. — As notícias procedentes de Nova York não são nada boas.

— Eu já soube — disse Rayford. — Mas não sei qual foi a extensão do estrago nos principais aeroportos.

— Quase total destruição, acho. Sabemos com certeza que o hangar onde a aeronave estava pousada foi pelos ares.

— E o piloto?

— Earl Halliday? Ele já estava longe quando ocorreu o ataque.

— Então ele está salvo? — disse Rayford. — Que alívio! Você o conhece?

— Pessoalmente, não — respondeu Hernandez. — Mas tenho ouvido falar muito dele nas últimas semanas.

— Partindo de Carpathia?

— Não. Partindo da delegação norte-americana para a Comunidade Global.

Rayford estava completamente perdido, mas não queria admitir. Por que a delegação norte-americana teria conversado sobre Earl Halliday? Carpathia pedira a Rayford que encontrasse alguém para pilotar o Comunidade Global Um 757 até Nova York durante o curto período de férias dele e de Amanda em Chicago. O plano de Carpathia era passar alguns dias confundindo a imprensa e os rebeldes (o presidente Fitzhugh e vários grupos do Exército norte-americano) quanto ao seu itinerário e fazendo-os se deslocarem de um lugar para outro. Quando o exército atacou e a Comunidade Global revidou, Rayford assumira que pelo menos a hora em que isso aconteceu foi uma surpresa. Ele também assumira que a escolha de seu velho amigo e chefe nas Linhas Aéreas Pan- Continental para conduzir o 757 vazio até Nova York não causara grandes consequências a Carpathia. Mas, aparentemente, Carpathia e a delegação norte-americana sabiam exatamente quem ele escolheria. Qual teria sido o objetivo? E como Halliday conseguiu sair de Nova York a tempo para não ser morto?

— Onde está Halliday agora? — perguntou Rayford.

— Você vai vê-lo em Dálias.

Rayford olhou de esguelha, tentando ordenar os pensamentos.

— Eu?

— Quem você pensa que vai ensinar-lhe os passos para pilotar a nova aeronave?

Quando Carpathia dissera a Rayford que ele poderia aprender algumas coisas sentando-se na poltrona do co-piloto, Rayford não tinha ideia de que isso compreendia mais do que algumas dicas interessantes sobre esse pequeno e rápido Lear j et.

— Vamos conversar francamente — ele disse. — Earl Halli day sabia sobre essa nova aeronave e está tão familiarizado com ela a ponto de ensinar-me a pilotá-la?

Hernandez sorriu enquanto esquadrinhava o horizonte e manobrava o Learjet.

— Earl Halliday construiu praticamente sozinho o Condor 216. Ajudou no projeto.

Deixou claro que qualquer um que estivesse habilitado a pilotar um 757 seria capaz de pilotar o Condor 216, mesmo sendo muito maior e mais sofisticado que o Comunidade Global Um.

Rayford sentiu uma emoção sarcástica crescendo dentro de si. Odiava Carpathia e sabia exatamente quem ele era. Porém, por mais estranho que fosse o fato de sua mulher ofender-se com a insistência de Carpathia em errar seu nome, Rayford achou que estava mal informado.

— Eu gostaria de saber por que não fui comunicado sobre a nova aeronave, principalmente se desejam que eu seja seu piloto — ele disse.

— Não tenho informações sobre isso — disse Hernandez — mas você sabe que o potentado tem a tendência de ser muito precavido, muito cauteloso e muito calculista.

E eu não sei disso? pensou Rayford. Isso não passa de conspiração e maquinação.

— Então, aparentemente ele não confia em mim.

— Não tenho certeza se ele confia em alguém — disse Hernandez. — No lugar dele, eu também não confiaria. E você?

— Eu o quê?

— Você confiaria em alguém se estivesse no lugar de Carpathia? — perguntou Hernandez.

Rayford não respondeu.



— Você não se sente como se estivesse gastando dinheiro do demónio? — perguntou Chloe a Buck enquanto ele saía da loja com seu novo e lindo Range Rover, cor de terra.

— Estou consciente do que fiz — disse Buck. — E o anticristo nunca fez investimento melhor que este para a causa de Deus.

— Você considera que gastar quase cem mil dólares em um brinquedo como este é um investimento para a nossa causa?

— Chloe — disse Buck, escolhendo as palavras com cuidado — olhe para esta maravilha. Ela tem tudo. Vai a qualquer lugar. É indestrutível. Vem equipada com rádio faixa cidadão, extintor de incêndio, kit de sobrevivência, luzes de sinalização e outras coisas mais. Tem tração nas quatro rodas, tração em todas as rodas, suspensão independente, um CD player supermoderno, saídas elétricas no painel que permitem ligar para quem você quiser, diretamente da bateria.

— Mas Buck, você usou o cartão de crédito do Semanário Comunidade Global como se fosse de sua propriedade. Que limite você tem para gastar?

— A maioria dos cartões como este, emitidos por Carpathia, tem um limite de 250 mil dólares — disse Buck. — Mas aqueles entregues aos funcionários mais antigos, como é o meu caso, têm um código especial embutido. Eles não têm limites.

— Nenhum limite?

— Você não percebeu o olhar daquele gerente de vendas quando ele telefonou para confirmar os dados do cartão?

— Tudo o que vi — respondeu Chloe — foi um sorriso e um negócio fechado.

— Lá vem você.

— Alguém não teria de aprovar uma compra como esta?

— Eu me reporto diretamente a Carpathia. Talvez ele queira saber por que comprei um Range Rover. Isso será fácil explicar, ainda mais

com a perda de nosso apartamento, nossos carros e a necessidade de nos locomovermos.

De novo, Buck começou a ficar impaciente com o trânsito. Desta vez, ele saiu da estrada e passou por valas, bueiros, amplas avenidas, becos e terrenos vazios, fazendo esse trajeto de propósito, que não foi nada suave. Aquele carro tinha sido feito para ele dirigir.

— Veja o que esta beleza tem a mais — disse Buck. — É possível passar da transmissão automática para a manual e vice-versa. Chloe abaixou os olhos para o chão do carro.

— O que você faz com a embreagem quando o carro está no automático?

— Eu me esqueço dela — disse Buck. — Você já dirigiu carro com sistema de câmbio manual?

— Uma amiga minha do tempo da faculdade tinha um pequeno carro esporte com sistema de câmbio manual — ela respondeu. — Eu adorava dirigi-lo.

— Quer dirigir este?

— — De jeito nenhum. Pelo menos por enquanto. É melhor irmos para a igreja.



— Existe mais alguma coisa que eu deva saber sobre o que vamos encontrar em Dálias? — Rayford perguntou a Hernandez.

— Você vai transportar um bocado de gente importante de volta para o Iraque — disse Hernandez. — Mas isto não é novidade para você, ou é?

— Não. Receio que tudo isso tenha perdido o encanto para mim.

— Bem, de qualquer forma, invejo você.

Rayford calou-se, atordoado. Lá estava ele, a quem Bruce referira como um santo da tribulação, um crente em Cristo durante o período mais horroroso da história da humanidade, trabalhando para o anticristo contra a vontade e, certamente, pondo em risco a vida de sua esposa, sua filha, seu genro e a sua própria. E, mesmo assim, era invejado.

— Não sinta inveja de mim, capitão Hernandez. Qualquer que seja o seu trabalho, não sinta inveja de mim.



Ao aproximar-se da igreja, Buck notou que havia muita gente nos jardins das casas.

As pessoas olhavam para o céu e ouviam as notícias pelo rádio e TV. Buck surpreendeuse ao ver um único carro no estacionamento da Igreja Nova Esperança. Pertencia a Loretta, a assistente de Bruce.

— Eu não esperava por esta — disse Chloe.

— Nem eu — disse Buck.

Eles avistaram a mulher, uma senhora beirando os setenta anos, sentada com o corpo rijo do lado de fora do escritório, olhando fixamente para o aparelho de TV. Em seu colo havia dois lenços de papel amassados em formato de bola, e ela segurava um terceiro entre os dedos ossudos. Seus óculos de leitura estavam pendurados na ponta do nariz, e ela olhava por cima deles em direção à TV. Aparentemente a senhora não percebeu a chegada de Buck e Chloe, mas logo ficou claro que ela sabia que o casal estava ali. Buck ouviu o som de uma impressora de computador, que vinha do interior do escritório, produzindo páginas e mais páginas.

Na juventude, Loretta foi uma bela moça do sul. Agora estava sentada ali, com os olhos vermelhos, fungando e manuseando o lenço de papel como se estivesse criando uma obra de arte. Buck olhou para a TV e viu uma cena tomada de helicóptero do Hospital da Comunidade Noroeste após o bombardeio.

— As pessoas estão telefonando — disse Loretta. — Não sei o que dizer. Ele não pode ter sobrevivido, não é mesmo? Estou falando do pastor Bruce. Ele não deve estar vivo, não? Vocês viram o pastor?

— Nós não o vimos — disse Chloe, escolhendo as palavras com cuidado e ajoelhandose ao lado da senhora. — Mas meu pai conseguiu vê-lo.

Loretta virou-se rapidamente e encarou Chloe.

— O Sr. Steele viu o pastor? Ele está bem? Chloe balançou negativamente a cabeça.

— Lamento muito, senhora, ele não está. Bruce morreu. Loretta abaixou a cabeça até encostá-la no peito. As lágrimas inundavam seus óculos. Ela disse com voz rouca: — Vocês poderiam desligar a televisão, por favor? Eu estava orando e, de repente, olhei para lá para ver se via o pastor Bruce. Mas se ele está debaixo de um lençol, não quero ver a cena.

Buck desligou a TV enquanto Chloe abraçava a senhora. Loretta desatou a chorar. — Aquele jovem pastor era como uma pessoa de minha família, vocês sabem disso.

— abemos — disse Chloe, também em prantos. — Ele ambém era como uma pessoa da família para nós.

Loretta afastou o corpo e olhou para Chloe.

— Mas ele era a minha única família. Você conhece minha história, não?

— Sim, senhora.

— Você sabe que perdi todos.

— Sim, senhora.

— Estou dizendo que perdi minha família inteira. Perdi todos os parentes. Mais de cem. Fui criada numa família das mais devotadas espiritualmente. Eu era considerada um dos pilares desta igreja. Trabalhei ativamente em tudo, fui uma mulher da igreja. Só que não conhecia verdadeiramente o Senhor.

Chloe abraçou-a e chorou com ela.

— Aquele jovem pastor ensinou-me tudo — prosseguiu Loretta. — Aprendi mais com ele em dois anos do que em mais de 60 anos frequentando a Escola Dominical e a igreja.

Não estou culpando ninguém, a não ser eu mesma. Fui surda e cega espiritualmente falando. Meu pai morreu antes, mas perdi minha mãe, todos os meus seis irmãos e irmãs, todos os seus filhos, inclusive seus genros e noras. Perdi meus filhos e netos. Todos. Se alguém fizesse uma lista dos membros desta igreja que provavelmente iriam para o céu após a morte, eu estaria no primeiro lugar, bem ali com o pastor.

Aquilo era tão doloroso para Buck quanto estava sendo para Chloe e Loretta. Mas ele resolveu deixar o sofrimento para depois e

chorar à sua maneira, no momento apropriado. Por ora, ele não queria continuar a falar sobre a tragédia.

— Que serviço a senhora está fazendo no escritório? — perguntou Buck.

Loretta pigarreou.

— Cuidando das coisas de Bruce, é claro.

— Que coisas?

— Bem, você sabe que quando ele voltou daquela extensa viagem à Indonésia para evangelizar o povo de lá, tinha contraído uma espécie de vírus ou coisa parecida. Ele foi levado com tanta pressa para o hospital que acabou esquecendo seu laptop aqui. Vocês sabem que ele levava aquela coisa a todos os lugares por onde andava.

— Eu sei — disse Chloe.

— Assim que foi internado, Bruce me ligou, pedindo que eu levasse o laptop para ele, se fosse possível. Eu faria qualquer coisa por Bruce, claro. Quando eu já estava de saída, o telefone tocou novamente. Bruce me disse que estava sendo levado para a unidade de terapia intensiva e que não poderia receber visitas por algum tempo. Acho que ele teve uma premonição.

— Uma premonição? — estranhou Buck.

— Acho que Bruce sabia que ia morrer — disse Loretta. — Ele me pediu que mantivesse contato com o hospital para saber quando poderia receber visitas. Bruce gostava muito de mim, mas sei que ele estava mais interessado em receber o laptop que receber minha visita.

— Não tenho certeza quanto a isso — disse Chloe. — Ele gostava muito da senhora e a considerava como mãe.

— É verdade — disse Loretta. — Ele me disse isso mais de uma vez. Bem, Bruce pediu que eu imprimisse tudo o que estava no disco rígido de seu computador, tudo exceto o que ele chamava de arquivos de programas.

— O quê? — perguntou Chloe. — Todos os seus estudos bíblicos e esboços de sermão, coisas desse tipo?

—Acredito que sim — disse Loretta. — Ele me pediu que providenciasse bastante papel. Acho que ele queria dizer uma resma ou algo parecido.

— E já foi impresso mais que isso? — perguntou Buck.

— Oh, sim, muito mais que isso, senhor. Fiquei ali abastecendo aquela impressora, de 200 em 200 folhas mais ou menos, até completar duas resmas. Tenho pavor de lidar com computadores, mas Bruce me ensinou como imprimir tudo o que havia no arquivo que começava com suas iniciais. Ele me disse que bastava eu digitar "Imprimir BB*.*" e que a impressora faria o resto. Espero ter feito tudo certo. Há muito material impresso, mais do que ele podia imaginar. Acho melhor desligar tudo agora.

— A senhora está imprimindo a terceira resma? — perguntou Chloe.

— Não. Precisei pedir ajuda a Donny.

— O sujeito que conserta telefones? — perguntou Buck.

— Oh, Donny Moore faz mais do que simplesmente consertar telefones — disse Loretta. — É raro haver um aparelho eletrônico que ele não saiba consertar. Ele me ensinou como usar estas velhas caixas de papel contínuo em nossa impressora a laser.

Pegou uma caixa lá fora, arrastou-a até aqui. Agora o papel entra por um lado da impressora e sai pelo outro. Assim não preciso ficar tomando conta do papel da impressora.

— Não sei como a senhora conseguiu fazer isso — disse Buck.

— Nem eu — disse Loretta. — Há muitas coisas que Donny sabe fazer e que eu não sei. Ele disse que nossa impressora é supermoderna e imprime cerca de quinze páginas por minuto.

— E faz muito tempo que a máquina está imprimindo? — perguntou Chloe.

— Desde que Bruce me ligou do hospital hoje de manhã. Provavelmente houve um intervalo de cinco ou dez minutos depois que imprimi as duas resmas e antes de Donny me trazer aquela caixa enorme.

Buck entrou no escritório e parou atónito diante daquela impressora de alta tecnologia que puxava página após página da caixa e soltava do outro lado uma pilha de papel tão alta que parecia prestes a tombar. Ele endireitou a pilha de papel e olhou para a caixa. As primeiras duas resmas de páginas impressas, todas em espaço simples, estavam arrumadas cuidadosamente sobre a escrivaninha de Bruce. A velha caixa de papel tinha tamanho suficiente para conter

5.000 folhas. Buck calculou que a máquina já imprimira cerca de 80% do conteúdo da caixa. Com certeza, devia haver algum engano.

Será que Bruce teria produzido mais de 5.000 páginas de anotações? Talvez tivesse havido algum erro e Loretta imprimira muita coisa por engano, inclusive arquivos de programas, Bíblias e concordâncias bíblicas, dicionários e coisas do género.

Mas não tinha havido erro nenhum. Buck folheou ao acaso a primeira resma e depois a outra, à procura de algo mais além das anotações de Bruce. Todas as páginas continham material escrito por Bruce, inclusive comentários sobre passagens bíblicas, esboços de sermões, leituras devocionais e cartas a amigos, parentes e pessoas de igrejas do mundo inteiro. A princípio Buck sentiu-se culpado, como se estivesse invadindo a privacidade de Bruce. Mas por que Bruce insistira com Loretta para que ela imprimisse tudo aquilo? Será que ele sabia que ia morrer? Queria deixar o material para uso deles?

Buck curvou-se sobre a pilha de papel contínuo, que aumentava rapidamente.

Levantou-a do chão e fez com que as páginas caíssem uma a uma diante de seus olhos.

Novamente constatou que todas tinham sido escritas por Bruce, e todas com espaço simples. Ele devia ter escrito várias páginas por dia durante mais de dois anos.

Quando Buck voltou ao lugar onde Chloe e Loretta estavam, Loretta voltou a dizer: — É melhor desligarmos tudo e jogarmos fora as páginas impressas. Bruce não vai mais precisar disso.

Chloe estava sentada numa cadeira ao lado de Loretta, parecendo exausta. Buck ajoelhou-se ao lado de Loretta, colocou a mão em seus ombros e disse com franqueza: — Loretta, você ainda pode servir ao Senhor servindo a Bruce. — Ela começou a protestar, mas Buck prosseguiu. — Ele morreu, eu sei, mas não seria melhor ficarmos felizes por ele estar novamente com sua família? — Loretta cerrou os lábios e assentiu.

Buck continuou. — Preciso de sua ajuda para um grande projeto. Há uma mina de ouro naquele escritório. Olhei aquelas páginas de relance e vi que Bruce ainda está conosco.

Seu conhecimento, seus ensinamentos, seu amor e compaixão estão ali. O melhor que podemos fazer por este pequeno rebanho que

perdeu seu pastor é tirar cópias de todas aquelas páginas. Não sei se teremos aqui um outro pastor ou mestre, mas, enquanto isso, as pessoas necessitam ter acesso ao que Bruce escreveu. Talvez elas tenham ouvido seus sermões sobre isto, talvez já tenham visto este material. Mas trata-se de um tesouro que todos podem usar.

— Buck — disse Chloe — você não acha que deveria tentar editar este material ou transformá-lo numa espécie de livro?

— Vou dar uma olhada em todo o material, Chloe, mas acho que o melhor seria tirar cópias do jeito que ele está. Trata-se de material de uso pessoal de Bruce, de seus estudos, de cartas aos crentes, a seus amigos, entes queridos e a ele próprio. Acho que Loretta deveria levar esse material para ser xerografado imediatamente. Precisamos de mil cópias de tudo, impressas frente e verso e encadernadas da maneira mais simples possível.

— Isso vai custar uma fortuna — disse Loretta.

— Não se preocupe por ora — disse Buck. — Penso que não existe investimento melhor.



Enquanto o Learjet preparava-se para aterrissar na área de Dallas/Fort Worth, Fortunato entrou na cabina e ajoelhou-se entre Hemandez e Rayford. Ambos tiraram os fones para ouvir o que o assessor de Carpathia tinha a dizer.

— Alguém aqui está com fome? — ele perguntou. Rayford não tinha sequer pensado em comida. Para ele, o mundo estava se desintegrando e ninguém sobreviveria àquela guerra. No entanto, a simples menção da palavra fome mexeu com seu estômago, e ele se deu conta de que estava faminto. Amanda também deveria estar. Ela alimentava-se pouco, e quase sempre ele precisava lembrá-la de comer alguma coisa.

— Eu estou com fome — disse Hernandez. — Na verdade, estou com muita fome.

— O potentado Carpathia quer que você entre em contato com a torre DFW e peça que preparem alguma coisa gostosa para nós.

Hernandez pareceu assustado.

— O que ele quer dizer com "alguma coisa gostosa"?

— Tenho certeza de que você saberá o que fazer, capitão Hernandez.

Fortunato saiu da cabina, e Hernandez olhou para Rayford com ar de aborrecimento.

— Torre DFW, aqui fala Comunidade Global Três, câmbio. Rayford olhou para trás.

Fortunato já havia se sentado.

Carpathia conversava animadamente com Amanda.



Chloe ajudou Loretta a preparar um comunicado resumido, de duas frases, que deveria ser transmitido por telefone às seis primeiras pessoas da lista da corrente de orações. Cada uma delas deveria ligar para outras, e assim sucessivamente, até que a notícia chegasse a todos os membros da Igreja Nova Esperança. No ínterim, Buck gravou esta breve mensagem na secretária eletrônica: "A notícia trágica sobre a morte do pastor Bruce é verdadeira. O presbítero Rayford Steele chegou a vê-lo e acredita que ele tenha morrido antes de o hospital ter sido atingido pelas explosões. Por favor, não compareçam à igreja porque não haverá reuniões nem cultos nem avisos posteriores até domingo no horário normal." Buck desligou a campainha do telefone e direcionou todas as chamadas para a secretária eletrônica, que em seguida começou a ser acionada uma vez atrás da outra. Era o pessoal da igreja ligando para obter confirmação. Buck sabia que a reunião matinal de domingo seria muito concorrida. Chloe concordou em acompanhar Loretta até a casa dela para ter certeza de que tudo estava bem. Enquanto isso Buck ligou para Donny Moore.

— Donny — ele disse — preciso de um palpite seu, e tem de ser agora.

— Pode falar, Sr. Williams — soou a voz pausada de Donny — sou especialista em dar palpites. O senhor sabe que eu trabalho em casa. Podemos nos encontrar aqui ou posso ir até onde o senhor está.

— Donny, não tenho condições de sair agora. Eu ficaria muito grato se você pudesse encontrar-me aqui na igreja.

— Posso ir imediatamente, Sr. Williams, mas antes diga-me uma coisa. A Loretta deixou o telefone fora do gancho?

— Creio que sim. Ela não tinha respostas para as pessoas que estavam ligando para saber do pastor Bruce. Em vista disso, ela resolveu tirar o telefone do gancho.

— Isso me deixa mais aliviado — disse Donny. — Algumas semanas atrás ajudei Loretta a instalar um novo sistema, e espero que não tenha dado nada errado. E Bruce, como ele está?

— Vou-lhe contar tudo quando você chegar aqui, Donny. Está bem?



Rayford avistou imensas nuvens negras sobre o aeroporto comercial Dallas/Fort Worth e lembrou-se das muitas vezes em que pousara aeronaves de grande porte naquelas pistas extensas. Quanto tempo levaria para serem reconstruídas? O capitão Hernandez dirigiu o Learjet para uma pista militar próxima, a mesma que Rayford usara recentemente para fazer o teste. Não havia nenhuma outra aeronave no solo.

Evidentemente, alguém havia tirado todos os aviões dali para evitar que a pista se transformasse em alvo.

Hernandez pousou o Learjet suavemente, fazendo uso de toda a sua habilidade para manejar aquela aeronave de pequeno porte. Taxiou até o final da pista e entrou em um enorme hangar. Rayford surpreendeu-se ao notar que o hangar também estava vazio.

Hernandez desligou os motores e todos desceram. Carpathia vestiu o disfarce e cochichou alguma coisa ao ouvido de Fortunato, o qual perguntou a Hernandez onde estava a comida.

— No hangar três — disse Hernandez. — Estamos no hangar um. A aeronave está no hangar quatro.

O disfarce não foi necessário. Não havia muito espaço entre os hangares, e o pequeno grupo passou rapidamente pelas pequenas

portas nas laterais de cada hangar.

O hangar dois também estava vazio. No três havia apenas uma mesa abastecida de lanches, perto da porta que dava para o hangar quatro.

Quando eles se aproximaram da mesa, Carpathia virou-se para Rayford.

— Diga adeus ao capitão Hernandez. Após a refeição, ele vai tratar de um assunto para mim no edifício da Agência de Segurança Nacional, em Maryland. Acho que você não o verá novamente. Ele pilota apenas aeronaves de pequeno porte.

Rayford conteve-se para não demonstrar desinteresse. O que ele tinha a ver com isso? Acabara de conhecer aquele homem. Por que Carpathia tinha tanto interesse em mantê-lo informado acerca de seus empregados? Ele não contara nada a Rayford sobre a participação de Earl Halliday no projeto do novo avião. Não disser a Rayford que precisava de um novo avião. Nem sequer pedira a opinião de Rayford sobre o avião que ele pilotaria. Era difícil demais entender aquele homem.

Rayford estava com apetite voraz e insistiu que Amanda se alimentasse mais do que ela costumava. Ela não atendeu ao seu pedido. Quando o grupo estava passando do hangar três para o quatro, Rayford ouviu o som característico dos motores do Learjet e percebeu que Hernandez já decolará. Curiosamente, Fortunato desapareceu assim que eles entraram no hangar quatro. Ali, em pé com o corpo erguido e formando uma fila, estavam quatro dos dez embaixadores internacionais representantes das diversas populações do mundo e que eram subordinados a Carpathia. Rayford não tinha ideia de onde eles vieram e como chegaram ali. Ele só sabia que teria de levar todos eles até a Nova Babilónia para reuniões de emergência em razão da eclosão da Terceira Guerra Mundial.

No final da fila estava Earl Halliday, em pé em posição de sentido e olhando firme para a frente. Carpathia apertou a mão de cada um dos quatro embaixadores e não deu atenção a Halliday, que parecia esperar por isto. Rayford caminhou em direção a Halliday e estendeu-lhe a mão. Halliday não fez nenhum movimento e falou entre dentes.

— Saia da minha frente, Steele, seu ordinário!

— Earl!

— Você entendeu, Rayford. Vou ser obrigado a ensiná-lo a pilotar esta aeronave, mas não vou fingir que estou gostando disto.

Rayford afastou-se, desconcertado, e foi fazer companhia a Amanda que parecia abandonada e deslocada.

— Rayford, o que Earl está fazendo aqui? — perguntou ela.

— Vou lhe contar mais tarde. Só posso dizer que ele não está nem um pouco feliz.

Sobre o que Carpathia estava conversando com você no avião?

— Ele queria saber qual a comida que eu prefiro, essas coisas. Que homem!

Dois assessores procedentes da Nova Babilónia entraram e cumprimentaram Carpathia com um abraço. Um deles fez um sinal para que Earl e Rayford o acompanhassem até um canto do hangar, bem distante do lugar onde o Condor 216 se encontrava. Rayford estava evitando olhar para aquela aeronave monstruosa. O Condor 216 parecia dominar todo o hangar, apesar de estar de frente para a porta que dava para a pista e a cerca de 50 metros de distância de onde eles estavam. Bastou um olhar de relance para Rayford constatar que aquela aeronave levara anos para ser construída, e não meses. Era o maior avião de passageiros que ele já vira, e estava pintado de um branco tão brilhante que se misturava com as paredes claras do hangar parcamente iluminado. Seria muito difícil localizá-lo no céu.

O assessor de Carpathia, que trajava roupas elegantes e idênticas ao do patrão — terno preto, camisa branca e gravata vermelha presa com um pino de ouro — inclinou-se em direção a Rayford e Earl e disse: — O potentado Carpathia gostaria de voar o mais breve possível. Vocês podem nos dizer de quanto tempo necessitam até a hora da partida?

— Nunca vi esta aeronave antes — disse Rayford — e não tenho ideia ...

— Rayford — interrompeu Earl — vou-lhe dizer uma coisa. Você pode pilotar o Condor 216 dentro de meia hora. Conheço você. Conheço aviões. Confie em mim.

— Que interessante, Earl! Mas não vou prometer nada enquanto não aprender a manejá-lo.

O imitador de Carpathia virou-se para Halliday.

— Você poderia pilotar o avião até que Rayford se sinta ...

— Não, senhor, não posso! — disse Halliday. — Vou treinar Steele durante trinta minutos e depois gostaria de retornar a Chicago.



Buck percebeu que Donny Moore falava demais, mas fingir interesse era o mínimo que ele poderia fazer diante da habilidade daquele homem.

— Então, quer dizer que você conserta telefones, mas também vende computadores ...

— De uma certa maneira, sim, senhor. Só assim consigo duplicar minha renda. Eu trouxe uma montanha de catálogos.

— Eu gostaria de vê-los — disse Buck. Donny deu um sorriso.

— Pensei nisso. — ele disse, abrindo uma maleta e pegando uma pilha de catálogos de fabricantes que aparentemente o haviam contratado como representante. Ele escolheu seis catálogos e espalhou-os diante de Buck, em cima da mesinha de café.

— Puxa! — exclamou Buck. — Vejo que temos muitas opções. Não seria melhor eu lhe dizer o que estou procu rando para depois você me dizer se tem para pronta entrega?

— Posso dizer agora mesmo se tenho material para pronta entrega — disse Donny.

— Na semana passada vendi a um sujeito trinta sub-notebooks com mais capacidade do que qualquer outro computador de mesa e ...

— Espere um momento, Donny — disse Buck. — Você ouviu que aquela impressora ali parou de funcionar?

— Claro que ouvi. Parou agora. Pode ser falta de papel, falta de tinta ou ela já imprimiu tudo. Fui eu que vendi aquela máquina para Bruce, você sabia? A melhor que existe. Imprime em papel comum, papel contínuo — o que a gente precisar.

— Deixe-me dar uma espiada ali — disse Buck, levantando-se e olhando ao redor do escritório. A tela do laptop de Bruce estava em posição de descanso. Não havia nenhum sinal de que faltava papel ou tinta na impressora. Buck apertou um botão do laptop e os dados da tela voltaram a ficar visíveis, indicando que a impressão terminara.

Bruce calculou que sobraram cerca de cem folhas da caixa de 5.000 que Loretta rodara na impressora.

Que tesouro, pensou Buck.

— Quando Bruce vai voltar? — perguntou Donny do outro cómodo.



Rayford e Earl subiram a bordo do Condor sozinhos. Earl estava circunspecto e Rayford entendeu que ele estava à procura de alguma falha mecânica. Earl examinou cuidadosamente o sistema de intercomunicação.

— Nunca se sabe — ele disse.

— Diga-me uma coisa — disse Rayford.

— Diga alguma coisa você, Rayford!

— Earl, sei muito menos que você. Eu nem sabia que você estava envolvido neste projeto. Não tinha ideia de que você estava trabalhando para Carpathia. Você sabia que eu estava, então por que não me contou nada?

— Não estou trabalhando para Carpathia, Rayford. Fui obrigado a fazer o serviço.

Ainda sou o piloto-chefe da Pan-Con em O'Hare, mas quando o dever nos chama ...

— Então por que Carpathia não me disse que conhecia você? — perguntou Rayford. — Ele me pediu que encontrasse alguém para pilotar o Comunidade Global Um até Nova York. Ele não sabia que eu ia escolher você.

— Ele devia saber — disse Earl. — Quem mais você escolheria? Fui chamado para ajudar no projeto da nova aeronave e achei que seria divertido testá-la um pouco. Em seguida, pediram que eu pilotasse a outra aeronave até Nova York. Como o pedido partiu de você, senti-me lisonjeado e honrado. Só quando aterrissei foi que me dei conta de que a aeronave e eu éramos os alvos de um ataque. Saí de Nova York e tentei voltar para Chicago o mais rápido possível. Não consegui.

Enquanto eu estava no ar, o pessoal de Carpathia me avisou que eu precisava estar em Dallias para treinar você a pilotar esta aeronave.

— Estou confuso — disse Rayford.

— Eu também estou — disse Earl. — Mas ficou claro que Carpathia queria que eu fosse até Nova York e aparecesse morto, dando a entender que a decisão havia sido sua, e não dele.

— Por que ele haveria de querer que você morresse?

— Talvez eu saiba demais.

— Tenho voado com ele por todos os lugares — disse Rayford. — Sei muito mais que você, e mesmo assim não acho que ele esteja pensando em me ver morto.

— Reflita um pouco, Rayford. Já ouvi muita coisa para saber que tudo isto é uma farsa e que esse homem não tem as melhores intenções do mundo.

Um eufemismo que atravessou séculos, pensou Rayford.

— Não sei por que você me colocou nisto, Rayford, mas ...

— Eu coloquei você nisto? Earl, você tem memória fraca. Foi você quem me incentivou a ser piloto do Air Force One. Eu não estava procurando emprego e certamente nunca imaginei que tudo acabaria assim.

— Pilotar o Air Force One era um emprego excelente — disse Earl — mesmo que você não reconhecesse isso na época. Como eu poderia saber o que sucederia depois?

— Vamos parar de nos culpar e resolver o que devemos fazer agora.

— Ray, vou treiná-lo para pilotar esta aeronave, mas acho que depois disso serei um homem morto. Você poderia dizer à minha esposa que ...

— Earl, do que você está falando? Por que você acha que não vai voltar para Chicago?

— Não faço ideia, Ray. Só sei que deveria estar em Nova York com aquela aeronave quando ela foi destruída. Não me considero uma ameaça à administração de Carpathia, mas se eles se preocupassem um pouco comigo, teriam encontrado um jeito de me tirar de Nova York antes que eu tivesse tido aquela ideia.

— Será que você não consegue trabalhar com o pessoal da emergência em Dallas/Fort Worth? Deve haver falta de funcionários no

escritório da Pan-Con de lá, depois de tudo o que aconteceu.

— O pessoal de Carpathia já providenciou minha volta para Chicago. Tenho um pressentimento de que estou correndo perigo.

— Diga-lhes que não quer ir para lá, que tem muito trabalho para fazer em DFW.

— Vou tentar. Enquanto isso, vou mostrar-lhe este aparelho. Como seu velho amigo, Ray, quero que você prometa que se alguma coisa acontecer comigo ...

— Nada vai acontecer com você, Earl. Mas de qualquer maneira vou manter contato com sua esposa.



Donny Moore calou-se após ouvir a trágica notícia. Permaneceu sentado, com os olhos arregalados, parecendo impossibilitado de falar. Buck começou a folhear os catálogos. Não conseguia concentrar-se. Sabia que viriam mais perguntas, mas não tinha ideia do que responder a Donny. E precisava da ajuda dele. A voz de Donny soou rouca de emoção.

— O que vai acontecer com esta igreja?

— Sei que o que vou dizer pode parecer um cliché — disse Buck — mas acredito que Deus proverá.

— Como Deus proverá alguém como o pastor Bruce?

— Sei o que você quer dizer, Donny. Qualquer que seja essa pessoa, ela nunca será igual ao pastor Bruce. Ele foi alguém muito especial.

— Ainda não consigo acreditar — disse Donny. — Mas acho que nada mais devia me surpreender.



Rayford sentou-se diante dos controles do Condor 216.

— O que devo fazer para ter um co-piloto? — perguntou ele a Earl.

— Já encontraram alguém de uma outra linha aérea. Ele voará com você até São Francisco, onde McCullum subirá a bordo.

— McCullum? Ele foi meu co-piloto no trajeto da Nova Babilónia até Washington, Earl.

Quando fui para Chicago, ele devia voltar para o Iraque.

— Só sei o que me contaram, Rayford.

— E por que vamos voar rumo oeste para chegarmos a leste, conforme Carpathia diz?

— Não tenho ideia do que está se passando aqui, Rayford. Sou novato nisso. Talvez você saiba mais que eu. O fato é que a maior parte da guerra e da devastação parece ter acontecido a leste do Mississippi. Você sabia disso? Parece que tudo foi planejado. Este avião foi desenhado e construído aqui em Dallas, mas não no DFW, onde poderia ter sido destruído. Está pronto para ser usado. Como você pode ver, ele tem os controles de um 757, embora seja muito maior. Se você sabe pilotar um 757, saberá pilotar este. Basta acostumar-se com o tamanho. As pessoas de que você precisa estão sempre à sua disposição. Pense nisso, rapaz. Nada parece ser surpresa para Carpathia, não é mesmo?

Rayford não sabia o que dizer. Não demorou muito para ele compreender.

Halliday prosseguiu.

— Você vai voar direto de Dálias para São Francisco. Meu palpite é que você não verá nenhuma devastação lá de cima, e também não correrá o risco de ser atacado. O pessoal do exército deve estar em algum lugar do oeste querendo lançar foguetes contra Carpathia, mas há pouquíssimas pessoas que conhecem a rota dele. Você vai parar em São Francisco apenas o tempo suficiente para livrar-se desse co-piloto e ficar com o outro.



Buck tocou no braço de Donny, como se o estivesse acordando de um sono profundo. Donny olhou para ele com ar inexpressivo.

— Sr. Williams, tudo tem sido tão difícil, mesmo quando o pastor Barnes estava aqui.

Agora não sei o que vamos fazer.

— Donny — disse Buck solenemente — você tem uma oportunidade aqui de fazer algo por Deus, e essa seria a maior homenagem que poderia prestar em memória de Bruce Barnes.

— Então me diga, senhor. Farei qualquer coisa.

— Antes de tudo, Donny, deixe-me dizer-lhe que dinheiro não é problema.

— Não quero ter lucro com alguma coisa que possa ser útil à igreja, a Deus e à memória de Bruce.

— Ótimo. Se você tiver lucro ou não, é problema seu. Só estou dizendo que necessito de cinco computadores, os melhores, os mais modernos e os mais compactos, mas que tenham potência, memória, rapidez e facilidade de comunicação, ou seja, com todas as configurações possíveis.

— Agora o senhor está falando a minha língua, Sr. Williams.

— Espero que sim, Donny, porque preciso de um computador praticamente sem limites. Quero poder levá-lo a qualquer lugar, mantê-lo em lugar discreto, armazenar tudo o que puder dentro dele e, acima de tudo, poder conectá-lo com qualquer pessoa do mundo sem que a transmissão seja rastreada. É possível?

— Bem, posso montar um computador para o senhor parecido com aqueles que os cientistas usam na selva ou no deserto, onde não há tomadas elétricas nem lugar para pendurá-los.

— Ah, sim — disse Buck. — Alguns repórteres nossos usam esse tipo de computador em regiões muito distantes. Esses computadores têm antena parabólica embutida?

— Acredite ou não, é mais ou menos isso. E posso incluir mais uma configuração para o senhor.

— O quê?

— Videoconferência.

— Você está dizendo que posso ver a pessoa com quem estou conversando naquele momento?

— Sim, se a pessoa tiver um computador semelhante ao seu.

— Quero tudo isso, Donny. E tenho pressa. E este é um assunto confidencial.

— Sr. Williams, essas máquinas podem valer mais de 20 mil dólares cada uma.

Buck achava que dinheiro não era problema, mas esta seria uma despesa que ele não poderia pôr na conta de Carpathia. Sentou-se e assobiou por entre os dentes.

# *CAPÍTULO* **3**

— Dê a isto o nome de premonição ou o que quiser, Rayford, mas incluí uma coisa aqui para você.

Rayford já terminara de receber as instruções de Earl. Confiava nele. Sabia que, se Earl estava dizendo que ele podia pilotar aquela aeronave, é porque ele podia. Ainda pensava em insistir para que Earl ensinasse a ele e a seu co-piloto temporário alguma coisa a mais sobre decolagem, adaptação à aeronave e aterrissagem antes de arriscar-se a transportar outras pessoas. Rayford não estava preocupado com um acidente no qual ele e o anticristo viessem a perecer, mas não queria ser responsável por vidas inocentes, principalmente de sua esposa.

— Então, o que você incluiu para mim, Earl?

— Olhe para isto aqui — disse Earl — apontando para o botão que o capitão utiliza para comunicar-se com os passageiros.

— É o intercomunicador do capitão — disse Rayford. — E daí?

— Coloque a mão esquerda debaixo de sua poltrona e corra os dedos pela lateral.

— Encontrei um botão.

— Agora vou sair da cabina — disse Earl. — Aperte o botão do intercomunicador normal e fale alguma coisa. Depois, conte até três e aperte o botão debaixo de sua poltrona. Não retire os fones de ouvido. Rayford aguardou até Halliday sair. Fechou a porta da cabina e pegou o intercomunicador.

— Alô, alô, alô, Earl, atenção, atenção, atenção. — Depois de contar silenciosamente até três, Rayford apertou o botão sob sua poltrona. Ficou surpreso ao ouvir pelo receptor o que Earl Halliday estava falando quase num sussurro. — Rayford, saiba que estou falando em tom mais baixo do que se estivesse conversando com alguém. Se fiz a coisa certa, você será capaz de me ouvir perfeitamente de qualquer lugar da aeronave que eu estiver falando. Cada um dos alto-falantes também é um transmissor que conduz o som apenas para seus fones de ouvido. Fiz uma ligação de modo a não ser detectada, e esta aeronave já passou pelos mais eficientes rastreadores de grampos. Se,

por acaso, a ligação for detectada, eu simplesmente vou dizer-lhes que achei que era isso que eles queriam.

Rayford saiu apressadamente da cabina.

— Earl, você é um génio! Não faço ideia do que vou ouvir, mas vai ser ótimo saber o que está se passando fora da cabina.



Enquanto estava encaixotando todas as páginas impressas de Bruce, Buck ouviu o Range Rover chegando ao estacionamento. Quando Chloe entrou no escritório, ele já havia empacotado as páginas e o computador de Bruce dentro de uma caixa enorme. Enquanto arrastava a caixa, ele disse a Chloe: — Dê-me uma carona até o escritório de Chicago e, em seguida, vá até o The Drake para ter a certeza de que nossas coisas ainda estão lá. Talvez seja melhor permanecermos naquele quarto até encontrarmos um lugar para morar mais perto daqui.

— Achei que você estaria pensando nisso — disse Chloe. Loretta está arrasada. Vai precisar de muita ajuda do pessoal daqui. O que vamos fazer a respeito do funeral?

— Você vai precisar dar uma ajuda nisso, Chloe. Vai ter de falar com o médico legista para liberar o corpo e tomar providências para que ele seja enviado para um necrotério perto daqui, essas coisas. Com todas essas mortes, tudo deve estar um caos, portanto eles talvez gostem de saber que pelo menos um corpo foi reivindicado. Cada um de nós vai precisar de um carro. Não tenho ideia para onde vão me mandar. Posso trabalhar no escritório de Chicago, tendo em vista que ninguém poderá ir a Nova York por um bom tempo, mas não tenho condições de prometer que ficarei por aqui o tempo todo.

— A pobre da Loretta pensou a mesma coisa, apesar de todo o seu sofrimento. Ela me contou que há muitos carros pertencentes ao pessoal da congregação que estão abandonados desde o Arrebatamento. A igreja costuma emprestá-los em momentos críticos como este.

— Ótimo — disse Buck. — Acho que você deve ficar com um deles. E lembre-se, vamos precisar tirar cópias de todo este material para os membros da congregação.

— Você não vai ter tempo de tirar cópia de tudo isso, vai?

— Não, mas estou confiante de que qualquer coisa que esteja aqui vai ser muito útil para todos.

— Buck, espere um pouco. Você não pode tirar cópias de todo esse material sem que alguém leia tudo antes. Deve haver coisas particulares aí dentro. E você sabe que existem referências diretas a Carpathia e ao Comando Tribulação. Não podemos nos arriscar a divulgar fatos como estes.

O ego de Buck foi atingido. Amava aquela mulher, mas ela era dez anos mais nova, e ele detestava quando Chloe parecia estar-lhe dizendo o que fazer, principalmente quando ela estava com a razão. Enquanto ele depositava a enorme caixa com os papéis e o computador na parte traseira do Range Rover, Chloe disse: — Deixe que eu tome conta disso, meu bem. De hoje até domingo vou examinar esse material, linha por linha. No domingo teremos algo para contar aos crentes da Igreja Nova Esperança e poderemos avisá-los que dentro de uma semana ou pouco mais talvez tenhamos cópias prontas de parte do material.

— Está bem, está bem. Mas onde você vai fazer isso?

— Loretta nos convidou para ficarmos em sua casa. Ela mora numa casa antiga e grande, você sabe.

— Seria perfeito, mas detesto importunar os outros.

— Buck, nós não vamos importuná-la. Ela mal se dará conta de que estaremos lá.

De qualquer forma, acho que ela está se sentindo tão sozinha e sofrendo tanto que talvez necessite de nós.

— Você sabe que provavelmente não estarei a seu lado o tempo todo — disse Buck.

— Já sou bem grandinha. Posso tomar conta de mim. Neste momento, eles já estavam dentro do Range Rover.

— Então para que você precisa de mim? — perguntou Buck.

— Preciso tê-lo por perto porque você é muito atraente.

— Falando sério, Chloe, nunca me perdoarei se a guerra atingir Monte Prospect e eu estiver em outra cidade ou país.

— Você se esqueceu do abrigo sob a igreja.

— Não me esqueci, Chloe. Estou apenas orando para que a situação nunca chegue a esse ponto. Será que, além do Comando Tribulação, alguém mais sabe da existência daquele lugar?

— Não. Nem mesmo Loretta. É um lugar muito pequeno. Se papai, Amanda, você e eu precisarmos ficar ali por algum tempo, acho que não será nada divertido.

Meia hora depois, Buck entrou na área de Chicago, onde se localizava o escritório do Semanário Comunidade Global.

— Vou providenciar dois telefones celulares para nós — disse Chloe. -Telefonarei para o The Drake e irei até lá para pegar nossas coisas. Também vou conversar com Loretta sobre o outro carro.

— Não seja mesquinha, Chloe. Providencie cinco telefones celulares.

— Cinco? — ela perguntou. — Nem sei se Loretta sabe lidar com telefone celular.

— Não estou pensando em Loretta. Só quero ter a certeza de que temos celulares sobrando.



O Condor 216 estava equipado com muito mais acessórios que o Comunidade Global Um, se é que isso poderia ser possível. Não faltava nenhum detalhe, e os aparelhos de comunicação instalados eram de último tipo. Rayford dissera adeus a Earl Halliday, insistindo para que ele o informasse, assim que soubesse, se sua casa estava intacta e se sua esposa estava sã e salva.

— Você não vai gostar nem um pouco do que aconteceu ao nosso aeroporto — disselhe Rayford. — Você não vai pousar em O'Hare.

Rayford e seu co-piloto temporário haviam irritado Carpathia por terem feito uma decolagem e um vôo experimental antes de permitirem que os passageiros subissem a bordo. Rayford gostou do que fez. Embora tudo o que houvesse na cabina fosse idêntico a um 757, este avião maior e mais pesado assemelhava-se a um 747, e era necessário acostumar-se com ele. Agora que o Condor 216 já estava no ar, com todos os seus passageiros, rumo a São Francisco a uma altitude

de 11 mil metros e voando a 950 km por hora, Rayford ligou o piloto automático e pediu a seu co-piloto que se mantivesse alerta.

— O que o senhor vai fazer? — perguntou o jovem.

— Apenas ficar sentado aqui — respondeu Rayford. — Pensando. Lendo.

Rayford já se comunicara com uma das torres de Oklahoma, e agora estava apertando o botão para dirigir-se a seus passageiros. "Potentado Carpathia e convidados, aqui fala o capitão Steele. Devemos chegar a São Francisco às 17 horas, horário do Pacífico. Esperamos que o céu esteja claro e que nosso vôo seja suave."

Depois disso, ele encostou-se no espaldar da poltrona e empurrou os fones de ouvido para trás da cabeça, fingindo ter desligado o aparelho. No entanto, deixou-os bem perto dos ouvidos de modo que pudesse captar qualquer som. O co-piloto, por estar com os fones de ouvido ligados, não podia ouvir nada. Rayford tirou um livro da maleta e abriu-o, colocando-o sobre os controles diante de si. Teria de lembrar-se de virar uma página de vez em quando. Ele não tencionava ler. Ficaria ouvindo atentamente. Deslizou a mão sob a poltrona e apertou discretamente o botão oculto.

A primeira voz que ouviu, clara como se estivesse conversando com ele por telefone, foi a de Amanda.

— Sim, senhor, entendo. O senhor não precisa preocupar-se comigo.

Agora era Carpathia quem falava: — Acho que todos se alimentaram bem em Dallas. Em São Francisco teremos a bordo uma tripulação completa, que estará à nossa disposição até Bagdá e depois até a Nova Babilónia.

— Bagdá? — soou a voz de outra pessoa.

— Sim — disse Carpathia. -Tomei a liberdade de pousar em Bagdá para pegar os três leais embaixadores restantes. Nossos inimigos devem ter imaginado que os levaríamos diretamente para a Nova Babilónia. Vamos pegá-los em Bagdá e começaremos as reuniões no pequeno trajeto de lá até a Nova Babilónia.

— Sra. Steele, a senhora nos daria licença?

— Certamente — disse Amanda.

— Cavalheiros — dizia Carpathia, agora em tom de voz mais baixo, mas claro o suficiente para que Rayford entendesse cada palavra.

Algum dia ele teria de agradecer a Earl Halliday em nome do reino de Cristo. Earl não demonstrara nenhum interesse em servir a Deus, pelo menos por ora, mas qualquer que fosse o motivo que o levara a fazer um favor daquele para Rayford, certamente traria muitos benefícios aos inimigos do anticristo. Carpathia prosseguia: — O Sr. Fortunato ficou em Dálias para providenciar minha próxima transmissão via rádio. Farei isso daqui; no entanto, a transmissão parecerá ter saído de Dálias, novamente para despistar quaisquer inimigos da Comunidade Global. Vou precisar do Sr. Fortunato para as nossas reuniões, portanto permaneceremos em São Francisco até que ele possa chegar até nós. Assim que decolarmos de São Francisco, vamos acionar Los Angeles e a área da baía.

— A área da baía? — soou uma voz com sotaque acentuado.

— Sim, a área de São Francisco e de Oakland.

— O que o senhor quer dizer com 'acionar'? Carpathia respondeu em tom solene: — 'Acionar' significa simplesmente 'acionar'. Quando pousarmos em Bagdá, as cidades de Washington, Nova York e Chicago terão sido dizimadas. Estas são apenas as três cidades dos Estados Unidos que mais sofrerão. Até agora, apenas o aeroporto e a região suburbana de Chicago foram atingidos. Dentro de uma hora tudo mudará. Os senhores já ouviram falar do que aconteceu em Londres. Cavalheiros, os senhores sabem o que significa uma bomba de cem megatons? Houve completo silêncio. Carpathia prosseguiu: — Para os senhores terem uma idéia, os livros históricos contam que uma bomba de vinte megatons é mais poderosa que todas as que foram atiradas durante a Segunda Guerra Mundial, inclusive as duas que caíram sobre o Japão.

— A União das Nações Britânicas tinha de aprender a lição — disse novamente a pessoa de sotaque acentuado.

— Com certeza aprendeu — disse Carpathia. — Montreal, Toronto, Cidade do México, Dálias, a capital Washington, Nova York, Chicago, São Francisco e Los Angeles serão exemplos para aqueles que nos fizerem oposição.

Rayford desvencilhou-se dos fones de ouvido e desatou o cinto. Saiu da cabina e olhou firme para Amanda, chamando-a com um sinal. Carpathia olhou para ele e sorriu.

— Capitão Steele — ele o cumprimentou — está tudo certo?

— Temos um vôo tranquilo, se é isso o que o senhor está querendo saber. O melhor vôo possível. Mas não sei bem o que está acontecendo lá embaixo.

— É verdade — disse Carpathia, em tom sombrio. — Vou transmitir em breve minhas condolências à comunidade global.

Rayford puxou Amanda para perto da cabina.

— Buck e Chloe não iam pernoitar hoje no The Drake?

— Não houve tempo para conversarmos sobre isto, Ray — ela disse. — Não posso imaginar que outra opção eles teriam. Parece que nunca conseguirão voltar para Nova York.

— Acho que Chicago será o próximo alvo de alguém- disse Rayford. — Oh, não quero nem pensar — disse Amanda.

— Preciso avisá-los.

— Você vai arriscar-se a fazer um telefonema que pode ser rastreado? — ela perguntou.

— Vale a pena correr o risco para salvar a vida deles. Amanda abraçou o marido e voltou a sentar-se. Rayford discou de seu próprio telefone celular depois de assegurar-se de que seu co-piloto estava usando os fones de ouvido. Ao ser atendido pelo The Drake Hotel, de Chicago, Rayford pediu para falar com o casal Williams.

— Temos três hóspedes com o sobrenome de Williams — disseram-lhe. — Nenhum deles com o primeiro nome de Cameron, Buck ou Chloe.

Rayford coçou a cabeça.

— Ah, então me ligue com o Sr. Katz — ele disse.

— Herbert Katz? — perguntou a telefonista.

— Ele mesmo.

Após alguns instantes a telefonista retornou: — Não responde. O senhor gostaria de deixar recado no voice mail deles?

— Gostaria — disse Rayford — mas gostaria também de ter a certeza de que o indicador luminoso permaneça aceso e que alguém informe que há um recado urgente para eles, caso passem pela recepção.

— Fique tranquilo, senhor. Faremos isso. Obrigada por ter ligado ao The Drake.

Quando o bip do voice mail soou, Rayford falou rapidamente.

— Meus filhos, vocês sabem quem está falando. Não percam mais tempo. Saiam do centro de Chicago o mais rápido possível. Por favor, acreditem no que estou falando.

Buck havia tido um sem-número de desentendimentos com Verna Zee no escritório de Chicago. Logo no início, ele achou que ela extrapolara ao mudar-se rápido demais para a sala de sua ex-chefe após Lucinda Washington ter desaparecido no Arrebatamento.

Depois, quando Buck foi removido por ter deixado ostensivamente de cumprir o trabalho mais importante de sua vida, Verna foi promovida a chefe da sucursal de Chicago e passou a lhe dar ordens. Depois que ele foi promovido a editor, pensou em demiti-la. Mas resolveu mantê-la no emprego, desde que ela trabalhasse bem e não se intrometesse.

Até mesmo a mal-humorada Verna parecia chocada com as notícias quando Buck entrou repentinamente no escritório no final daquela tarde. Como era comum em tempos de crise internacional, o pessoal estava em volta do aparelho de TV. Alguns funcionários desviaram os olhos quando Buck entrou.

— O que você acha disto, chefe? — perguntou um deles, chamando a atenção dos demais. Verna Zee dirigiu-se a Buck.

— Há vários recados urgentes para você — ela disse. — Carpathia está tentando falar com você desde cedo. Há também um recado urgente de um tal de Rayford Steele.

Havia recados de todos os tipos. Para quem Buck deveria ligar? Ele não tinha ideia do que Carpathia estaria engendrando para alimentar a Terceira Guerra Mundial. Também não tinha ideia do que Rayford queria.

— O Sr. Steele deixou o número de seu telefone? — Buck perguntou a Verna.

— Você vai retornar a ligação dele em primeiro lugar?

— Como assim? — ele disse. — Acho que lhe fiz uma pergunta.

— Ele simplesmente disse para você ligar para o seu quarto no hotel.

— Ligar para meu quarto no hotel?

— Eu poderia ter feito isso, chefe, mas não sabia em que hotel você estava hospedado. Em que hotel você está?

— Não é da sua conta, Verna.

— Está bem, mil perdões! — ela disse, afastando-se. Era o que Buck desejava.

— Vou usar sua sala temporariamente — ele gritou para ela.

Verna parou e deu meia-volta.

— Por quanto tempo?

— Pelo tempo que for necessário — ele disse. Ela afastou-se zangada.

Buck apressou-se em fechar a porta. Telefonou para o The Drake e pediu que ligassem para seu quarto. Buck empalideceu ao ouvir o recado e o tom de medo na voz de Rayford.

Em seguida, Buck ligou para o serviço de informações para saber o número do telefone da concessionária da Land Rover em Arlington Heights. Ligou para lá e pediu para falar com o gerente de vendas, dizendo que se tratava de assunto urgente.

Em um minuto, o gerente já estava na linha. Assim que Buck se identificou, o gerente perguntou: — Está tudo bem com o ...?

— O carro está ótimo, mas preciso localizar minha esposa. Ela está dirigindo o carro neste momento e preciso do número do telefone que está instalado lá dentro.

— Isso vai demorar um pouco.

— Você não vai entender a urgência disso. Só posso lhe dizer que se eu não conseguir o número agora, vou ter um ataque de remorso e devolver o carro.

— Um momento.

Alguns minutos depois, Buck discou o número do carro. Depois de quatro toques, ele ouviu a seguinte mensagem: "A pessoa com quem você deseja falar está fora do veículo ou fora da área de acesso. Por favor, tente ligar ..."

Buck desligou o telefone com força, tirou-o do gancho novamente e apertou o botão de rediscagem. Enquanto a campainha tocava, ele levou um susto quando a porta se abriu repentinamente e Verna Zee disse bem alto: — Carpathia na linha para você.

— Vou ligar para ele em seguida! — disse Buck.

— Você vai o quê?

— Anote o número!

— Ligue 0-800-DEMiTIDO — ela disse.



Rayford estava agitado. Esqueceu-se de fingir uma situação para ficar sentado ali imóvel e olhava firme para o céu de fim de tarde, com os fones de ouvido ligados e a mão esquerda apertando o botão secreto. Ouviu a voz do assessor de Carpathia: "Quem diria!"

—O quê? — perguntou Carpathia.

— Estou tentando pôr esse tal de Williams na linha para o senhor, e ele mandou sua secretária anotar o número.

Isso foi o suficiente para Rayford desistir de ligar para Buck novamente, porque agora tinha certeza de que ele estava no escritório de Chicago. E se alguém dissesse a Carpathia que Buck não podia atender porque estava falando com Rayford Steele, seria desastroso.

Em seguida, soou a voz tranquilizadora de Carpathia: "Informe o número, meu amigo.

Confio nesse jovem. Ele é um jornalista brilhante e não me faria esperar se não tivesse um bom motivo. Ele está tentando fazer a cobertura da maior reportagem de todos os tempos, você não concorda?"

Buck ordenou a Verna Zee que fechasse a porta e o deixasse em paz até que ele desligasse o telefone. Ela deu um suspiro profundo, balançou a cabeça e bateu a porta com força. Buck continuou a apertar o botão de rediscagem, odiando ter de ouvir o som daquela mensagem gravada. De repente, o intercomunicador tocou.

— Lamento aborrecê-lo — disse Verna, com uma doçura repugnante — mas há outra ligação urgente para você. Chaim Rosenzweig, de Israel.

Buck apertou com força o botão do intercomunicador.

— Acho que também vou ter de ligar para ele depois. Diga-lhe que lamento muito.

— Você devia dizer a mim que lamenta muito — disse Verna.

— Lamento muito, Verna — disse Buck com sarcasmo. — Agora, deixe-me em paz, por favor!

O telefone do carro continuava tocando. Buck desligou várias vezes após ouvir a mensagem gravada. Verna tocou novamente o

intercomunicador.

— O Dr. Rosenzweig diz que é assunto de vida ou morte, Cameron.

Buck apertou rapidamente o botão que piscava.

— Chaim, sinto muito, mas estou no meio de um assunto urgente. Posso ligar para você em seguida?

— Cameron! Por favor, não desligue! Israel foi poupado dos terríveis bombardeios que seu país sofreu, mas a família do rabino Ben-Judá foi raptada e assassinada! A casa dele foi queimada e desabou. Estou orando para que o rabino esteja são e salvo, mas ninguém sabe onde ele está! Buck não sabia o que dizer. Abaixou a cabeça.

— A família dele foi assassinada? Você tem certeza?

— Foi um espetáculo público, Cameron. Eu receava que isso ia acontecer mais cedo ou mais tarde. Oh, por que ele teve de falar em público sobre sua opinião a respeito do Messias? Trata-se de uma coisa que não concordo, embora ele seja um amigo a quem respeito e em quem confio. Mas os fanáticos religiosos deste país odeiam quem acredita que Jesus é o Messias. Cameron, ele precisa de nossa ajuda.

O que podemos fazer? Não estou conseguindo falar com Nicolae.

— Chaim, faça um imenso favor para mim. Deixe Nicolae fora disso!

— Cameron! Nicolae é o homem mais poderoso do mundo, e ele se comprometeu a me ajudar, a ajudar Israel e a nos proteger. Com certeza, ele vai intervir e preservar a vida de um amigo meu!

— Chaim, estou suplicando-lhe para que você confie em mim. Deixe Nicolae fora disso. Ligo para você depois. Tenho pessoas de minha família que estão enfrentando problemas!

— Perdoe-me, Cameron! Ligue para mim assim que puder. Buck voltou a apertar o botão de rediscagem. Enquanto os números soavam em seu ouvido, Verna tocou o intercomunicador.

— Há alguém na linha para você, mas como você não quer ser incomodado ...

O telefone do carro de Chloe estava ocupado! Buck desligou e apertou o botão do intercomunicador.

— Quem é?

— Achei que você não queria ser incomodado.

— Verna, não tenho tempo para isso!

— Já que você quer saber, era sua esposa.

— Em que linha?

— Linha dois, mas eu disse a ela que você devia estar falando com Carpathia ou Rosenzweig.

— De onde ela estava ligando?

— Não sei. Ela disse que aguardaria sua chamada.

— Ela deixou o número?

— Sim. É ...

Após ouvir os dois primeiros números, Buck constatou que ela ligara do carro.

Desligou o intercomunicador e apertou o botão de rediscagem. Verna enfiou a cabeça no vão da porta e disse: — Não sou secretária, você sabe, e muito menos sua secretária!

Buck nunca esteve tão zangado como naquele momento. Olhou firme para Verna e disse: — Vou me levantar daqui e fechar aquela porta com um pontapé. É melhor você sair do caminho.

O telefone do carro estava tocando. Verna ainda estava em pé ali. Buck levantou-se da cadeira e, com o fone ainda no ouvido, passou por volta da mesa atulhada de papéis de Verna. Os olhos dela arregalaram-se quando ele levantou a perna. Ela fugiu dali enquanto ele chutava a porta com toda força, quase derrubando as divisórias. Verna deu um grito, Buck quase chegou a querer que ela estivesse no vão da porta.

— Buck! — soou a voz de Chloe ao telefone.

— Chloe! Onde você está?

— Estou na saída de Chicago — ela disse. — Consegui os telefones e fui até o The Drake, e havia um recado para mim na recepção.

— Eu sei.

— Buck, alguma coisa na voz de papai me fez desistir de pegar as coisas que estão no nosso quarto.

— Ótimo!

— Mas o seu laptop, as suas roupas, as suas coisas e tudo o que eu trouxe de Nova York ...

— Seu pai parecia estar falando sério, não?

— Sim. Oh, Buck. Estou sendo seguida pela polícia! Fiz um retorno proibido em alta velocidade, atravessei o semáforo vermelho e andei sobre a calçada por alguns metros.

— Chloe, ouça! Você conhece aquele ditado que diz que é mais fácil pedir perdão que permissão?

— Você quer que eu fuja da polícia?

— Talvez você esteja salvando sua vida. Existe apenas um motivo para seu pai querer que a gente se afaste o mais que pudermos de Chicago e o mais rápido possível!

— Está bem, Buck, ore por mim! Não sei se vou conseguir!

— Vou ficar na linha com você, Chloe.

— Preciso das duas mãos para dirigir!

— Aperte o botão do viva-voz e ponha o fone no gancho! — disse Buck.

Em seguida, ele ouviu o som de uma explosão, pneus derrapando, um grito e silêncio. Depois de alguns segundos as luzes apagaram-se no escritório do Semanário Comunidade Global. Buck dirigiu-se para o saguão onde as lâmpadas de emergência perto do teto, acionadas por gerador próprio, iluminavam as portas.

— Vejam isto! — gritou alguém.

Os funcionários saíram pelas portas da frente e começaram a subir em cima de seus carros para enxergar um imenso ataque aéreo sobre a cidade de Chicago.



Em sua escuta clandestina, Rayford ouvia horrorizado o que Carpathia estava comunicando a seus compatriotas. "Chicago deve estar sofrendo um ataque de represália, enquanto estamos conversando. Obrigado por sua colaboração e pela estratégia de não terem usado material radioativo. Tenho muitos empregados leais naquela área e, apesar de prever a perda de alguns no ataque inicial, não quero perder nenhum deles por causa de radiação."

Alguém mais falava. "Não é melhor assistirmos ao noticiário?"

"Boa ideia", disse Carpathia.

Rayford não conseguia mais permanecer sentado. Não sabia o que dizer ou fazer, mas simplesmente não podia permanecer naquela cabina, sem saber se seus entes queridos estavam salvos. Entrou no

compartimento de passageiros quando a TV estava sendo ligada, mostrando as primeiras imagens de Chicago. Amanda estava ofegante.

Rayford sentou-se ao lado dela para assistir ao noticiário.

— Você iria até Chicago para mim? — Rayford cochichou.

— Se você achar que é seguro...

— Não há perigo de radiação.

— Como você sabe disso?

— Vou-lhe contar depois. Só me diga se concorda para que eu peça permissão a Carpathia para você pegar outro avião em São Francisco.

— Faço qualquer coisa por você, Rayford. Você sabe disso.

— Preste atenção no que estou dizendo, meu bem. Se você não conseguir um vôo imediato, quer dizer, antes que o Condor decole de São Francisco, você deve retornar para cá. Entendeu?

— Entendi, mas por quê?

— Não posso lhe contar agora. Pegue o primeiro avião para Milwaukee. Se ele não decolar antes deste ...

— O quê?

— Só quero que você faça tudo certo, Amanda. Eu não suportaria perder você.

Após dar as notícias de Chicago, o canal a cabo interrompeu para os comerciais.

Rayford aproximou-se de Carpathia.

— Senhor, posso lhe falar por um momento?

— Claro, capitão. Notícias terríveis de Chicago, não?

— Sim, terríveis. É por isso que estou querendo falar com o senhor. O senhor sabe que tenho familiares naquela região.

— Sim, e espero que estejam sãos e salvos — disse Carpathia.

Rayford teve vontade de matá-lo ali mesmo onde ele estava sentado. Sabia muito bem que ele era o anticristo e sabia também que Carpathia seria assassinado um dia e depois ressuscitaria pelas mãos de Satanás. Jamais passou pela cabeça de Rayford ser o assassino, mas naquele instante ele chegou a cogitar essa possibilidade. Lutou para não se descontrolar. A pessoa que mataria aquele homem seria um simples fantoche no meio de um imenso jogo cósmico. O assassinato e a ressurreição apenas serviriam para que Carpathia se tornasse ainda mais poderoso e satânico.

— Senhor — prosseguiu Rayford — eu gostaria de saber se seria possível minha esposa descer em São Francisco e voltar para Chicago para saber como está minha família.

— Eu teria satisfação em designar um de meus funcionários para fazer isso — disse Carpathia. — Basta você me fornecer os endereços.

— Eu me sentiria muito melhor se ela pudesse estar com eles, caso necessitem de ajuda.

— Como você quiser — disse Carpathia, e Rayford conteve-se para não dar um suspiro de alívio na frente daquele homem.



— Alguém tem um telefone celular para me emprestar? gritou Buck tentando fazer-se ouvir no meio daquele alvoroço que tomara conta do estacionamento do Semanário Comunidade Global.

Uma mulher que estava perto entregou-lhe um telefone, e ele ficou espantado ao ver que era Verna Zee.

— Preciso fazer algumas ligações interurbanas — ele disse rapidamente. — Posso apagar todos os códigos e reembolsar você depois?

— Não se preocupe com isso, Cameron. Nosso pequeno feudo passou a ser insignificante.

— Preciso de um carro! — gritou Buck. Mas ele percebeu rapidamente que todos estavam se dirigindo para suas casas a fim de verificar se seus familiares estavam bem e calcular os prejuízos. — Quem pode me dar uma carona até Monte Prospect?

— Eu posso — murmurou Verna. — Não quero ver o que está acontecendo na outra direção.

— Você mora na cidade, não? — perguntou Buck.

— Morava até cinco minutos atrás — disse Verna.

— Talvez você tenha tido sorte.

— Cameron, se aquela explosão violenta foi nuclear, nenhum de nós vai atravessar a semana.

— Talvez eu conheça um lugar onde você possa ficar em Monte Prospect — disse Buck.

— Eu ficaria muito agradecida — ela disse.

Verna voltou ao escritório para pegar suas coisas. Buck aguardou no carro dela, fazendo ligações telefónicas. Começou com seu pai que morava no oeste.

— Estou muito feliz por você ter ligado — disse-lhe o pai.

— Faz horas que eu estou tentando ligar para Nova York.

— Pai, aqui está uma confusão danada. Fiquei só com as roupas do corpo, e não tenho muito tempo para conversar. Só liguei para saber se todos estão bem.

— Seu irmão e eu estamos bem — disse o pai de Buck. — Ele ainda está sofrendo por ter perdido sua família, é claro, mas estamos bem.

— Pai, este país está desmoronando. Vocês não vão estar bem até ...

— Cameron, não vamos começar novamente, está bem? Sei no que você crê, e se isso lhe traz conforto ...

— Pai! Isso me traz pouco conforto neste momento. Sofro por saber que demorei muito para conhecer a verdade. Já perdi muitos entes queridos. Não quero perder você também.

O pai de Buck riu, deixando o filho furioso.

— Você não vai me perder, rapaz. Ninguém parece querer nos atacar aqui. Acho que eles se esqueceram de nós.

— Pai! Milhões de pessoas estão morrendo. Não fale assim.

— Então, como vai sua nova esposa? Será que vamos conhecê-la um dia?

— Não sei, pai. Não sei onde ela está neste momento e não sei se você vai ter a oportunidade de conhecê-la.

— Você se envergonha de seu pai?

— Não é nada disso, pai. Preciso saber se ela está bem, e vamos ter de sair daqui de alguma maneira. Procure uma boa igreja aí, pai. Procure alguém que possa explicar-lhe o que está acontecendo.

— Não posso pensar em ninguém mais qualificado que você, Cameron. E você vai ter de esperar até que eu rumine tudo isso sozinho.

# *CAPÍTULO* **4**

Rayford ouviu o pessoal de Carpathia preparando seu pronunciamento a ser transmitido por rádio.

— Existe alguma possibilidade de alguém saber que estamos dentro de um avião em pleno vôo? — perguntou Carpathia.

— Nenhuma — foi a resposta.

Rayford não podia afirmar com segurança, mas ninguém tinha uma pista exata para saber onde Carpathia estava, a menos que ele houvesse cometido um erro colossal.

Ao ouvir o som de uma batida na porta da cabina, Rayford desligou o botão secreto e virou-se com olhar de indagação. Era um assessor de Carpathia.

— Faça o que for possível para eliminar todas as interferências e providencie um contato com Dálias. Estaremos ao vivo, via satélite, dentro de mais ou menos três minutos, e o pronunciamento do potentado deve ser ouvido em qualquer lugar do mundo.

Que maravilha! pensou Rayford.



Buck estava falando ao telefone com Loretta quando Verna Zee entrou no carro, sentou-se ao volante e atirou uma sacola enorme no banco traseiro. Ela tremia tanto que teve dificuldade para prender o cinto de segurança. Buck desligou o telefone.

— Verna, você está bem? Acabei de falar com uma senhora de nossa igreja. Ela tem um quarto com banheiro privativo para você.

Quando os colegas de Verna e Buck começaram a sair do pequeno estacionamento, o congestionamento de trânsito já começava a dissipar-se. A única iluminação do local vinha dos faróis dos carros.

— Cameron, por que você está fazendo isto para mim?

— Por que eu não deveria? Você me emprestou seu telefone.

— Mas tenho tratado você muito mal.

— E eu tenho pago com a mesma moeda. Sinto muito, Verna. Esta é a última vez na vida que deveremos nos preocupar tanto para conseguir fazer o que queremos.

Verna ligou o carro, mas continuou sentada com as mãos no rosto.

— Você quer que eu dirija? — perguntou Buck.

— Não, preciso só de alguns instantes.

Buck contou-lhe sobre a urgência que tinha de localizar um veículo e tentar encontrar Chloe.

— Cameron! Você deve estar nervoso demais!

— Sinceramente, estou.

Ela desatou o cinto de segurança e fez um gesto para abrir a porta.

— Leve meu carro, Cameron. Faça o que precisar fazer.

— Não — disse Buck. — Posso tomar seu carro emprestado, mas antes vamos descobrir um lugar para você ficar.

— Você não pode esperar nenhum minuto a mais.

— A esta altura, tudo o que posso fazer é confiar em Deus — disse Buck, apontando a direção que Verna deveria tomar.

Ela rumou para as cercanias de Monte Prospect e encostou o carro no meio-fio, em frente à linda e antiga casa de Loretta. Verna não permitiu que Buck perdesse tempo fazendo as apresentações.

— Já nos conhecemos de nome, portanto é melhor que Cameron se apresse — ela disse.

— Consegui um carro para você, Buck — disse Loretta. — Ele deve estar aqui dentro de alguns minutos.

— Muito obrigado, mas por enquanto vou usar o carro de Verna.

— Fique com o telefone durante o tempo que precisar — disse Verna, enquanto Loretta a convidava para entrar.

Buck empurrou o banco do motorista para trás e ajustou o espelho. Discou o número de Nicolae Carpathia, tentando retornar a ligação. O telefone foi atendido por um assessor.

— Vou dizer-lhe que o senhor retornou a ligação, Sr. Williams, mas neste momento ele está fazendo um pronunciamento de âmbito internacional. Talvez o senhor queira ouvi-lo.

Buck ligou o rádio imediatamente, enquanto acelerava o carro em direção ao único caminho que, em sua opinião, Chloe teria tomado para

fugir de Chicago.

"Senhoras e senhores, estamos levando a vocês, de um lugar qualquer, o pronunciamento ao vivo do potentado da Comunidade Global, Nicolae Carpathia." Rayford virou sua poltrona e escorou a porta da cabina para deixá-la aberta. A aeronave estava no piloto automático. Ele e seu co-piloto estavam ouvindo o pronunciamento de Carpathia ao mundo. O potentado parecia estar se divertindo ao ser apresentado e piscou para dois de seus embaixadores. Fingiu lamber o dedo e passá-lo nas sobrancelhas, como se estivesse preparando-se para aparecer em público. Os outros contiveram um sorriso.

Rayford gostaria de ter uma arma na mão.

No momento certo, Carpathia encenou um tom de voz emotivo.

"Irmãos e irmãs da Comunidade Global, estou me dirigindo a vocês com o coração mais pesaroso do que nunca. Sou um homem de paz, que foi forçado a revidar com armas os terroristas internacionais que desejavam prejudicar a causa da harmonia e da fraternidade. Estejam certos de que compartilho a dor que estão sentindo pela perda de entes queridos, amigos e pessoas de seu relacionamento. O número imenso de civis mortos deverá atormentar a mente desses inimigos da paz pelo resto de seus dias.

"Como vocês sabem, a maioria das dez regiões do mundo que fazem parte da Comunidade Global destruiu 90% de seu material bélico. Passamos quase dois anos desmontando, embalando, despachando, recebendo e montando novamente esse material na Nova Babilónia. Minha humilde prece era que jamais necessitássemos fazer uso dele.

"No entanto, alguns conselheiros sábios persuadiram-me a armazenar armas tecnologicamente superiores em locais estratégicos ao redor do mundo. Confesso que agi assim contra minha vontade. Minha opinião otimista e exageradamente positiva sobre a bondade do ser humano estava errada.

"Sou grato porque me deixei ser persuadido a manter essas armas de prontidão. Em meus sonhos, por mais extravagantes que fossem, nunca imaginei que teria de tomar a difícil decisão de fazer com que este poder se voltasse contra os inimigos em tão larga escala. Neste momento vocês já devem saber que dois ex-membros do exclusivo conselho executivo da Comunidade Global conspiraram de

maneira cruel e maldosa contra minha administração, e outra pessoa permitiu impensadamente que as forças militares de sua região fizessem o mesmo. Essas forças foram conduzidas pelo expresidente dos Estados Unidos da América do Norte Gerald Fitzhugh, treinado pelo Exército americano, que contou com o apoio do armamento armazenado secretamente pela União das Nações Britânicas e pelo antigo Estado sobe domínio do Egito.

"Pelo fato de eu nunca ter precisado defender minha reputação de ativista contrário a guerras, tenho a satisfação dê informar a vocês que revidamos com rigor e presteza.

Saibam que em qualquer lugar do mundo em que foi usado, o material bélico da Comunidade Global teve como objetivo específico atingir os locais onde se encontram os rebeldes militares. Asseguro-lhes que todas as mortes de civis e a destruição das grandes cidades da América do Norte e ao redor do mundo foram de responsabilidade dos rebeldes.

"Não mais existem planos de contra-ataques pelas forças da Comunidade Global.

Reagiremos somente quando for necessário e esperamos que nossos inimigos entendam que para eles não existe nenhum futuro. Eles não podem ter êxito. Serão completamente destruídos.

"Sei que em tempos de guerra mundial como este, quase todos nós estamos aterrorizados e sofrendo muito. Posso garantir-lhes que compartilho seu sofrimento, mas meus temores foram superados pela confiança de que a maioria da comunidade global está unida, de corpo e alma, contra os inimigos da paz.

"Assim que eu estiver certo de que existe segurança e proteção, farei um pronunciamento por TV via satélite e pela Internet. Vocês receberão notícias minhas com frequência para que saibam exatamente o que está sucedendo e tomarei providências para que possamos dar passos largos para a reconstrução de nosso mundo. Podem ficar tranquilos, porque enquanto estivermos reconstruindo e reorganizando tudo, desfrutaremos a maior prosperidade e o lugar mais belo que este mundo pode nos oferecer. Que todos possamos trabalhar juntos para um objetivo em comum."

Enquanto os assessores e os embaixadores de Carpathia assentiam e davam-lhe tapinhas nas costas, Rayford olhou firme para

Amanda e fechou a porta da cabina.



O carro de Verna Zee era um calhambeque importado, automático, de quatro cilindros. Era barulhento e cheio de manhas. Em resumo, era uma lata-velha. Buck decidiu testar os limites do carro e reembolsar Verna posteriormente, se necessário.

Acelerou em direção a Kennedy e rumou para o entroncamento Edens, tentando adivinhar que distância Chloe teria percorrido após ter saído do The Drake e levando em consideração o tráfego pesado que agora deveria estar intransitável.

Ele só não sabia se ela teria pegado a Lake Shore Drive (estrada que os habitantes da localidade chamavam de LSD) ou a Kennedy. Aquela era uma região que ela dominava mais que ele, mas isso agora não tinha a mínima importância. Chicago estava em chamas, e quase todos os motoristas que lotavam a Kennedy em ambas as direções estavam parados na pista, olhando boquiabertos para o holocausto. Buck daria tudo para estar dirigindo o Range Rover naquele momento.

Quando acelerou o calhambeque de Verna para passar pelo bloqueio, Buck percebeu que a ideia não havia sido só dele. As leis de trânsito e a civilidade deixam de existir em tempos como este, e havia quase que o mesmo número de carros tanto na pista como fora dela. Ele não tinha alternativa. Nem tinha idéia se estava destinado a sobreviver os sete anos da Tribulação. Seu único desejo era salvar o amor de sua vida, mesmo que para isso fosse necessário morrer.

Desde que se convertera, Buck considerava um privilégio dar sua vida a serviço de Deus. Em sua mente, qualquer que fosse o motivo da morte de Bruce, ele acreditava que o pastor havia sido um mártir para a causa de Deus. Arriscar sua vida no trânsito talvez não fosse uma atitude altruísta como aquela, mas de uma coisa ele estava certo: Chloe não hesitaria, se estivesse no lugar dele.

Os maiores congestionamentos vinham das pontes que atravessavam a pista onde o bloqueio terminava, e aqueles que estavam no meio do trânsito tinham de esperar sua vez para

prosseguir. Motoristas irados tentavam obstruir a passagem. Buck não podia censurá-los. Teria feito a mesma coisa, se estivesse no lugar deles.

Ele havia armazenado o número do telefone do Range Rover e continuava a apertar o botão de rediscagem sempre que podia. Todas as vezes que ouvia o início da mensagem "A pessoa com quem você deseja falar...", ele desligava e rediscava novamente.



Pouco antes de iniciar a aterrissagem em São Francisco, Rayford aproximou-se de Amanda.

— Vou deixar aquela porta aberta e fazer você sair deste avião o mais rápido possível — ele disse. — Não quero esperar pela checagem pós-vôo ou coisa parecida. Não se esqueça, é muito importante que seu vôo parta antes deste.

— Mas por quê, Ray?

— Confie em mim, Amanda. Você sabe que tenho as melhores das intenções.

Assim que puder, ligue para meu telefone celular universal e me informe se Chloe e Buck estão bem.



Buck saiu da rodovia expressa e dirigiu por vias marginais durante mais de uma hora até chegar a Evanston. Quando ele pegou a Rodovia Sheridan, que corria paralela ao lago, constatou que ela estava bloqueada, mas não havia guardas de trânsito por ali.

Aparentemente todos os policiais e técnicos de emergência estavam atarefados. Buck foi tentado a avançar em direção aos cavaletes, mas não quis fazer isso com o carro de Verna. Desceu e afastou um dos cavaletes, o suficiente para poder passar. Pensou em deixar o cavalete fora do lugar, mas alguém gritou de um prédio de apartamentos: — Ei! O que você está fazendo?

Buck olhou para cima e acenou na direção de onde vinha a voz.

— Imprensa! — ele gritou.

— Tudo bem! Prossiga!

Tentando agir do modo mais natural possível, Buck saiu lentamente do carro e recolocou o cavalete no lugar antes de prosseguir. Avistou um carro de polícia com as luzes piscando e alguns homens uniformizados nas calçadas. Ele ligou o pisca-alerta do carro e foi em frente. Ninguém interceptou-lhe o caminho. Ninguém sequer apontou-lhe uma lanterna. Para Buck, parecia que todos haviam entendido que, se ele entrara em uma área proibida e prosseguia com tanta confiança, era sinal de que tinha certeza do que estava fazendo. Ele mal podia acreditar que estava prosseguindo com tanta facilidade, enquanto todas as vias de acesso à Rodovia Sheridan permaneciam bloqueadas. A dúvida agora era se ele conseguiria encontrar a Lake Shore Drive.



Frustração era uma palavra muito suave para expressar o que Rayford sentia quando pousou o Condor 216 em São Francisco e taxiou em direção a um terminal particular. Lá estava ele realizando a tarefa indesejável de transportar o anticristo para onde ele desejasse ir. Carpathia acabara de pronunciar as mentiras mais deslavadas para o mundo inteiro em uma única transmissão via rádio. Rayford sabia, sem sombra de dúvida, que logo após a decolagem rumo à Nova Babilónia, São Francisco seria devastada pelo ar da mesma maneira que Chicago. O povo morreria. As empresas e indústrias sucumbiriam. Os centros de transportes seriam destruídos, inclusive aquele aeroporto. A primeira providência de Rayford era tirar Amanda daquele avião e daquele aeroporto fazendo-a seguir para a área de Chicago. Ele não quis sequer aguardar que a rampa fosse engatada do lado de fora. Ele mesmo abriu a porta e abaixou a escada em direção à pista. Fez um sinal para que Amanda se apressasse. Carpathia disse-lhe algumas palavras de despedida, enquanto ela passava rapidamente por ele. Rayford sentiu um alívio ao ver que ela simplesmente agradeceu e não parou. O

pessoal de terra acenava para Rayford, tentando fazê-lo suspender a escada. Ele gritou: — Temos uma passageira que precisa pegar um vôo de conexão!

Rayford abraçou Amanda e sussurrou: — Conversei com a torre. Há um vôo para Milwaukee partindo de um portão no final deste corredor em menos de vinte minutos. Faça o possível para pegá-lo. — Ele beijou-a ela desceu as escadas correndo.

Rayford avistou o pessoal de terra aguardando que ele suspendesse a escada para que a rampa pudesse ser colocada na posição correta. Ele tinha um motivo muito importante para protelar, portanto resolveu não fazer caso do pessoal de terra. Voltou para a cabina e começou a fazer a checagem pós-vôo.

— O que está havendo? — perguntou o co-piloto. — Quero dar lugar ao outro co- piloto assim que puder.

Se você soubesse onde está se metendo, pensou Rayford. — Qual é o seu plano para esta noite?

— O que há com você? — perguntou o co-piloto. Rayford deu de ombros. Sentia-se como o menino holandês com o polegar no dique. Não podia salvar todo mundo. Seria capaz de salvar alguém?

Um assessor de Carpathia enfiou a cabeça no vão da porta da cabina.

— Capitão Steele, o pessoal de terra está chamando o senhor.

— Tomarei conta disso, senhor. Eles vão ter de aguardar nossa checagem pós-vôo.

O senhor há de entender que este avião é novo para mim e precisamos ter certeza de que tudo está bem antes de cruzarmos o Pacífico.

— McCullum e uma tripulação inteira estão aguardando para subir a bordo. Estamos precisando dos serviços deles.

Rayford tentou demonstrar animação.

— Segurança em primeiro lugar.

— Então se apresse!

Enquanto o co-piloto procedia à segunda verificação dos itens do equipamento, Rayford pediu informações à torre sobre a posição do vôo para Milwaukee.

— Está atrasado cerca de doze minutos, Condor 216. Não deve atrapalhar você.

Mas vai, pensou Rayford.

Rayford saiu da cabina e entrou no compartimento dos passageiros.

— Com licença, senhor, mas o Sr. Fortunato não vai nos fazer companhia daqui em diante?

— Sim — respondeu um assessor. — Ele saiu de Dálias meia hora depois de nós, e não deve demorar a chegar.

Se depender de mim, ele vai demorar.



Finalmente aconteceu uma situação inevitável para Buck. Ele bateu em um muro de tijolos. Já havia passado por cima de calçadas e não tinha conseguido evitar um choque com uma barreira de trânsito, onde a Rodovia Sheridan fazia uma curva que terminava na Lake Shore Drive. Ao longo do toda a LSD, ele avistou carros fora da pista, veículos de emergência com luzes pisca-pisca ligadas, e o pessoal do serviço paramédico acenando para ele. Buck pisou fundo no acelerador do carro de Verna Zee, e ninguém se atreveu a interceptá-lo. Todas as pistas da Lake Shore Drive estavam livres, mas ele ouviu pessoas gritando: — Pare! Rodovia interditada!

O rádio estava informando que o engarrafamento tomara conta de toda a cidade.

Um repórter disse que a situação estava assim desde o momento da primeira explosão.

Buck queria ter tempo para esquadrinhar as saídas para a praia. Havia muitos lugares onde o Range Rover poderia ter saído da estrada, ter colidido ou sido abalroado. Se, ao sair do The Drake, Chloe tivesse percebido que não teria tempo de chegar à Rodovia Kennedy ou à Eisenhower, ela teria tentado a LSD. Mas quando Buck chegou à saída da Avenida Michigan que o levaria ao The Drake, ele constatou que teria de passar por cima de alguém ou voar. As barreiras que fechavam a Lake Shore Drive e a saída da Avenida Michigan pareciam cenário do filme Os Miseráveis. Carros de polícia e de bombeiros, ambulâncias,

cavaletes, luzes de advertência interrompiam toda a área, orientados pelo pessoal da emergência.

Ao ouvir um grito ordenando-lhe que parasse, Buck deu uma guinada e derrapou por uns quinze metros. O pneu dianteiro direito estourou. O carro rodou enquanto o pessoal da emergência saía da frente em disparada.

Algumas pessoas gritaram palavrões, e uma policial graduada avançou de arma em punho. Buck fez menção de sair do carro, mas ela disse: — Fique onde está, homem!

Buck abaixou o vidro com uma das mãos e esticou a outra para pegar sua credencial de imprensa. A policial o impediu. Colocou a arma na abertura do vidro e encostou-a na têmpora de Buck.

— Fique com as mãos para cima, seu sujo! — ela disse, abrindo a porta do carro.

Buck teve de sair do carro sem usar as mãos. A policial o obrigou a deitar-se no chão, com as pernas e os braços esticados.

Apareceram dois outros policiais que começaram a revistar Buck.

— Você tem alguma arma, faca, punhal? Ofendido, Buck respondeu: — Não, só duas identidades.

Os policiais retiraram uma carteira de cada bolso traseiro de Buck, uma contendo sua verdadeira identidade e a outra contendo o documento falso em nome de Herb Katz.

— Qual dos dois você é, e qual é a sua?

— Sou Cameron Williams, editor do Semanário Comunidade Global. Eu me reporto diretamente ao potentado. O documento falso serve para facilitar minha entrada em países pouco indulgentes.

Um guarda jovem e esguio pegou o documento verdadeiro de Buck que estava na mão da policial.

— Deixe-me dar uma olhada nisso — ele disse com sarcasmo. — Se você reporta a Nicolae Carpathia, deve ter autorização nível 2-A, e não estou vendo — espere, acho que estou vendo uma aqui.

Os três policiais ajuntaram-se para ver aquele documento de identidade inusitado.

— Você sabia que pode ser punido com a morte se estiver portando uma autorização 2-A falsa?

— Sim, eu sei.

— Não temos condição de verificar a placa de seu carro porque os computadores estão congestionados.

— O que eu posso lhes dizer é que tomei este carro emprestado de uma amiga chamada Zee — disse Buck. — Vocês podem verificar isso antes de mandar este carro para o ferro-velho.

— Você não pode deixar este carro aqui!

— O que vou fazer com ele? — perguntou Buck. — Não vale mais nada. Está com um pneu furado e não tenho condição de consertá-lo esta noite.

— Nem nas próximas semanas, provavelmente — disse um dos policiais. — E para onde você estava indo com tanta pressa?

— Para o The Drake.

— Por onde você tem andado, cara? Não ouviu as últimas milícias? A maior parte da Avenida Michigan está torrada.

— Inclusive o The Drake?

— Isso eu não sei dizer, mas ele não deve estar intacto neste momento.

— Se eu subir a pé aquela ladeira e chegar à Avenida Michigan, vou correr o risco de ser contaminado por radiação?

— Os homens da Defesa Civil nos disseram que não há precipitação radioativa, o que significa que a explosão partiu do pessoal do Exército, tentando poupar o maior número possível de vidas humanas. De qualquer forma, se aquelas bombas fossem nucleares, a radiação já teria atingido uma distância muito maior.

— É verdade — disse Buck. — Posso ir agora?

— Não garantimos que você vá passar pelos guardas da Avenida Michigan.

— Vou tentar.

— Você tem sorte por estar portando essa autorização. Espero que ela seja verdadeira, para o seu próprio bem.



Rayford não podia mais retardar a entrada dos tripulantes, e muito menos fingir que não os vira. Suspendeu a escada como se

estivesse preparando a aeronave para receber a rampa, mas deixou-a um pouco fora de lugar. Com isso, ele sabia que a rampa jamais poderia ser engatada. Em vez de permanecer ali para ver o que sucederia, ele voltou à cabina e continuou seu trabalho. Não vou sequer abastecer a aeronave enquanto o avião de Amanda não decolar.

O co-piloto titular e a tripulação inteira só conseguiram subir a bordo depois de quinze minutos. Todas as vezes que o pessoal de terra informava pelo rádio que a aeronave já podia ser abastecida, Rayford dizia que ainda não terminara seu trabalho.

Finalmente, um funcionário exasperado gritou pelo rádio: — Qual o motivo de tanta demora, chefe? Disseram que este era um avião VIP e que o serviço devia ser rápido.

— Você está mal informado. Este é um avião de carga, e é novo. Tivemos um problema na cabina e estamos trocando a tripulação. Aguarde um pouco. Não ligue para cá, nós ligaremos para você.

Vinte minutos mais tarde, Rayford deu um suspiro de alívio ao constatar que o avião de Amanda já estava a caminho de Milwaukee. Agora ele podia mandar reabastecer a aeronave, cumprir todos os requisitos e preparar-se para o longo vôo sobre o Pacífico.

— Bela aeronave, não? — disse McCullum examinando a cabina.

— Bela aeronave — concordou Rayford. — Tive um dia muito cansativo, Mac. Gostaria de tirar uma soneca depois de estarmos na rota certa.

— O prazer é todo meu, capitão. Você pode dormir a noite inteira que eu cuidarei de tudo. Quer que eu acorde você quando iniciarmos a descida?

— Não vou ficar descansado se sair da cabina — disse Rayford. — Se você precisar de mim, estarei aqui.



De repente, Buck se deu conta de que estava correndo um risco enorme. Não levaria muito tempo para Verna Zee descobrir que, pelo menos em uma ocasião, ele participara ativamente das atividades da Igreja Nova Esperança. Ele havia sido muito cuidadoso para não

assumir uma função de líder na igreja, não falar em público nem ser conhecido por muitos crentes. Agora, uma de suas funcionárias — uma inimiga de longa data — tomaria conhecimento de algo que poderia arruiná-lo, até mesmo pôr sua vida em risco.

Resolveu ligar para a casa de Loretta pelo telefone de Verna.

— Loretta — ele disse — preciso falar com Verna.

— Ela está um pouco perturbada — disse Loretta. — Espero que você esteja orando por esta moça.

— Com certeza — disse Buck. — Como vocês estão indo?

— Estamos indo bem, como se poderia esperar de duas pessoas completamente estranhas uma para a outra — respondeu Loretta. — Estou contando minha história a ela.

Imaginei que você gostaria que eu fizesse isso.

Após silenciar por alguns instantes, Buck disse: — Quero falar com ela, por favor, Loretta.

Loretta chamou Verna. Buck foi direto ao assunto.

— Verna, você vai precisar de um carro novo.

— Oh, não! Cameron, o que aconteceu?

— Apenas um pneu furado, Verna, mas vai ser impossível consertá-lo nos próximos dias, e acho que não vale a pena você se preocupar com esse carro.

— Muito obrigada!

— Que tal eu substituí-lo por um carro melhor?

— Não tenho condições de contra-argumentar — ela resmungou.

— Prometo, Verna. Vou abandonar seu carro. Existe alguma coisa dentro dele que você necessite?

— Não me lembro de nada. Há uma escova de cabelo no porta-luvas. Gosto muito dela.

— Verna!

— Isso parece uma bobagem diante de tudo o que está acontecendo.

— Nenhum documento, coisas pessoais, dinheiro escondido ou algo semelhante?

— Não. Faça como achar melhor. Só não quero ter problemas por causa disso.

— Vou dizer aos policiais que, quando eles julgarem necessário, poderão rebocar o carro para qualquer ferro-velho e negociar com o

pessoal de lá o preço da taxa de reboque.

— Cameron — cochichou Verna — esta senhora é estranha, meu amigo.

— Não tenho tempo para discutir esse assunto agora, Verna. Mas dê-lhe uma chance. Ela é uma pessoa meiga. E está abrigando você.

— Você não entendeu. Não estou falando mal dela. Só estou dizendo que ela tem ideias estranhas.

Enquanto subia a ladeira para chegar à Avenida Michigan, Buck decidiu cumprir a promessa feita a Loretta de que oraria por Verna. Como seria essa oração, ele não sabia.

Ou ela se torna crente ou estou morto.

Ao avistar as dezenas de edifícios bombardeados ao longo da Avenida Michigan e por quase toda a Magnificent Mile, Buck não pôde deixar de lembrar-se de sua experiência em Israel, quando aquele país foi atacado pela Rússia. Ele podia imaginar o som das bombas e do calor das labaredas, mas naquela ocasião a Terra Santa havia sido milagrosamente salva. Agora não havia nenhuma intervenção. Buck apertou o botão de rediscagem do telefone de Verna, esquecendo-se de que sua última ligação havia sido para Loretta, e não para o telefone celular do Range Rover.

Quando percebeu que não havia aquela costumeira mensagem "A pessoa com quem você deseja falar", Buck orou para que Chloe atendesse. Mas quem atendeu foi Loretta, e ele não sabia o que dizer.

— Alô! Há alguém na linha?

— Perdoe-me, Loretta — ele disse.- Disquei o número errado — Foi bom você ter ligado, Buck. Verna está querendo falar com você.

— Sobre o quê?

— É melhor que ela lhe explique.

— Cameron, telefonei para o escritório — disse Verna. — Alguns funcionários ainda estão lá, cuidando das coisas e prometendo trancar tudo quando forem embora. Há alguns recados para você.

— De Chloe?

— Não, sinto muito. Havia um do Dr. Rosenzweig, de Israel. O outro era de um homem que disse ser seu sogro. E há um terceiro de uma tal de Srta. White, pedindo que você vá buscá-la no Mitchell Field, em Milwaukee, à meia-noite.

Srta. White? pensou Buck. É a esperta da Amanda tentando ocultar nosso parentesco.

— Obrigado, Verna. Já entendi.

— Cameron, como você vai buscar alguém em Milwaukee sem carro?

— Ainda tenho algumas horas para pensar. Neste momento, ter tanto tempo assim até parece uma extravagância.

— Loretta ofereceu o carro dela, desde que eu queira dirigi-lo — disse Verna.

— Espero não ser necessário — disse Buck. — De qualquer forma, obrigado. Se eu precisar, ligo para você.

Em pé no meio do caos, Buck não se sentia um jornalista naquele momento. Ele deveria estar absorvendo tudo, gravando na memória, fazendo perguntas ao pessoal que comandava os trabalhos. Mas ninguém parecia estar comandando. Todos estavam trabalhando. E Buck não se preocupava em transformar tudo aquilo em uma reportagem.

Sua revista e todos os principais veículos de informação eram controlados por Nicolae Carpathia, ou melhor, eram de propriedade dele. Por mais que ele lutasse para manter a situação sob controle, tudo parecia ter sido engendrado pelo impostor-mór. Pior ainda.

Carpathia era bom nisso. Evidentemente, tinha de ser. Fazia parte de sua natureza. Buck detestava a idéia de estar sendo usado para divulgar propaganda e mentiras de que o povo estava feliz.

Mas, acima de tudo, naquele momento, exatamente ali, ele não estava preocupado com mais nada, a não ser Chloe. Um pensamento passou-lhe pela cabeça de que poderia perdê-la. Ele sabia que a veria novamente no final da Tribulação, mas será que teria forças para prosseguir sem ela? Chloe tornara-se o centro de sua vida, ao redor do qual tudo girava. Durante o curto período em que estiveram juntos, ela havia sido tudo o que ele esperava de uma esposa. Era verdade que eles estavam ligados por uma causa em comum que os fazia deixar de lado coisas e fatos insignificantes, que pareciam atrapalhar a vida de muitos casais. Mas ele percebeu que ela nunca seria uma mulher rancorosa ou rabujenta. Ela era altruísta e meiga. Confiava nele e dava-lhe todo o apoio possível. Ele não desistiria até encontrá-la. E jamais pensaria que ela estava morta, a não ser que o pior tivesse acontecido.

Buck discou o número do telefone do Range Rover. Quantas vezes ele já havia feito isso? Já sabia de cor o que aconteceria. Quando ele ouviu o sinal de ocupado, seus joelhos quase dobraram. Teria discado o número certo? Havia sido necessário discar novamente porque o botão de rediscagem ligaria para a casa de Loretta. Ele parou de repente na calçada, vendo só destruição à sua volta. Com os dedos tremendo, discou novamente o número e apertou o fone contra o ouvido. "A pessoa com quem você deseja falar..."

Buck praguejou e segurou o telefone de Verna com tanta força que quase o quebrou.

Deu um passo à frente e esticou o braço para trás como se fosse arremessar aquele aparelho contra a parede de um edifício. Quase chegou a fazer isso, mas desistiu, imaginando que seria a coisa mais estúpida que podia fazer. Balançou a cabeça ao pensar na palavra que brotou em seus lábios ao ouvir aquela maldita gravação. Isso quer dizer que minha velha índole ainda está debaixo da superfície, ele pensou.

Buck estava furioso consigo mesmo. Por que razão, naquelas terríveis circunstâncias, ele teria discado um número errado?

Apesar de saber que ouviria a gravação novamente, ele apertou o botão de rediscagem. Agora a linha estava ocupada! Seria um defeito? Alguma brincadeira de mau gosto? Ou seria alguém, em um lugar qualquer, tentando usar aquele telefone?

Não havia garantia de que fosse Chloe. Podia ser qualquer pessoa. Podia ser um policial. Podia ser um atendente de emergência. Podia ser alguém que a encontrara nos escombros do Range Rover.

Não, ele não queria acreditar nisso. Chloe estava viva. Chloe estava tentando ligar para ele. Mas para onde ela ligaria? Não havia ninguém na igreja. E, pelo que ele sabia, não havia mais ninguém no escritório do Semanário Comunidade Global. Será que Chloe tinha o número do telefone de Loretta? Seria fácil conseguir. A dúvida era se ele deveria tentar ligar para os lugares que Chloe costumava ligar ou continuar a rediscagem na esperança de conseguir falar com ela no momento em que o telefone desocupasse.



A chefe do serviço de bordo de uma enorme tripulação, cujo número de integrantes representava dois terços da lista total de passageiros, deu uma pancada seca na porta da cabina e abriu-a enquanto Rayford taxiava lentamente pela pista de decolagem. Ele afastou o fone de ouvido.

— Capitão — ela disse — há um passageiro que ainda não se sentou nem prendeu o cinto de segurança.

— Não vou parar — ele disse. — Você não pode resolver isso?

— O tal passageiro é o Sr. Carpathia.

— Não tenho autoridade sobre ele — disse Rayford. — Nem você.

— As regras da Administração Federal de Aviação mandam que ...

— Se você ainda não sabe, essa tal de "administração" não significa mais nada. Tudo agora é global. E Carpathia está acima do global. Se ele não quiser se sentar, que fique em pé. Já fiz o comunicado e você já deu as instruções, certo?

— Certo.

— Então, volte para o seu lugar, prenda o cinto e deixe que o potentado cuide de si.

— O senhor é quem sabe, capitão. Mas se esta aeronave for tão possante quanto um 757, eu não gostaria de estar em pé quando o senhor acelerar...

Mas Rayford já havia recolocado os fones de ouvido e estava posicionando a aeronave para a decolagem. Enquanto aguardava instruções da torre, ele deslizou a mão por baixo da poltrona e apertou o botão secreto. Alguém estava perguntando a Carpathia se ele não gostaria de sentar-se. Rayford notou que McCullum olhava para ele com ar de indagação, como se tivesse ouvido alguma coisa pelo seu aparelho que ele próprio não ouvira. Rayford soltou rapidamente o botão e ouviu McCullum dizer: — A autorização já foi dada, capitão. Podemos fazer a manobra para a decolagem.

Rayford poderia ter feito uma manobra gradual e lenta, o suficiente para ganhar velocidade e decolar. Mas, de vez em quando, as pessoas gostam de uma decolagem mais violenta, certo? Rayford acelerou e levantou da pista com tanta força e velocidade que ele e McCullum foram empurrados contra o espaldar de suas poltronas.

— Iuuuuu! — gritou McCullum. — Vamos lá! Rayford tinha muito em que pensar. Por ser esta a sua segunda decolagem em uma aeronave praticamente desconhecida, ele precisava concentrar-se no que estava fazendo. Porém, não pôde resistir à tentação de apertar novamente o botão e ouvir o que teria acontecido com Carpathia. Em sua mente, ele visualizou o homem levando um tombo e escorregando até o fundo do avião. Que pena não haver uma porta traseira que pudesse ser aberta da cabina de comando!

— Oh, céus! — ele ouviu alguém gritar. — Potentado, o senhor está bem?

Rayford percebeu uma movimentação, como se os passageiros estivessem tentando desatar os cintos para ajudar Carpathia, mas como a aeronave ainda estava arremetendo, todos estavam presos nas poltronas por causa da força centrífuga.

— Estou bem — insistiu Carpathia. — A culpa foi minha. Não houve nada.

Rayford desligou o botão e concentrou-se na decolagem. No íntimo, ele desejava que Carpathia estivesse debruçado sobre uma das poltronas no início da arremetida. Isso faria com que ele desse um rodopio e caísse no chão. Provavelmente minha última oportunidade de dar-lhe um castigo.



Ningéem está prestando atenção em Buck, mas ele insistia em agir discretamente.

Virou uma esquina e escondeu-se nas sombras, apertando o botão de rediscagem uma vez atrás da outra para que não houvesse nenhuma ligação intermediária, caso o telefone estivesse sendo usado por Chloe. De repente, no curto espaço de tempo entre ouvir o sinal de ocupado, desligar e tornar a ligar, seu telefone tocou.

— Alô! Chloe! — Buck gritou, antes mesmo de apertar o botão para receber chamadas. Seus dedos tremiam tanto que ele quase derrubou o telefone. Apertou o botão e gritou: — Chloe!

— Não, Cameron, é Verna. Ligaram do escritório dizendo que Chloe está tentando falar com você.

— Alguém deu a ela o número deste telefone?

— Não. Eles não sabem que você está usando o meu telefone.

— Estou tentando falar com ela, Verna. A linha está ocupada.

— Continue tentando, Cameron. Ela não disse onde nem como estava, mas pelo menos sabemos que está viva.

— Graças a Deus!

# *CAPÍTULO* **5**

Buck queria pular, gritar ou correr, mas não tinha ideia de que rumo tomar. Saber que Chloe estava viva foi a melhor de todas as notícias, mas agora ele queria agir.

Continuou a apertar o botão de rediscagem. O telefone continuava ocupado. De repente, seu telefone tocou novamente.

— Chloe!

— Não, desculpe, Cameron, é Verna de novo.

— Verna, por favor! Estou tentando falar com Chloe!

— Calma, rapaz. Ela ligou novamente para o Semanário. Preste atenção. Onde você está agora e por onde andou?

— Estou na Avenida Michigan perto do Water Tower Place, ou melhor, onde foi o Water Tower Place.

— Como você chegou até aí?

— Pela Sheridan até a Lake Shore Drive.

— OK — disse Verna. — Chloe disse a alguém do escritório que ela está no outro lado da Lake Shore Drive.

— No outro lado?

— É tudo o que sei, Cameron. Você vai precisar dar uma olhada na estrada, do outro lado do lago, na pista em sentido contrário da Lake Shore Drive.

— Buck já estava caminhando enquanto falava. — Não sei como ela conseguiu chegar lá se estava seguindo pela LSD em direção ao sul.

— Também não sei — disse Verna. — Talvez ela tivesse esperança de poder seguir para o sul. Quando viu que não tinha condições, fez um retorno.

— Peça a alguém do escritório, caso Chloe ligue novamente para lá, que diga a ela para não usar o telefone. Que aguarde minha ligação, se possível.



Quaisquer dúvidas que Rayford ainda tivesse sobre o incrível e instantâneo poder maligno de Nicolae Carpathia desapareceram poucos minutos após o Condor 216 ter decolado do Aeroporto Internacional de São Francisco. Pelo intercomunicador clandestino, ele ouviu um dos assessores de Carpathia perguntar: — E agora, senhor? Sobre São Francisco?

— Acione — foi a resposta sussurrada.

O assessor, evidentemente falando pelo telefone, disse simplesmente: — Já.

— Olhem pela janela daquele lado — disse Carpathia, com um tom de euforia na voz.

— Vejam!

Rayford foi tentado a virar a aeronave para poder ver também, mas isso era algo que ele preferia esquecer a gravar aquela imagem na memória. Ele e McCullum olharam um para o outro. De repente, ouviram pelo fone de ouvido os gritos que vinham da torre de controle. "Socorro! Socorro! Estamos sendo atacados pelo ar!"

O abalo interrompeu as comunicações, mas Rayford sabia que as bombas arrancariam a torre inteira do chão mais o restante do aeroporto e talvez uma parte das circunvizinhanças.

Rayford não sabia por quanto tempo mais suportaria ser o piloto do demónio.



Buck estava em razoável boa forma para um homem que entrara na casa dos trinta anos, mas naquele momento suas articulações doíam e o ar lhe faltava nos pulmões enquanto corria pela Avenida Chicago no sentido leste em direção ao Lago. Até que ponto Chloe poderia ter ido antes de fazer o retorno? Ela teve de fazer o retorno. Caso contrário, como poderia ter ido parar daquele lado?

Quando ele finalmente chegou à LSD, não havia carros na estrada. Sabia que ela estava interditada do lado norte na saída da Avenida Michigan. Então, com certeza também estaria interditada do lado sul. Ofegante, ele passou por cima das defensas, caminhou apressado pelo

patamar entre as pistas, ouviu os diques das mudanças de luzes do semáforo e atravessou correndo para o outro lado. Seguiu em direção .ao sul, sabendo que Chloe estava viva, mas desconhecendo o que encontraria pela frente.

Supondo que Chloe não estivesse correndo risco de perder a vida, a grande pergunta agora era se aqueles comentários impressos de Bruce — ou pior ainda, o computador — teriam caído em mãos erradas. Com certeza, algumas partes daquela narrativa deixavam claro que Bruce acreditava que Nicolae Carpathia era o anticristo.

Buck achava que não tinha forças para dar nenhum passo a mais. No entanto corria, apertando o botão de rediscagem repetidas vezes e segurando o telefone perto do ouvido. Ao sentir que não conseguiria prosseguir, sentou-se na areia e encostou-se na parte externa das defensas, ofegando. Finalmente, Chloe atendeu o telefone. Sem ter planejado o que dizer, Buck fez perguntas óbvias.

— Você está bem? Está ferida? Onde você está?

Ele não disse que a amava, que estava morrendo de medo de perdê-la ou que se sentia feliz por ela estar viva. Imaginou que ela já sabia de tudo isso.

A voz de Chloe parecia fraca.

— Buck, onde você está?

— Estou seguindo na direção sul pela Lake Shore Drive, ao sul da Avenida Chicago.

— Graças a Deus — ela disse. — Eu estava imaginando que você ainda teria de percorrer mais de um quilómetro.

— Você está ferida?

— Acho que sim, Buck. Não sei por quanto tempo fiquei inconsciente. Nem mesmo sei como cheguei até aqui.

— Onde você está, exatamente?

Buck tinha-se levantado e estava caminhando rapidamente. Não tinha forças para correr, apesar do medo que sentia de que ela pudesse estar sangrando ou em estado de choque.

— Estou num lugar muito estranho — disse Chloe, e Buck percebeu que a voz dela estava muito fraca. Ele sabia que ela estava dentro do carro porque o telefone não podia ser transportado. — O airbag foi acionado — ela acrescentou.

— O Rover ainda está em condições de ser dirigido?

— Não faço ideia, Buck.

— Chloe, você precisa me dizer onde devo procurá-la. Você está em lugar aberto?

Conseguiu despistar aquele policial?

— Buck, o Range Rover parece estar preso entre uma árvore e um pilar de concreto.

— O quê?

— Eu estava a mais de 90 quilómetros por hora — ela disse — quando pensei ter visto uma rampa de saída. Peguei a tal rampa, e foi aí que ouvi a bomba explodir.

— A bomba?

— Sim, Buck, você deve estar sabendo que uma bomba explodiu em Chicago.

Uma bomba? pensou Buck. Talvez, pela misericórdia de Deus, ela não tivesse ouvido todas as bombas que explodiram cm seguida.

— Mas eu vi a viatura da polícia passar por mim. Talvez o policial não estivesse me perseguindo. Todo o trânsito da Lake Shore Drive parou quando o pessoal viu e ouviu a bomba, e o policial bateu no carro de alguém. Espero que ele esteja bem. Espero que não tenha morrido. Estou-me sentindo responsável.

— E onde você foi parar, Chloe?

— Aquilo que eu pensei que fosse uma saída, não era. Não cheguei a brecar, mas tirei o pé do acelerador. O Range Rover ficou no ar por alguns segundos. Acho que subi uns trinta metros. Há uma espécie de declive perto de mim. O carro bateu em cima de algumas árvores e caiu de lado. Depois disso, só sei que acordei e estava sozinha aqui.

— Onde? perguntou Buck, exasperado, mas sem poder culpar Chloe por não fornecer mais detalhes.

— Ninguém me viu, Buck — ela disse, como se estivesse sonhando. — Os faróis estão desligados. Estou presa no banco da frente, mais ou menos pendurada pelo cinto de segurança. Posso alcançar o espelho retrovisor. Vi carros passando correndo e, depois, não vi mais nenhum. Não vi mais luzes de emergência, nada, nada.

— Não há ninguém perto de você?

— Ninguém. Tive de desligar o carro e depois ligar novamente para que o telefone funcionasse. Estava orando para que você viesse me procurar, Buck.

Ela parecia prestes a cair no sono.

— Fique na linha, Chloe. Não fale, apenas fique na linha para que eu não perca seu paradeiro.

As únicas luzes que Buck via eram os pisca-piscas dos carros de emergência bem distantes, mais próximos ao centro da cidade, focos de incêndio aqui e ali, e algumas pequenas luzes dos barcos no lago. A Lake Shore Drive estava completamente escura. As únicas luzes vinham do setor norte, onde ele avistara os pisca-piscas dos carros. Ele passou por uma curva longa e semicerrou os olhos para conseguir enxergar a distância.

Pela fraca luz da lua ele pensou ter visto uma defensa rasgada, algumas árvores e um pilar de concreto, um dos que sustentavam uma passagem subterrânea para chegar à praia. Ele caminhou lentamente e parou para olhar. Achou que estava a pouco menos de duzentos metros do local.

— Chloe! — ele disse ao telefone. Nenhuma resposta.

— Chloe! Você está na linha? Ele ouviu um suspiro.

— Sim, Buck. Mas não estou-me sentindo bem.

— Você tem condições de acender os faróis?

— Posso tentar.

— Tente. Mas cuidado para não se machucar.

— Vou tentar empurrar o corpo para cima segurando no volante.

Buck ouviu um gemido de dor. De repente, a distância ele avistou os faróis brilhando na areia em uma estranha posição vertical.

— Já vi você, Chloe. Aguente firme.



No entender de Rayford, McCullum achava que ele estava dormindo. Esticado na poltrona do piloto, com o queixo encostado no peito, ele respirava pausadamente. Porém, continuava com o fone de ouvido ligado e a mão esquerda .apertando o botão oculto.

Carpathia conversava em voz baixa, imaginando que ninguém da tripulação estivesse ouvindo seus segredos.

— Eu estava tão eufórico e com tantas ideias na cabeça — disse o potentado — que não consegui permanecer sentado. Espero não precisar mostrar o lugar que machuquei.

— Seus lacaios caíram na gargalhada.

Acharam graça só porque a piada partia do patrão, pensou Rayford.

— Temos muitas coisas para conversar, muitas coisas para fazer — prosseguiu Carpathia. — Quando nossos compatriotas se juntarem a nós em Bagdá, começaremos a trabalhar imediatamente.

A destruição do aeroporto de São Francisco e de grande parte da área da baía já havia sido noticiada. Rayford viu medo nos olhos de McCullum. Talvez o co-piloto se sentisse mais confiante se soubesse que seu patrão, Nicolae Carpathia, tinha e teria todo o controle nas mãos durante os próximos anos.

De repente, Rayford ouviu a voz inconfundível de Leon Fortunato.

— Potentado — ele sussurrou — o senhor não acha que vamos precisar de substitutos para Hernandez, Halliday e para sua noiva?

Rayford endireitou-se na poltrona. Seria possível? Será que eles já teriam eliminado os três? E por que eliminar Hattie Durham? Ele se sentia responsável por ela ter-se tornado funcionária de Carpathia, amante dele e futura mãe de seu filho. Por que Carpathia não queria casar-se com ela? Será que ele não queria um filho? Então, por que demonstrara tanto entusiasmo quando Hattie comunicou a novidade a Rayford e Amanda?

Carpathia estava rindo.

— Por favor, não inclua a Sra. Durham na mesma categoria de nossos saudosos amigos. Hemandez era dispensável. Halliday foi uma necessidade temporária. Vamos substituir Hernandez, mas não devemos nos preocupar com a substituição de Halliday.

Ele foi útil na ocasião. Pedi que você substituísse Hattie porque o trabalho era muito complicado para ela. Quando a contratei, eu já sabia de suas limitações. Mas precisava de uma assistente, e queria que fosse ela. Agora vou usar a desculpa da gravidez para afastá-la do escritório.

— O senhor quer que eu cuide desse assunto? — perguntou Fortunato.

— Eu mesmo vou dizer a ela, se é isso que você está querendo dizer — respondeu Carpathia. — Eu gostaria que você me conseguisse

uma nova equipe de secretárias.

Rayford lutou para não se descontrolar. Não queria que McCullum percebesse.

Ninguém podia saber que Rayford estava ouvindo aquela conversa. Mas agora ele estava ouvindo coisas que jamais quis ouvir. Talvez fosse útil tomar conhecimento dessas coisas.

Talvez servissem para o Comando Tribulação. Porém a vida agora quase não valia mais nada. Em questão de horas ele perdera Hernandez, que acabara de conhecer, e Earl Halliday, um velho amigo e conselheiro. Havia prometido a Earl que se comunicaria com sua esposa, caso alguma coisa acontecesse. Ele não esperava por isso.

Rayford desligou o intercomunicador e ligou o botão que lhe permitia falar com seu co-piloto pelos fones de ouvido.

— Acho que vou descansar um pouco em meu alojamento — ele disse.

McCullum assentiu, e Rayford saiu da cabina dirigindo-se a seu alojamento que era muito mais requintado que o do .antigo Comunidade Global Um, agora destruído. Tirou os sapatos e deitou-se de costas. Pensava em Earl. Pensava em Amanda. Pensava em Chloe e Buck. E estava preocupado. Tudo começara com a morte de Bruce. Rayford virou-se de lado, enterrou o rosto nas mãos e chorou. Quantas pessoas queridas ele poderia ter perdido só naquele dia?



O Range Rover estava preso entre o tronco e os galhos mais baixos de uma árvore enorme e um pilar de concreto — Desligue os faróis, meu bem! — gritou Buck. — É melhor não chamarmos a atenção de ninguém.

As rodas do carro estavam prensadas contra o pilar, e Buck não entendeu como a árvore conseguia sustentar o peso. Ele precisou subir na árvore para enxergar através do vidro da porta do motorista.

— Você tem condições de alcançar a ignição? — ele perguntou.

— Sim, tive de desligar o carro porque as rodas estavam girando contra o pilar.

— Então, dê meia-volta na chave e abaixe o vidro para que eu possa ajudar você.

Chloe parecia estar pendurada, presa apenas pelo cinto de segurança.

— Não sei se vou conseguir alcançar o botão do vidro daquele lado.

— Você é capaz de soltar o cinto sem se machucar?

— Vou tentar, Buck, mas estou toda machucada. Não sei se fraturei algum osso e nem sei dizer qual.

— Tente passar o braço ao redor de seu corpo e soltar o cinto. Depois, apóie-se no vidro do lado do passageiro e abaixe este aqui.

Mas Chloe estava tão enrolada no cinto que só conseguiu virar o corpo e dar meiavolta na chave de ignição. Empurrou o corpo com a mão direita para alcançar o botão e levantar o vidro. Quando ele se abriu, Buck tentou segurá-la com as duas mãos.

— Eu estava preocupado demais com você — ele disse.

— E eu também — disse Chloe. — Acho que me machuquei mais do lado esquerdo.

Devo ter fraturado o tornozelo, torci o pulso e sinto muita dor no joelho e no ombro do lado esquerdo.

— Faz sentido, pelo que estou vendo — disse Buck. — Será que não vai doer muito se eu segurá-la desta maneira para que você possa firmar o pé em bom estado no vidro do lado do passageiro?

Buck debruçou-se na janela do Range Rover e esticou o corpo para colocar um dos braços sob o braço direito de Chloe e passar o outro ao redor da cintura dela. Conseguiu levantá-la assim que ela soltou o cinto de segurança. Ela era pequena e delicada, mas sem ter onde se apoiar ou se segurar, Buck tinha receio de derrubá-la. Chloe conseguiu soltar o pé que estava preso debaixo do painel e levantou o corpo devagar. Agora seus pés estavam apoiados na porta do passageiro e a cabeça perto do volante.

— Você está perdendo sangue?

— Acho que não.

— Espero que não tenha havido hemorragia interna.

— Buck, tenho certeza de que já teria morrido se tivesse havido hemorragia interna.

— Então, quer dizer que posso tentar tirá-la daí?

— Por pior que seja, Buck, quero sair daqui. A porta pode ser aberta para que você possa me ajudar a sair do carro?

— Antes preciso fazer-lhe uma pergunta. É assim que você imaginou que seria sua vida de casada? Eu lhe compro carros caríssimos e você os destrói logo no primeiro dia?

— Em situação normal, isso até poderia ser engraçado ...

— Desculpe-me.

Buck orientou Chloe para que ela usasse o pé e o braço em bom estado para apoiarse e empurrar o corpo enquanto ele abria a porta. A parte debaixo da porta raspou no pilar. Para surpresa de Buck, o carro havia sofrido poucas avarias pelo que ele conseguiu enxergar naquele local escuro.

— Deve haver uma lanterna no porta-luvas — ele disse.

Chloe entregou-a a Buck. Ele acendeu a lanterna e examinou a parte externa do carro. Os pneus estavam bons. Havia um pequeno amassado na grade da frente, mas nada sério. Ele desligou a lanterna e colocou-a no bolso. Gemendo e choramingando, Chloe conseguiu sair do carro com a ajuda de Buck.

Enquanto ambos se ajeitavam para sentar-se sobre a porta esquerda do carro tombado, Buck percebeu que aquele veículo pesado e em condição precária estava balançando.

— Você precisa sair daqui — ele disse.

— Dê-me a lanterna — disse Chloe. — Ela apontou-a para cima. — Acho que será mais fácil eu subir até o topo do pilar. A altura é de pouco mais de meio metro.

— Está bem — ele disse. — Você acha que vai conseguir?

— Acho que sim — ela disse. — Sou boa nisso.

— Depois você me conta essa história.

Chloe deu um salto tentando agarrar-se ao topo do pilar com a mão em bom estado, e pediu a Buck que a empurrasse até que ela estivesse com o maior peso do corpo em cima do pilair. Quando ela deu o último impulso com a perna em bom estado, o Range Rover inclinou-se um pouco, quase a ponto de soltar-se dos galhos da árvore. A árvore e o Range Rover estremeceram e começaram a balançar.

— Buck! Saia daí! Você vai ser esmagado!

Buck estava com os braços e as pernas estendidos sobre a lateral do Range Rover.

Agora, o carro estava inclinando-se em direção ao pilar. Os pneus raspavam no concreto, deixando marcas enormes. Quanto mais Buck tentava mover-se, mais rápido o carro se inclinava. Ele percebeu que, para sobreviver, teria de afastar-se daquele pilar. Agarrou com força no bagageiro e empurrou o corpo em direção ao teto do Range Rover. Os galhos soltaram-se da parte debaixo do carro e bateram em sua cabeça, arranhando-lhe a orelha. O carro movimentava-se cada vez mais, o que era um bom sinal para Buck — desde que ele não caísse dali. Primeiro foi o carro que se movimentou, depois foi a árvore e, em seguida, ambos começaram a despencar. Buck imaginou que o Range Rover, depois de livrar-se da pressão dos galhos, cairia cerca de um metro até o chão.

Ele apenas esperava que o carro caísse com as rodas para baixo. Mas ele não caiu assim.

Com os pneus esquerdos prensados contra o concreto e os galhos curvos empurrando-o para a direita, o veículo pesado moveu-se também para a direita. Buck cobriu a cabeça com as mãos para não se ferir nos galhos durante a queda do Range Rover. Buck quase foi atirado de encontro ao pilar. Assim que o Range Rover se soltou dos galhos, começou a virar sobre os pneus direitos e quase tombou. Se tivesse virado completamente, Buck teria sido esmagado na árvore. Mas assim que os pneus direitos bateram no chão, o carro se equilibrou, e os pneus esquerdos afastaram-se do concreto.

Com a força da queda, o lado esquerdo do veículo bateu no concreto, e finalmente o carro parou com as rodas assentadas no chão. Agora, a distância entre o concreto e o veículo era menor que dois centímetros, mas ele acomodou-se sobre o chão irregular. Os galhos quebrados estavam pendurados acima dele. Buck utilizou a lanterna para iluminar o carro. Com exceção do amassado na grade e dos arranhados nas laterais — de um lado por causa do concreto e do outro por causa dos galhos das árvores — o carro até que estava em bom estado.

Buck não tinha ideia de como fazer o airbag voltar ao normal, portanto resolveu arrancá-lo e preocupar-se com isso mais tarde se o Range Rover ainda pudesse rodar. A lateral de seu corpo doía, e ele tinha certeza de ter fraturado uma costela quando o carro bateu no

chão. Desceu do carro e ficou debaixo da árvore. Os galhos não permitiam que ele enxergasse Chloe.

— Buck! Você está bem?

— Não saia daí, Chloe. Vou tentar fazer alguma coisa. Buck entrou no carro pelo lado direito, segurou no volante e deu partida. O carro pegou. Ele o examinou cuidadosamente para saber se não havia vazamentos ou peças superaquecidas. O Rover estava ligado no automático e tração nas quatro rodas. Quando Buck tentou fazer o carro rodar, parecia que as rodas estavam dentro de um sulco. Ele mudou a alavanca do câmbio e passou para tração em todas as rodas, acelerou o motor e pisou na embreagem. O carro desvencilhou-se das árvores e, em questão de segundos, estava sobre a areia. Buck fez uma curva acentuada à direita e aproximou o carro das defensas que separavam a areia da Lake Shore Drive. Dirigiu uns 400 metros até encontrar um local onde conseguiu atravessar pelas defensas e dar meia-volta. Retornou à passagem elevada onde Chloe estava, sustentando-se em um pé só e segurando o pulso esquerdo com a outra mão.

Para Buck ela estava com uma aparência ótima.

Ele aproximou-se dela e apressou-se em ajudá-la a entrar no carro. Atou o cinto de segurança da esposa e fez uma ligação telefónica antes de entrar no carro.

— Loretta! Chloe está salva. Ela está um pouco machucada, e eu quero levá-la para ser examinada o mais rápido possível. Eu ficaria muito grato se você pudesse encontrar um médico da igreja que não estivesse muito sobrecarregado de trabalho.

Buck tentou dirigir com muito cuidado para não aumentar a dor de Chloe. No entanto, ele tinha pressa. Quando chegou à enorme barreira da Avenida Michigan com a LSD, ele virou à esquerda e subiu a ladeira por onde havia passado a pé. Avistou o carro de Vema e não fez caso dos sinais de advertência dos policiais com quem ele conversara havia pouco tempo. Acelerou pela LSD, contornou as barreiras da Rodovia Sheridan e seguiu as orientações de Chloe para chegar a Dempster. Em breve ele já estava de volta aos subúrbios da região noroeste.

Loretta e Vema estavam olhando pela janela quando ele chegou. Foi então que ele se lembrou de uma coisa. Saltou do carro e foi até o

porta-malas. Pegou as chaves desajeitadamente e abriu a fechadura. Lá estavam as páginas de Bruce, todas espalhadas. O computador também estava lá, com os telefones que Chloe comprara.

Chloe — ele disse, e ela virou-se lentamente. — Preciso ligar para Carpathia assim que eu levá-la para dentro de casa.



Rayford estava de volta à cabina de comando. À medida que a noite avançava, a cabina ficava cada vez mais silenciosa. A conversa transformara-se em algumas poucas palavras. Os dignitários estavam bem alimentados pela tripulação, e Rayford teve a impressão de que eles estavam-se preparando para o trabalho longo e difícil que tinham pela frente. Rayford despertou sobressaltado e imaginou que seu dedo havia escorregado do botão secreto. Apertou-o novamente, mas não ouviu nada. De qualquer forma, já ouvira mais do que desejava. Decidiu estender as pernas.

Quando voltou ao compartimento dos passageiros para assistir à programação em uma das TVs que estavam no fundo da aeronave, ninguém lhe deu atenção, a não ser Carpathia. Alguns estavam cochilando e outros sendo atendidos pelos tripulantes, que limpavam as bandejas e providenciavam travesseiros e cobertores.

Carpathia balançou a cabeça afirmativamente, sorriu e acenou para Rayford.

Como ele pode fazer isto? perguntou Rayford a si mesmo.

Bruce disse que o anticristo só seria incorporado por Satanás na metade do período da Tribulação, mas com certeza Carpathia já é a encarnação do mal.

Rayford não podia deixar transparecer que conhecia a verdade, apesar de Carpathia estar ciente de suas crenças cristãs. Rayford limitou-se a fazer um movimento afirmativo com a cabeça e prosseguiu. A TV mostrava reportagens ao vivo do mundo inteiro. As profecias da Bíblia se cumpriam. Este era o Cavalo Vermelho do Apocalipse. A seguir viriam mortes por causa da fome e pragas até que um quarto da população da terra, que sobrou após o Arrebatamento,

fosse eliminada. O telefone celular universal de Rayford vibrou em seu bolso. Poucas pessoas conheciam seu número. Graças a Deus pela tecnologia, ele pensou. Não queria que ninguém o ouvisse. Caminhou sorrateiramente até o fundo do avião e ficou perto de uma janela. A noite estava tão negra quanto a alma de Carpathia.

— Rayford Steele — ele disse.

— Papai!

— Chloe! Graças a Deus! Chloe, você está bem?

— Sofri um pequeno acidente de carro, papai. Só queria dizer-lhe que você salvou a minha vida novamente.

— Como assim?

— Recebi o recado que você deixou no The Drake — ela disse. — Se eu tivesse perdido tempo indo até nosso quarto, provavelmente não estaria aqui.

— E Buck? Ele está bem?

— Ele está ótimo. Não teve tempo de retornar a ligação de um certo sujeito, e está tentando fazer isso neste momento.

— Agora preciso desligar — disse Rayford. — Voltarei a ligar para você.

Rayford caminhou de volta à cabina, tentando não demonstrar pressa. Ao passar por Fortunato, viu que ele estava entregando o fone para Carpathia.

— Williams, de Chicago — ele disse. — Até que enfim! Carpathia fez uma careta ao ver a reação exagerada de Leon.

Quando Rayford já estava perto da cabina, ouviu Carpathia dizer entusiasmado: — Cameron, meu amigo! Eu estava preocupado com você. Rayford acomodou-se rapidamente na poltrona e ajeitou os fones de ouvido. McCullum olhou para ele com ar de curiosidade, mas Rayford não lhe deu atenção. Fechou os olhos e apertou o botão secreto.

— Estou curioso a respeito da cobertura jornalística — Carpathia estava dizendo. — O que aconteceu aí em Chicago? Sim — sim — devastação, eu entendo — sim. Sim, uma tragédia ..."

Repugnante, pensou Rayford.

— Cameron — prosseguia Carpathia, — seria possível você viajar para a Nova Babilónia nos próximos dias? Ah, entendo — Israel? Sim, acho sensato. As tais das terras santas foram poupadas novamente,

não? Eu gostaria de uma cobertura completa das reuniões de alto nível em Bagdá e na Nova Babilónia. Gostaria de ter o seu dedo nisso, mas Steve Plank, seu velho amigo, tem condições de dar conta do recado. Você e ele podem trabalhar juntos para que a reportagem saia em toda a nossa mídia impressa...

Rayford estava ansioso para falar com Buck. Admirava a coragem e habilidade de seu genro para estabelecer sua própria agenda e até mesmo conseguir declinar com gentileza as instruções sugeridas por Carpathia. Rayford gostaria de saber por quanto tempo Carpathia aguentaria aquilo. Por ora, ele aparentemente respeitava Buck e ainda desconhecia a quem Buck era verdadeiramente leal, assim Rayford esperava.

— Bem — Carpathia estava dizendo — claro que estou sofrendo com tudo isso.

Mantenha contato e nos ligue de Israel.

# *CAPÍTULO* **6**

Sentado diante da mesa do café da manhã, com os olhos turvos, Buck sentia as orelhas ardendo e as costelas doloridas. Somente ele e Loretta tinham-se levantado. Ela estava se aprontando para ir ao escritório da igreja após assegurar-se de que não precisaria tomar providências quanto ao corpo de Bruce nem quanto ao culto em memória dele, que faria parte das programações matinais do domingo. Verna Zee estava dormindo em um pequeno quarto no pavimento inferior da casa.

— É tão bom ter novamente a companhia de outras pessoas neste lugar — disse Loretta. — Vocês podem permanecer aqui pelo tempo que desejarem.

— Somos muito gratos — disse Buck. — Amanda talvez durma até o meio-dia.

Depois, ela terá de falar com o pessoal do escritório do médico legista. Chloe não dormiu muito bem por causa do tornozelo. No entanto, agora ela está dormindo profundamente, e espero que demore para acordar.

Buck usara aquela mesa para pôr em ordem todas aquelas páginas das transcrições de Bruce que se haviam espalhado no porta-malas do Range Rover. Teve um trabalho enorme para verificar o texto e separar o que deveria ser copiado e distribuído. Empilhou os papéis e desempacotou os cinco telefones celulares universais que Chloe comprara.

Felizmente, eles haviam sido acondicionados em espumas e não sofreram avarias no acidente.

Buck dissera a Chloe para não economizar, e ela seguira suas instruções. Ele não se atrevia a calcular o preço total, mas aqueles telefones tinham todos os acessórios possíveis, inclusive podiam receber chamadas de qualquer lugar do mundo, graças a um chip de satélite embutido.

Depois que Loretta foi até a igreja, Buck examinou as baterias dos telefones, leu rapidamente o manual de instruções para aprender a manuseá-los e tentou fazer a primeira ligação. Desta vez ficou

satisfeito por ter a mania de guardar números antigos de telefones. Bem no fundo de sua maleta estava o número de que ele necessitava. Ken Ritz, um ex-piloto comercial e agora proprietário de uma frota de jatos para fretamento, já transportara Buck em um deles, partindo de uma minúscula pista de Waukegan, Illinois, para Nova York no dia seguinte aos desaparecimentos.

— Sei que o senhor está muito ocupado, Sr. Ritz, e provavelmente não necessita de um cliente como eu — disse Buck — mas saiba que disponho de uma verba grande e polpuda, e posso pagar mais que qualquer outra pessoa.

— Minha frota foi reduzida a um jato — disse Ritz — que se encontra em Palwaukee, e neste momento ele e eu estamos disponíveis. Estou cobrando dois dólares por milha e mil dólares por dia parado. Para onde você quer ir?

— Israel — disse Buck. — E preciso estar de volta no sábado à noite, o mais tardar.

— Percurso muito cansativo — disse Ritz. — É melhor sairmos ao anoitecer e pousarmos lá no dia seguinte. Encontre-se comigo em Palwaukee às sete para acertarmos tudo.



Finalmente Rayford conseguiu dormir profundamente durante várias horas, de acordo com McCullum, chegando até a roncar.

Cerca de uma hora antes de chegarem a Bagdá, Leon Fortunato entrou na cabina de comando e ajoelhou-se ao lado de Rayford.

— Não temos absoluta certeza quanto à segurança na Nova Babilónia — ele disse. — Ninguém espera que aterrissemos em Bagdá. É melhor mantermos contato com a torre da Nova Babilónia dizendo que estamos nos dirigindo diretamente para lá. Depois de pegarmos os outros três embaixadores, permaneceremos no solo por algumas horas até que o serviçode segurança vasculhe toda a Nova Babilónia.

— Isso tem alguma coisa a ver com suas reuniões? perguntou Rayford, tentando não demonstrar muito interesse.

— Não vejo motivo para você se preocupar com isso. Podemos nos reunir no avião enquanto ele estiver sendo reabastecido. Você deve deixar o ar-condicionado ligado, certo?

— Claro — disse Rayford, tentando raciocinar rapidamente. — Ainda há muita coisa que preciso aprender a respeito desta aeronave. Permanecerei na cabina ou em meus aposentos, longe dos senhores.

— Faça isso.



Buck conversou com Donny Moore, o qual disse que fizera alguns negócios incríveis comprando componentes individualizados e agora estava montando os cinco mega-laptops sozinho.

— Com isso, estou economizando um pouco de dinheiro para o senhor — disse. — Pouco mais de vinte mil dólares por unidade, calculo.

— E eles estarão prontos quando eu voltar de uma viagem no domingo?

— Garantido, senhor.

Buck comunicou o número de seu novo telefone celular universal ao pessoal da chefia do Semanário Comunidade Global e pediu que não o divulgassem a não ser para Carpathia, Plank e Rosenzweig. Arrumou suas roupas dentro de uma enorme mochila e passou o restante do dia trabalhando nas transcrições de Bruce e tentando falar com Rosenzweig. Aquele homem talvez estivesse tentando dizer-lhe, em poucas palavras, que sabia que o Dr. Ben-Judá estava vivo em algum lugar. Buck esperava que Rosenzweig tivesse seguido seu conselho e estivesse mantendo Carpathia fora do assunto. Buck não tinha ideia de onde Tsion Ben-Judá se escondera. Porém, se Rosenzweig sabia, Buck gostaria de conversar com ele antes de chegar com Ritz ao Aeroporto Ben Gurion.

Quanto tempo ainda levaria, pensou Buck, até que ele e seus entes queridos precisassem ficar escondidos no abrigo debaixo da igreja?



A segurança estava reforçada em Bagdá. Rayford havia sido instruído a não se comunicar com a torre de lá para não permitir que uma aeronave inimiga soubesse onde eles estavam.

Rayford estava convencido de que os ataques de retaliação por parte das forças da Comunidade Global em Londres e no Cairo, sem falar na América do Norte, tinham afugentado todo o povo do Iraque, com exceção dos suicidas. No entanto, ele estava cumprindo as ordens recebidas.

Leon Fortunato comunicou-se por telefone com as torres de Bagdá e da Nova Babilónia. Rayford já telefonara para assegurar-se de que havia um lugar dentro do terminal onde ele e McCullum pudessem estender as pernas e relaxar. Apesar de trabalhar tantos anos como piloto, havia ocasiões em que ele sentia uma certa claustrofobia a bordo de um avião.

Um cordão de soldados da CG fortemente armados cercava o avião quando ele parou na extremidade mais segura do terminal de Bagdá. As seis comissárias de bordo e os atendentes foram os primeiros a descer. Fortunato aguardou até que Rayford e McCullum terminassem a checagem pós-vôo, e desceu com eles.

— Capitão Steele — ele disse — vou conduzir os três embaixadores para dentro do avião em uma hora.

— E quando você deseja partir para a Nova Babilónia?

— Provavelmente após quatro horas mais ou menos.

— As regras internacionais de aviação proíbem-me de voar novamente antes de 24 horas.

— Que bobagem! — disse Fortunato. — Como você está se sentindo?

— Exausto.

— Mesmo assim, você é a única pessoa qualificada para pilotar aquele avião, portanto vai ter de cumprir nossas ordens.

— Quer dizer, então, que as regras internacionais de aviação deixaram de existir?

— Steele, você sabe que as regras internacionais referentes a qualquer coisa estão nas mãos do homem que está sentado naquele avião. Quando ele quiser partir para a Nova Babilônia, você terá de conduzi-lo até lá. Entendido?

— E se eu me recusar?

— Não seja tolo.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Leon. Assim que eu descansar um pouco, quero voltar para aquele avião e familiarizar-me com todos os detalhes.

— Sim, sim, eu sei. Agora fique longe de nós. E eu lhe agradeceria muito se você me chamasse de Sr. Fortunato.

— Isso é tão importante assim para você, Leon?

— Não me provoque, Steele.

Assim que ambos entraram no terminal, Rayford disse: — Já que sou a única pessoa capaz de pilotar aquele avião, eu lhe agradeceria muito se você me chamasse de Capitão Steele.



No final da tarde, horário de Chicago, Buck interrompeu a leitura fascinante dos escritos de Bruce Barnes e finalmente conseguiu completar a ligação para Chaim Rosenzweig.

— Cameron! Finalmente consegui falar com nosso amigo em comum. É melhor não mencionarmos o nome dele ao telefone. Ele conversou pouco comigo, mas parecia tão inexpressivo e vazio que chegou a comover-me profundamente. Deixou um recado estranho, Cameron. Disse simplesmente que você sabia com quem falar a respeito do paradeiro dele.

— Que eu sabia?

— Foi o que ele disse, Cameron. Que você sabia. Você acha que ele estava se referindo a NC?

— Não! Não! Chaim, ainda estou orando para que você mantenha aquele sujeito fora disto.

— Eu estou, Cameron, mas não está sendo fácil! Quem mais poderia interceder pela vida de meu amigo? Estou com muito medo de

que o pior aconteça, e vou me sentir responsável.

— Estou de partida para Israel. Você pode conseguir um carro para mim?

— O carro de nosso amigo e seu motorista estão disponíveis, mas será que posso confiar nele?

— Você acha que ele teve alguma coisa a ver com o caso?

— Penso que o que ele mais queria era proteger o nosso amigo.

— Então ele deve estar correndo perigo — disse Buck.

— Oh, espero que não — disse Rosenzweig. — De qualquer forma, vou-me encontrar com você no aeroporto. Vamos dar um jeito de arrumar um meio de transporte para você.

Posso providenciar um local para você ficar?

— Você sabe onde costumo ficar — disse Buck — mas desta vez acho melhor escolhermos outro lugar.

— Muito bem, Cameron. Há um belo hotel não muito distante daquele que você costuma se hospedar, e o pessoal de lá me conhece.



Diante do aparelho de TV, Rayford assistia ao noticiário da CNN/Rede Comunidade Global procedente de Atlanta e transmitido ao mundo inteiro. Estava claro que Carpathia impusera sua vontade e determinação sobre todos os diretores de telejornais. Embora as reportagens mostrassem cenas horripilantes de guerra, derramamento de sangue, feridos e mortos, todos falavam com entusiasmo da ação decisiva do potentado ao reagir diante da crise e acabar com a rebelião. Os reservatórios de água tinham sido contaminados, não havia energia elétrica em muitas regiões e milhões de pessoas perderam suas casas em questão de minutos.

Rayford percebeu uma movimentação fora do terminal. Um equipamento portátil de TV, incluindo uma câmera, estava sendo levado ao Condor 216. Logo a seguir, a CNN/RCG comunicou que dentro de instantes seria levado ao ar um pronunciamento ao vivo do potentado Carpathia, partindo de um local desconhecido. Rayford balançou a cabeça e dirigiu-se para uma mesa em um dos cantos do

terminal, onde encontrou papel impresso com o timbre de uma empresa aérea do Oriente Médio. Ele começou a redigir uma carta para a esposa de Earl Halliday.

A lógica dizia a Rayford que ele não deveria sentir-se responsável. Evidentemente Halliday havia cooperado com Carpathia e seu pessoal na montagem do Condor 216 muito antes de Rayford saber de sua existência. No entanto, assim que tomasse conhecimento da notícia, a Sra. Halliday imaginaria que havia sido Rayford quem conduzira seu velho amigo e chefe díretamente para a morte, e não haveria meios de fazê-la mudar de ideia.

Rayford não sabia sequer como Earl fora morto. Talvez todas as pessoas que estavam naquele vôo para Glenview tivessem morrido. Rayford só sabia que o fato acontecera e que Earl não mais existia. Sentado diante da mesa e tentando redigir uma carta com palavras que jamais explicariam a verdade, Rayford sentiu que uma onda enorme e escura de depressão começava a tomar conta dele. Sentia saudade de sua esposa. Sentia falta de sua filha. Lamentava a morte de seu pastor. Lamentava a morte de amigos e conhecidos, novos e antigos. Como tudo aquilo pôde acontecer?

Rayford sabia que não era responsável pelo castigo que Nicolae Carpathia impusera a seus inimigos. O terrível e negro julgamento sobre a terra imposto por aquele homem maligno não terminaria, mesmo que Rayford abandonasse seu emprego. Centenas de pilotos seriam capazes de pilotar aquela aeronave. Ele próprio havia aprendido em meia hora. Não precisava do emprego, não queria o emprego, não pediu o emprego. Porém, ele sabia que Deus o colocara ali. Com que finalidade? Seria aquele sistema de intercomunicação clandestino engendrado por Earl Halliday uma dádiva vinda de Deus que permitiria a Rayford proteger algumas pessoas da ira de Carpathia?

De uma coisa ele tinha certeza. Já havia salvado a vida de sua filha e de seu genro do bombardeio sobre Chicago, e agora, enquanto assistia ao noticiário procedente da costa oeste dos Estados Unidos, ele gostaria de ter feito alguma coisa para advertir o povo de São Francisco e Los Angeles sobre o ataque. Ele estava enfrentando uma batalha penosa, e, sozinho, não tinha forças para prosseguir.

Após terminar a carta de condolências à Sra. Halliday, Rayford colocou os braços sobre a mesa e abaixou a cabeça, sentindo um nó na garganta, mas sem derramar uma lágrima sequer. Ele sabia que de agora em diante poderia chorar 24 horas por dia até o final do período da Tribulação, por ocasião do retorno de Cristo, ao qual Bruce dava o nome de "Aparecimento Glorioso". Como ele ansiava por esse dia! Será que ele e seus entes queridos sobreviveriam até lá ou seriam transformados em "mártires da tribulação", da mesma forma que Bruce? Em momentos como os que estava atravessando, Rayford gostaria de ter uma morte rápida e indolor que o levasse diretamente a Cristo no céu. Sabia que estava sendo egoísta. No íntimo, não desejava deixar as pessoas a quem amava e que o amavam, mas a perspectiva de mais cinco anos de sofrimento parecia-lhe insuportável.

O pronunciamento do potentado da Comunidade Global Nicolae Carpathia estava começando. Rayford sabia que estava sentado a uns 60 metros de distância daquele homem e, mesmo assim, assistiu a seu pronunciamento pela TV, da mesma forma que milhões de pessoas do mundo inteiro.



Estava quase na hora de Buck partir para o Aeroporto de Palwaukee. Vema Zee voltara ao escritório do Semanário Comunidade Global com o carro usado (novo para ela) que Buck lhe comprara, um dos que haviam sido deixados no estacionamento da Igreja Nova Esperança. Loretta estava no escritório da igreja atendendo às constantes ligações telefónicas sobre o culto de domingo em memória a Bruce. Chloe andava mancando pela casa apoiada em uma bengala. Ela necessitava de muletas, mas não podia apoiar-se nelas por ter torcido o pulso. Só restava Amanda para levar Buck ao aeroporto.

— Eu gostaria de ir com vocês — disse Chloe.

— Você acha que tem condições de ir, meu bem? — perguntou Buck.

Chloe respondeu com voz trémula: — Buck, detesto dizer isto, mas diante de tudo o que está acontecendo não sabemos se teremos

condição de nos encontrarmos novamente.

— Você não está sendo um pouco piegas? — ele perguntou.

— Buck! — disse Amanda em tom de repreensão. — Você está mexendo com os sentimentos dela. Tive de dar um beijo de adeus em meu marido na frente do anticristo.

Você acha que aquilo me deu segurança de que vou vê-lo novamente?

Buck recebeu o castigo que merecia.

— Vamos embora — ele disse. Deu a volta no Range Rover e atirou sua mochila no porta-malas, retornando rapidamente para ajudar Chloe a entrar no carro. Amanda sentou-se no banco traseiro e traria Chloe de volta para casa.

Buck surpreendeu-se ao ver que a TV embutida no carro suportara o acidente. Ele não estava em posição de ver as imagens, como faziam Amanda e Chloe. Nicolae Carpathia, em sua maneira exageradamente humilde, dizia: "Não se enganem, meus irmãos e irmãs, ainda teremos muitos dias negros pela frente. Serão necessários recursos imensos para começarmos a reconstruir o processo, mas graças à generosidade de sete leais regiões do mundo e com o apoio dos cidadãos das outras três regiões que foram leais à Comunidade Global e não aos rebeldes, estamos arrecadando o maior fundo assistencial da história da humanidade. Esse fundo será destinado às nações carentes da Nova Babilónia e ao centro de operações da Comunidade Global sob minha supervisão. Em razão do caos que resultou desta rebelião, a mais sinistra e imprudente de todas, surgirão oportunistas e saqueadores que tentarão impedir a reconstrução do processo e a proteção aos desabrigados. O trabalho assistencial patrocinado pela Comunidade Global será conduzido de maneira rápida e generosa de modo a permitir que o maior número possível de membros leais à Comunidade Global retornem o mais breve possível a seus prósperos padrões de vida.

"Continuem a resistir aos opositores e rebeldes. Continuem a dar seu apoio à Comunidade Global. E lembrem-se de que, apesar de eu não ter almejado esta posição, aceito-a com seriedade e com a determinação de colocar minha vida a serviço de uma humanidade mais fraterna. Agradeço seu .apoio enquanto nos esforçamos para permanecer lado a lado, mesmo com sacrifício, e tentamos sair deste

caos rumo a um plano mais alto que nenhum de nós poderia alcançar sem a ajuda de outras pessoas."

Buck balançou a cabeça.

— Ele está dizendo o que o povo quer ouvir, não é mesmo?

Chloe e Amanda permaneceram em silêncio.



Rayford disse ao co-piloto McCullum para deixar as preocupações de lado e estar pronto para partir rumo à Nova Babilónia no momento em que fossem solicitados. Ele calculava que isso ainda levaria algumas horas.

— Mas é melhor estarmos à disposição — Rayford lhe disse.

Quando entrou no avião, com a suposta finalidade de familiarizar-se melhor com seus aparatos, Rayford foi direto aos aposentos do piloto. Notou que Carpathia e seus assessores estavam cumprimentando e conversando com os sete embaixadores leais à Comunidade Global.

Ao sair de seus aposentos para entrar na cabina de comando, Rayford percebeu que Fortunato ergueu os olhos e cochichou algo com Carpathia. Carpathia concordou com um movimento de cabeça, e a reunião foi transferida para um compartimento no centro da aeronave.

— Será mais confortável — Carpathia estava dizendo. — Temos uma bela mesa de reuniões aqui.

Rayford fechou a porta da cabina e trancou-a. Pegou as listagens de pré e pós-vôo e colocou-as numa prancheta com outras folhas em branco, só para disfarçar, caso alguém batesse na porta. Sentou-se em sua poltrona, colocou os fones de ouvido e apertou o botão secreto. O embaixador do Oriente Médio estava falando: — O Dr. Rosenzweig envia-lhe suas mais sinceras e leais saudações, potentado. Há um assunto pessoal urgente que ele deseja que eu lhe conte.

— É confidencial? — perguntou Carpathia.

— Não creio, senhor. Diz respeito ao rabino Tsion Ben-Judá.

— O erudito que criou tanto furor com sua mensagem controvertida?

— Ele mesmo — disse o embaixador do Oriente Médio. — Parece que sua mulher e dois enteados foram assassinados por fanáticos, e que o Dr. Ben-Judá está escondido em algum lugar.

— Ele não poderia esperar nada melhor — disse Nicolae. Rayford sentiu o arrepio de sempre, quando a voz de Carpathia adquiria um tom solene.

— Concordo plenamente com o senhor, potentado — disse o embaixador. — Não sei como aqueles fanáticos permitiram que ele escapasse de suas mãos.

— Mas o que Rosenzweig quer de mim?

— Ele quer que o senhor interceda a favor de Ben-Judá.

— Interceder a quem?

— Creio que aos fanáticos — respondeu o embaixador, caindo na gargalhada.

Rayford reconheceu a gargalhada de Carpathia, e percebeu que os outros passageiros aproximaram-se deles.

— Acalmem-se, cavalheiros — disse Carpathia. — Talvez eu deva concordar com o pedido do Dr. Rosenzweig e conversar diretamente com o chefe da facção fanática. Eu lhes daria meu total apoio e talvez fornecesse alguma tecnologia para ajudá-los a encontrar sua presa e eliminá-la com urgên cia.

— O senhor está falando sério, potentado? O que devo dizer ao Dr. Rosenzweig? — perguntou o embaixador.

— Dê um tempo a ele. Seja difícil. Diga-lhe que você não encontrou um momento apropriado para conversar sobre o assunto comigo. Depois de algum tempo, diga-lhe que estou estado muito ocupado para tratar disso. Finalmente, você poderá dizer-lhe que preferi manter-me neutro sobre o .issunto.

— Muito bom, senhor.

Porém Carpathia não se manteria neutro. Ele acabara de esquentar o assunto.

Rayford ouviu o ranger de um assento de couro e imaginou Carpathia inclinando-se para a frente a fim de falar com seu bando de lacaios internacionais.

— Permitam-me dizer-lhes uma coisa, cavalheiros. Uma pessoa do tipo do Dr. Ben- Judá é muito mais perigosa para a nossa causa do que um velho tolo como Rosenzweig.

Rosenzweig é um cientista brilhante, mas não é um sábio aos olhos do mundo. Ben-Judá é muito mais erudito que ele. Ben-Judá tem a habilidade de dominar o povo, o que não seria mau se ele estivesse trabalhando em prol de nossa causa. Mas ele prefere encher a cabeça de seus compatriotas com essa bobagem de que o Messias já retornou. Não entendo como alguém ainda insiste em interpretar a Bíblia e suas profecias de maneira tão literal, mas dezenas de milhares de convertidos e devotos surgiram em Israel e ao redor do mundo em razão da pregação dele no Estádio Teddy Kollek e em outros locais semelhantes. O povo acredita em tudo. E quando acredita, torna-se perigoso. O tempo de Ben-Judá está curto, e eu não vou impedir que ele morra. Agora, vamos ao trabalho.

Rayford pegou as duas primeiras folhas da prancheta e começou a tomar notas, enquanto Carpathia esboçava seus planos imediatos.

— Precisamos agir rapidamente — ele estava dizendo, — enquanto as pessoas ainda estão vulneráveis e receptivas. Elas vão recorrer à Comunidade Global para pedir ajuda, e nós as ajudaremos. No entanto, elas terão de nos ajudar primeiro. Tínhamos uma enorme reserva de dinheiro antes da reconstrução da Babilónia. Vamos precisar de muito mais para pôr em prática nosso plano de elevar o nível dos países do Terceiro Mundo, de modo que o planeta inteiro fique em pé de igualdade. Vou lhes contar uma coisa, cavalheiros. Eu estava tão eufórico e com tantas ideias ontem à noite que não consegui permanecer sentado no momento da decolagem de São Francisco. Eu estava no compartimento da frente e fui praticamente atirado nesta sala durante o processo da decolagem. Eu pensava no seguinte: — Vocês fizeram um trabalho maravilhoso com respeito à moeda universal. Estamos perto de ter uma sociedade sem um níquel sequer no bolso, o que só serve para ajudar a administração da Comunidade Global. Quando vocês retornarem a seus respectivos países, gostaria que anunciassem, simultaneamente, o início de um imposto de dez cents a ser cobrado em todas as transferências eletrônicas de dinheiro. Quando chegarmos ao ponto de ninguém mais ter dinheiro no bolso, é fácil imaginar que todas as transações serão eletrônicas. Calculo que isso gerará mais de um trilhão e meio de dólares por ano.

— Também estou dando início a um imposto de um dólar por barril de petróleo no campo petrolífero mais um imposto de dez cents

por galão na bomba de gasolina. Meus consultores financeiros dizem que isso pode nos render mais de meio trilhão de dólares por ano. Vocês sabiam que chegaria o tempo em que haveria um imposto a ser pago à Comunidade Global sobre o Produto Interno Bruto de cada região. Esse tempo já chegou.

Embora os rebeldes do Egito, Grã-Bretanha e América do Norte tenham sido devastados militarmente falando, eles também devem ser obrigados a pagar um imposto de 50% sobre seu PIB. O restante pagará 30%.

— Não olhem para mim desta maneira, cavalheiros. Vocês devem entender que tudo o que pagarem lhes será restituído com benefícios multiplicados. Estamos construindo uma nova comunidade global. O sofrimento faz parte do processo. A devastação e morte causadas por esta guerra se transformarão em uma utopia, diferente de tudo o que este mundo já viu. E vocês estarão na vanguarda. Seus países e regiões serão beneficiados, principalmente vocês.

— Tenho uma coisa a mais em mente. Como vocês sabem, nossas forças secretas convenceram-se rapidamente de que o ataque sobre Nova York foi planejado pela milícia norte-americana sob a liderança clandestina do presidente Fit-zhugh. Isso só serviu para confirmar minha decisão anterior de eliminá-lo virtualmente do poder executivo. Agora já sabemos que ele foi morto em nosso ataque de retaliação sobre Washington, D.C., cuja responsabilidade deve ser atribuída aos rebeldes. Aqueles poucos que ainda permanecem leais a ele vão-se insurgir contra os rebeldes e ver que fizeram papel de tolos.

— Como vocês sabem, o segundo maior poço de petróleo, menor apenas que o da Arábia Saudita, foi descoberto acima da Baía Prudhoe, no Alasca. Durante o período de vacância na liderança da América do Norte, a Comunidade Global se apropriará dos imensos campos de petróleo do Alasca, inclusive daquele poço enorme. Anos atrás ele foi coberto para satisfazer os ambientalistas; no entanto, já organizei equipes de trabalhadores da região para instalarem uma série de oleodutos de 16 polegadas que levarão o petróleo através do Canadá para canais onde poderão ser transportados em barcaças para os centros de comércio internacionais. Já adquirimos os direitos do petróleo da Arábia Saudita, Kuwait, Iraque, Irã e do restante do Oriente

Médio. Com isso, temos o controle de dois terços do suprimento mundial de petróleo.

— Elevaremos de forma gradual, porém firme, o preço do petróleo, que no futuro financiará nossos planos para incluirmos serviços sociais em países não-privilegiados e transformarmos o mundo em um local que seja igual para todos. Só do petróleo teremos condições de lucrar uma média de um trilhão de dólares por ano.

— Em breve nomearei líderes para substituírem os três embaixadores das regiões que se voltaram contra nós. Com isso, a administração da Comunidade Global voltará a ser complementada por dez regiões. Por enquanto vocês são conhecidos como embaixadores da Comunidade Global, mas de agora em diante começarei a me referir a vocês como chefes soberanos de seus reinados. Vocês continuarão a reportar-se diretamente a mim. Aprovarei seus orçamentos, receberei seus impostos, e lhes darei privilégios políticos. Alguns criticarão este procedimento por deixar transparecer que todas as nações e regiões passarão a depender da Comunidade Global quanto às suas receitas e que temos controle sobre o destino de seus povos. Vocês sabem que não será assim.

Sabem que sua lealdade será recompensada, que o mundo será um lugar melhor para viver, e que nosso destino é uma sociedade utópica baseada em paz e fraternidade.

— Estou certo de que todos vocês concordam que tem havido muito antagonismo por parte da imprensa mundial. Até eu, que não viso lucros pessoais e que sou movido apenas por motivos altruístas para aceitar com humildade e a contragosto o pesado manto da responsabilidade de líder mundial, tenho sido atacado e criticado pelos editorialistas. A habilidade da Comunidade Global para comprar todos os principais meios de comunicação eliminou isso. Apesar das críticas que recebemos por ameaçarmos a liberdade de expressão e a liberdade de imprensa, acredito que o mundo entende que tais liberdades não-vigiadas produzem excessos que sufocam a habilidade e a criatividade de qualquer líder. Embora tenham sido úteis em alguma época para evitar que ditadores malvados assumissem o poder, proibindo qualquer crítica, tais editorialistas da oposição são anacrónicos.

Kayford sentiu uma fisgada na espinha e quase virou-se, certo de que havia alguém em pé do lado de fora da cabina.

A sensação tornou-se tão agourenta e abrangente que ele arrancou os fones e levantou-se da poltrona, inclinando-se para espiar no olho mágico. Não havia ninguém ali.

Será que Deus estaria tentando dizer-lhe alguma coisa? Ele se lembrou de que teve a mesma sensação de medo quando Buck contou aquela história horripilante de estar presente a uma reunião na qual Carpathia hipnotizara e fizera uma lavagem cerebral em todos os participantes, exceto Buck.

Rayford voltou a sentar-se e colocou os fones. Quando apertou o botão secreto, parecia estar ouvindo um novo Carpathia. Nicolae falava com suavidade, sinceridade e em tom monótono. Não havia mais os floreios e inflexões de voz que normalmente caracterizavam seus discursos.

— Quero dizer uma coisa a todos vocês, e quero que prestem muita atenção e compreendam tudo. Este mesmo controle que já temos sobre todos os meios de comunicação, também será necessário sobre a indústria e o comércio. Não haverá necessidade de comprarmos ou adquirirmos todos eles. Isso seria óbvio demais e despertaria a atenção de nossos opositores. O importante não é a propriedade. É o controle. Dentro dos próximos meses comunicaremos decisões unânimes que nos permitirão controlar o comércio, a educação, o sistema de saúde e até mesmo como os reinados individuais escolherão seus líderes. A verdade é que a democracia e a eleição serão suspensos. São ineficientes e não beneficiam os interesses do povo.

Proporcionaremos tantas coisas ao povo que ele entenderá rapidamente que esse procedimento é correto. Vocês podem voltar para seu povo e dizer-lhe honestamente que a ideia foi de vocês, que partiu de vocês, que procuraram apoio de seus colegas e de mim e que tiveram êxito. E eu, publicamente, concordarei com relutância, e todos nós sairemos vencedores.

Houve um profundo silêncio e Rayford imaginou que sua escuta clandestina não estava funcionando. Soltou e apertou o botão várias vezes, e percebeu que ninguém estava dizendo nada na sala de reuniões. Então, era esse o tal controle da mente que Buck já testemunhara. Por fim, ele ouviu a voz de Leon Fortunato.

— Potentado Carpathia — ele disse em tom de respeito, — sei que sou um mero assessor e não faço parte deste ilustre grupo. No entanto, eu poderia dar uma sugestão?

— Claro que sim, Leon! — disse Carpathia, demonstrando uma agradável surpresa. — Você ocupa uma importante posição de confiança, e todos nós gostaríamos de ouvir o que você tem a nos dizer.

— Eu estava pensando numa coisa. O senhor e seus companheiros aqui presentes não acham que a suspensão do voto popular poderá ser uma medida ineficiente e que não beneficiará os interesses do povo, pelo menos temporariamente?

— Oh, Sr. Fortunato — disse Carpathia, — eu não sei. Como você acha que o povo reagiria diante de tal proposta controvertida?

Os outros pareciam estar querendo falar todos ao mesmo tempo. Rayford ouviu que todos concordavam com Fortunato e insistiam com Carpathia para que ele refletisse sobre o assunto. Um deles repetiu o pronunciamento de Carpathia sobre o quanto a imprensa melhorara agora que passara a ser de propriedade da Comunidade Global e complementou que a aquisição da indústria e do comércio não seria tão necessáriosi como a da imprensa, desde que fossem controlados por Carpathia e pela Comunidade Global.

— Muito obrigado por suas sugestões, cavalheiros. Foram muito estimulantes e inspiradoras. Vou assimilar todas elas e em breve vocês serão informados sobre sua disposição e implementação.

A reunião durou mais um par de horas. Na maior parte, os tais reis nomeados por Carpathia repetiam como papagaios tudo o que ele lhes dissera, que após uma boa reflexão achariam suas idéias brilhantes. Todos pareciam considerá-las de sua propriedade. Apesar do fato de Carpathia ter acabado de mencioná-las, os embaixadores as repetiam com frequência um para o outro como se alguém não as tivesse ouvido.

— Agora, cavalheiros — concluiu Carpathia, — dentro de algumas horas estaremos na Nova Babilónia, e em breve nomearei os três novos embaixadores soberanos. Quero que vocês estejam cientes do inevitável. Não podemos fingir que o mundo não foi quase destruído pela irrupção desta guerra mundial. E ela ainda não terminou. Haverá mais conflitos. Haverá mais ataques furtivos. Precisaremos ter acesso, embora com relutância, ao nosso arsenal de armamentos, uma tarefa

que, conforme vocês sabem, detesto fazer, e mais alguns milhares de vidas serão dizimadas além das centenas de milhares que já foram. Apesar de nossos melhores esforços e das ideias maravilhosas que vocês me transmitiram hoje, devemos enfrentar o fato de que teremos por um longo tempo uma batalha difícil pela frente.

— Os oportunistas sempre aparecem em tempos como estes. Aqueles que são nossos opositores se beneficiarão da impossibilidade de nossas forças de paz estarem em todos os lugares ao mesmo tempo, e isso acarretará fome, pobreza e doenças. De certa maneira, existe um lado positivo em tudo isso. Em razão do custo altíssimo de reconstrução, quanto menos pessoas precisarmos alimentar e sustentar seus padrões de vida, mais rapidamente poderemos fazer isso e com menos despesas. À medida que o nível da população decrescer e estabilizar-se, deveremos estar certos de que ela não explodirá tão cedo novamente. Mediante legislação adequada quanto a aborto, suicídio e redução de tratamentos caros para deficientes físicos e mentais, seremos capazes de controlar a população mundial.

Rayford não podia fazer nada, a não ser orar.

— Senhor — ele orou em silêncio — eu gostaria de ser um servo mais útil. Será que não existe outra função para mim? Será que eu não poderia ser usado em algum tipo de oposição ativa ou de julgamento contra este ser maligno? Posso apenas confiar em teu propósito. Protege meus entes queridos até que eu possa ver-te em toda a tua glória. Sei que já me perdoaste por meus anos de incredulidade e indiferença, mas isso ainda pesa sobre mim. Obrigado por me ajudares a descobrir a verdade. Obrigado por Bruce Barnes.

E obrigado por estares ao nosso lado durante esta batalha derradeira.

# *CAPÍTULO* **7**

Buck sempre conseguiu dormir bem, mesmo quando o sono não podia ser muito prolongado. Poderia ter dormido 12 horas ou mais na noite anterior, após um dia atribulado como aquele. No entanto, sete horas de sono tinham sido suficientes porque, quando ele se desligava, desligava-se de verdade. Soube apenas que Chloe teve um sono agitado que ela lhe contou ao acordar. Ela se debatera durante a noite, mas seus movimentos na cama e gemidos de dor não haviam perturbado o sono dele.

Agora, enquanto Ken Ritz pousava o Learjet em Easton, Pensilvânia — só para completar o tanque antes de seguir para Tel-Aviv — Buck estava alerta. Ele e aquele piloto franzino e experiente, beirando os 60 anos, pareciam ter retomado a conversa no ponto em que pararam na última vez que Buck contratou seus serviços. Ritz gostava de falar e contar piadas, era uma pessoa obstinada, interessante e interessada. Estava ansioso por saber a opinião de Buck sobre os desaparecimentos e a guerra mundial, mas expunha, ao mesmo tempo, seus pontos de vista.

— Então, o que há de novo, meu jovem articulista internacional, desde a última vez que nos vimos há quase dois anos? — perguntou Ritz, tentando puxar conversa.

Buck contou-lhe as novidades. Lembrou-se de que Ritz havia sido franco e direto quando se conheceram, admitindo que sabia tanto quanto qualquer outra pessoa sobre o motivo dos desaparecimentos, mas pendendo para a teoria de um ataque provocado por seres extraterrestres. Na época, Buck considerou essa idéia um pouco extravagante por ter partido de um piloto tão experiente, mas também não havia chegado a nenhuma conclusão. Todas as teorias eram válidas. Ritz contara-lhe muitos casos de objetos misteriosos que avistara no céu, portanto fazia sentido um piloto como ele acreditar em tais coisas.

Diante daquela lembrança, Buck sentiu-se confiante para contar sua história, sem precisar desculpar-se. Aparentemente, Ritz não se

aborreceu com o relato. Ouviu em silêncio, e quando Buck terminou ele simplesmente fez um movimento afirmativo com a cabeça.

— Será que minha história foi tão extravagante quanto a sua quando você sugeriu a teoria dos seres extraterrestres? — perguntou Buck.

— Na verdade, não — respondeu Ritz. — Você ficará surpreso com o número de pessoas iguais a você que tenho encontrado por aí desde a última vez que conversamos.

Não sei o que tudo isso significa, mas estou começando a acreditar que há mais pessoas que concordam com você do que comigo.

— Vou contar-lhe uma coisa — disse Buck — se eu estiver certo, meus problemas não acabaram. Todos nós vamos atravessar períodos terríveis. E as pessoas que não acreditam vão sofrer mais ainda, como nunca imaginaram.

— Não posso imaginar sofrimento maior do que o que estamos passando neste momento — disse Ritz.

— Entendo o que você quer dizer. Eu costumava me desculpar e tentar não usar palavras muito fortes ou ser irritante, mas preciso insistir para que você investigue o que eu disse. E não pense que você tem muito tempo pela frente para fazer isso.

— Isso faz parte de sua religião, não é mesmo? — disse Ritz. — Se o que você está dizendo for verdade, o fim não tá muito longe. Restam apenas alguns anos.

— Exatamente.

— Então, quer dizer que, se um sujeito quiser constatar se tudo isso é verdade, é melhor que ele se interesse pelo aissunto.

— Você explicou melhor que eu — disse Buck.

Após reabastecer em Easton, Ritz passou as horas de vôo sobre o Atlântico fazendo perguntas do tipo "e se". Buck precisou dizer-lhe várias vezes que não era um estudioso do assunto nem um erudito, mas surpreendeu-se por lembrar tantos ensinamentos de Bruce.

— Deve ser muito triste perder um amigo como ele — disse Ritz.

— Você não pode imaginar.



Leon Fortunato instruiu todos os que estavam no avião quanto ao momento de desembarcarem e como se posicionarem perante as câmaras fotográficas quando chegassem à Nova Babilónia.

— Sr. Fortunato — disse Rayford, tomando o cuidado de atender ao pedido de Leon, pelo menos diante das outras pessoas — McCullum e eu precisamos aparecer nas fotografias?

— Não, a menos que vocês queiram contrariar o potentado — respondeu Fortunato. — Por favor, limitem-se a cumprir ordens.

A aeronave permaneceu bem protegida no solo da Nova Babilónia por vários minutos antes que as portas fossem abertas e o pessoal da imprensa controlada por Carpathia se aproximasse. Sentado na cabina de comando, Rayford continuava sua escuta pelo intercomunicador clandestino.

— Lembrem-se — dizia Carpathia — nada de sorrisos. O dia de hoje é triste, sério.

Expressões apropriadas para o momento, por favor.

Rayford perguntou a si mesmo se alguém precisaria ser lembrado de não sorrir em um dia como aquele. A seguir, ele ouviu a voz de Fortunato: — Potentado, parece que há uma surpresa para o senhor.

— Você sabe que eu não gosto de surpresas — disse Carpathia.

— Parece que sua noiva está no meio da multidão, aguardando pelo senhor.

— Isso é totalmente impróprio.

— O senhor quer que eu a retire de lá?

— Não, não sei qual seria a reação dela. Devemos evitar cenas. Só espero que ela saiba como se comportar. Mas esse não é o ponto forte dela, você sabe.

Rayford achou que Fortunato usou de diplomacia ao deixar de comentar sobre o assunto. Alguém bateu na porta da cabina.

— O piloto e o co-piloto em primeiro lugar — gritou Fortunato. — Vamos!

Rayford abotoou o paletó de seu uniforme e colocou o quepe enquanto saía da cabina. Ele e McCullum desceram a escada

rapidamente e postaram-se do lado direito de uma fila em formato de V que aguardava o potentado, o último a desembarcar.

A seguir, desceram os integrantes da tripulação, que pareciam desajeitados e nervosos. Sabiam que não deviam sorrir, limitaram-se a olhar para o chão e caminharam diretamente para seus postos. Fortunato e dois outros assessores de Carpathia conduziram os sete embaixadores pela escada. Rayford virou-se para ver a aparição de Carpathia no topo da escada.

Em tais situações, o potentado dava a impressão de ser mais alto do que realmente era, pensou Rayford. Parecia ter acabado de barbear-se e lavar os cabelos, embora Rayford imaginasse que ele não tinha tido tempo para isso. Seu terno, camisa e gravata eram requintados e ele usava acessórios elegantes, porém discretos. Aguardou alguns instantes. Mantinha uma das mãos no bolso direito do terno, e com a outra carregava uma fina pasta de couro. Como sempre, ele aparenta estar atarefado, cuidando do assunto que tem em mãos, pensou Rayford.

Rayford surpreendeu-se diante da habilidade de Carpathia em manter a pose e a expressão adequadas para o momento. Ele tinha um ar preocupado, sério, mas, de certa forma, determinado e confiante. Desceu resolutamente a escada e .iproximou-se de um sem-número de microfones, enquanto .as câmeras disparavam e os flashes espoucavam em volta dele. Os logotipos das emissoras, ostentados em cada microfone, haviam sido redesenhados para incluir as letras:"GCN" (em inglês), sigla de Rede Comunidade Global.

A única pessoa que Carpathia não podia controlar completamente escolheu aquele momento para furar o bloqueio ao sou redor. Hattie Durham passou pelo meio da multidão e correu na direção dele. Os guardas de segurança que interceptaram seu caminho perceberam rapidamente quem ela era e deixaram-na passar. Ela fez de tudo, pensou Rayford, menos gritar de alegria. Para Rayford, foi a primeira vez que ele viu Carpathia embaraçado e confuso. Parecia que ele não sabia o que seria pior: afastá-la ou convidá-la a permanecer do seu lado.

Ele escolheu a última alternativa, mas ficou claro que ela o deixara em apuros. Ela inclinou o corpo para beijá-lo, e ele encostou os lábios em seu rosto. Quando ela se virou para dar-lhe um beijo na boca,

ele sussurrou alguma coisa em seu ouvido. Hattie demonstrou ter ficado abalada. Quase chorando, ela começou a afastar-se de Carpathia, mas ele a segurou pelo pulso e a manteve perto de si, diante dos microfones.

— É bom demais retornar ao lugar a que pertenço — ele disse. — É maravilhoso estar perto das pessoas que amo. Minha noiva está sofrendo, tanto quanto eu, diante dos terríveis acontecimentos que começaram há relativamente poucas horas. Estamos atravessando um tempo difícil, mas, mesmo assim, nossos horizontes nunca foram tão amplos, nossos desafios nunca foram tão grandes, nosso futuro nunca foi tão brilhante.

— Talvez isso possa parecer um tanto incongruente diante da tragédia e devastação que todos nós sofremos, mas teremos prosperidade se nos comprometermos a nos manter unidos. Lutaremos contra qualquer inimigo da paz e abraçaremos qualquer amigo da Comunidade Global.

A multidão, inclusive o pessoal da imprensa, aplaudiu com a solenidade exigida pelo momento. Rayford estava enojado, ansioso para chegar a seu apartamento e desesperado para ligar para a esposa assim que o dia amanhecesse nos Estados Unidos.



— Não se preocupe comigo, companheiro — disse Ken Ritz a Buck, enquanto o ajudava a descer do Learjet. — Vou deixar esta belezinha num hangar e procurar um canto qualquer para descansar meus ossos durante alguns dias. Sempre desejei conhecer este país, e é bom estar num lugar que não foi reduzido a pó. Você sabe como me encontrar. Quando estiver pronto para voltar, deixe um recado aqui no aeroporto. Vou manter contato frequente com este pessoal.

Buck agradeceu, pegou sua mochila, atirou-a por cima dos ombros e dirigiu-se ao terminal. Atrás da parede de vidro estava a figura franzina e alquebrada de Chaim Rosenzweig, com os cabelos desalinhados, acenando entusiasticamente para ele. Como Buck gostaria que aquele homem se convertesse! Passara a amá-lo, uma

expressão que ele jamais teria usado para descrever seus sentimentos na ocasião em que conheceu o cientista. Fazia poucos anos, mas parecia um período muito longo. Na época, Buck era o articulista sénior mais jovem da história do Semanário Global, ou melhor, da história do jornalismo internacional. Não se intimidara ao se candidatar à tarefa de traçar o perfil do Dr. Rosenzweig para ser o "Homem do Ano" do Semanário.

Buck conhecera o cientista pouco mais de um ano antes disso, quando Rosenzweig ganhou um prémio internacional por sua invenção (Chaim preferia chamá-la de descoberta) de uma fórmula botânica. Algumas pessoas chegaram a dizer, sem muito exagero, que a fórmula de Rosenzweig tinha o poder de fazer as plantas se desenvolverem em qualquer lugar — até mesmo sobre concreto.

Esta última afirmação nunca foi provada; no entanto, em breve as areias do deserto de Israel começaram a florescer como se fossem uma estufa. Rapidamente a nação inteira transformou-se em um campo fértil, onde cresciam flores, milho, feijão e tudo quanto se pudesse imaginar. Da noite para o dia, Israel havia-se transformado na nação mais rica do mundo.

Os outros países começaram a invejar a fórmula, uma solução evidente para qualquer crise económica. Israel, um país anteriormente vulnerável e geograficamente indefeso, passou a ser uma força mundial — respeitado, temido e invejado.

Rosenzweig tornara-se a personalidade do momento e, de acordo com o Semanário Global, o "Homem do Ano".

Buck gostou muito mais de conhecê-lo do que conhecer qualquer um dos políticos poderosos que ele já entrevistara. Rosenzweig era um homem brilhante dedicado à ciência, humilde, modesto, ingênuo como uma criança, entusiasmado, elegante e uma figura inesquecível. Tratava Buck como um filho.

A ansiedade dos outros países para conseguirem a fórmula foi tão exagerada que eles chegaram ao ponto de designar diplomatas e políticos de alto nível para bajulá-lo.

Rosenzweig fez tantas concessões para atender a um número tão grande de autoridades de outros países que o trabalho de que mais gostava foi deixado de lado. É verdade que ele já estava na idade de aposentar-se, mas ali estava um homem que se sentia muito mais

confortável dentro de um laboratório ou sala de aula do que no meio de diplomatas.

A preciosidade que Israel possuía tornara-se o ícone dos governos do mundo inteiro; todos a reivindicavam.

Chaim havia contado a Buck que todos os interessados na fórmula tinham propósitos escusos.

— Fiz o melhor que pude para manter a calma e ser diplomático — dissera na ocasião, com seu gracioso sotaque hebraico — mas só por estar representando o país onde nasci. Quase cheguei a adoecer quando todos começaram a tentar convencer-me de que eu me tornaria o homem mais rico do mundo se fosse condescendente e lhes cedesse minha fórmula.

O governo de Israel passou a proteger a fórmula de maneira mais rígida. Seus representantes foram tão incisivos ao dizer que a fórmula não estava à venda nem seria arrendada e que os outros países ameaçaram declarar guerra a Israel. A Rússia chegou a atacá-lo. Buck estava em Haifa na noite em que os aviões de guerra chegaram fazendo um barulho enorme. A miraculosa proteção recebida por aquele país contra destruições, ferimentos, mortes — apesar do incrível ataque aéreo — forçou Buck a acreditar em Deus, mas não em Cristo, até então. Não havia outra explicação para o fato de todos os cidadãos e edifícios daquela nação terem permanecido incólumes após os ataques por meio de bombas, mísseis e navios de guerra que surgiram por todos os cantos.

Tal acontecimento levou Buck, que temera por sua vida naquela noite, a buscar a verdade, a qual só foi descoberta após os desaparecimentos e o encontro que teve com Rayford e Chloe Steele.

Foi Chaim Rosenzweig o primeiro a mencionar o nome de Nicolae Carpathia para Buck. Buck perguntara ao cientista se um dos que o bajularam para conseguir a fórmula havia-lhe causado boa impressão. Apenas um, dissera-lhe Rosenzweig; um jovem político de nível médio, procedente do pequeno país da Roménia. Chaim se impressionara com os pontos de vista pacifistas de Carpathia, suas atitudes altruístas e sua insistência em dizer que a fórmula tinha potencial para mudar o mundo e salvar vidas. Ainda soavam nos ouvidos de Buck aquilo que Chaim Rosenzweig lhe dissera certa vez: — Você e Carpathia precisam se conhecer um dia. Vocês vão gostar um do outro.

A primeira vez que Buck ouviu o nome de Carpathia foi durante aquela entrevista com Rosenzweig. Alguns dias após os desaparecimentos, o homem que se tornou presidente da Roménia do dia para a noite foi convidado a falar na Organização das Nações Unidas. Seu breve discurso foi tão convincente, tão influente, tão impressionante que ele cativou todos os presentes, tendo sido aplaudido em pé por toda a imprensa — inclusive por Buck. Evidentemente, o mundo estava em estado de choque, estarrecido diante dos desaparecimentos, e o momento havia sido perfeito para alguém elevar-se ao poder e apresentar um novo plano internacional de paz, harmonia e fraternidade.

Carpathia foi levado ao poder fingindo não almejar tal posição. Depôs o ex-secretáriogeral da Organização das Nações Unidas, reorganizou-a para incluir dez megaterritórios internacionais, rebatizou-a de Comunidade Global, transferiu-a para a Babilónia (que foi reconstruída e passou a chamar-se Nova Babilónia) e elaborou um plano para desarmar o mundo inteiro.

Para conseguir tudo isso, Carpathia teve de lançar mão de algo mais, além de seu carisma. Ele tinha uma vantagem a seu favor. Dominara Rosenzweig. Convencera aquele senhor idoso e o governo de Israel de que a chave para o novo mundo estava nas habilidades, tanto sua como da Comunidade Global, em trocarem a fórmula de Rosenzweig por acordos que visassem ao estabelecimento de regras internacionais para o desarmamento. Em troca de uma garantia assinada por Carpathia de uma proteção de no mínimo sete anos contra seus inimigos, Israel licenciou a fórmula para ele, o que lhe permitiu extrair o que desejasse de qualquer país do mundo. Com a fórmula, a Rússia pôde plantar e colher grãos nas regiões congeladas da Sibéria. As nações africanas carentes transformaram-se em celeiros de alimentos e fontes de exportação de produtos agrícolas.

O poder que a fórmula conferiu a Carpathia possibilitou-lhe fazer com que o restante do mundo caísse de joelhos. Sob o pretexto de filosofias pacifistas, ele exigiu que as nações integrantes da Comunidade Global destruíssem 90% de seu armamento bélico e doassem os 10% restantes ao centro de operações da Comunidade Global. Antes de qualquer um perceber o que acontecera, Nicolae Carpathia, já ostentando o título de grande potentado da Comunidade

Global, havia-se transformado no pacifista mais poderoso, militarmente falando, de toda a história do mundo. Apenas alguns poucos países que suspeitaram dele mantiveram seus armamentos. O Egito, a União das Nações Britânicas e uma facção das forças da milícia norte-americana, organizada clandestinamente, armazenaram armas em número suficiente para provocar aborrecimento e irritação em Carpathia, que revidou com violência. Em resumo, a insurreição e a incrível reação desses países foram o estopim para a Terceira Guerra Mundial, que foi simbolicamente predita na Bíblia como o Cavalo Vermelho do Apocalipse.

A ironia de tudo isso foi que o inocente e dócil Chaim Rosenzweig, que sempre demonstrou estar interessado no bem-estar de outras pessoas, se tornou um defensor público de Nicolae Carpathia. O homem que Buck e seus queridos companheiros do Comando Tribulação acreditavam ser o anticristo transformara aquele meigo botânico em seu instrumento. Carpathia incluía Rosenzweig em muitas situações visivelmente diplomáticas e até mesmo fingia que Chaim fazia parte de seu círculo fechado de amigos.

Todos sabiam que Rosenzweig era simplesmente tolerado e servia de motivo de chacota.

Carpathia fazia dele o que queria. Mesmo assim, Rosenzweig chegava quase ao ponto de adorar aquele homem. Certa vez ele insinuou a Buck que se existia alguém que personificava as qualidades do Messias judeu aguardado há tanto tempo, esse alguém era Nicolae.

Isso havia-se passado muito tempo antes de um dos jovens protegidos de Rosenzweig, o rabino Tsion Ben-Judá, ter divulgado ao mundo os resultados de uma pesquisa encomendada pelo governo de seu país com relação às características que os judeus deveriam encontrar no Messias.

O rabino Ben-Judá, que realizara um estudo elaborado de manuscritos antigos, inclusive do Antigo e do Novo Testamentos, chegara à conclusão que apenas Jesus Cristo englobara todas as profecias necessárias para qualificá-lo como o Messias. Para tristeza do rabino Ben-Judá, ele ainda não havia aceitado a Cristo nem entregado sua vida a ele quando ocorreu o Arrebatamento. O Arrebatamento serviu para reforçar sua opinião de que Jesus era o Messias e que ele voltara para levar seu povo. O rabino, um homem na casa dos quarenta

anos, foi deixado para trás com a esposa, com quem estava casado havia seis anos, e dois enteados adolescentes, um menino e uma menina. Ele surpreendeu o mundo, e principalmente seu país, quando divulgou a conclusão de seu estudo de três anos em um programa de TV ao vivo de âmbito internacional. Assim que declarou sua fé publicamente, ele passou a ser um homem marcado.

Apesar de Ben-Judá ter sido aluno e protegido do Dr. Rosenzweig, e depois seu colega, o cientista ainda se considerava um judeu não-religioso, não-praticante. Em resumo, ele não concordava com a conclusão de Ben-Judá a respeito de Jesus, e, acima de tudo, aquele era um assunto do qual não queria falar.

No entanto, Rosenzweig continuou amigo e defensor de Ben-Judá. Quando Ben-Judá, contando com o apoio e incentivo de dois estranhos — os pregadores do outro mundo que permaneciam diante do Muro das Lamentações — começou a dar testemunho, primeiro no Estádio Teddy Kollek e depois em outros locais semelhantes ao redor do mundo, todos tiveram a certeza de que, mais cedo ou mais tarde, ele sofreria por isso.

Buck sabia que os responsáveis pelo fato de o rabino Tsion Ben-Judá ter conseguido escapar de qualquer atentado contra sua vida eram Moisés e Eli, os dois pregadores, que também impediam que suas próprias vidas fossem ameaçadas. Muitas pessoas tinham morrido misteriosamente e por meio de chamas de fogo quando tentaram atacar aqueles dois. Quase todos sabiam que Ben-Judá era "um dos deles" e por esse motivo ainda não sofrera um atentado mortal.

Agora aquela segurança parecia ter chegado ao fim, e Buck estava em Israel por causa disso. Buck tinha certeza de que Carpathia estava por trás do horror e da tragédia que se abatera sobre a família de Ben-Judá. Os noticiários informaram que homens encapuzados invadiram a casa de Ben-Judá no meio de uma tarde ensolarada, quando os adolescentes tinham acabado de voltar da escola hebraica. Dois homens armados que guardavam a casa foram mortos a tiros. A Sra. Ben-Judá e seus filhos foram arrastados até a rua, decapitados e abandonados no chão sobre poças de sangue.

Os assassinos fugiram em uma perua sem placas. Segundo algumas pessoas, o motorista de Ben-Judá correu até o escritório do rabino na universidade assim que soube da notícia, e levou o patrão

para um local seguro. Onde, ninguém sabia. Ao retornar, o motorista foi interrogado pelas autoridades e pela imprensa, e negou saber qual era o paradeiro de Ben-Judá, dizendo que não o vira desde o momento dos assassinatos e que simplesmente aguardava notícias dele a qualquer momento.

# *CAPÍTULO* **8**

Rayford achava que já havia dormido o suficiente depois de ter tirado alguns cochilos durante sua longa viagem. Ele não calculara o efeito que a tensão, o terror e o asco teriam sobre sua mente e corpo. No apartamento onde morava com Amanda, um local com ar-condicionado e o mais confortável dentro dos padrões do Iraque, ele trocou de roupa e sentou-se na beira de sua cama. Com os ombros caídos e os cotovelos apoiados nos joelhos, ele deu um suspiro profundo e só então percebeu o quanto estava exausto.

Finalmente, conseguira ter notícias de casa. Sabia que Amanda estava salva, que Chloe estava melhorando e que Buck — como sempre — estava viajando. Só não sabia o que pensar sobre a ameaça que Verna Zee representava à segurança do pessoal do Comando Tribulação em sua nova casa (a de Loretta). Mas ele confiava em Buck, e em Deus.

Rayford deitou-se de costas por cima da colcha. Colocou as mãos atrás da cabeça e fixou o olhar no teto. Ele adoraria dar uma espiada no tesouro encontrado nos arquivos do computador de Bruce. E enquanto estava sendo levado a dormir um sono profundo, tentava descobrir um meio de voltar a Chicago até domingo. Com certeza haveria um jeito de poder assistir ao culto em memória de Bruce. Ele estava suplicando isso a Deus quando foi vencido pelo sono.



Chaim Rosenzweig sempre costumava cumprimentar Buck com um sorriso entusiasmado no rosto. Agora aquele sorriso desaparecera. Quando Buck caminhou em sua direção, Rosenzweig simplesmente foi ao seu encontro para abraçá-lo e disse em voz rouca pela emoção: — Cameron! Cameron!

Buck curvou-se para abraçar seu amigo franzino, e Rosenzweig segurou-o com força, apertando-o como se ele fosse uma criança. Escondeu o rosto no ombro de Buck e chorou amargamente. Buck

quase perdeu o equilíbrio, com o peso de sua mochila puxando-o para um lado e Chaim Rosenzweig puxando-o para o outro. Sentiu que ia cair sobre seu amigo. Lutou para permanecer firme, segurando Chaim e deixando que ele chorasse.

Por fim, Rosenzweig soltou-se dele e levou-o até uma fileira de cadeiras. Buck avistou o motorista de Rosenzweig, um homem alto e de tez escura, em pé a mais ou menos três metros de distância e com as mãos cruzadas diante de si. Parecia constrangido e preocupado com seu patrão.

Chaim fez um movimento com a cabeça para que ele se aproximasse.

— Você se lembra de André?

— Ah, sim — disse Buck, balançando afirmativamente a cabeça. — Como vai?

André respondeu em hebraico. Não falava nem entendia inglês. Buck não falava e não entendia hebraico.

Rosenzweig disse alguma coisa a André e ele saiu apressado.

— Ele foi buscar o carro — disse Chaim.

— Vou ficar apenas uns dias aqui — disse Buck. — Quais são as novidades? Você já sabe onde Tsion está?

— Não! Cameron, isso é terrível! Que coisa medonha, horrível! Acabaram com a vida da família de um homem e com a reputação dele!

— Mas você teve notícias dele ...

— Um telefonema. Ele disse que você sabia onde começar a procurá-lo. Mas, Cameron, você soube das últimas notícias?

— Nem imagino.

— As autoridades estão tentando responsabilizar Tsion pelos assassinatos de sua família.

— Ora, vamos! Ninguém vai aceitar isso! Não há nada que aponte para essa direção.

Por que ele faria isso?

— Claro que você e eu sabemos que ele jamais faria tal coisa, Cameron, mas quando elementos maus querem pegar a gente, não há nada que os segure. Você já sabe o que aconteceu com o motorista dele?

— Não.

Rosenzweig balançou a cabeça e encostou o queixo no peito.

— O quê? — perguntou Buck. — Ele também?

— Sim. Uma bomba no carro. O corpo dele ficou quase irreconhecível.

— Chaim! Você tem certeza de que está em segurança? Seu motorista sabe como ...

— Dirigir defensivamente? Verificar se há bombas no carro? Defender-se ou defenderme?

Sim, para todas estas perguntas. André é um motorista muito hábil. Isso não acalma meus temores, admito dizer, mas sinto que estou protegido o mais que posso.

— Mas você está relacionado ao Dr. Ben-Judá. Aqueles que o estão procurando tentarão seguir você para encontrá-lo.

— O que significa que você não deve ser visto comigo — disse Rosenzweig.

— É tarde demais para isso — disse Buck.

— Também não é assim. André assegurou-me que não fomos seguidos até aqui. Eu não me surpreenderia se alguém nos seguisse daqui em diante, mas até agora creio que ninguém se deu conta de nós.

— Ótimo! Passei pela alfândega com meu passaporte falso. Você mencionou meu nome quando fez a reserva no hotel?

— Infelizmente sim, Cameron. Sinto muito. Cheguei a usar meu nome para garantir a reserva.

Buck reprimiu um sorriso diante da ingenuidade daquele homem.

— Bem, meu amigo, então vamos usar isso para mantê-los longe de nós, hein?

— Cameron, não sou muito bom nessas coisas.

— Peça a André que o leve diretamente até aquele hotel. Diga-lhes que meus planos mudaram que eu só chegarei no domingo.

— Cameron! Como você consegue raciocinar tão rápido?

— Agora, apresse-se. E não devemos mais ser vistos juntos. Vou permanecer aqui até sábado à noite. Ligue para mim neste número.

— É seguro?

— É um telefone via satélite, a última novidade em tecnologia. Ninguém pode grampeá-lo. Só não escreva meu nome ao lado do número, e não o forneça a ninguém.

— Cameron, por onde você começará a procurar Tsion?

— Tenho algumas ideias — disse Buck. — E você sabe, se eu puder tirá-lo deste país, vou tirá-lo.

— Excelente! Se eu fosse um homem de oração, oraria por você.

— Chaim, em breve você vai precisar ser um homem de oração.

Chaim mudou de assunto.

— Só mais uma coisa, Cameron. Fiz uma ligação para Carpathia pedindo a ajuda dele.

— Gostaria que você não tivesse feito isso, Chaim. Não confio nele tanto quanto você.

— Eu percebi, Buck — disse Rosenzweig — mas você precisa conhecer melhor aquele homem.

Se você soubesse, pensou Buck.

— Chaim, vou tentar me comunicar com você assim que eu souber de alguma coisa.

Ligue para mim só se houver necessidade.

Rosenzweig abraçou-o com força novamente e saiu apressado. Buck utilizou um telefone público para ligar para o Hotel Rei Davi. Reservou um quarto por duas semanas sob o nome de Herb Katz.

— Qual a empresa que o senhor representa? — perguntou o funcionário. Buck pensou por um instante.

— International Harvester — ele disse, pensando que esse nome seria uma ótima indicação tanto para Bruce Barnes como para Tsion Ben-Judá.



Rayford arregalou os olhos. Não havia se mexido do lugar. Não tinha ideia de quanto dormira, mas alguma coisa havia interrompido seu sono. O ruído da campainha do telefone na mesa de cabeceira fez com que ele desse um pulo na cama. Ao tentar alcançá-lo, percebeu que seu braço estava dormente. Não obedecia aos seus comandos.

Mas ele deu um jeito de agarrar o fone.

— Aqui é Steele — ele disse, com a voz trémula.

— Capitão Steele? Você está bem? — Era Hattie Durham. Rayford rolou na cama e colocou o fone entre o ombro e o queixo. Apoiou-se no

cotovelo e disse: — Estou bem, Hattie. E você, como vai?

— Mais ou menos. Gostaria de me encontrar com você. Embora as cortinas estivessem fechadas, a claridade do sol forte da tarde tentava atravessá-las.

— Quando? ele perguntou.

— Que tal jantarmos juntos esta noite? — ela disse. — Poderíamos marcar às seis?

A mente de Rayford girava rapidamente. Será que ela já sabia que sua posição seria rebaixada na administração de Carpathia? Será que queria ser visto em público ao lado dela enquanto Amanda estivesse longe7.

— É urgente, Hattie? Amanda está nos Estados Unidos, mas voltará dentro de uma semana ou pouco mais ...

— É, Rayford, preciso muito conversar com você. Nicolae tem reuniões a partir de agora até a meia-noite e depois vai jantar com seu pessoal. Ele disse que não se importa que eu converse com você. Sei que você quer manter as aparências. Mas não se trata de um encontro amoroso. Vamos jantar juntos em algum lugar onde fique claro que somos apenas dois velhos amigos conversando. Por favor.

— Acho que posso aceitar — disse Rayford, curioso.

— Meu motorista vai pegá-lo às seis, está bem, Rayford?

— Hattie, faça-me um favor. Se você está dizendo que não quer que esse encontro pareça outra coisa, por favor não se vista de maneira extravagante.

— Capitão Steele — ela disse em tom formal — sair para me divertir é a última coisa que passa pela minha cabeça.



Buck instalou-se em seu quarto no terceiro andar do Hotel Rei Davi. Ligou, por intuição, ao escritório do Global Commu-nityEast Coast Daily Times [Diário da Comunidade Global da Costa Leste], em Boston, e pediu para falar com seu velho amigo Steve Plank, que havia sido seu chefe no Semanário Global. Na ideia de Buck, isso parecia ter acontecido muitos séculos atrás. Plank deixara repentinamente o

Semanário pra trabalhar como secretário de imprensa de Carpathia quando este último se tornou secretário-geral da Organização das Nações Unidas. Logo a seguir, Steve foi promovido para .a lucrativa posição que ele agora ocupava.

Buck não se surpreendeu ao ser informado que Plank estava ausente do escritório.

Ele estava na Nova Babilónia recebendo ordens de Nicolae Carpathia e, sem dúvida, sentindo-se muito importante por isso. Buck tomou uma ducha e tirou um cochilo.



Rayford sentiu que ainda poderia dormir por várias horas. Não tinha a intenção de passar muito tempo com Hattie Durham. Vestiu uma roupa comum, mas suficientemente adequada para apresentar-se em um local como o Bistrô Global, que Hattie e Nicolae costumavam frequentar.

Evidentemente, Rayford não deixaria transparecer que sabia do rebaixamento de cargo de Hattie antes dela. Deixaria que ela contasse sua história com todos os detalhes e amarguras. Ele não se importaria. Tinha de fazer isso por Hattie. Ainda sentia-se culpado a respeito do lugar em que ela estava, tanto do ponto de vista geográfico como do ponto de vista pessoal. Não parecia que ela havia sido objeto de seu desejo pouco tempo atrás.

Rayford não chegou a realizar seu intento, mas era em Hattie que ele estava pensando na noite do Arrebatamento. Como ele pôde ter sido tão surdo, tão cego, tão sonhador? Um homem bem-sucedido profissionalmente, casado havia mais de vinte anos, com uma filha na faculdade e um filho de 12 anos, sonhando acordado com a chefe do serviço de bordo e justificando tal atitude porque sua esposa havia se entregado de corpo e alma à religião! Ele balançou a cabeça. Irene, aquela pequenina e encantadora mulher que ele sempre considerou como propriedade sua, aquela que tinha o nome de uma tia muitos anos mais velha, conhecera a verdade, com V maiúsculo, muito tempo antes de qualquer um deles.

Rayford sempre frequentara a igreja assiduamente e se considerava um cristão.

Mas, para ele, a igreja era um lugar para reunir-se, confraternizar-se e parecer respeitável. Rayford sentia-se nervoso quando os pregadores faziam sermões muito críticos ou muito literais. E quando Irene descobriu uma pequena congregação que parecia ser muito mais exigente em relação a seus membros, ele começou a encontrar desculpas para não acompanhá-la. Quando ela começou a falar sobre a salvação de almas, sobre o sangue de Cristo e sobre a volta de Cristo, Rayford convenceu-se de que sua esposa estava maluca. Quanto tempo havia passado desde a época em que ele a acompanhava, entregando folhetos de porta em porta?

Essa tinha sido a justificativa, pelo menos em sua mente, para seus galanteios a Hattie Durham. Hattie tinha 15 anos menos que ele e era encantadora. Apesar de terem jantado juntos algumas vezes e tomado drinques com muito mais frequência, e apesar dos trejeitos e dos olhares que ela lhe lançava, Rayford nunca a havia tocado. Seus contatos não haviam passado de um leve toque no braço quando Hattie esbarrava nele ou quando ela colocava as mãos em seus ombros ao lhe dirigir a palavra na cabina de comando, mas Rayford impedira, de uma maneira ou outra, que a situação avançasse.

Naquela noite sobre o Atlântico, com o 747 lotado e ligado no piloto automático, ele finalmente reunira coragem para propor algo mais concreto a ela. Agora, sentia-se envergonhado por ter de admitir que naquela época ele estava pronto para tomar o passo mais decisivo e arrojado em direção a um relacionamento físico.

Porém, as palavras não chegaram a sair de sua boca. Quando ele saiu da cabina para procurá-la, ela o deixou pasmo ao contar-lhe a notícia sobre o desaparecimento de um quarto do total de passageiros do avião, que deixaram para trás apenas roupas e objetos pessoais. A cabina de comando, que normalmente era escura e silenciosa às quatro horas da madrugada, de repente tornou-se barulhenta quando as pessoas perceberam o que estava se passando. Foi naquela noite que Rayford disse a Hattie que ignorava tanto quanto ela o motivo de tudo aquilo estar acontecendo. Mas ele sabia muito bem. Irene estava certa. Cristo voltara para arrebatar sua Igreja. Rayford, Hattie e três quartos do total de passageiros haviam sido deixados para trás.

Naquela época Rayford ainda não conhecia Buck Williams, não sabia que Buck era um passageiro de primeira classe naquele mesmo vôo. Não sabia que Buck e Hattie haviam conversado, que Buck usara seu computador e a Internet para tentar saber se a família dela estava bem. Só posteriormente é que Rayford descobriu que Buck apresentara Hattie a Nicolae Carpathia, um novo líder internacional, famoso e brilhante. Rayford conheceu Buck em Nova York. Estava lá para desculpar-se com Hattie por seu mau comportamento em relação a ela e tentar convencê-la da verdade acerca dos desaparecimentos. Buck estava lá para apresentá-la a Carpathia, entrevistar Carpathia e entrevistar Rayford — o capitão de Hattie. Buck estava simplesmente tentando compor uma história sobre as muitas opiniões a respeito dos desaparecimentos.

Rayford tinha usado de sinceridade e concentrado seus objetivos visando persuadir Buck de que passara a conhecer a verdade. Foi naquela noite que Buck conheceu Chloe.

Tantas coisas aconteceram em tão pouco tempo! Menos de dois anos depois, Hattie tornou-se assistente pessoal e amante de Nicolae Carpathia, o anticristo. Rayford, Buck e Chloe tornaram-se crentes em Cristo. E todos os três temiam pela sorte de Hattie Durham.

Talvez esta noite, pensou Rayford, eu possa exercer alguma influência positiva sobre Hattie.



Buck sempre teve a facilidade de acordar sozinho quando queria. Poucas vezes não conseguira. Ele havia dito a si mesmo que queria acordar às 18 horas. Despertou na hora certa, menos descansado do que esperava, mas ansioso por agir. Pegou um táxi e disse ao motorista:
— Muro das Lamentações, por favor. Momentos depois, ele chegou perto do local e desceu do táxi. Ali, não muito distante do Muro das Lamentações, atrás de uma cerca de ferro forjado, estavam os homens que Buck conhecera como as duas testemunhas profetizadas na Bíblia.

Eles referiam-se um ao outro como Moisés e Eli, e realmente pareciam ter vindo de um outro tempo e de um outro mundo. Usavam

trajes esfarrapados feitos com tecido semelhante a aniagem. Estavam descalços e tinham pele escura e rija. Ambos tinham cabelos compridos e grisalhos, e barbas malcuidadas. Eram fortes, tinham articulações ossudas e pernas e braços musculosos. Qualquer pessoa que ousasse aproximar-se deles sentia odor de fumaça. Os que tentaram atacá-los haviam sido mortos. Várias pessoas que correram na direção deles com armas automáticas pareceram chocar-se contra uma parede invisível e caíram mortos ali mesmo. Outras foram carbonizadas com o fogo expelido da boca das duas testemunhas.

Ambos pregavam quase que constantemente na linguagem e cadência da Bíblia, e o que diziam soava como blasfémia aos ouvidos dos judeus devotos. Falavam do Cristo crucificado, chamando-o de Messias, o Filho de Deus.

A única vez em que o povo os viu longe do Muro das Lamentações foi no Estádio Teddy Kollek, quando eles apareceram ao lado do rabino Tsion Ben-Judá, um cristão recém-convertido. Os noticiários do mundo inteiro mostraram aqueles dois homens estranhos, falando em uníssono, sem usar microfones e, mesmo assim, sendo ouvidos perfeitamente pelas pessoas que estavam sentadas nas últimas fileiras.

— Aproximai-vos do servo do Deus altíssimo — eles haviam gritado — e ouvi-o com atenção! Ele está entre os primeiros dos 144 mil que partirão desta e de muitas outras nações para proclamar o evangelho de Cristo por todo o inundo! Aqueles que se voltarem contra Ele, como os que antes se voltaram contra nós antes do tempo apropriado, certamente morrerão!

As testemunhas não permaneceram o tempo todo na plataforma nem no estádio durante aquela primeira concentração evangelística no Estádio Teddy Kollek. Saíram sorrateiramente e já estavam de volta ao Muro das Lamentações quando a reunião terminou. Nos 18 meses seguintes, reuniões semelhantes em estádios enormes se repetiram inúmeras vezes em todos os países do mundo, resultando em dezenas de milhares de convertidos. Inimigos do rabino Ben-Judá tentaram "voltar-se contra ele"

durante aquele ano e meio, conforme as testemunhas haviam advertido. Outros pareceram entender o que estava acontecendo e arrependeram-se de suas intenções.

Uma calmaria de três ou quatro semanas após algumas ameaças de morte serviu para dar uma trégua ao incansável Ben-Judá. Mas agora ele estava escondido, e sua família e seu motorista haviam sido trucidados.

Ironicamente, a última vez que Buck esteve no Muro das Lamentações para observar e ouvir as duas testemunhas foi na companhia do rabino Ben-Judá. Eles retornaram ao local naquela mesma noite e tiveram a coragem de aproximar-se da cerca e conversar com os homens que mataram todas as outras pessoas que haviam feito a mesma coisa. Buck entendera em sua própria língua o que eles disseram, apesar de a gravação que ele fez do incidente ter provado que as testemunhas falaram em hebraico.

O rabino Ben-Judá começara a conversa repetindo as palavras de Nicodemos, o homem que se encontrou com Jesus à noite, e as testemunhas reagiram da mesma forma que Jesus. Aquela foi a noite mais emocionante da vida de Buck.

Agora, lá estava ele, sozinho, à procura de Ben-Judá, que dissera a Chaim Rosenzweig que só Buck saberia onde encontrá-lo. E ele não podia pensar em lugar mais apropriado.

Como de costume, havia uma imensa multidão diante das testemunhas, embora o povo soubesse que deveria manter distância. A raiva e a ira de Nicolae Carpathia não haviam afetado Moisés e Eli. Mais de uma vez, até mesmo em público, Carpathia perguntara se não haveria alguém capaz de afugentar aqueles dois sujeitos inconvenientes. Desculpando-se, os líderes militares responderam que não existiam armas com o poder de destruí-los. As próprias testemunhas referiam-se constantemente à tolice de tentar destruí-los antes do tempo apropriado".

Bruce Barnes explicara ao Comando Tribulação que no tempo apropriado Deus permitiria que as testemunhas se tornassem vulneráveis, e que seriam agredidas. Buck acreditava que isso só ocorreria dali a um ano e meio, mas, mesmo assim, essa idéia era um pesadelo para sua alma.

Nesta noite as testemunhas estavam fazendo a mesma coisa de todos os dias, desde a assinatura do tratado entre Israel e Carpathia: proclamando o terrível dia do Senhor. E elas se referiam a Jesus Cristo como "o Deus Poderoso, o Pai Eterno e o Príncipe da Paz. Que nenhum

outro homem se proclame soberano deste mundo! Aquele que disser tal coisa não é o Cristo, mas o anticristo, e com certeza morrerá! A desgraça cairá sobre qualquer um que pregar um evangelho diferente! Jesus é o único Deus verdadeiro, criador do céu e da terra!"

Buck sempre se emocionava diante da pregação das testemunhas. Ele observou a multidão e viu pessoas de várias raças e culturas. Sabia por experiência que muitas não compreendiam a língua hebraica. Estavam ouvindo as testemunhas em sua própria língua, da mesma forma que ele.

Buck andou ao redor da multidão de cerca de 300 pessoas e ficou na ponta dos pés para ver as testemunhas. De repente, ambos pararam de pregar e se aproximaram da cerca. O povo afastou-se de uma só vez, temendo por suas vidas. As testemunhas estavam agora bem perto da cerca. O povo mantinha uma distância de mais ou menos 15 metros. Buck estava atrás da multidão.

Para Buck, estava claro que as testemunhas notaram sua presença. Os dois fixaram os olhos nele, deixando-o imóvel. Sem fazer nenhum gesto ou movimento, Eli começou a pregar.

— Quem tem ouvidos para ouvir, ouça! Não temais, porque sei que buscais a Jesus, que foi crucificado. Ele não está aqui; ressuscitou, como havia dito.

Os crentes que estavam no meio da multidão murmuraram amém e palavras de aquiescência. Buck não conseguia sair do lugar. Moisés deu um passo à frente e parecia estar falando diretamente a ele.

— Não temais, porque sei a quem buscais. Ele não está aqui.

Eli voltou a falar: — Ide, pois, depressa, e dizei aos seus discípulos que Cristo ressuscitou dos mortos!

Moisés continuava a olhar firme para Buck.

— Ele vai adiante de vós para a Galiléia. Ali o vereis. É como vos digo.

As testemunhas pararam de falar, e permaneceram em silêncio e com o olhar fixo por um longo tempo, como se tivessem se transformado em pedras. A multidão parecia nervosa e começou a dissipar-se. Alguns aguardaram para ver se as testemunhas falariam novamente, mas o silêncio perdurou. Em breve, apenas Buck permanecia ali, em pé no mesmo lugar onde estava havia alguns minutos. Ele não conseguia tirar os olhos de Moisés. Os dois limitaram-

se a permanecer diante da cerca, olhando para ele. Buck começou a avançar na direção deles, parando a pouco mais de cinco metros de distância.

As testemunhas não se moveram. Davam a impressão de nem sequer estar respirando.

Buck não percebeu nenhum piscar de olhos, nenhuma contração muscular. Sob a ténue luz do crepúsculo, ele observava atentamente os rostos dos dois. Nenhum deles abriu a boca, mas Buck ouviu claramente e em sua própria língua: — Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

# *CAPÍTULO* **9**

Rayford foi avisado pelo interfone do condomínio onde morava que o motorista de Hattie o aguardava. O motorista o conduziu até o espaçoso Mercedes branco e abriu a porta traseira. Havia lugar para sentar-se ao lado de Hattie, mas Rayford preferiu sentarse de frente para ela. Hattie cumprira o prometido de não vestir-se com exagero, mas mesmo com poucos enfeites, ela estava encantadora. Ele resolveu não comentar. A preocupação estava estampada no rosto dela.

— Fico muito grata por você ter concordado em se encontrar comigo.

— Claro que concordo em me encontrar com você. O que houve?

Hattie olhou de relance para o motorista.

— É melhor conversarmos durante o jantar — ela disse. -Vai ser no Bistrô, você concorda?



Buck permaneceu imóvel diante das testemunhas enquanto o sol se punha no horizonte. Olhou ao redor para ter a certeza de que não havia mais ninguém ali.

— É só isso o que tendes a me dizer? Que ele está na Galiléia?

De novo, sem movimentar os lábios, as testemunhas falaram: — Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.

Galiléia? Será que a Galiléia ainda existia? Por onde e quando Buck deveria começar a busca? Com certeza ele não queria vasculhar a área durante a noite. Precisava saber para onde deveria ir, ter alguma indicação. Virou-se para trás para ver se havia táxis por perto.

Avistou alguns. Voltou a olhar para as testemunhas.

— Se eu voltar aqui mais tarde, poderei ter mais informações?

Moisés afastou-se da cerca e sentou-se no chão, encostado na parede. Eli fez um gesto e disse em voz alta: — As aves dos céus têm seus ninhos, mas o Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça.

— Não compreendo — disse Buck. — Preciso de mais informações.

— Quem tem ouvidos ... Buck estava frustrado.

— Voltarei à meia-noite. Estou suplicando a vossa ajuda. Eli também estava se afastando.

— E eis que estou convosco sempre, até a consumação do século.

Buck partiu, planejando voltar, mas sentindo um estranho entusiasmo por aquela última promessa misteriosa. Aquelas foram palavras de Cristo. Será que Jesus estava falando diretamente a ele por meio da boca das duas testemunhas? Que privilégio indizível! Ele pegou um táxi de volta ao Hotel Rei Davi, confiante de que em breve encontraria Tsion Ben-Judá.



Rayford e Hattie foram cumprimentados efusivamente pelo maitre do Bistrô Global. Ela foi reconhecida, mas evidentemente, Rayford não.

— A mesa de sempre, madame?

— Não, obrigada, Jeoffrey, mas também não queremos um lugar reservado.

Eles foram conduzidos a uma mesa para quatro pessoas. Dois atendentes apressaram-se em colocar pratos e talheres para duas pessoas, e o garçom puxou uma cadeira para Hattie e apontou outra ao lado dela para Rayford sentar-se. Mas Rayford continuava a pensar nas aparências. Resolveu sentar-se de frente para Hattie, mesmo sabendo que teriam de conversar alto por causa do barulho do local. O garçom hesitou, parecendo irritado, mas finalmente mudou os pratos e os talheres de lugar, colocando-os diante de Rayford. Isso teria sido motivo de riso para Rayford e Hattie em tempos passados, nas poucas ocasiões em que jantaram juntos às escondidas, e quando cada um deles parecia estar imaginando o que o outro pensava a respeito do futuro. Hattie tinha sido mais atrevida que Rayford, embora ele nunca a tivesse desencorajado.

Os aparelhos de TV do Bistrô levavam ao ar notícias da guerra ao redor do mundo.

Hattie fez um sinal para o maitre, que se aproximou imediatamente.

— Acho que o potentado não gostaria que os clientes que frequentam este local para relaxar um pouco ouvissem essas notícias deprimentes.

— Essas notícias estão em todas as emissoras, madame.

— Não há uma que transmita músicas?

— Vou verificar.

Em poucos instantes, todos os aparelhos de TV do Bistrô Global exibiam vídeos musicais. Várias pessoas aplaudiram, mas Rayford percebeu que Hattie mal se deu conta disso.

No passado, quando eles estavam cogitando em ter um caso, Rayford sempre tinha de tomar a iniciativa de pedir os pratos e lembrar Hattie de que ela precisava alimentarse.

Ela concentrava-se inteiramente nele, o que o fazia sentir-se lisonjeado e sedutor.

Agora a situação era outra.

Hattie estudava o cardápio como se tivesse de fazer um teste a respeito dele na manhã seguinte. Aos 29 anos e grávida pela primeira vez, ela estava mais linda que nunca. Sua gravidez em estágio inicial ainda não podia ser notada por ninguém, a não ser que ela contasse. E ela contou a Rayford e Amanda na última vez em que se encontraram. Na ocasião, Hattie parecia estar emocionada, orgulhosa de seu anel de brilhante e ansiosa para falar sobre seu casamento iminente. Ela dissera a Amanda: — Nicolae ainda vai fazer de mim uma mulher famosa. Hattie estava usando seu pomposo anel de brilhante; no entanto, a pedra estava virada para baixo e apenas o aro do anel era visível. Hattie demonstrava claramente ser uma mulher infeliz, e Rayford gostaria de saber se essa tristeza fora ocasionada pela fria recepção de Nicolae no aeroporto. Gostaria de fazer-lhe esta pergunta, mas o encontro havia sido ideia de Hattie.

Ela é quem deveria decidir o que dizer.

Apesar de o Bistrô Global ter um nome de origem francesa, foi Hattie quem ajudou a montá-lo, e o cardápio incluía pratos da cozinha internacional, principalmente dos Estados Unidos. Ela pediu um prato

exageradamente grande, o que não era seu costume. Rayford quis apenas um sanduíche. Hattie falou pouco até terminar a refeição, inclusive a sobremesa. Rayford conhecia de antemão todas as desculpas que viriam, inclusive que ela agora estava se alimentando por dois, mas ele acreditava que Hattie comia demais por nervosismo, na tentativa de adiar um assunto que ela realmente precisava desabafar.

— Você acredita que já se passaram quase dois anos desde que você trabalhou comigo como chefe do serviço de bordo? — ele disse, tentando dar início à conversa.

Hattie endireitou o corpo na cadeira, cruzou as mãos sobre o colo e inclinou-se para a frente.

— Rayford, estes dois anos foram os mais incríveis de minha vida.

Ele lançou-lhe um olhar de indagação, imaginando se ela os considerava bons ou maus.

— Você ampliou seus horizontes — ele disse.

— Pense nisto, Rayford. Eu sempre quis ser comissária de bordo. Todas as minhas colegas da Escola de Segundo Grau do Leste de Maine queriam ser comissárias de bordo.

Nós todas fizemos a inscrição, mas só eu consegui. Fiquei muito orgulhosa, mas em breve essa profissão perdeu o encanto para mim. Eu passava a metade do tempo pensando para onde estávamos indo, quando chegaríamos ao destino e quando voltaríamos. Mas eu gostava muito das pessoas, da liberdade de viajar e de visitar todos aqueles lugares.

Você sabe que tive alguns namoros sérios aqui e ali, mas nenhum deles deu certo.

Quando fiquei um pouco mais velha E resolvi me dedicar apenas a aviões e rotas, apaixonei-me perdidamente por um de meus pilotos, mas isso também nunca deu certo.

— Hattie, eu gostaria que você não trouxesse esse assunto à baila. Você sabe como me sinto quando penso naquela época.

— Eu sei, e lamento muito. Não houve nada de concreto, apesar de eu ter esperado por isso. Aceitei sua explicação e suas desculpas, mas isso não tem nada a ver com o assunto do momento.

— Acho bom porque, como você sabe, casei-me novamente e estou muito feliz.

— Eu invejo você, Rayford.

— Pensei que você e Nicolae iam se casar.

— Eu também. Agora não tenho mais tanta certeza. E nem sei se quero.

— Se você quiser falar desse assunto, estou disposto a ouvir. Como não sou especialista em assuntos do coração, provavelmente não terei nenhum conselho a dar, mas posso ouvir, se é isso o que você deseja.

Hattie aguardou até que os pratos fossem retirados da mesa, e disse ao garçom: — Ficaremos aqui por mais algum tempo.

— Vou anotar isso em sua conta — disse o garçom. — Duvido que alguém tenha a coragem de afugentá-la daqui. — Ele sorriu para Rayford, parecendo ter gostado de seu próprio senso de humor. Rayford forçou um sorriso.

Depois que o garçom se afastou, Hattie sentiu-se livre para prosseguir.

— Rayford, talvez você não saiba, mas tive uma queda por Buck Williams. Você deve lembrar-se de que ele estava em nosso avião naquela noite.

— Claro.

Naquele dia, não lancei um olhar provocante para ele porque ainda estava apaixonada por você. Mas ele foi muito gentil. E prestativo. Tinha um emprego muito importante. Nós dois temos mais ou menos a mesma idade.

— E...?

— Bem, para lhe dizer a verdade, quando você me despachou ...

— Hattie, nunca despachei você. Não foi nada disso. Nenhum de nós era um objeto.

— Até então.

— Está bem, até então — ele disse. — Mas você tem de admitir que não houve nenhum compromisso, nenhuma manifestação de compromisso.

— Houve muitas insinuações, Rayford.

— Devo admitir que houve. Mas é injusto você dizer que eu a despachei.

— Dê a isso o nome que você quiser, mas eu me senti como se tivesse sido despachada, está bem? De uma forma ou outra, de repente

Buck pareceu-me um homem muito atraente. Tenho certeza de que ele pensou que eu o estava usando para conhecer uma pessoa famosa, o que, de fato, aconteceu. Fiquei muito grata a Buck por ele ter-me apresentado a Nicolae.

— Desculpe-me, Hattie, mas isso não é novidade.

— Eu sei, mas estou tentando chegar a um ponto. Pense comigo. Assim que conheci Nicolae, levei um susto. Ele era apenas um pouco mais velho que Buck. Mas parecia ter muito mais idade. Era um homem que viajava pelo mundo inteiro, um político internacional, um líder. Já era o homem mais famoso do mundo. Eu sabia que seu sucesso seria maior ainda. Sentia-me como uma colegial e não podia imaginar que conseguira impressioná-lo. Quando ele começou a demonstrar interesse, pensei que fosse um interesse meramente físico. E devo admitir que teria um relacionamento físico com ele sem pestanejar e não teria me arrependido. Tivemos um caso, e me apaixonei, mas Deus é testemunha... oh, Rayford, sinto muito. Eu não devia falar destas coisas com você, mas nunca esperei que ele se interessasse por mim, de verdade. Eu sabia que nosso caso era passageiro, e estava determinada a curti-lo enquanto durasse.

— Mas cheguei ao ponto de detestar quando ele viajava. Eu dizia a mim mesma para manter a cabeça no lugar. Em breve tudo terminaria, e eu acreditava que estava preparada. Mas, de repente, ele me fez uma surpresa. Nomeou-me sua assistente pessoal. Eu não tinha nenhuma experiência, nenhuma habilidade para ocupar a função.

Sabia que essa seria a única maneira de estar disponível para ele após o expediente.

Mesmo assim, fiquei satisfeita, apesar de temer como seria minha vida quando ele se tornasse cada vez mais atarefado. Bem, meus temores se concretizaram. Ele ainda é o homem mais incrível que conheci; é charmoso, agradável, dinâmico e poderoso. Mas eu represento para ele exatamente o que sempre temi representar. Você sabe que ele costuma trabalhar 18 horas por dia, e às vezes vinte? Não significo nada para ele, e sei disso.

— Eu costumava me envolver em algumas discussões. E ele extraía de mim uma ou duas ideias. Mas o que entendo de política internacional? Quando eu fazia algum comentário tolo com base em meus conhecimentos limitados, ele ria de mim ou me ignorava. De

repente, ele nunca mais pediu minha opinião. Passei a cuidar de coisas insignificantes, como ajudar a montar este restaurante e receber grupos de turistas que vêm visitar a nova sede da Comunidade Global. Não passo de um objeto decorativo, Rayford. Ele só me deu o anel de noivado depois que engravidei, mas ainda não me pediu em casamento. Acho que isso basta para eu ter entendido.

— Quando aceitou o anel, você não fez nenhuma insinuação de que gostaria de se casar com ele?

— Oh, Rayford, a ocasião não foi nada romântica. Ele simplesmente pediu que eu fechasse os olhos e estendesse a mão. Aí ele colocou o anel em meu dedo. Eu não sabia o que dizer. Apenas sorri.

— Você está dizendo que não se sente compromissada com ele?

— Não sei mais como me sinto. Nem sei se ele sente alguma coisa por mim, a não ser atração física.

— E quanto a todas as pompas? A riqueza? Seu carro com motorista? Suponho que você tenha uma verba para despesas — Tenho tudo isso, sim. — Hattie parecia cansada, mas prosseguiu. — Para lhe dizer a verdade, tudo aquilo é igual ao que meu antigo emprego foi para mim. A gente se cansa rapidamente da rotina. Com certeza, fiquei embriagada pelo poder, pelo brilho e pelo charme de minha posição. Mas não sou mais eu. Não conheço ninguém aqui. As pessoas me tratam com deferência e respeito só por causa do homem com quem convivo. Mas ninguém o conhece de verdade. Nem eu. Eu preferiria que ele ficasse furioso comigo a me ignorar. Outro dia perguntei a ele se eu podia voltar para os Estados Unidos e passar algum tempo lá visitando meus amigos e familiares. Ele se irritou com minha pergunta e disse: "Apenas me mantenha informado. Vá em frente e providencie tudo.

Tenho coisas mais importantes para fazer do que me preocupar com seus programas insignificantes." Para ele, não passo de uma peça de mobília, Rayford.

Rayford estava aguardando o momento propício. Havia muitas coisas que ele queria lhe dizer.

— Vocês conversam muito?

— Se conversamos muito? Não conversamos. Agora nós apenas convivemos.

Rayford escolheu as palavras com cuidado.

— Eu só estou curioso a respeito do que ele sabe sobre Chloe e Buck.

— Oh, não se preocupe com isso. Por mais que Nicolae seja esperto e por mais "espiões" que tenha para vigiar tudo e todos, duvido que ele imagine que possa existir uma ligação entre você e Buck. Eu nunca mencionei a ele que Buck se casou com sua filha. E nunca mencionarei.

— Por quê?

— Acho que ele não precisa saber, só isso. Por um motivo ou outro, Rayford, ele confia em você em algumas coisas e não confia nada em outras.

— Já percebi.

— O que você percebeu? — ela perguntou.

— Por exemplo, me deixar de fora dos planos para o Condor 216 — respondeu Rayford.

— Ah, sim — ela disse — e você não acha que Nicolae foi criativo ao incluir o número do escritório dele no nome do avião?

— Só achei muito estranho ser piloto dele e fiquei surpreso com o novo equipamento.

— Se você convivesse com ele, nada disso o surpreenderia. Faz meses que estou por fora de tudo. Rayford, você pode imaginar que ninguém me avisou nada quando a guerra estourou?

— Ele não ligou para você?

— Eu nem sabia se ele estava vivo ou morto. Ouvi o que ele disse pelos noticiários, como qualquer outra pessoa. Ele nem sequer me ligou depois disso. Nenhum assessor conversou comigo. Nenhum assistente me enviou um memorando. Telefonei para todos os lugares. Conversei com todo o pessoal que eu conhecia na organização. O máximo que consegui foi falar com Leon Fortunato. Ele me disse que informaria Nicolae que eu havia ligado. Você é capaz de imaginar? Ele informaria que eu liguei!

— Então, quando você avistou Nicolae na pista...?

— Fiz um teste com ele. Não posso negar isso. Estava ansiosa por vê-lo, mas também estava lhe dando mais uma chance. Não ficou claro que estraguei sua grande aparição?

— Foi a impressão que eu tive — disse Rayford, perguntando a si mesmo se estava sendo prudente por ter deixado de lado a

neutralidade.

— Quando tentei beijá-lo, ele me disse que o momento era inoportuno e que eu deveria agir como uma pessoa adulta. Pelo menos, referiu-se a mim como sua noiva.

Disse que eu estava tão triste quanto ele. Mas eu o conheço o suficiente para saber que ele não sentia nenhuma tristeza. Pude ver isso em seu semblante. Ele adora o que está acontecendo.

E apesar do que diz, ele está no centro de tudo isso. Fala como um pacifista, mas espera que o povo o ataque para que ele possa justificar sua retaliação. Fiquei muito horrorizada e triste ao tomar conhecimento das mortes e destruições, mas ele voltou para cá, para seu palácio, fingindo compartilhar a dor dos povos do mundo inteiro. Mas no íntimo, ele está comemorando, e ainda achando pouco. Está esfregando as mãos, fazendo planos, maquinando estratégias. Neste momento ele está reunido com sua nova equipe. Não dá para imaginar o que estão tramando!

— O que você pretende fazer, Hattie? Isto não é vida para você.

— Ele não quer mais que eu trabalhe no escritório. Rayford sabia disso, mas não deixou transparecer.

— Como assim?

— Fui demitida hoje, pelo meu próprio noivo. Ele me perguntou se podia encontrar-se comigo em meus aposentos.

— Seus aposentos?

— Não estamos vivendo juntos. Durmo em meus aposentos no final do corredor, e ele me visita de vez em quando, no meio da noite — entre uma reunião e outra, suponho.

Faz um bom tempo que tenho sido a garota de luxo que mora no quarto ao lado.

— E o que ele queria?

— Pensei que eu soubesse. Achei que ele tinha estado longe por muito tempo e queria o de sempre. Mas ele me disse que estava providenciando uma substituta para mim.

— Quer dizer que você está fora da jogada?

— Não. Ele ainda me quer por perto. Ainda quer que eu dê à luz o filho dele. Só acha que o emprego está além de minha capacidade. Eu lhe disse: "Nicolae, aquele emprego sempre esteve além de minha capacidade, desde o início. Nunca tive habilidade para ser secretária.

Eu era uma boa relações-públicas e sabia lidar com as pessoas, mas fazer de mim sua assistente pessoal foi um erro."

— Sempre achei que você tinha capacidade para ocupar essa função.

— Obrigada por isso, Rayford. Mas a perda daquele emprego deu-me um certo alívio.

— Um certo alívio?

— Sim. O que seria de mim? Perguntei a Nicolae o que o futuro reservava para nós.

Ele teve a audácia de dizer: "Nós?" Eu disse: "Sim! Nós! Estou usando o anel que você me deu e carregando seu filho no ventre. Quando a nossa união vai tornar-se permanente?"



Buck despertou assustado. Estava sonhando. Já era noite. Ele acendeu a lâmpada e consultou seu relógio. Ainda faltavam algumas horas para seu encontro com Moisés e Eli à meia-noite. Mas o que seu sonho tinha a ver com tudo aquilo? Ele sonhara que era José, o marido de Maria, e ouvira um anjo do Senhor dizer: "Levanta-te, foge para o Egito e permanece lá até que eu te avise."

Buck estava confuso. Nunca havia se comunicado com ninguém em sonhos, nem mesmo com Deus. Sempre considerara os sonhos como aberrações baseadas em acontecimentos do dia-a-dia. E agora ele estava na Terra Santa, pensando em Deus, pensando em Jesus, comunicando-se com as duas testemunhas, tentando manter-se afastado do anticristo e de seu bando. Fazia sentido ter sonhos relacionados com histórias bíblicas. Ou será que Deus estava tentando dizer-lhe que ele encontraria Tsion Ben-Judá no Egito, e não no local onde as testemunhas pareciam indicar? Os dois sempre falaram de maneira muito cautelosa. Ele teria de perguntar-lhes. Como poderia compreender as referências bíblicas sendo tão novato nesses assuntos? Queria dormir até às onze e meia, antes de pegar um táxi até o Muro das Lamentações, mas teve dificuldade em dormir por causa do sonho esquisito que não lhe saía da cabeça. De uma coisa ele estava

certo: não queria ir para nenhum lugar nas proximidades do Egito, principalmente depois de ouvir as notícias sobre a guerra no Cairo. Estava a pouco mais de trezentos quilómetros do Cairo, em linha reta. Seria arriscado, mesmo que Carpathia não tivesse usado armamentos nucleares sobre a capital egípcia.

Buck permaneceu deitado de costas, pensando.



Rayford estava arrasado. O que poderia dizer à sua velha amiga? Hattie estava sofrendo muito e completamente perdida. Rayford não podia deixar escapar que ele e seus amigos sabiam que o amante dela era o anticristo. O que Rayford mais queria era suplicar que ela aceitasse a Cristo.

Mas ele já não tinha feito isso naquela vez? Já não lhe tinha explicado tudo o que aprendera após os desaparecimentos, aos quais ele agora se referia como Arrebatamento?

Ela conhecia a verdade. Pelo menos conhecia o que ele acreditava ser a verdade. Ele tinha aberto seu coração a Hattie, a Chloe e a Buck em um restaurante de Nova York, e sentiu que deixara Hattie em posição incômoda por ter repetido tudo o que lhe dissera antes, naquele mesmo dia, em particular. Rayford teve a certeza de que causara um profundo constrangimento em sua filha. E também teve a certeza de que o erudito Buck Williams o estava simplesmente tolerando. Para Rayford, foi chocante observar o passo gigantesco dado por Chloe ao tomar a decisão de aceitar a Cristo, após ouvir as palavras emocionadas do pai naquela noite. O encontro no restaurante também exercera enorme influência sobre Buck.

Agora ele estava tentando uma nova abordagem.

— Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Hattie. Você precisa saber que Buck, Chloe e eu estamos muito preocupados com você.

— Eu sei, Rayford, mas ...

— Acho que você não sabe — disse Rayford. — Temos nos perguntado se isso foi o melhor para você, e cada um de nós sente-se

responsável por você ter abandonado seu emprego e familiares para seguir para Nova York e agora para a Nova Babilónia. E para quê?

Hattie olhou firme para ele.

— Mas vocês mal conversaram comigo.

— Achamos que não tínhamos o direito de nos intrometer. Você é adulta. A vida é sua. Eu penso que meu mau comportamento afastou-a do ramo da aviação. Buck sente-se culpado por tê-la apresentado a Carpathia. Chloe está sempre se questionando se não deveria ter dito ou feito alguma coisa para fazer você mudar de ideia.

— Mas por quê? — perguntou Hattie. — Como vocês sabiam que eu não era feliz aqui?

Agora foi a vez de Rayford ficar confuso. De fato, como eles sabiam?

— Percebemos que os ventos estavam soprando contra você — ele respondeu.

— Penso que não lhe dei nenhuma demonstração de que você estava certo. Sempre tentei impressioná-lo todas as vezes que vi você ou Buck na companhia de Nicolae.

— Sim, isso é verdade.

— Bem, Rayford, talvez você fique surpreso por saber que nunca pretendi engravidar nem me casar.

— Por que você acha que isso me causa surpresa?

— Porque não posso dizer que minha moral era, de um certo modo, ilibada. Eu estava prestes a ter um caso com você. Só estou querendo dizer que não fui criada daquela maneira, e certamente não teria planejado ter um bebé sem me casar.

— E agora?

— A verdade continua sendo a mesma, Rayford. — A voz de Hattie enfraqueceu. Ela evidenciava cansaço, mas agora parecia derrotada, quase sem vida. — Não vou usar esta gravidez para forçar Nicolae a se casar comigo. De qualquer forma, ele não concordaria.

Ele não é forçado por ninguém a fazer qualquer coisa. Se eu forçá-lo, provavelmente ele vai me dizer para fazer um aborto.

— Oh, não! — disse Rayford. — Você não está imaginando uma coisa dessa, está?

— Não estou imaginando? Penso nisso todos os dias. Rayford estremeceu e coçou a testa. Por que ele haveria de esperar que Hattie

vivesse como uma cristã se ela não era?

Não seria justo supor que ela concordasse com ele em questões como esta.

— Hattie, você me faria um grande favor?

— Talvez.

— Você promete pensar cuidadosamente no assunto antes de tomar uma atitude?

Promete aconselhar-se com sua família, com seus amigos?

— Rayford, eu quase não tenho mais amigos.

— Chloe, Buck e eu ainda nos consideramos seus amigos. E creio que Amanda também pode vir a ser sua amiga se passar a conhecê-la.

Hattie deu um suspiro profundo.

— Tenho a impressão de que, quanto mais Amanda me conhecer, menos ela gostará de mim.

— Isso prova que você não a conhece — disse Rayford. — Ela é do tipo que não precisa gostar de alguém para depois amar, se é que você entende o que estou dizendo.

Hattie arregalou os olhos.

— Que maneira interessante de explicar isso — ela disse. — Acho que é assim que os pais se sentem, às vezes, em relação aos filhos. Meu pai me disse isso certa vez, quando eu era uma adolescente rebelde. Ele disse: "Hattie, é muito bom eu amar você tanto assim, porque não gosto nem um pouco de você." Aquilo me deixou desnorteada, Rayford. Você está me entendendo?

— Claro — ele disse. — Você precisa conhecer Amanda. Ela poderia ser uma outra mãe para você.

— Uma é mais que suficiente — disse Hattie. — Não se esqueça, foi minha mãe quem me deu este nome maluco, que era de uma pessoa mais velha que eu duas gerações.

Rayford sorriu. Ele sempre quis saber a origem do nome de Hattie.

— Você disse que Nicolae não se importaria se você passasse alguns dias nos Estados Unidos?

— Ah, sim, mas isso foi antes de estourar a guerra.

— Hattie, vários aeroportos continuam abertos para pousos de aviões. E, pelo que sei, nenhuma ogiva nuclear atingiu as principais cidades. A única cidade atingida por precipitação radioativa foi

Londres. Seria melhor ninguém ir para lá pelo menos por um ano, acredito. Mas até mesmo a devastação no Cairo não foi relacionada com radiação.

— E você acha que ele ainda permitiria que eu viajasse para os Estados Unidos?

— Não sei, mas estou pretendendo estar de volta lá no domingo para ver Amanda e assistir ao culto em memória ile um amigo.

— De que jeito você vai voltar para lá, Rayford?

— Em um vôo comercial. Pessoalmente, acho uma extravagância transportar uma dúzia ou menos de dignitários no Condor 216. De qualquer forma, o potentado ...

— Oh, por favor, Rayford, não o chame assim.

— Você acha esse título tão ridículo quanto eu?

— Sempre achei. Para um homem tão brilhante e poderoso, esse título estúpido parece uma palhaçada.

— Não o conheço tão bem a ponto de chamá-lo de Nicolae, e seu sobrenome é difícil de ser pronunciado.

— É verdade que a maioria de vocês que frequentam igreja o consideram o anticristo?

Rayford teve um sobressalto. Nunca esperava ouvir aquela palavra na boca de Hattie. Estaria ela falando sério? Ele achou que ainda era muito cedo para fazer revelações.

— O anticristo? — ele perguntou.

— Gosto de ler — ela disse. — Na verdade, gosto de ler os artigos de Buck. Tenho lido seus comentários no Semanário. Quando ele abrange todas as teorias e fala sobre o que as pessoas pensam, deixa claro que existe uma grande facção que acredita que Nicolae possa ser o anticristo.

— Já ouvi isso — disse Rayford.

# *CAPÍTULO* **10**

Ao sair do Hotel Rei Davi naquela noite, Buck teve um pressentimento de que deveria levar sua mochila. Dentro dela estava uma pequena máquina de ditados, um computador do tipo sub-notebook (que em breve seria substituído pela mãe de todos os computadores), uma máquina fotográfica, um telefone celular, seus objetos de toalete e duas mudas de roupa.

Ele deixou a chave na recepção e pegou um táxi até o Muro das Lamentações, perguntando ao motorista se ele falava inglês. O motorista ergueu o polegar e o dedo indicador, afastados alguns centímetros um do outro, e deu um sorriso como que se desculpando.

— A Galiléia fica muito longe? — Buck perguntou. O motorista tirou o pé do acelerador.

— Você ir para a Galiléia? Muro das Lamentações em Jerusalém.

Buck acenou para que ele prosseguisse a viagem.

— Eu sei. Muro das Lamentações agora. Galiléia depois. O motorista rumou para o Muro das Lamentações.

— Galiléia agora Lago Tiberius — ele disse. — Mais ou menos 120 quilómetros.

Naquela hora da noite, havia poucas pessoas no Muro das Lamentações, inclusive em toda a região da colina do templo. O novo templo recém-construído estava magnificamente iluminado e parecia fazer parte de um filme em terceira dimensão. Dava a impressão de estar pairando no horizonte. Bruce dissera a Buck que um dia Carpathia se sentaria naquele novo templo e se proclamaria Deus. O jornalista que existia dentro de Buck queria estar presente quando isso acontecesse.

A princípio, Buck não avistou as duas testemunhas. Um pequeno grupo de marinheiros passava diante da cerca de ferro no final do Muro, onde as testemunhas costumavam permanecer e pregar. Os marinheiros conversavam em inglês, e um deles apontou.

— Acho que são eles, logo ali — ele disse.

Os outros viraram-se e olharam. Buck acompanhou o olhar deles, que foi dirigido para um edifício de pedra atrás da cerca. As duas

figuras misteriosas estavam sentadas de costas para a parede e com o queixo apoiado nos joelhos. Não se mexiam, pareciam estar dormindo. Os marinheiros olharam pasmos para eles e aproximaram-se pé ante pé. Não ultrapassaram a distância de trinta metros da cerca, talvez por terem ouvido as histórias que contavam sobre os dois. Não pretendiam acordá-los da maneira que faziam com os animais do zoológico. Aqueles dois eram mais que animais. Eram seres perigosos que costumavam queimar as pessoas que os ridicularizavam. Buck não se aproximou ostensivamente da cerca para não chamar a atenção sobre si. Aguardou até que os marinheiros se cansaram e foram embora.

Assim que os jovens abandonaram o local, Eli e Moisés levantaram a cabeça e olharam direto para Buck. Ele foi atraído pelo olhar dos dois. Caminhou em direção à cerca. As testemunhas levantaram-se e ficaram a pouco mais de cinco metros de Buck.

— Preciso de informações mais claras — sussurrou Buck. — Posso saber mais alguma coisa sobre o paradeiro de meu amigo?

— Quem tem ouvidos ...

— Eu sei — disse Buck — mas ...

— Como te atreves a interromper os servos do Deus Altíssimo? — disse Eli.

— Perdoa-me — disse Buck. — Ele queria explicar-se, mas resolveu permanecer em silêncio.

Agora era Moisés quem falava.

— Antes de tudo deves conversar com alguém que te ama. Buck aguardou mais informações. As testemunhas continuavam ali, em silêncio. Abriu as mãos como se não estivesse entendendo nada. De repente, ele sentiu uma vibração dentro de sua mochila e percebeu que seu telefone celular estava tocando. E agora? O que ele deveria fazer? Se não podia interromper os servos do Deus Altíssimo, como se atreveria a atender o telefone enquanto conversava com eles? Buck sentia-se um tolo. Afastou-se da cerca, pegou o telefone, abriu-o e disse: — Aqui é Buck.

— Buck! É Chloe! Aí é mais ou menos meia-noite, certo?

— Certo, Chloe, mas neste instante eu estou ...

— Buck, você está dormindo?

— Não, estou acordado e ...

— Buck, só quero ter a certeza de que você está no Hotel Rei Davi.

— Bem, eu estava lá, mas ...

— Mas você não está lá neste momento, certo?

— Não, estou no ...

— Querido, não sei como lhe dizer isto, mas acabei de ter um pressentimento de que você não deve dormir naquele hotel esta noite. Na verdade, tive uma premonição de que você não deve passar a noite em Jerusalém. Não sei o que vai acontecer amanhã, e não sei mais nada, mas o pressentimento é tão forte ...

— Chloe, eu vou ligar de volta para você, está bem? Chloe hesitou.

— Está bem, mas você não pode conversar comigo por alguns instantes quando ...

— Chloe, não vou dormir no Hotel Rei Davi esta noite, e não vou passar a noite em Jerusalém, está certo?

— Isso me faz sentir melhor, Buck, mas eu gostaria de conversar...

— Vou ligar para você de volta, querida, está bem? Buck não sabia o que pensar sobre esta condição, nova para ele, à qual Bruce se referia como "andar no espírito". As testemunhas tinham dado a entender que a pessoa a quem ele procurava estava na Galiléia, um local que não mais existia. O mar da Galiléia passara a ser Lago Tiberius. Seu sonho, se de fato tivesse sido um aviso, indicava que ele deveria ir para o Egito. Agora as testemunhas queriam que ele usasse os ouvidos para compreender. Buck gostaria muito de ser "João, o Revelador", mas como não era, teria de pedir mais informações. E como as testemunhas sabiam que ele precisava conversar com Chloe antes de tudo? Buck já conhecia um pouco as duas testemunhas para saber que elas podiam fazer milagres. Ele só queria que elas não fossem tão enigmáticas. Estava ali em missão perigosa. Já que elas podiam ajudá-lo, ele pediria ajuda.

Buck pôs sua mochila no chão e sentou-se em cima dela, tentando dar a entender que estava disposto a parar tudo o que estava fazendo e simplesmente ouvir. Moisés e Eli aproximaram-se um do outro e pareciam estar conversando em voz baixa. Em seguida, aproximaram-se da cerca. Buck começou a caminhar em direção a eles, como havia feito na última vez que lá esteve na companhia do rabino Tsion Ben-Judá, mas as testemunhas levantaram a mão, e ele parou, mantendo distância da cerca. De repente, as testemunhas começaram a gritar com toda força. A princípio, Buck assustou-se e recuou, pulando por cima de

sua mochila. Eli e Moisés citavam versículos que Buck reconheceu como sendo do Livro de Atos e proferidos por Bruce durante seus ensinamentos. Eles gritavam: — E acontecerá nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito sobre toda carne; vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões, e sonharão vossos velhos.

Buck sabia que os versículos continuavam, mas as testemunhas pararam e fixaram os olhos nele. Seria ele um velho, mesmo tendo acabado de completar 32 anos? Seria ele um dos velhos que sonhariam? As testemunhas sabiam disso? Estariam lhe dizendo que seu sonho era válido? Os dois prosseguiram: — Até sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão. Mostrarei prodígios em cima no céu e sinais embaixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. O sol se converterá em trevas, e a lua em sangue, antes que venha o grande e glorioso Dia do Senhor. E acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Buck estava entusiasmado, comovido, empolgado para iniciar sua missão. Mas por onde deveria começar? E por que as testemunhas não lhe diziam? Ele se surpreendeu ao ver que não estava mais sozinho ali. Os gritos das testemunhas provocaram a aproximação de um pequeno grupo. Buck não queria esperar mais. Pegou sua mochila e caminhou em direção à cerca. As pessoas o advertiam para não avançar. Ele ouviu gritos em outros idiomas, e poucos em inglês.

— Você vai-se arrepender, filho! — alguém gritou. Buck avançou até ficar a pouco mais de um metro das testemunhas. Ninguém mais se atreveu a aproximar-se.

— Quando dizeis Galiléia entendo que estais se referindo ao Lago Tiberius. — Buck sussurrou. Como seria possível dizer a essas duas pessoas, que pareciam pertencer aos tempos bíblicos, que seus conhecimentos geográficos estavam ultrapassados'? — Vou encontrar meu amigo na Galiléia, no mar da Galiléia, ou onde?

— Quem tem ouvidos para ouvir...

Buck sabia que não podia interrompê-los nem demonstrar frustração.

— Como posso chegar até lá? — ele perguntou. Eli falou em voz baixa.

— É melhor que voltes para o meio da multidão — ele disse. Voltar para o meio da multidão? Buck pensou. Obedeceu e juntou-se à multidão.

— Você está bem, filho? — perguntou alguém. — Eles o agrediram?

Buck balançou a cabeça negativamente. Moisés começou a falar em voz alta: — Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galiléia, pregando o evangelho de Deus, dizendo: O tempo está cumprido e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no evangelho. Caminhando junto ao mar da Galiléia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores. Disse-lhes Jesus: Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens. Então eles deixaram imediatamente as redes, e o seguiram.

Buck não tinha certeza do que fazer após ouvir tudo aquilo, mas percebeu que havia obtido tudo o que podia das testemunhas naquela noite. Embora elas continuassem a pregar, e mais pessoas pareciam vir de todos os cantos para ouvir, Buck retirou-se dali.

Dirigiu-se com sua mochila até uma pequena fila de táxis e pegou um deles.

— É possível subir de barco o rio Jordão até o Lago Tiberius a esta hora da noite? — ele perguntou ao motorista.

— Bem, senhor, para dizer a verdade, é muito mais fácil fazer o caminho inverso.

Mas, sim, há barcos motorizados que vão para o norte. E alguns fazem esse percurso à noite É claro que os barcos de turismo só navegam durante o dia, mas sempre há alguém disposto a levar uma pessoa para onde ela quiser, a qualquer hora do dia ou da noite, desde que pague o preço correto.

— Foi o que imaginei — disse Buck.

Logo em seguida, ele já estava acertando o preço com um barqueiro chamado Michael, que se recusou a dizer seu sobrenome.

— Durante o dia posso transportar vinte turistas dentro deste barco. Quatro jovens fortes e eu levamos isto no braço, se é que você está me entendendo.

— Com remos?

— Sim, senhor, como nos tempos da Bíblia. Barco feito de madeira. Cobrimos os dois motores de popa com madeira e aniagem, e

ninguém percebe. Apesar de ser cansativo, conseguimos remar durante um dia inteiro. Mas, quando temos de subir o rio, não podemos fazer isso com remos.

Embora estivesse seguindo para o norte depois de meia-noite, sozinho com Michael em seu barco de dois motores, Buck parecia estar pagando uma viagem para vinte turistas e quatro remadores.

No início, Buck ficou em pé na proa do barco, deixando que o vento cortante batesse em seus cabelos. Mas logo precisou fechar o zíper de sua jaqueta de couro até o pescoço e colocar as mãos no bolso. Não demorou muito para fazer companhia a Michael, que pilotava seu longo e rústico barco de madeira sentado um pouco à frente dos motores.

Naquela noite havia poucas embarcações navegando sobre o Jordão.

Michael precisou gritar para ser ouvido em razão do barulho do vento e da água.

— Então, quer dizer que você não sabe exatamente quem está procurando nem onde encontrá-lo?

Eles tinham passado perto de Jericó, e Michael lhe dissera que ainda faltavam mais de cem quilómetros para navegar rio acima e que demorariam perto de três horas para chegar à embocadura do Lago Tiberius.

— É mais ou menos isso — admitiu Buck. — Espero descobrir tudo quando chegar lá.

Michael balançou a cabeça.

— O Lago Tiberius não é uma lagoa qualquer. Seu amigo ou seus amigos podem estar perto da margem ou do outro lado.

Buck fez um movimento afirmativo com a cabeça, sentou-se e encostou o queixo no peito para aquecer-se, pensar e orar.

"Senhor", ele orou silenciosamente, "nunca falaste comigo de modo audível, e não espero que faças isto agora, preciso de mais indicações. Não sei se o sonho que tive veio de ti, e se na volta devo passar pelo Egito. Não sei se vou encontrar Ben-Judá acompanhado de alguns pescadores ou se estou na trilha certa ao me dirigir para o antigo mar da Galiléia. Sempre gostei de ser independente e resoluto, mas confesso que estou completamente perdido aqui. Há muita gente à procura de Ben-Judá, e quero muito ser o primeiro a encontrá-lo."

A pequena embarcação tinha acabado de passar por uma curva do rio quando, de repente, os motores silenciaram e as luzes, dianteiras e traseiras, apagaram-se.

Deve ser a resposta à oração, pensou Buck.

— Problemas, Michael?

Buck ficou surpreso diante do silêncio que se seguiu enquanto o barco navegava à deriva. Parecia estar indo em direção à margem.

— Nenhum problema, Sr. Katz. Quando seus olhos se acostumarem à escuridão, será capaz de ver que tenho uma arma possante apontada para sua cabeça. Quero que permaneça sentado e me responda algumas perguntas.

Buck sentiu-se estranhamente calmo. Aquilo era muito bizarro, um fato inusitado mesmo para alguém que levava uma vida de aventuras.

— Não estou aqui para lhe fazer nenhum mal, Michael — ele disse. — Você não precisa ter medo de mim.

— Não sou em quem deve estar com medo neste momento — disse Michael. — Nas últimas 48 horas passei fogo em dois caras que eu achava que eram inimigos de Deus.

Buck mal conseguiu falar.

— De uma coisa você pode estar certo, Michael, não sou inimigo de Deus de jeito nenhum. Você está me dizendo que é um servo de Deus?

— Sou. Quero saber se você é mesmo o Sr. Katz. E se for, como pode provar?

— Aparentemente — disse Buck — nós dois precisamos ter a certeza de que estamos do mesmo lado.

— A responsabilidade é sua. As pessoas que sobem este rio procurando alguém que eu não quero que encontrem acabam morrendo. Se você for a terceira, vou dormir como um bebé esta noite.

— E como você vai justificar os homicídios? — perguntou Buck.

— Vou dizer que eram pessoas erradas procurando gente errada. Só quero saber seu nome verdadeiro, o nome da pessoa que você está procurando, por que está procurando essa tal pessoa, e o que pretende fazer caso a encontre.

— Mas, Michael, não posso correr o risco de lhe dar essas informações sem saber se você está do meu lado.

— Você está disposto a morrer para proteger seu amigo?

— Espero não ter de chegar a esse ponto, mas minha resposta é sim.

Os olhos de Buck estavam se acostumando à escuridão. Michael tinha dirigido o barco de tal maneira que quando o motor foi desligado ele se afastou um pouco e se enroscou suavemente nas ramagens e pedras perto da margem.

— Estou impressionado com sua resposta. — disse Michael — mas não vou hesitar em incluir você na lista dos inimigos mortos, se não conseguir me convencer que tem bons motivos para localizar essa tal pessoa.

— Então faça um teste comigo — disse Buck. — O que preciso fazer para convencer você de que não estou blefando, e ao mesmo tempo me convencer de que você está pensando na mesma pessoa que eu?

— Excelente — disse Michael. — Diga se é verdadeiro ou falso. A pessoa que você está procurando é jovem.

Buck respondeu rapidamente.

— Falso, se eu a comparar com você. Michael prosseguiu: — A pessoa que você está procurando é do sexo feminino.

— Falso.

— A pessoa que você está procurando é um médico.

— Falso.

— Um gentio?

— Falso.

— Ignorante?

— Falso.

— Bilíngue?

— Falso.

Buck ouviu Michael movimentar a arma possante nas mãos e complementou rapidamente: — Bilíngue não diz tudo. Seria melhor dizer poliglota. Michael deu um passo à frente e encostou o cano da arma na garganta de Buck. Buck fez uma careta e fechou os olhos.

— O homem que você está procurando é um rabino, o Dr. Tsion Ben-Judá — afirmou Michael.

Buck não disse nada. Apertando mais a arma contra o pescoço de Buck, Michael prosseguiu: — Se você estiver procurando esse homem

para matá-lo, e se eu for um compatriota dele, vou matar você. Se você estiver procurando esse homem para salvá-lo, e eu for um perseguidor dele, vou matar você.

— Mas neste último caso — Buck conseguiu dizer — você estaria sendo mentiroso por ter dito que é um servo de Deus.

— Isso é verdade. E o que o aconteceria comigo?

— Você poderia me matar, mas sairia perdedor.

— Como você sabe disso?

Buck não tinha mais nada a perder.

— Já está profetizado. Deus vai vencer.

— E se isso for verdade e eu for seu irmão, você pode me dizer o seu nome verdadeiro. — disse Michael.

Buck hesitou. Michael complementou: — Mas se eu for seu inimigo, vou matar você. Buck não podia mais argumentar.

— Meu nome é Cameron Williams. Sou amigo do Dr. Ben-Judá.

— Você é aquele americano de quem ele fala?

— Provavelmente.

— Um último teste, se você não se importar.

— Parece que não tenho escolha.

— É verdade. Diga rapidamente seis profecias do Messias que foram cumpridas em Jesus Cristo, de acordo com as testemunhas que pregam no Muro das Lamentações. Buck deu um profundo suspiro de alívio e sorriu.

— Michael, você é meu irmão em Cristo. Todas as profecias do Messias foram cumpridas em Jesus Cristo. Posso dizer as seis que têm relação com a sua cultura. Ele seria descendente de Abraão, descendente de Isaque, descendente de Jacó, da tribo de Judá, herdeiro do trono de Davi e nascido em Belém.

Michael depositou a arma com força sobre o convés e deu um abraço enorme em Buck, rindo e chorando ao mesmo tempo.

— E quem lhe disse onde encontrar Tsíon?

— Moisés e Eli.

— Eles são meus mentores — disse Michael. — Sou um dos que se converteram ao ouvir a pregação deles e de Tsion.

— E você assassinou as outras pessoas que estavam procurando o Dr. Ben-Judá?

— Não considero assassinato o que fiz. Os corpos delas boiarão e serão consumidos pelo sal quando chegarem ao Mar Morto. Melhor que isso aconteça com elas do que com ele.

— Então você é um evangelista?

— De acordo com o Dr. Ben-Judá, sou um evangelista nos moldes do apóstolo Paulo.

Ele disse que há 144 mil pessoas como nós ao redor do mundo, todas com a mesma missão de Moisés e Eli: proclamar que Cristo é o único e eterno Filho de Deus.

— Você acredita que você foi uma resposta quase instantânea à minha oração? — perguntou Buck.

— Isso não me surpreende — respondeu Michael. — Você deve saber que também foi.

Buck estava exausto. Ficou satisfeito por Michael voltar a cuidar dos motores e do barco. Virou o rosto para o outro lado e chorou. Deus era bom demais. Michael deixou-o a sós com seus pensamentos por alguns instantes, mas logo voltou a falar.

— Sabe de uma coisa? Não vamos direto ao Lago Tiberius.

— Não vamos? — disse Buck, aproximando-se de Michael.

— Você está fazendo o que devia fazer, indo na direção da Galiléia — disse Michael.

— No meio do caminho entre Jericó e o Lago Tiberius vamos desembarcar no lado leste do rio. Caminharemos a pé por uns cinco quilómetros até onde meus compatriotas e eu escondemos o Dr. Ben-Judá.

— Como vocês conseguiram enganar os fanáticos?

— Existe um plano de fuga desde a primeira vez que o Dr. Ben-Judá falou no Estádio Kollek. Durante muitos meses achamos que não haveria necessidade de protegermos sua família. Era ele que os fanáticos queriam. Ao primeiro sinal de ameaça ou de ataque, enviamos ao escritório de Tsion um carro tão pequeno onde aparentemente só cabia o motorista dentro. Tsion deitou-se no chão do carro, atrás do motorista, com o corpo curvado e coberto com um cobertor. Foi trazido a este barco, e eu o levei rio acima.

— E essas histórias que contam por aí que foi o motorista dele o responsável pela chacina de sua família?

Michael balançou a cabeça.

— Aquele homem não teve culpa nenhuma, você concorda?

— Ele também era crente?

— Infelizmente, não. Mas foi um homem leal e compassivo. Acreditávamos que em breve ele se tornaria crente. Mas estávamos enganados. A propósito, o Dr. Ben-Judá não sabe da morte de seu motorista.

— Mas sabe o que aconteceu à sua família?

— Sim, e você pode imaginar a dor que ele está sentindo. Quando o trouxemos para este barco, ele permaneceu naquela posição fetal, coberto com o cobertor. De certa maneira, isso foi bom, porque conseguimos mantê-lo escondido até o local do desembarque. Durante a viagem inteira, ouvi o som de seus soluços apesar do barulho do barco. Ainda ouço esses soluços.

— Só Deus pode consolá-lo — disse Buck.

— Oro a Deus por isso — disse Michael. — Confesso que o período de consolo ainda não começou. Ele não consegue falar. Só chora.

— Quais são seus planos em relação a ele? — perguntou Buck.

— Ele precisa sair do país. Sua vida não vale nada aqui. Seus inimigos são em número muito maior que nós. Ele não estará seguro em nenhum lugar, mas pelo menos terá alguma chance fora de Israel.

— E para onde você e seus amigos vão levá-lo?

— Eu e meus amigos!?

— Quem, então?

— Você, meu amigo!

— Eu? — perguntou Buck.

— Deus falou por intermédio das duas testemunhas. Ele nos assegurou que surgiria um libertador. Que ele conhecia o rabino. Que ele conhecia as testemunhas. Que ele conhecia as profecias messiânicas. E que, acima de tudo, ele conhecia o Senhor Jesus Cristo. Essa pessoa, meu amigo, é você.

Buck quase dobrou o corpo ao meio. Sentira a proteção de Deus. Sentira a empolgação de servi-lo. Mas nunca se sentira servo de Deus de maneira tão direta e específica. Humilhou-se a ponto de sentir vergonha de si mesmo, como se fosse um homem indigno, indisciplinado e fraco para cumprir essa missão. Tinha sido tão abençoado, e o que fizera depois de converter-se? Tinha tentado ser

obediente e falar de Cristo aos outros. Mas certamente continuava a ser uma pessoa indigna.

— O que vocês esperam que eu faça com Tsion?

— Não sabemos. Achamos que você o tiraria do país clandestinamente.

— Não vai ser fácil.

— Pense nisto, Sr. Williams, não foi fácil para você encontrar o rabino, foi? Você quase foi morto.

— Você achou que teria de me matar?

— Eu esperava que não. Tudo indicava que você não era o libertador, mas eu estava orando.

— Existe um aeroporto aqui por perto que tenha condições de receber um Learjet?

— Há uma pista a oeste de Jericó, perto de Al Birah.

— Já passamos por perto enquanto subíamos o rio, certo?

— Certo, é uma pista mais cómoda, claro. Mas ela faz parte do aeroporto que serve Jerusalém. A maioria dos voos que chegam e saem de Israel começa ou termina no Aeroporto Ben Gurion, em Tel- Aviv, mas há também um grande tráfego aéreo perto de Jerusalém.

— O rabino deve ser uma das pessoas mais conhecidas de Israel — disse Buck. — Como farei para passá-lo pela alfândega?

Michael sorriu na escuridão.

— Existe outra maneira? Só se for sobrenatural. Buck pediu um cobertor. Michael foi buscar um no compartimento nos fundos do barco. Buck cobriu os ombros e a cabeça com o cobertor.

— Ainda falta muito para chegarmos? — ele perguntou.

— Mais uns vinte minutos — respondeu Michael.

— Preciso dizer-lhe uma coisa que você talvez ache estranha — disse Buck.

— Mais estranha do que esta noite? Buck riu.

— Acho que não. Talvez eu tenha sido avisado em sonho para sair daqui pelo Egito, e não por Israel.

— Você pode?

— Não estou acostumado a esse tipo de mensagem de Deus, portanto não tenho certeza.

— Eu não duvidaria de um sonho que parece ter vindo de Deus — disse Michael.

— Mas isso faz sentido?

— Faz mais sentido que tentar tirar clandestinamente daqui o alvo dos fanáticos, fazendo-o passar por um aeroporto internacional.

— Mas Cairo foi destruída. Para onde estão sendo dirigidos os vôos que deveriam entrar e sair de lá?

— Alexandria — respondeu Michael. — Mas, mesmo assim, vocês precisam sair de Israel, de uma maneira ou outra.

— Descubra uma pista pequena em um lugar qualquer, de onde poderemos partir, evitando a alfândega.

— Mas, então, você não vai passar pelo Egito?

— Não sei o que fazer a respeito disso. Talvez o sonho indique que eu deva percorrer um outro caminho, que não seja o normal.

— Uma coisa é certa — disse Michael. — Isso terá de ser feito depois de escurecer.

Se não for esta noite, será amanhã à noite.

— Eu não seria capaz de fazer isso esta noite, mesmo que os céus se abrissem e Deus apontasse o dedo para mim.

Michael sorriu.

— Meu amigo, se eu tivesse passado por tudo o que você passou, e minha oração tivesse sido respondida como a sua, não desafiaria Deus a fazer uma coisa tão simples assim.

— Digamos, então, que estou orando para que Deus me dê mais um dia. Preciso conversar com meu piloto, e depois todos nós trabalharemos juntos tentando descobrir o melhor lugar para sairmos daqui rumo aos Estados Unidos.

— Há uma coisa que você precisa saber — disse Michael.

— Só uma?

— Não, mas uma coisa muito importante. Creio que o Dr. Ben-Judá não vai querer fugir daqui.

— Que outra opção ele tem?

— O problema é esse. Ele talvez não queira ter opções. Com a morte da esposa e dos filhos, ele talvez não veja motivos para fugir, nem mesmo para viver.

— Que absurdo! O mundo necessita dele! Precisamos manter vivo o seu ministério.

— Você não precisa me convencer, Sr. Williams. Só estou dizendo o que penso.

Talvez você tenha dificuldade para convencê-lo a fugir para os Estados Unidos. Acredito, no entanto, que lá ele estará muito mais seguro que em qualquer outro lugar, se é que vai conseguir estar seguro em algum lugar.

— Você não vai molhar as botas se ficar em pé na proa e pular quando ouvir o fundo do barco se arrastando na areia disse Michael, dirigindo o barco para a margem leste. Ele deixou para o final a tarefa de desligar os motores e levantá-los da água, assim imaginou Buck. Correu para perto de Buck e ficou atento, cruzando os braços ao redor do corpo.

— Atire sua mochila o mais distante que puder, pule comigo para bem longe do barco!

O barco movimentou-se lentamente, e Buck seguiu as instruções. Mas ao saltar, caiu de lado e rolou no chão. O barco estava se afastando. Ele sentou-se, com o corpo coberto de areia molhada.

Ajude-me, por favor! — gritou Michael, que agarrara o barco e estava tentando arrastá-lo em direção à margem.

Assim que os dois amarraram o barco, Buck bateu no corpo para tirar a areia. Ficou satisfeito ao ver que suas botas estavam secas, e começou a seguir seu novo amigo.

Buck carregava apenas uma mochila. Michael carregava apenas uma arma. Ele sabia para onde estava indo.

— Agora preciso pedir-lhe para permanecer em completo silêncio — cochichou Michael, enquanto ambos abriam caminho por entre a vegetação rasteira. — Estamos em lugar ermo, mas não podemos nos arriscar.

Buck não havia imaginado que cinco quilómetros eram uma distância muito grande.

O solo era irregular e úmido. Os ramos dos arbustos batiam-lhe no rosto. De vez em quando, ele trocava a mochila de ombro, mas sentia-se desconfortável. Ele estava em boa forma, mas a situação era difícil. Aquela caminhada não era um passeio normal nem uma corrida que ele costumava fazer a pé ou de bicicleta. Não sabia aonde ia dar aquele terreno arenoso à margem do rio.

Buck estava apreensivo quanto ao encontro que teria com o Dr. Ben-Judá. Queria estar ao lado de seu amigo e irmão em Cristo, mas o que alguém pode dizer a uma pessoa que perdeu a família? Nenhum

chavão, nenhuma palavra de conforto o faria sentir-se melhor. Aquele homem pagara o preço mais alto que alguém poderia pagar, e só os céus poderiam recompensá-lo.

Meia hora depois, ofegando e com o corpo dolorido, ele e Michael chegaram perto do esconderijo. Michael encostou o dedo nos lábios pedindo silêncio e abaixou-se, afastando os galhos secos enquanto ambos avançavam. Quase vinte metros adiante, no meio de um arvoredo, havia uma abertura que dava para um abrigo subterrâneo invisível a qualquer pessoa que não conhecesse o local.

# *CAPÍTULO* 11

Buck surpreendeu-se ao ver que não havia camas nem travesseiros dentro do esconderijo. Então era esse o local a que as testemunhas se referiram quando citaram o versículo sobre não ter onde reclinar a cabeça, Buck pensou.

Três jovens de rosto abatido e olhar desesperado, que poderiam ser irmãos de Michael, ajuntaram-se dentro do abrigo, onde mal havia espaço para ficar em pé. Buck percebeu que havia uma abertura no nível do solo para enxergar quem se aproximava.

Isso explicava por que Michael não os avisara sobre sua chegada nem dera nenhum sinal.

Buck foi apresentado aos que ali estavam, mas, dos quatro, apenas Michael falava inglês. Buck semicerrou os olhos, tentando enxergar Tsion. Podia ouvi-lo, mas não o via.

Finalmente, alguém acendeu uma lanterna de luz fraca. Sentado em um canto, encostado na parede, estava talvez uma das primeiras e, com certeza, a mais famosa dentre todas as pessoas que passariam a ser as 144 mil testemunhas profetizadas na Bíblia.

Ele estava sentado com os joelhos encostados no peito e com os braços ao redor das pernas. Trajava uma camisa branca com as mangas enroladas e calças escuras e curtas que cobriam apenas parte de suas canelas, deixando um espaço até o cano de suas meias. Não tinha sapatos nos pés.

Como Tsion parecia jovem! Buck sabia que ele estava chegando à meia-idade, mas, sentado ali, balançando o corpo e chorando, ele parecia uma criança. Não ergueu os olhos nem reconheceu Buck.

Buck disse em voz baixa que gostaria de ficar alguns momentos a sós com Tsion.

Michael e os outros saíram do esconderijo e ficaram debaixo do arvoredo, com as armas engatilhadas. Buck curvou-se em direção ao Dr. Ben-Judá.

—Tsion — ele disse — Deus ama você.

Buck ficou surpreso com suas próprias palavras. Será que Tsion sentia que Deus o amava naquele instante? E que tipo de palavras eram

aquelas? Seria agora a sua vez de falar no lugar de Deus?

— O que você sabe com certeza? — prosseguiu Buck, sem mesmo entender o que ele próprio queria dizer.

A resposta de Tsion, com seu sotaque israelense quase imperceptível, soou estridente e em tom contrito.

— Eu sei que meu Redentor vive.

— O que mais você sabe? — perguntou Buck, procurando prestar atenção na resposta.

— Sei que Aquele que começou boa obra em mim há de completá-la.

Louvado seja Deus! pensou Buck.

Abaixando-se até o chão, Buck sentou-se ao lado de Ben-Judá e encostou-se na parede. Ele havia ido até lá para resgatar aquele homem, para dar-lhe assistência, e ouvira aquelas palavras. Só Deus podia proporcionar tanta segurança e confiança em um momento de tanto sofrimento.

— Sua esposa e seus filhos eram crentes ...

— E estão com Deus — Tsion concluiu a frase.

Buck tinha se preocupado, tinha perguntado a si mesmo: Estaria Tsion tão aniquilado pela perda injusta de seus entes queridos a ponto de sua fé ter sido abalada?

Estaria ele tão frágil a ponto de não ter forças para prosseguir? Ele sofreria, com certeza.

Choraria muito. Mas não como um idólatra, sem nenhuma esperança.

— Cameron, meu amigo — disse Tsion em voz fraca — você trouxe sua Bíblia?

— Não em formato de livro. Tenho a Bíblia inteira em meu computador.

— Perdi mais que minha família, Buck.

— Como assim?

— Perdi minha biblioteca. Meus livros sagrados. Todos foram queimados. Não existem mais. Eu gostava muito deles. Quase tanto quanto gostava de minha família.

— Você não trouxe nada de seu escritório?

— Precisei usar um disfarce ridículo, com cabelos longos como usam os ortodoxos, e uma barba falsa. Não carreguei nada, para não ter

a aparência de um erudito.

— Será que alguém não poderia mandar os livros de seu escritório para você?

— Essa pessoa estaria pondo sua vida em risco. Sou o principal suspeito do assassinato de minha família.

— Que absurdo!

— Nós dois sabemos disto, meu amigo, mas a percepção do homem não demora a transformar-se em realidade. De qualquer forma, como alguém poderia enviar minhas coisas sem ser rastreado por meus inimigos?

Buck vasculhou sua mochila e retirou o laptop de dentro.

— Não sei por quanto tempo ainda vai durar a bateria — ele disse, acendendo a tela.

— Você tem aí o Antigo Testamento em hebraico? — perguntou Tsion.

— Não, mas existem programas desse tipo no mercado.

— Se existem, já é um bom sinal — disse Tsion, com a voz ainda embargada. — Meus estudos mais recentes fizeram-me acreditar que nossa liberdade religiosa em breve começará a ser reprimida em ritmo alarmante.

— O que você gostaria de ver?

A princípio, Buck pensou que Tsion não ouvira sua pergunta. Ou talvez Tsion tivesse respondido e ele não ouvira. O computador começou a funcionar, exibindo uma variedade de livros do Antigo Testamento. Buck olhou de relance para seu amigo. Ele estava tentando falar, mas as palavras não saíam de sua boca.

— Às vezes, encontro conforto na leitura dos Salmos — disse Buck.

Tsion assentiu, cobrindo a boca com a mão. O peito do rabino arfava e ele não conseguia conter os soluços. Inclinou-se na direção de Buck e rompeu em pranto.

— A alegria do Senhor é a minha força — ele disse em tom de lamento. — A alegria do Senhor é a minha força.

Alegria, pensou Buck. Que conceito, neste lugar, nesta ocasião. Agora o objetivo era sobreviver. Agora, a alegria passara a ter um significado diferente na vida de Buck. Ele costumava relacionar alegria com felicidade. É claro que Tsion Ben-Judá não estava dando a entender

que se sentia feliz. Talvez nunca voltasse a ser feliz. A alegria deste momento era uma paz profunda e permanente, a certeza de que Deus era soberano. Eles não precisavam gostar do que estava acontecendo. Simplesmente precisavam confiar que Deus sabia o que estava fazendo.

Mas isso não facilitava as coisas. Buck sabia que tudo ficaria pior. Se alguém não permanecesse firme na fé naquele momento, jamais teria fé. Sentado no esconderijo cavado na terra, abafado e úmido, no meio de um lugar desconhecido, Buck estava mais convicto do que nunca que depositara sua fé no unigénito Filho de Deus. Ao lado de seu amigo aniquilado pela dor e chorando em seu ombro, Buck sentiu uma proximidade muito grande com Deus, a mesma que sentira no dia em que aceitou a Cristo.

Tsion se recompôs e estendeu o braço em direção ao computador. Atrapalhou-se com as teclas e pediu ajuda.

— Mostre o arquivo dos Salmos — ele disse.

Buck fez o que ele pediu, e Tsion usou o mouse para encontrar o que queria. Com a outra mão, cobria a boca enquanto chorava.

— Peça aos outros que venham até aqui para orarmos — ele disse.

Alguns minutos depois, os seis homens ajoelharam-se em círculo. Tsion proferiu algumas palavras em hebraico, e Michael as traduziu em voz baixa no ouvido de Buck.

— Meus amigos e irmãos em Cristo, apesar de estar sofrendo profundamente, sinto que devo orar. Oro para o Deus de Abraão, de Isaque e de Jacó. Louvo teu nome porque tu és o único e verdadeiro Deus, o Deus acima detodos os outros deuses. Estás sentado nos céus. Não há ninguém semelhante a ti. Em ti não há variação ou sombra de mudança.

Tsion rompeu em pranto novamente e pediu que os outros orassem por ele.

Buck nunca tinha ouvido várias pessoas orando junto em voz alta e em língua estrangeira. O fervor daqueles homens, uma mistura de testemunhas e evangelistas, fez com que Buck caísse prostrado no chão. Ele sentiu a lama fria nas costas das mãos ao encostar o rosto em suas palmas. Não sabia o que se passava com Tsion, mas sentiu que seu amigo estava envolvido pelo manto da paz. De repente, a voz de Tsion

elevou-se acima da dos companheiros. Michael curvou-se até o chão e sussurrou no ouvido de Buck.

— Se Deus é por nós, quem será contra nós?

Buck não sabia por quanto tempo estava deitado no chão. As orações foram se transformando em gemidos, que soavam como se fossem versões hebraicas de améns e aleluias. Buck ajoelhou-se e sentiu o corpo dolorido. Tsion olhava para ele, com o rosto ainda molhado de lágrimas, mas não chorava mais.

— Acho que finalmente vou conseguir dormir — disse o rabino.

— Você está precisando. Não vamos a lugar nenhum esta noite. Tomarei providências para que tudo seja feito amanhã, após escurecer.

— Você precisa ligar para seu amigo — disse Michael.

— Você faz ideia de que horas são? — perguntou Buck. Michael olhou para seu relógio, sorriu, balançou a cabeça e disse simplesmente: -Oh .

— Alexandria? — perguntou Ken Ritz pelo telefone na manhã seguinte. -Claro, posso chegar lá com facilidade. O aeroporto é enorme. Quando você vai estar lá?

Buck tinha se banhado e lavado uma muda de roupas em um afluente do rio Jordão, e se enxugado com um cobertor. Um dos guardas de Tsion Ben-Judá estava por perto. Ele preparara o desjejum e agora estava secando as meias e a roupa de baixo de Tsion sobre uma pequena fogueira.

— Partiremos daqui esta noite, assim que escurecer — disse Buck. — Por mais que um barco de madeira de 12 metros com dois motores de popa e seis homens a bordo demore para chegar a Alexandria ...

Ritz estava rindo.

— Como já lhe contei, esta é a primeira vez que venho para cá — ele disse — mas de uma coisa estou certo: se você pensa que vai sair daí e chegar a Alexandria sem ter de arrastar esse barco por terra até o mar, está muito enganado.

Ao meio-dia todos os homens saíram do esconderijo. Eles estavam confiantes de que ninguém os seguira até aquele lugar remoto e que, enquanto não pudessem ser vistos por algum avião, poderiam estender as pernas e respirar um pouco de ar fresco.

Michael não achou tanta graça na ingenuidade de Buck quanto Ken Ritz. Achava que havia poucos motivos para sorrir em tempos como aquele. Encostou-se em uma árvore e disse: — Há alguns aeroportos pequenos aqui em Israel — ele disse. — Por que você está tão determinado a partir do Egito?

— Bem, aquele sonho — não sei, tudo isto é novidade para mim. Estou tentando ser prático, ouvir o que dizem as testemunhas, seguir as orientações de Deus. O que devo fazer em relação àquele sonho?

— Sou um crente mais novato que você, meu amigo — disse Michael. — Mas não iria contra um sonho que foi tão claro.

— Talvez tenhamos mais oportunidades no Egito que em Israel — disse Buck.

— Não acredito — disse Michael. — Para sair legalmente de Israel e entrar no Egito, você vai precisar passar pela alfândega.

— O quanto há de verdade nisso, levando-se em consideração meu convidado?

— Você quer dizer sua carga de contrabando?

A conversa parecia derivar para o lado humorístico, mas Michael estava sério ao dizer isso.

— Eu só gostaria de saber — disse Buck — o quanto os fiscais da alfândega e os guardas da fronteira estão empenhados em encontrar o Dr. Ben-Judá.

— Você gostaria de saber? Eu não. Ou evitamos atravessar a fronteira ou teremos de procurar um meio sobrenatural.

— Estou aberto a qualquer sugestão — disse Buck.



Rayford estava conversando com Amanda por telefone. Ela o pusera a par dos últimos acontecimentos.

— Estou com muita saudade de você.

— Sua ideia de me fazer vir para cá foi muito boa — ela disse. — Com Buck viajando e Chloe ainda se restabelecendo, sou necessária aqui.

— Você também é necessária aqui, querida, e estou contando os dias nos dedos.

Rayford contou a Amanda sua conversa com Hattie e os planos dela de voar para os Estados Unidos.

— Confio em você, Rayford. Ela parece estar sofrendo muito. Vamos orar por ela. O que eu não daria para que essa moça ouvisse alguns ensinamentos profundos!

Rayford concordou.

— Se ao menos ela pudesse passar pela nossa cidade no caminho de volta. Talvez quando Bruce estiver falando de algum capítulo sobre ...

Rayford parou ao se dar conta do que acabara de dizer.

— Oh, Ray — disse Amanda.

— Ainda faz muito pouco tempo — ele disse. — Só espero que Deus envie outro professor de estudos bíblicos para nós. Mas não vai ser igual a Bruce.

— Não — disse Amanda — e não vai ser tão breve assim a ponto de beneficiar Hattie, se ela concordar em passar por aqui.



No final daquela tarde, Buck recebeu uma ligação de Ken Ritz.

— Você ainda quer que eu o encontre em Alexandria?

— Estamos conversando sobre isso, Ken. Voltarei a ligar para você.

— Você sabe dirigir um carro com câmbio manual, Buck? — perguntou Michael.

— Claro.

— Um bem antigo?

— Um daqueles carros esquisitos?

— Não tanto assim — disse Michael. — Comprei um velho ônibus escolar que cheira a peixe e tinta. Costumo usá-lo nas duas profissões. Está um bagaço, mas se você conseguir chegar até a embocadura sul do Jordão, talvez encontre um caminho para atravessar a fronteira em direção ao Sinai. Eu poderia fornecer-lhe gasolina e água.

Aquela coisa consome mais água que gasolina.

— Que tamanho tem o ônibus?

— Não é muito grande. Acomoda cerca de vinte passageiros.

— Tração nas quatro rodas?

— Não, sinto muito.

— Queima muito óleo?

— Não tanto quanto a água que consome, mas devo dizer que sim.

— O que há no Sinai?

— Você não sabe?

— Sei que é um deserto.

— Então você sabe tudo o que precisa saber. Vai ter de se preocupar com o motor do ônibus e com a água que ele consome.

— O que você está me propondo?

— Eu lhe vendo o ônibus, sem maiores problemas. Você fica com toda a documentação. Se alguém parar você, eles virão atrás de mim, e eu direi que vendi o ônibus.

— Prossiga ...

— Você esconde o Dr. Ben-Judá debaixo dos bancos no fundo do ônibus. Se você conseguir atravessar a fronteira e chegar ao Sinai, o ônibus poderá levá-lo até El Arish, que fica a menos de 50 quilómetros a oeste da Faixa de Gaza, à margem do Mediterrâneo.

— E daí você pega seu barco de madeira, se encontra conosco e nos leva até os Estados Unidos?

Finalmente Buck conseguiu extrair um sorriso resignado de Michael.

— Há uma pista de vôo lá, e penso que os egípcios não estão preocupados com um homem procurado em Israel. Se começarem a criar caso, poderão ser comprados.

Um dos guardas entendeu o nome da cidade litorânea, e Buck achou que ele estava pedindo, em hebraico, que Michael lhe explicasse sua estratégia. Ele mantinha o semblante sério enquanto falava com Michael, e este virou-se para Buck.

— Meu companheiro tem razão a respeito dos riscos. Israel talvez já tenha divulgado a promessa de uma enorme recompensa pela captura do rabino. Se você não puder cobrir essa quantia, é provável que os egípcios criem caso.

— Como vou saber qual é a tal quantia?

— Você vai ter de adivinhar. Negocie até cobri-la.

— E quanto você acha que é?

— Um milhão de dólares ou mais.

— Um milhão de dólares? Você acha que todos os norte-americanos têm esse dinheiro?

— Você não tem?

— Não! E se alguém tivesse, não carregaria consigo.

— Você não teria metade?

Buck balançou a cabeça e afastou-se. Voltou ao esconderijo. Tsion o seguiu.

— Qual é o problema, meu amigo? — perguntou o rabino.

— Preciso tirar você daqui — respondeu Buck. — E não sei como.

— Você tem orado?

— Constantemente.

— O Senhor lhe mostrará o caminho.

— Neste momento, isto parece impossível.

— Jeová é o Deus dos impossíveis — disse Tsion.

A noite estava se aproximando. Buck estava pronto, mas sem saber aonde ir.

Emprestou um mapa de Michael e estudou-o cuidadosamente, analisando o norte e o sul e os pequenos rios que separavam Israel da Jordânia. Se ao menos houvesse um caminho marítimo partindo do rio Jordão ou do Lago Tiberius até o Mediterrâneo! Buck enrolou o mapa e devolveu-o para Michael.

— Você sabe — ele disse, raciocinando — que tenho duas carteiras de identidade.

Entrei no país como Herb Katz, um empresário norte-americano. Mas também carrego minha identidade verdadeira.

— E daí?

— Que tal eu atravessar a fronteira como Herb Katz e o rabino como Cameron Williams?

— Você se esquece, Sr. Williams, que até um país antigo e empoeirado como o nosso já está informatizado. Se você entrou em Israel como Herb Katz, não existe registro de que Cameron Williams está aqui. E se ele não está aqui, como pode sair?

— Está bem, mas digamos que eu saia como Cameron Williams e o rabino saia como Herb Katz. Apesar de não haver nenhum registro de

que Cameron Williams está aqui, posso mostrar-lhes minha autorização e minha proximidade com Carpathia e pedir-lhes que não me façam perguntas. Isso geralmente funciona.

— Existe uma chance remota, mas Tsion Ben-Judá não fala inglês como um judeu americano, fala?

— Não, mas ...

— E ele não se parece nem um pouco com você nem com a foto que está em sua identidade.

Buck estava frustrado.

— Nós concordamos que temos de tirá-lo daqui, não foi?

— Sem dúvida — disse Michael.

— Então o que vocês sugerem? Não sei mais o que fazer. O Dr. Ben-Judá aproximouse deles, demonstrando claramente que não queria mais permanecer no abrigo subterrâneo.

— Michael — ele disse — não tenho palavras para agradecer tudo o que você tem feito por mim, sacrificando-se para me proteger. Agradeço também sua solidariedade e orações. Tudo tem sido muito difícil para mim. Minha natureza humana me diz para não prosseguir. Quero morrer e fazer companhia à minha esposa e meus filhos. Só a graça de Deus me sustenta. Só Ele me impede de vingar aquelas mortes a qualquer preço. Penso que, a partir de agora, meus dias serão longos e solitários, e minhas noites, negras de desespero. Minha fé é firme e inabalável, e dou graças ao Senhor por isso. Sinto que Ele está me chamando para continuar a servi-lo, apesar de todo o meu sofrimento. Não sei por que Ele permitiu que tudo aquilo acontecesse, e também não sei quanto tempo de vida ele ainda me concederá para pregar e ensinar o evangelho de Cristo. Mas algo dentro de mim me diz que ainda posso ser útil a Deus, caso contrário Ele não teria permitido que eu me preparasse a vida inteira e não teria dado a mim esta segunda chance, usandome para proclamar ao mundo que Jesus é o Messias.

— Sofri um golpe terrível. Há um enorme vazio dentro de meu peito. Não posso imaginar como ele será preenchido. Oro a Deus para que Ele alivie minha dor. Oro para que Ele me liberte do ódio e dos pensamentos de vingança. Mas, acima de tudo, oro para que Ele me conceda paz e serenidade a fim de que eu possa reconstruir minha vida com estes fragmentos que restaram. Sei que minha vida não vale mais nada neste país. Minha mensagem provocou a ira de todos, com

exceção dos crentes, e essa falsa acusação contra mim me obriga a sair daqui. Se Nicolae Carpathia passar a me perseguir, serei um fugitivo em qualquer lugar do mundo. Mas não vejo sentido nenhum em permanecer aqui.

Não posso viver escondido pelo resto da vida, e preciso encontrar um meio para prosseguir meu ministério.

Michael, que estava em pé entre Tsion e Buck, segurou a mão de ambos.

— Tsion, meu amigo, você sabe que meus compatriotas e eu estamos arriscando tudo para protegê-lo. Amamos você como nosso pai espiritual e estamos dispostos a morrer em seu lugar. Todos nós concordamos que você deve ir. Às vezes penso que um homem tão conhecido e tão perseguido como você não teria nenhuma possibilidade de atravessar as fronteiras de Israel, a menos que Deus enviasse um anjo para tirá-lo daqui.

Diante de sua dor e sofrimento, não nos atrevemos a pedir-lhe conselhos. Mas se Deus lhe disse alguma coisa, precisamos saber, e precisamos saber neste momento.

— O céu está escurecendo e temos de agir agora, a não ser que aguardemos mais 24 horas. O que devemos fazer? Para onde devemos ir? Estou disposto a fazê-lo passar por qualquer uma de nossas fronteiras, mas todos nós sabemos que isso seria uma tolice.

Buck olhou para o Dr. Ben-Judá, que simplesmente abaixou a cabeça e orou em voz alta mais uma vez.

— Ó Deus, que nos ajudaste em tempos passados ...

Buck começou a tremer e caiu de joelhos no chão. Sentiu a mão do Senhor sobre ele e ouviu a resposta de que necessitava. Em sua mente ecoava uma frase que ele só podia entender que tinha vindo de Deus: "Eu falei. Eu supri. Não vaciles."

Buck sentiu-se submisso e encorajado, mas ainda não sabia o que fazer. Se Deus lhe havia dito para passar pelo Egito, estava disposto a obedecer. Seria isso? O que Deus havia suprido?

Michael e Tsion estavam ajoelhados ao lado de Buck, com os ombros encostados nos dele. Nenhuma palavra lhes saía da boca. Buck sentiu a presença do Espírito de Deus e começou a chorar. Os outros dois tremiam. De repente, Michael disse: — A glória do Senhor será a tua retaguarda.

Muitas palavras vieram à mente de Buck. Apesar de ter dificuldade de pronunciálas por causa da emoção que sentia naquele momento, conseguiu dizer: — Tu me deste água viva e nunca mais terei sede.

O que seria aquilo? Será que Deus estava dizendo que ele poderia atravessar o deserto do Sinai sem morrer de sede? Prostrado no chão, Tsion Ben-Judá soluçava e gemia: — Oh, Deus, oh Deus, oh Deus ...Michael ergueu o rosto e disse: — Fala Senhor, porque os teus servos estão ouvindo. Atentai nas palavras do Senhor. Quem tem ouvidos para ouvir, ouça...

Tsion prosseguiu: — Jurou o Senhor dos Exércitos, dizendo: Como pensei, assim sucederá, e como determinei, assim se efetuará.

Buck sentiu-se envolto na nuvem de fumaça do Espírito de Deus. De repente, descobriu o que devia fazer. As peças do quebra-cabeça estavam todas ali. Ele e seus companheiros estavam aguardando uma intervenção milagrosa de Deus. O fato era o seguinte: se Deus desejasse que Tsion Ben-Judá saísse de Israel, Ele faria isso. Se Deus não desejasse, não o faria. Deus lhe havia dito em sonho para seguir outro caminho, através do Egito. Deus lhe suprira o transporte por intermédio de Michael. E agora prometera que sua glória seria a retaguarda deles.

— Amém e amém — disse Buck, levantando-se. — É chegada a hora, senhores.

Vamos.

O Dr. Ben-Judá parecia surpreso.

— O Senhor falou com você? Buck devolveu-lhe a pergunta: — Ele falou com você, Tsion?

— Sim! Eu só queria ter a certeza de que estávamos pensando a mesma coisa.

— Se eu puder votar — disse Michael — haverá unanimidade. Vamos.

Os compatriotas de Michael puxaram o barco para a margem. Buck atirou sua mochila dentro e subiu a bordo, acompanhado de Tsion. Enquanto Michael ligava os motores e o barco começava a descer o Jordão, Buck entregou a Tsion os documentos de identidade que estampavam o nome verdadeiro e a fotografia de Buck. Tsion

demonstrou surpresa: — Tive a impressão de que não ia precisar usar este documento.

— E eu tenho certeza de que não devo carregá-lo comigo — disse Buck. — Entrei neste país como Herb Katz, e vou sair daqui como Herb Katz. Vou pedir que você o devolva quando chegarmos ao Sinai.

— Isto é emocionante — disse Tsion — não é mesmo? Estamos falando com tanta confiança que vamos chegar ao Sinai, sem termos nenhuma ideia de como Deus vai fazer isso.

Michael passou a direção do barco para um de seus amigos e sentou-se perto de Buck e Tsion.

— Tsion leva consigo um pouco de dinheiro, alguns cartões de crédito e documentos pessoais. Se ele for encontrado portando tudo isso, será detido e provavelmente morto.

Não seria melhor ficarmos com eles?

Tsion pegou sua carteira e abriu-a sob o clarão do luar. Retirou o dinheiro, dobrou-o, e colocou-o no bolso. Os cartões de crédito foram atirados, um a um, no rio Jordão. Foi a primeira vez que Buck notou um ar de alegria no rosto de Ben-Judá, desde que o vira no esconderijo. Quase tudo foi atirado dentro da água — documentos de identidade e outros que ele juntara ao longo dos anos. Ben-Judá retirou algumas fotografias de dentro da carteira, virou-as em direção à lua e chorou amargamente.

— Michael, gostaria muito que você guardasse estas fotografias e as enviasse para mim um dia.

— Farei isso.

Tsion atirou a carteira no rio.

— Agora — disse Michael — acho que você deve devolver o documento do Sr. Williams para ele.

Tsion fez um gesto para pegá-lo.

— Um momento! — disse Buck. — Se ele não for usar o meu documento, não seria melhor conseguirmos uma identidade falsa para ele?

— De certa maneira — disse Tsion — o que Michael está dizendo faz sentido. Sou um homem que foi despojado de tudo, até mesmo de sua identidade.

Buck pegou seu documento de identidade verdadeiro e tentou encontrar um lugar na mochila para escondê-lo.

— Não vai adiantar — disse Michael. — Eles vão vasculhar você e sua mochila até encontrarem esse documento.

— Bem — disse Buck — eu não posso jogá-lo no Jordão. Michael levantou a mão.

— Vou enviá-lo a você com as fotografias de Tsion — ele disse. — É mais seguro.

Buck hesitou.

— Você também não pode ser encontrado portando as fotografias e meu documento — ele disse.

Michael entendeu.

— De qualquer maneira, minha vida vai ser curta, meu irmão — ele disse. — Sintome honrado e abençoado por ser uma das testemunhas profetizadas na Bíblia. Mas minha missão é pregar em Israel, onde o verdadeiro Messias é odiado. Meus dias estão contados, e vou ser preso quer eu esteja portando as fotografias e o documento ou não.

Buck agradeceu-lhe e balançou a cabeça.

— Ainda não sei como vamos fazer para que Tsion cruze a fronteira sem documentos, sejam eles verdadeiros ou falsos.

— Já oramos — disse Tsion. — Também não sei como Deus vai fazer isso. Sei apenas que Ele vai.

Os recursos e a natureza prática de Buck conflitavam com sua fé.

— Mas não precisamos fazer a nossa parte?

— E qual vai ser nosso papel, Cameron? — perguntou o rabino. — Quando não temos mais ideia nem opção nem ação, passamos a depender unicamente de Deus.

Buck cerrou os lábios e virou o rosto para o outro lado. Gostaria de ter a mesma fé de Tsion. De certa forma, ele sabia que tinha. Mas ainda não fazia sentido tomar atitudes precipitadas, arriscando-se a despertar a curiosidade dos guardas da fronteira quanto à identidade de Tsion.

— Desculpe-me por ligar a esta hora, papai — disse Chloe — mas não estou conseguindo falar com Buck em seu telefone celular.

— Não fique preocupada com Buck, querida. Você sabe que ele sempre encontra uma maneira de se proteger.

— Oh, papai! Buck sempre encontra uma maneira de quase ser morto. Sei que ele estava hospedado no Rei Davi sob um nome falso, e estou querendo ligar para lá, mas ele me prometeu que não dormiria no hotel esta noite.

— Então aguarde a ligação dele, Chloe. Você sabe que Buck não dá muita importância a horários. Se a história ou a reportagem que ele tem em mãos durar a noite inteira, ele não vai sossegar enquanto não terminar.

— Você está me ajudando muito.

— Estou tentando.

— Só não entendo por que ele não leva consigo o telefone celular todas as vezes que sai. Você leva o seu no bolso, não?

— Normalmente, sim. Mas talvez o telefone esteja na mochila dele.

— E se a mochila estiver no hotel e ele estiver andando a esmo, não vou conseguir nada, não é mesmo?

— Acho que sim, querida.

— Eu gostaria que ele sempre levasse o telefone consigo, mesmo que estivesse sem a mochila.

— Procure não se preocupar, Chloe. Buck sempre surge em algum lugar.



Quando aportou na foz do Jordão, Michael e seus companheiros esquadrinharam o horizonte, caminharam discretamente até seu pequeno carro e entraram dentro dele.

Michael tomou o rumo de sua casa, cujo pequeno alpendre servia como garagem. O local era muito pequeno para acomodar o ônibus que ocupava toda a viela atrás da casa. As luzes acenderam-se. Um bebé chorava. A esposa de Michael apareceu vestida com um roupão e

abraçou-o aflita, proferindo algumas palavras em hebraico. Michael virou-se para Buck com olhar de desculpa.

— Preciso manter mais contato com minha família — ele disse, encolhendo os ombros.

Buck pôs a mão no bolso à procura de seu telefone. Não estava lá. Vasculhou a mochila e o encontrou. Devia também manter contato com Chloe com mais frequência, mas no momento era mais importante falar com Ken Ritz. Enquanto falava ao telefone, Buck observava tudo o que ocorria ao seu redor. Michael e seus amigos trabalhavam em silêncio. Estavam colocando água no radiador e óleo no motor do velho ônibus escolar.

Um dos homens enchia o tanque com as latas de gasolina que estavam guardadas na lateral da casa. A esposa de Michael entregou-lhe uma pilha de cobertores e um cesto de roupas para Tsion.

Depois de conversar com Ritz, que concordara em encontrar-se com eles em El Arish, no Sinai, Buck dirigiu-se para o ônibus, passando pela esposa de Michael. Ela lançou-lhe um olhar tímido. Ele diminuiu o ritmo dos passos. Sabia que ela não falava inglês, mas queria demonstrar-lhe gratidão.

— Inglês? — Buck perguntou. Ela fechou os olhos por um instante e balançou negativamente a cabeça. — Eu, hã, só queria agradecer-lhe — ele disse. — Muito obrigado. — Cruzou as mãos e colocou-as debaixo do queixo, esperando que ela entendesse seu gesto. Ela era uma mulher pequenina e frágil, de olhos escuros. Tristeza e terror estampavam-se em seu rosto e em seus olhos. Parecia que ela sabia que estava do lado certo, mas que seu tempo era limitado. Não demoraria muito para seu marido ser encontrado. Além de ter-se convertido ao verdadeiro Messias, ele também defendia um inimigo do país. Buck sabia que a esposa de Michael devia estar se perguntando quanto tempo levaria para que ela e seus filhos tivessem a mesma sorte da família de Tsion Ben- Judá. E, além disso, quanto tempo levaria para que seu marido morresse pela causa, por mais que digna que fosse.

A tradição do país não permitia que ela tocasse em Buck, portanto ele se assustou ao vê-la aproximar-se. Ela parou a pouco mais de meio metro de distância dele e olhou-o com firmeza. Disse alguma coisa em hebraico, e ele só conseguiu identificar as duas últimas palavras: Y'shua Hamashiach.

Depois de atravessar um caminho escuro e chegar ao ônibus, Buck viu que Tsion já estava deitado debaixo dos bancos traseiros. Dentro do ônibus havia alimento, água, óleo e gasolina.

Michael aproximou-se, seguido por seus três amigos. Ele abraçou Buck e beijou-lhe as duas faces.

— Vão com Deus — ele disse, entregando-lhe os documentos do ônibus.

Buck estendeu a mão para despedir-se dos outros três, que não disseram nada, talvez por saberem que ele não compreendia sua língua.

Buck subiu no ônibus e fechou a porta, ajustando o banco barulhento atrás do volante. Michael fez um gesto para ele abrir a janela do seu lado.

— Não se esqueça de pisar fundo — disse Michael.

— Pisar fundo? — perguntou Buck.

— No acelerador.

Buck pisou fundo no pedal do acelerador e soltou-o, girando a chave. O motor começou a funcionar ruidosamente. Michael levantou as duas mãos pedindo-lhe que não fizesse muito barulho. Buck soltou lentamente o pé da embreagem e o carro velho estremeceu, deu um tranco e balançou. Para sair da viela e chegar à rua, Buck pensou que teria de dirigir com o pé na embreagem o tempo todo. Mudando a marcha, com o pé na embreagem e pisando fundo no acelerador, ele finalmente cruzou as ruas da vizinhança e chegou à estrada. Agora, se ele conseguisse seguir as instruções e orientações de Michael e chegasse à fronteira, o resto estaria a cargo de Deus. Sentiu uma liberdade inusitada por dirigir um veículo de sua propriedade, apesar do estado precário em que se encontrava. Estava partindo para uma jornada que o levaria a algum lugar. O amanhecer era uma incógnita para ele. Poderia estar detido, preso, no deserto, no ar ou no céu.

# *CAPÍTULO* **12**

Não demorou muito para Buck entender o que Michael queria dizer com "pisar fundo"

no acelerador. Todas as vezes em que ele pisava na embreagem para mudar a marcha, o motor quase desligava. Quando a situação piorou, ele precisou manter o pé esquerdo no pedal da embreagem, firmar o calcanhar direito no pedal do freio e acelerar com a ponta do pé direito.

Além dos documentos daquele ônibus em estado precário, Michael entregara a Buck um mapa rudimentar.

"Há quatro lugares diferentes onde você poderá atravessar de carro a fronteira de Israel com o Egito", Michael lhe dissera. Os dois mais próximos ficavam em Rafa, na Faixa de Gaza. "Mas essas duas fronteiras costumam ser muito patrulhadas. É melhor você seguir em direção ao sul, passando por Jerusalém, Hebrom e Berseba. Depois, você deve pegar uma estrada a sudeste de Berseba, apesar de precisar desviar um pouco de seu caminho. Depois de percorrer cerca de dois terços do trecho entre Berseba e Yeroham você encontrará um atalho a oeste que o levará até o extremo norte de Negev. Ali, você estará a menos de 50 quilómetros da fronteira. Quando estiver a menos de 10 quilómetros da fronteira, poderá seguir para o norte e depois para o oeste ou continuar sempre em direção a oeste. Não sei dizer qual fronteira será mais fácil para você atravessar. Recomendo a que fica no sul, porque de lá você poderá dirigir-se para uma rota a noroeste que o levará até El Arish. Se você pegar a estrada secundária do norte, terá de voltar para a estrada principal entre Rafa e El Arish, que tem mais trânsito e é mais vigiada."

Isso foi tudo o que Buck precisava saber. Dentre as quatro fronteiras, ele escolheu a que ficava mais ao sul e oraria para que ninguém o parasse até chegar lá.

Tsion Ben-Judá continuou deitado debaixo dos bancos do ônibus até Buck ter-se distanciado bastante de Jerusalém. Ambos sentiam-se mais seguros. Tsion arrastou-se no chão do ônibus, aproximando-se de Buck.

— Você está cansado? — ele perguntou. — Quer que eu dirija um pouco?

— Você está brincando.

— Faz muitos meses que não encontro motivos para brincadeiras — disse Tsion.

— Mas você não estava falando sério sobre dirigir este ônibus, estava? O que você faria se um guarda nos parasse? Trocaria de lugar comigo?

— Eu apenas me coloquei à disposição.

— Agradeço muito, mas isso está fora de cogitação. Estou bem, descansado. Mas também estou morrendo de medo. Isso me faz ficar alerta.

Buck reduziu a marcha para fazer uma curva e Tsion foi arremessado para a frente pela força cinética. Ele segurou firme na barra de metal perto do banco do motorista, rodopiou e foi de encontro a Buck, empurrando-o para a esquerda.

— Eu não lhe disse, Tsion, que estava alerta? Você não precisa ter a preocupação de me despertar a todo momento.

Buck olhou para Tsion procurando ver se conseguira extrair um sorriso dele. Parecia que Tsion estava tentando ser educado. Desculpou-se profusamente e acomodou-se no banco atrás de Buck. Abaixou a cabeça e apoiou o queixo sobre as mãos, que seguravam a barra de metal de separação entre o motorista e o primeiro banco.

— Avise-me quando eu precisar me esconder — ele disse.

— A esta altura, você já deve ter sido visto por alguém.

— Não estou conseguindo ficar muito tempo deitado no chão — disse Ben-Judá. — É melhor nós dois ficarmos atentos.

Buck não tinha condições de fazer o ônibus andar a mais de 70 quilómetros por hora. Receava ter de levar a noite inteira para chegar à fronteira. Talvez isso fosse o certo. Quanto mais escuro e quanto mais tarde, melhor. Enquanto o ônibus se arrastava pela estrada, Buck vigiava os marcadores do painel e dirigia com o máximo cuidado para não fazer qualquer coisa que pudesse chamar a atenção sobre eles. Viu, pelo espelho retrovisor, que Tsion havia se deitado de lado no banco, tentando descansar um pouco. Buck ouviu o rabino proferir algumas palavras.

— O que você disse?

— Desculpe-me, Cameron. Eu estava orando.

Mais tarde, Buck percebeu que ele estava cantando. Mais tarde ainda, que estava chorando. Bem depois da meia-noite, Buck consultou o mapa e viu que estavam atravessando Haiheul, uma cidadezinha um pouco ao norte de Hebrom.

— Será que os turistas de Hebrom ainda estão acordados a esta hora da noite? — Buck perguntou.

Tsion inclinou-se para a frente.

— Não, mas esta é uma região muito habitada. Vou prestar atenção. Cameron, há uma coisa que eu gostaria de lhe dizer.

— Diga.

— Quero que saiba que estou muito agradecido por você ter sacrificado seu tempo e arriscado a vida para vir me buscar.

— Qualquer amigo faria isso, Tsion. Senti um profundo vínculo com você desde a primeira vez que me levou ao Muro das Lamentações. E também quando precisamos fugir juntos após sua apresentação na TV.

— Passamos por experiências incríveis, é verdade — disse Tsion. — Foi por isso que eu sabia que bastava fazer o Dr. Rosenzweig encaminhá-lo para cá, na direção das testemunhas, para você me encontrar. Não me atrevi a dizer a ele onde eu estava. Meu motorista me levou até Michaei e os outros irmãos em Jericó, mas, depois disso, não soube mais nada sobre meu paradeiro. Ele ficou tão perturbado com o que aconteceu à minha família que chegou a chorar. Ele trabalha comigo há muitos anos. Michaei me prometeu mantê-lo informado, mas eu gostaria de ligar para ele. Talvez eu possa usar o seu telefone sigiloso depois de atravessarmos a fronteira.

Buck não sabia o que dizer. Tinha mais segurança que Michaei a ponto de achar que Tsion ainda aguentaria mais uma dose de sofrimento, mas por que teria de ser ele o portador dessa notícia? O intuitivo rabino imediatamente suspeitou de que Buck estava escondendo alguma coisa.

— Qual é o problema? — ele perguntou. — Você acha que é muito tarde para eu ligar para ele?

— É muito tarde — disse Buck.

— Mas se a situação fosse inversa, eu ficaria muito feliz se ele me ligasse a qualquer hora do dia ou da noite.

— Estou certo de que ele sentia... sente o mesmo — disse Buck, de modo inseguro.

Buck olhou de relance no espelho retrovisor. Tsion olhava firme para ele, com aspecto de estar pressentindo alguma coisa.

— Talvez seja melhor eu ligar para ele agora — ele sugeriu. — Posso usar seu telefone?

— Tsion, você não precisa pedir permissão para usar minhas coisas, e sabe disso.

Mas eu não ligaria para ele agora.

Quando Tsion falou, Buck percebeu que ele já havia compreendido. Com voz arrasada, repleta da dor que o atormentaria pelo resto de seus dias, ele disse: — Cameron, o nome dele era Jaime. Ele trabalhou comigo desde que comecei a lecionar na universidade. Não era um homem culto; no entanto, era sábio por ter experiência de vida. Conversávamos muito sobre minhas descobertas. Além de meus alunos, ele e minha esposa eram os únicos que sabiam o que eu ia dizer diante das câmeras de TV. Ele era muito chegado a mim, Cameron. Muito chegado. Mas agora não está mais conosco, não é verdade?

Buck pensou em menear a cabeça simplesmente, mas não pôde fazer isso. Tratou de procurar as placas na estrada que sinalizavam a direção de Hebrom, mas o rabino, evidentemente, não deixou por menos.

— Cameron, somos muito amigos e atravessamos juntos muitas situações difíceis para você me esconder alguma coisa. Alguém lhe contou o que aconteceu com Jaime.

Você precisa entender que o sofrimento que as más notícias têm me acarretado não vai piorar se eu ouvir mais uma, nem melhorar se eu deixar de ouvi-la. Mais que qualquer outra pessoa, nós, os crentes em Cristo, nunca devemos temer a verdade, por mais cruel que ela seja.

— Jaime está morto — disse Buck. Tsion abaixou a cabeça.

— Ele me ouviu pregar muitas vezes. Conhecia o evangelho. Cheguei a pressioná-lo de vez em quando. Ele não se ofendeu. Sabia que eu me preocupava com ele. Só posso esperar e orar para que ele tenha tido tempo de voltar para sua família depois de ter-me entregue a Michael. Conte-me como aconteceu.

— Uma bomba no carro.

— Então, foi morte instantânea — disse Tsion. — Talvez ele não tenha tido tempo de saber o que estava acontecendo. Talvez não tenha sofrido.

— Lamento muito, Tsion. Michael achou que você não suportaria ouvir esta notícia.

— Ele me subestima, mas sou grato por sua preocupação. Eu me preocupo com todas as pessoas de meu relacionamento. Qualquer um que conheça alguma coisa sobre meu paradeiro pode vir a sofrer. Isso inclui muitas pessoas. Nunca vou me perdoar se alguém tiver de pagar um preço alto por simplesmente ter-me conhecido. Francamente, eu me preocupo muito com Chaim Rosenzweig.

— Eu não me preocuparia com Chaim, por enquanto — disse Buck. — Ele ainda está muito ligado a Carpathia. Ironicamente, no momento ele está sob a proteção de Carpathia.

Depois de passarem cautelosamente por Hebrom, Buck e Tsion permaneceram em silêncio o tempo todo até Berseba. Nas primeiras horas da madrugada, a cerca de dez quilómetros ao sul de Berseba, Buck percebeu que o marcador de temperatura estava subindo. O marcador de óleo não apresentava alteração, mas Buck temia mais pelo aquecimento do motor.

— Vou ter de completar a água do radiador, Tsion — ele disse. O rabino parecia estar cochilando.

Buck afastou-se da estrada e estacionou no acostamento coberto de pedregulhos.

Pegou um pedaço de pano que encontrou dentro do ônibus e desceu. Levantou o capo e abriu com cuidado a tampa do radiador, de onde saía fumaça, mas ele conseguiu despejar uns dois litros de água para resfriá-lo. Enquanto estava fazendo isso, ele avistou uma viatura das forças pacificadoras da Comunidade Global passando lentamente na estrada.

Buck tentou demonstrar naturalidade e deu um suspiro profundo. Limpou as mãos no pano e atirou-o dentro da lata de água, percebendo que a viatura havia avançado cerca de trinta metros de distância do ônibus e estava dando marcha à ré. Tentando não agir de modo suspeito, Buck atirou a lata dentro do ônibus e voltou para fechar o capo.

Antes que tivesse tempo de fechá-lo, a viatura deu marcha à ré até a estrada e ficou de frente para ele. Com os faróis ofuscando seus olhos, Buck ouviu um dos ocupantes dizerlhe alguma coisa em hebraico pelo alto-falante.

Buck ergueu os braços e gritou: — Inglês!

O oficial disse, com sotaque acentuado: — Faça o favor de permanecer fora do veículo. Buck virou-se para fechar o capo, mas o oficial gritou novamente: — Fique onde está!

Buck deu de ombros e parou desajeitadamente, com os braços ao longo do corpo. O oficial falava pelo rádio. Finalmente, o outro, com ar de mais jovem, saiu da viatura.

— Desejo-lhe uma boa noite, senhor — ele disse.

— Obrigado — disse Buck. — Tive apenas um pequeno problema de aquecimento, só isso.

O oficial era bronzeado e esguio, e usava o uniforme espalhafatoso da Comunidade Global. Buck gostaria de estar portando seu passaporte e identidade verdadeiros. Não havia nada melhor para acalmar um funcionário da CG do que a autorização nível 2-A de Buck.

— Você está sozinho? — perguntou o oficial.

— Meu nome é Herb Katz — disse Buck.

— Perguntei se você está sozinho.

— Sou um empresário norte-americano, estou aqui a passeio.

— Seus documentos, por favor.

Buck entregou-lhe seu passaporte e a carteira de documentos. O mais jovem examinou-os sob a luz de uma lanterna e, em seguida, apontou-a para o rosto de Buck.

Buck achou que não havia necessidade da lanterna, uma vez que os faróis da viatura estavam-lhe cegando os olhos, mas não disse nada.

— Sr. Katz, o senhor pode me dizer onde comprou esteveículo?

— Comprei-o esta noite. Pouco antes da meia-noite.

— De quem?

— Tenho os documentos. Não sei pronunciar o nome da pessoa. Sou americano.

— Senhor, as placas deste veículo indicam que o proprietário mora em Jericó.

Buck, ainda se fazendo de bobo, disse: — Você acertou! Foi lá que comprei o veículo, em Jericó.

— E o senhor está dizendo que o comprou antes da meia-noite?

— Sim.

— O senhor está sabendo que estamos perseguindo um fugitivo deste país?

— Não, mas eu gostaria de saber.

— Acontece que o proprietário deste veículo foi detido pouco mais de uma hora atrás por ter ajudado e protegido um suspeito de assassinato.

— Não diga! — exclamou Buck. — Acabei de pagar uma viagem de barco a esse homem. Ele tem um barco de turismo. Eu lhe disse que precisava de um veículo para ir de Israel ao Egito, e dali pegar um avião para os Estados Unidos. Ele me disse que tinha este calhambeque, só isso.

O oficial aproximou-se do ônibus.

— Preciso ver os documentos — ele disse.

— Vou pegá-los — disse Buck, passando pela frente do oficial e entrando no ônibus.

Pegou os documentos e agitou-os na mão enquanto descia. O oficial afastou-se e analisou os documentos sob a luz dos faróis da viatura.

— Os documentos parecem estar em ordem, mas é muita coincidência o senhor ter comprado este veículo poucas horas antes de aquele homem ser preso.

— Não sei o que a compra do ônibus tem a ver com a encrenca em que o homem se meteu — disse Buck.

— Temos motivos para acreditar que o homem que lhe vendeu este veículo estava protegendo um assassino. Ele foi encontrado com alguns pertences do suspeito e os documentos de um cidadão americano. Não vai demorar muito para conseguirmos convencê-lo a nos dizer que protegeu o suspeito. — O oficial examinou suas próprias anotações. — O senhor conhece um tal de Cameron Williams, um americano?

— Não me lembro de ter um amigo com esse nome. Sou de Chicago.

— E está partindo esta noite, do Egito?

— Correto.

— Por quê?

— Por quê? — repetiu Buck.

— Por que o senhor precisa partir pelo Egito? Por que não parte de Jerusalém ou de Tel Aviv?

— Não há voos esta noite. Quero voltar para casa. Fretei um avião.

— E por que o senhor simplesmente não alugou um carro?

— Se você examinar atentamente os documentos e a nota de venda do veículo, vai ver que paguei menos pelo ônibus do que pagaria pelo aluguel de um carro.

— Um momento, senhor. — O oficial voltou para a viatura, sentou-se e conversou pelo rádio durante alguns minutos.

Buck orou para que Deus o ajudasse a pensar em alguma coisa que pudesse impedir o oficial de revistar o ônibus. O oficial mais jovem voltou a falar.

— O senhor diz que não conhece nenhum Cameron Williams. Estamos verificando se o homem que lhe vendeu este veículo vai envolver o senhor no esquema dele.

— Esquema dele? — estranhou Buck.

— Não vai demorar muito para descobrirmos onde ele escondeu o suspeito. Será melhor para ele nos dizer toda a verdade. Afinal de contas, ele tem esposa e filhos.

Pela primeira vez na vida, Buck sentiu vontade de matar um homem. Ele sabia que o oficial não passava de um peão de um jogo cósmico, da guerra entre o bem e o mal.

Mas ele representava o mal. Será que ele, Buck, se sentiria justificado, da maneira que Michael se sentira ao matar aqueles que poderiam acabar com a vida de Tsion? O oficial ouviu um ruído no rádio e correu até a viatura. Retornou instantes depois.

— Nossa tentativa deu certo — ele disse. — Conseguimos saber o local do esconderijo. Fica entre Jericó e o Lago Tiberius, um pouco distante do rio Jordão. Mas, mesmo sendo ameaçado de tortura e até de morte, ele jura que o senhor é um turista a quem ele vendeu este veículo.

Buck suspirou. Outras pessoas poderiam considerar uma coincidência o fato de Michael e ele terem contado a mesma história. Para Buck, era um milagre igual ao que ele presenciara no Muro das Lamentações.

— Porém, apenas por questão de segurança — disse o oficial — pediram-me que revistasse seu veículo para ver se encontramos algum indício do fugitivo.

— Mas você disse...

— Não tenha medo. O senhor está livre. Talvez tenha sido usado para transportar alguma coisa para fora do país, sem saber. Precisamos simplesmente revistar o veículo à procura de algo que nos possa levar até o suspeito. Eu agradeceria se o senhor ficasse aqui enquanto faço uma busca em seu veículo.

— Você não precisa de procuração, permissão ou algo parecido?

O oficial virou-se para Buck com ar ameaçador.

— Até agora, o senhor foi amável e colaborou conosco. Mas não cometa o erro de pensar que está falando com um policial qualquer daqui. Pela minha viatura e pelo meu uniforme, o senhor pode ver que represento as forças pacificadoras da Comunidade Global. Não estamos limitados a convenções ou regras. Posso confiscar este veículo, até mesmo sem a sua assinatura. Agora, aguarde aqui.

Pensamentos desenfreados passavam pela mente de Buck. Pensou em tentar desarmar o oficial e fugir na viatura com Tsion. Seria ridículo, mas ele detestava inércia.

Será que Tsion agarraria o oficial? Seria capaz de matá-lo? Buck ouviu os passos lentos do oficial em direção ao fundo do ônibus, indo e voltando. A luz da lanterna varria todo o interior do ônibus.

O oficial desceu e aproximou-se de Buck.

— O que o senhor pensou que íamos fazer? Pensou que íamos dar um sumiço no veículo? Pensou que eu ia permitir que o senhor atravessasse a fronteira do Egito e simplesmente o abandonasse lá? O senhor pretendia levá-lo a um aeroporto qualquer para que as autoridades locais dessem um jeito nele?

Buck estava aturdido. Era com isso que o oficial estava preocupado? Será que ele não vira Tsion Ben-Judá no ônibus? Será que Deus o teria cegado de maneira sobrenatural?

— Hã, eu, hã, cheguei a pensar nisso. Sim, achei que algumas pessoas de lá que tentam ganhar um dinheiro extra carregando nossas bagagens ou coisa parecida, hã, adorariam ter um veículo como este.

— O senhor deve ser um americano muito rico. Imagino que este ônibus não tenha muito valor, mas com certeza seria uma enorme

gorjeta para um carregador de malas, o senhor não concorda?

— Pode me chamar de fútil.

— Obrigado por sua colaboração, Sr. Katz.

— De nada. Eu é que lhe agradeço.

O oficial entrou na viatura e retornou à estrada, usando a pista norte rumo a Berseba. Buck, com os joelhos tremendo e os dedos contraídos, fechou com força o capo e entrou no ônibus.

— Como você conseguiu essa façanha, Tsion? Tsion! Sou eu! Pode sair de onde você está. Sei que você não cabe no bagageiro. Tsion?

Buck subiu em um banco e examinou o bagageiro. Nada. Deitou-se no chão e olhou por baixo dos bancos. Nada, a não ser sua mochila, a pilha de roupas, os alimentos, a água, o óleo e a gasolina. Se Buck não conhecesse tão bem a verdade, pensaria que Tsion Ben-Judá tinha sido arrebatado.

E agora? Não houve trânsito na estrada enquanto Buck esteve entretido com o oficial. Seria conveniente gritar na escuridão? Quando Tsion saíra do ônibus? Decidindo não chamar a atenção de alguém que porventura estivesse passando por ali, Buck entrou no ônibus, ligou o motor e seguiu pelo acostamento da estrada. Depois de percorrer quase 200 metros, tentou fazer o retorno e, para isso, teve de manobrar o ônibus.

Passou, então, para o acostamento do outro lado da estrada, deixando para trás de si uma nuvem de poeira, iluminada pelos faróis traseiros. Vamos, Tsion! Diga-me que você não está indo a pé para o Egito!

Buck pensou em buzinar, mas resolveu percorrer mais uns cem metros na direção norte e fazer o retorno mais uma vez. Desta vez os faróis do ônibus detectaram um aceno furtivo de seu amigo, vindo de um arvoredo distante. Buck dirigiu o ônibus para lá e abriu a porta. Tsion Ben-Judá entrou apressado e deitou-se no chão, perto de Buck.

Estava ofegante.

— Se você já parou para pensar o que significa a frase "o Senhor trabalha de maneiras misteriosas" — disse Tsion — já tem a resposta.

— Mas, o que aconteceu? — perguntou Buck. — Pensei que estávamos fritos.

— Eu também! — disse Tsion. — Eu estava cochilando e mal compreendi que você estava descendo do ônibus para cuidar de

alguma coisa no motor. Quando você levantou o capo, percebi que precisava esvaziar a bexiga. Quando desci, você estava despejando água no radiador. Eu tinha me afastado quase cinco metros da estrada quando avistei a viatura aproximando-se. Não sabia o que fazer, mas sabia que não podia estar dentro daquele ônibus. Comecei a andar nesta direção, orando para que você encontrasse argumentos para sair daquela situação.

— Então você ouviu nossa conversa?

— Não. O que aconteceu?

— Você não vai acreditar, Tsion. — E Buck contou-lhe a história inteira enquanto seguiam rumo à fronteira.

Enquanto o velho ônibus rodava na escuridão, Tsion pareceu encher-se de coragem.

Sentou-se no primeiro banco, logo atrás de Buck, sem curvar o corpo para se esconder.

Inclinou-se para a frente e fez um desabafo ao ouvido de Buck.

— Cameron — ele disse, com voz fraca e trémula — chego quase a enlouquecer quando fico imaginando quem vai cuidar do enterro de minha família.

Buck hesitou.

— Não sei muito bem como lhe fazer esta pergunta, Tsion, mas o que geralmente acontece em casos semelhantes? Quero dizer, quando facções pseudo-oficiais fazem coisas desse tipo.

— É isso que me preocupa. Nunca se sabe o que eles fazem com os corpos. São enterrados? Queimados? Não sei. Sinto uma enorme preocupação só em pensar nisso.

— Tsion, quem sou eu para aconselhá-lo espiritualmente? Você é um homem estudioso da Palavra e sua fé é profunda.

Tsion o interrompeu.

— Não seja tolo, meu jovem amigo. O fato de você não ser um estudioso não significa que é menos firme na fé. Você se converteu antes de mim.

— Mesmo assim, meu discernimento chegou ao extremo e eu não saberia como lidar com uma tragédia semelhante à sua. Eu jamais conseguiria ter a mesma força que você está tendo para enfrentar tudo isto.

— Não se esqueça, Cameron, de que ainda estou vivendo sob a emoção, em estado de choque. Meu sofrimento maior ainda está por vir.

— Francamente, Tsion, eu temia que isso acontecesse com você. Pelo menos, você conseguiu chorar. As lágrimas ajudam a desabafar. Em pior situação estão aqueles que passam por traumas semelhantes e não conseguem derramar uma lágrima sequer.

Tsion endireitou o corpo e permaneceu calado. Buck orou silenciosamente por ele. Por fim, Tsion inclinou de novo o corpo para a frente.

— Venho de gerações que derramaram muitas lágrimas — ele disse. — Séculos de lágrimas.

— Eu gostaria de poder fazer alguma coisa tangível por você, Tsion.

— Tangível? O que pode ser mais tangível do que isto? Você tem demonstrado uma coragem tão grande que nem sei como explicar. Que outra pessoa faria o que você está fazendo por mim, um homem que mal conhece?

— Para mim, parece que sempre o conheci.

— E Deus lhe deu recursos que nem mesmo meus amigos mais íntimos possuem. — Tsion parecia estar refletindo profundamente. Finalmente, ele prosseguiu. — Cameron, há uma coisa que você poderia fazer que me daria um certo conforto.

— Diga.

— Fale-me sobre o pequeno grupo de crentes ao qual você pertence lá nos Estados Unidos. Como vocês se chamam? Círculo fechado, é isto?

— Comando Tribulação.

— Sim! Eu adoro ouvir essas histórias. Em todos os lugares do mundo por onde tenho andado para pregar e ser um instrumento na conversão dos 144 mil judeus que estão se tornando as testemunhas profetizadas na Bíblia, tenho ouvido histórias maravilhosas de suas reuniões secretas. Conte-me tudo sobre o Comando Tribulação.

Buck contou a história desde o início, quando estava no avião como mero passageiro, tendo Hattie Durham como comissária de bordo e Rayford Steele como piloto.

Enquanto falava, ele olhava no espelho retrovisor para ver se Tsion estava prestando atenção ou simplesmente tolerando uma história longa. Buck sempre se surpreendeu por ser capaz de ter a mente em dois lugares de uma só vez. Podia contar uma história e pensar em outra ao mesmo tempo. Enquanto contava a Tsion sobre o desabafo de Rayford a respeito de suas questões espirituais, sobre o encontro com Chloe e a viagem que fizeram juntos de Nova York para Chicago no mesmo dia em que ela orou com o pai aceitando a Cristo e sobre o momento em que conheceu Bruce Barnes, que foi seu conselheiro e mestre, Buck tentava controlar seu medo de enfrentar a travessia da fronteira. Ao mesmo tempo, ele perguntava a si mesmo se devia terminar a história.

Tsion ainda não sabia da morte de Bruce Barnes, um homem que ele não conhecera, mas com quem se havia correspondido e ao lado de quem esperava vir a exercer seu ministério.

Buck contou a história até o ponto da reunião do Comando Tribulação em Chicago, poucos dias antes de irromper a guerra. Ele percebeu que Tsion estava ficando cada vez mais nervoso à medida que se aproximavam da fronteira. Começou a inquietar-se, interrompendo mais vezes, falando cada vez mais rápido e fazendo mais perguntas.

— Quer dizer que o pastor Bruce fez parte da direção da igreja durante muitos anos sem ser um crente verdadeiro?

— Sim. Trata-se de uma história triste, difícil até mesmo para ele contar.

— Não vejo a hora de conhecê-lo — disse Tsion. — Vou sofrer muito com a perda de minha família, vou sentir saudade de meu país como sentiria de meu pai. Mas orar na companhia dos integrantes do Comando Tribulação e abrir a Bíblia com eles será um bálsamo para minha dor, um lenitivo para minhas feridas.

Buck deu um suspiro profundo. Queria parar de falar, concentrar-se na estrada, na fronteira à frente. No entanto, ele tinha de ser honesto com Tsion.

— Você vai encontrar-se com Bruce Barnes por ocasião do Glorioso Aparecimento — ele disse, olhando no retrovisor. Tsion tinha ouvido e compreendido. Abaixou a cabeça.

— Quando aconteceu? — ele perguntou. Buck contou-lhe.

— E como ele morreu? Buck contou-lhe o que sabia.

— É provável que nunca venhamos a saber se sua morte foi causada pelo vírus que ele contraiu em outro país ou pelo impacto da explosão no hospital. Rayford disse que aparentemente não havia marcas no corpo dele.

— Talvez o Senhor o tenha levado antes, poupando-o do bombardeio.

Buck pensou na possibilidade de Deus estar preparando o rabino Ben-Judá para ser o novo mentor bíblico e espiritual do Comando Tribulação, mas não se atreveu a mencionar isso. Não havia possibilidade de um fugitivo internacional tornar-se o novo pastor da Igreja Nova Esperança, principalmente se ele estivesse na mira de Nicolae Carpathia. Além do mais, Tsion poderia considerar a ideia de Buck uma maluquice. Não haveria um meio mais fácil de Deus colocar Tsion em posição de ajudar o Comando Tribulação, sem que isso custasse a vida de sua mulher e filhos?

Apesar de seu nervosismo, apesar de seu medo, apesar da angústia de dirigir um veículo em estado lastimável dentro de um território desconhecido e perigoso, de repente Buck viu que a resposta estava diante de seus olhos. Não podia dar a isso o nome de visão. Ele simplesmente se deu conta das possibilidades. Enxergou a primeira utilidade para o abrigo secreto debaixo da igreja. Visualizou Tsion lá, abastecido de tudo o que precisava, inclusive de um daqueles excelentes computadores que Donny Moore estava montando.

Buck sentiu-se eufórico só em pensar nisso. Proporcionaria ao rabino todos os programas de computador necessários ao seu trabalho: a Bíblia em todas as suas versões, em todos os idiomas, acompanhada de notas, comentários, dicionários, enciclopédias e tudo o mais que fosse necessário. Tsion nunca mais teria a preocupação de perder seus livros. Estariam todos em um único lugar e dentro de um imenso drive de computador.

E que tal Donny Moore instalar um componente que permitisse a Tsion navegar secretamente pela Internet? Será que ele poderia evangelizar de uma forma mais dramática e mais ampla? Poderia pregar e dar aulas de estudos bíblicos pela Internet, alcançando milhões de computadores e aparelhos de TV do mundo inteiro? Com certeza deveria haver alguma tecnologia que lhe permitisse fazer isso sem ser rastreado. Se os fabricantes de telefones celulares eram

capazes de incluir chips que permitiam ao usuário passar por mais de trinta frequências diferentes em questão de segundos para evitar estática e intercepção, certamente haveria um meio de transmitir mensagens pela Internet sem que o remetente fosse identificado.

À distância, Buck avistou viaturas e caminhões da CG perto de dois edifícios de um só pavimento, um de cada lado da estrada. Ali devia ser a saída de Israel. Mais adiante na estrada, deveria haver a entrada para o Sinai. Buck reduziu a marcha e verificou as marcações no painel. O ponteiro de temperatura estava começando a subir, e Buck sabia que se dirigisse devagar e desligasse o veículo enquanto estivesse sendo investigado na fronteira, a temperatura voltaria ao normal. Os marcadores de combustível e óleo estavam em ordem.

Buck sentia-se irritado. Sua mente estava concentrada nas possibilidades de um trabalho de evangelização para Tsion Ben-Judá que sobrepujasse tudo o que o rabino já havia feito. Mas sua mente também o fazia lembrar-se de que ele próprio podia proclamar a verdade, via Internet, sobre o que estava acontecendo no mundo. Por quanto tempo ele ainda fingiria ser um funcionário prestativo de Nicolae Carpathia, mesmo sem ser leal a ele? Seu jornalismo deixara de ser objetivo. Agora limitava-se a ser uma propagação de ideias. Transformara-se naquilo que George Orwell chamou de "novidadeira" em seu famoso romance 1984.

Buck não queria ter de enfrentar a travessia da fronteira. Queria sentar-se sobre a almofada do comodismo e ruminar suas ideias. Queria empolgar o rabino com as possibilidades que vislumbrara. Mas não podia. Aparentemente, sua missão era concentrar-se nos guardas da fronteira enquanto dirigia o velho ônibus com sua carga vulnerável. Todos os veículos que estavam à sua frente já haviam desaparecido, e ele não viu nenhum pelo espelho retrovisor.

Tsion deitou-se no chão do ônibus embaixo dos bancos. Buck parou diante de uma cancela onde havia dois guardas uniformizados. O que estava do lado esquerdo do ônibus sinalizou para que Buck abaixasse o vidro e proferiu algumas palavras em hebraico.

— Inglês — disse Buck.

— Passe pela janela seu passaporte, visto de entrada, documento de identidade, documentos do veículo, mercadorias a serem declaradas

e qualquer outra coisa que o senhor queira nos mostrar antes de efetuarmos uma busca e antes de abrirmos a cancela.

Buck levantou-se e pegou todos os documentos relacionados ao veículo e seu passaporte, visto de entrada e identidade falsos. Voltou a sentar-se no banco do motorista e entregou tudo ao guarda.

— Também estou transportando alimentos, gasolina, óleo e água.

— Alguma coisa mais?

— Alguma coisa mais? — repetiu Buck.

— Alguma coisa mais que eu precise ver! O senhor será interrogado ali dentro e seu veículo será revistado lá. — O guarda apontou para o edifício do lado direito da estrada.

— Sim, tenho algumas roupas e alguns cobertores.

— Só isso?

— Essas são as outras coisas que estou transportando.

— Ótimo, senhor. Quando a cancela for levantada, por favor dirija seu veículo para a direita e vá ao meu encontro no edifício da esquerda.

Buck passou lentamente sob a cancela semilevantada, mantendo o ônibus na primeira marcha, a mais barulhenta de todas. Tsion estendeu o corpo e agarrou o calcanhar de Buck. Buck entendeu esse gesto como um sinal de encorajamento, de agradecimento e, se necessário, de adeus.

— Tsion — ele disse entre os dentes — sua única esperança é ficar bem no fundo do ônibus. Você é capaz de arrastar-se rapidamente até lá?

— Vou tentar.

— Tsion, a esposa de Michael me disse algo quando partimos. Não entendi. Ela falou em hebraico. As últimas palavras soaram como Y'shua Hama-não-sei-o-quê.

— Y'shua Hamashiach significa "Jesus, o Messias" — disse Tsion com a voz trémula.

— Ela estava lhe desejando que Deus o abençoasse em sua viagem, em nome de Y'shua Hamashiach.

— Desejo o mesmo para você, meu irmão.

— Cameron, meu amigo, vou vê-lo brevemente. Se não for nesta vida, será no reino eterno.

Os guardas estavam se aproximando, obviamente interessados em querer saber o motivo da demora de Buck. Assim que o guarda mais

jovem chegou perto do ônibus, Buck desligou o motor e abriu a porta. Pegou uma lata d'água e passou pelo guarda.

— Um pequeno problema com o radiador — ele disse. — Você entende de radiadores?

Confuso, o guarda arregalou os olhos e acompanhou Buck até a frente do ônibus.

Buck levantou o capo e ambos despejaram água no radiador. O guarda mais velho, o que conversara com Buck na cancela, disse: — Vamos, rápido, rápido!

— Só um minuto — disse Buck, sentindo cada nervo de seu corpo e fechando o capo com força. O guarda mais novo caminhou em direção à porta, mas Buck passou por ele desculpando-se, subiu no primeiro degrau e atirou a lata dentro do ônibus. Pensou em "ajudar" o guarda a revistar o ônibus. Podia colaborar com ele indicando-lhe onde estavam os cobertores e as latas de gasolina, óleo e água. Mas ele já havia se exposto ao perigo e não queria levantar mais suspeitas. Desceu do ônibus e encarou o guarda mais jovem.

— Muito obrigado por sua ajuda. Não entendo muito de mecânica. Sou empresário.

Americano, você sabe.

O guarda olhou firme para ele e fez um movimento afirmativo com a cabeça. Buck orou para que ele simplesmente o seguisse até o edifício do outro lado. O guarda mais velho aguardava com os olhos fixos nele, chamando-o com um aceno. Buck não tinha escolha. Deixou o rabino Ben-Judá, o fugitivo mais reconhecido e famoso de Israel, nas mãos dos guardas da fronteira.

Buck entrou apressado no edifício. Estava mais aflito do que nunca, mas não podia deixar transparecer. Queria olhar para trás e ver se Tsion estava sendo arrancado do ônibus. Não haveria meios de ele fugir a pé pela estrada como fizera da última vez. Ali não havia lugar para onde ir nem para se esconder. O local era isolado por cercas de arame farpado. Depois de passar pela cancela, só se podia ir para a direita ou para a esquerda. Não havia condições de retornar.

O guarda estava com os documentos de Buck espalhados diante de si.

— Por onde o senhor entrou em Israel? — ele perguntou.

— Por Tel-Aviv — Buck respondeu. — Está tudo aí...

— Eu sei. Estava apenas conferindo. Seus documentos parecem estar em ordem, Sr. Katz — ele complementou, carimbando o passaporte e o visto de entrada de Buck. — E o senhor representa a...?

— International Harvesters — disse Buck, proferindo propositadamente o nome no plural.

— E quando o senhor pretende partir?

— Esta noite. Meu piloto deve encontrar-se comigo em El Arish.

— E como o senhor vai se dispor do veículo?

— Espero vendê-lo a um preço acessível a alguém no aeroporto.

— Dependendo do preço, não deve haver nenhum problema.

Buck parecia ter-se congelado no lugar. O guarda olhou por cima de seus ombros em direção à estrada. O que ele estaria vendo? Buck imaginou Tsion sendo detido, algemado e conduzido até o outro lado da estrada. Que tolo ele havia sido em não providenciar algum compartimento secreto para Tsion. Aquilo era uma loucura. Teria ele conduzido o rabino para a morte? Buck não podia suportar o pensamento de perder outro integrante de sua nova família em Cristo.

O guarda estava diante do computador.

— Aqui mostra que o senhor foi detido esta madrugada perto de Berseba.

— Detido não é a palavra correta. Eu estava completando a água do radiador e fui interrogado brevemente por um oficial das forças pacificadoras da CG.

— Ele lhe disse que o proprietário anterior deste veículo foi preso por estar comprometido na fuga de Tsion Ben-Judá?

— Disse.

— Então, o senhor deve estar interessado nisto. — O guarda virou-se e apontou o controle remoto em direção a um aparelho de TV em um dos cantos do recinto. A CNN Global estava noticiando que um tal de Michael Shorosh tinha sido preso por ter abrigado um fugitivo da justiça. "O porta-voz da Comunidade Global diz que Ben-Judá, um exestudioso e sacerdote de grande respeitabilidade, aparentemente passou a ser um fundamentalista radical e fanático, e destaca este sermão que ele proferiu há uma semana como prova de reação emocional exagerada quanto a uma passagem do Novo Testamento. Posteriormente, esse homem foi visto por vários vizinhos no momento em que ele trucidava sua própria família."

Buck assistia horrorizado às notícias gravadas em videoteipe que mostravam Tsion pregando a uma enorme multidão dentro de um estádio lotado em Larnaca, na ilha de Chipre. "Prestem atenção", prosseguiu o jornalista quando a fita parou. "O homem que está na plataforma atrás do Dr. Ben-Judá foi identificado como Michael Shorosh. Em uma incursão à sua casa em Jericó, logo após a meia-noite, as forças pacificadoras encontraram fotografias pessoais da família de Ben-Judá e documentos de identidade de Ben-Judá e de um jornalista norte-americano, Cameron Williams. A ligação de Williams com este caso ainda não foi comprovada."

Buck orava para que eles não mostrassem seu rosto na televisão. Levou um susto quando o guarda com quem falava olhou por cima de seus ombros em direção à porta, e sentiu-se perdido quando viu o guarda mais jovem entrar e fixar os olhos nele. O jovem esperou que a porta se fechasse, encostou-se nela com os braços cruzados no peito e passou a assistir ao noticiário. A fita mostrava Ben-Judá lendo o livro de Mateus.

Buck já ouvira Tsion pregar essa mensagem. Os versículos, evidentemente, haviam sido extraídos do contexto. "Aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus. Não penseis que vim trazer paz à terra; não vim trazer paz, mas espada. Pois vim causar divisão entre o homem e seu pai; entre a filha e sua mãe e entre a nora e sua sogra. Assim, os inimigos do homem serão os da sua própria casa. Quem ama seu pai ou sua mãe mais do que a mim não é digno de mim; quem ama seu filho ou sua filha mais do que a mim não é digno de mim; e quem não toma a sua cruz e vem após mim não é digno de mim."

O jornalista disse em tom de voz solene: "Isto sucedeu poucos dias antes de o rabino assassinar sua mulher e filhos à luz do dia."

— Isso é importante, não? — disse o guarda mais velho.

— Isso é muito importante — disse Buck, temendo que seu tom de voz o traísse.

O guarda sentado à mesa estava empilhando os documentos. Ele olhou para Buck e depois para o guarda mais jovem.

— Está tudo em ordem com o veículo, Anis?

Buck precisava raciocinar rápido. Que atitude pareceria mais suspeita? Não se mexer nem olhar para o guarda mais jovem ou virar-

se e olhar para ele? Decidiu olhar para ele.

Ainda em pé diante da porta fechada, com os braços cruzados no peito, o jovem assentiu com um movimento de cabeça.

— Tudo em ordem. Cobertores e suprimentos.

Buck estava prendendo a respiração. O guarda sentado à mesa entregou-lhe os documentos.

— Boa viagem — ele disse.

— Obrigado — respondeu Buck, quase chorando ao soltar a respiração.

Ele virou-se em direção à porta, mas o guarda mais velho ainda não terminara.

— Obrigado por sua visita a Israel — ele complementou. Buck queria gritar. Deu meia-volta e movimentou a cabeça afirmativamente.

— Ah, sim, hã, sim. De nada.

Buck teve de esforçar-se para caminhar. Anis permanecia no mesmo lugar. Buck aproximou-se da porta, ficou frente a frente com o jovem e parou. Percebeu que o guarda mais velho estava prestando atenção.

— Com licença — disse Buck.

— Meu nome é Anis.

— Sim, Anis. Obrigado. Com licença, por favor. Por fim, Anis afastou-se e Buck saiu dali. Suas mãos tremiam quando ele dobrou seus documentos e os colocou no bolso.

Entrou no velho ônibus e deu partida. Se Tsion tivesse encontrado algum lugar para esconder-se, onde o encontraria? Buck fez a costumeira dança dos pés entre a embreagem e o acelerador e o ônibus começou a rodar. Ao ganhar velocidade, ele mudou para a terceira marcha, e o barulho do motor tornou-se mais suave.

— Se você estiver aqui dentro, meu amigo — Buck gritou — não se mexa até que as luzes da fronteira desapareçam de vista. Depois disso, quero saber de tudo.

# *CAPÍTULO* 13

Rayford já estava cansado de ser despertado pela campainha do telefone. No entanto, poucas pessoas da Nova Babilónia, com exceção de Carpathia e Fortunato, costumavam telefonar para ele. E os dois normalmente tinham o bom senso de não incomodá-lo no meio da noite. Portanto, ele imaginou, o telefonema poderia trazer boas ou más notícias. Uma chance em duas, em tempos como aqueles, até que era razoável.

Pegando o fone, ele disse: -Steele.

Era Amanda.

— Oh, Rayford, sei que o horário é impróprio e lamento acordá-lo. É que tivemos alguns momentos emocionantes aqui e gostaríamos de saber se você está a par de tudo.

— A par de quê?

— Chloe e eu estávamos analisando todas aquelas páginas impressas do computador de Bruce. Nós já lhe contamos isto?

— Já.

— Recebemos um telefonema estranho de Loretta, de lá da igreja. Ela disse que estava trabalhando sozinha, atendendo alguns telefonemas quando sentiu, de repente, uma necessidade urgente de orar por Buck.

— Por Buck?

— Sim. Ela disse que sentiu uma emoção tão grande a ponto de levantar-se imediatamente da cadeira. Achou que estava com tontura, mas algo a fez cair de joelhos no chão. Assim que se ajoelhou, Loretta percebeu que não estava com tontura. Ela estava orando fervorosamente por Buck.

— Tudo o que sei, meu bem, é que Buck está em Israel. Acho que ele está tentando encontrar Tsion Ben-Judá, e vocês sabem o que aconteceu com a família dele.

— Sabemos — disse Amanda. — O fato é que Buck tem um jeito todo especial de meter-se em confusão.

— Ele também tem um jeito todo especial de sair dela — disse Rayford.

— Então, o que você acha dessa premonição, ou sei lá o que, de Loretta?

— Eu não chamaria isso de premonição. Na época atual todos nós podemos fazer uso da oração, não é mesmo?

Amanda pareceu irritar-se.

— Rayford, isto não aconteceu por acaso. Você sabe que Loretta é uma mulher sensata. Ela ficou tão confusa que fechou o escritório e voltou para casa.

— Voltou para casa antes das nove horas da noite? Ela está ficando preguiçosa?

— Ora, Rayford. Hoje ela chegou lá por volta do meio-dia. Você sabe que ela costuma ficar até às nove. O pessoal da igreja telefona a qualquer hora.

— Eu sei. Desculpe-me.

— Ela quer conversar com você.

— Comigo?

— Sim. Você falaria com ela?

— Claro, ponha-a na linha. — Rayford não tinha ideia do que dizer a ela. Bruce teria uma resposta para um assunto como este.

Loretta parecia muito abalada.

— Capitão Steele, lamento muito incomodá-lo a esta hora da noite. Que horas são aí, mais ou menos três horas da madrugada?

— Sim, mas está tudo bem.

— Não, não está tudo bem. Não há motivos para eu acordá-lo de um sono profundo, mas Deus me disse para orar por aquele rapaz, tenho certeza disso.

— Estou satisfeito por você ter orado por ele.

— Você acha que estou maluca?

— Sempre achei você um pouco maluca, Loretta. É por isso que amamos tanto você.

— Sei que está brincando comigo, capitão Steele, mas falando sério, será que enlouqueci?

— Não, Loretta. Deus parece estar trabalhando de maneiras mais diretas e dramáticas o tempo todo. Se você sentiu vontade de orar por Buck naquele instante, não se esqueça de perguntar-lhe o que aconteceu, depois que ele voltar.

— Aí é que está o problema, capitão Steele. Tive um pressentimento de que Buck estava correndo perigo. Só espero que ele saia vivo de lá. Estamos esperando que ele volte para cá a tempo de assistir ao culto de domingo. Você vai estar presente, não?

— Se for da vontade de Deus — disse Rayford, espantado por ouvir de sua própria boca uma frase que ele sempre considerou tola quando proferida pela amigas de Irene.

— Queremos estar todos reunidos no domingo — disse Loretta.

— Essa é a minha prioridade. Loretta, você me faria um favor?

— Depois de acordá-lo no meio da noite? Peça.

— Se o Senhor a impelir a orar por mim, você faria isso com toda devoção?

— Claro que sim. Você sabe disso. Espero que agora você não esteja brincando.

— Nunca falei tão sério em minha vida.



Quando as luzes da fronteira desapareceram, Buck saiu da estrada, deixou a marcha no ponto morto, puxou o freio de mão, virou-se de lado e deu um suspiro profundo.

Quase não conseguia falar.

— Tsion, você está aqui no ônibus? Pode sair agora de onde estiver.

Do fundo do ônibus ecoou uma voz embargada pela emoção.

— Estou aqui, Cameron. Louvado seja o Senhor Deus Todo-Poderoso, Criador do céu e da terra.

O rabino precisou arrastar-se para sair debaixo dos bancos. Buck foi ao seu encontro no corredor e o abraçou.

— Fale comigo — disse Buck.

— Eu lhe disse que o Senhor daria um jeito — disse Tsion. — Não sei se o jovem Anis era um anjo ou um homem, mas ele foi enviado por Deus.

— Anis?

— Anis. Ele andou várias vezes pelo corredor do ônibus, iluminando tudo com sua lanterna. De repente, ele ajoelhou-se, iluminou a parte inferior dos bancos e me focalizou. Eu estava orando para que Deus o cegasse. Mas Deus não o cegou. Anis apoiou os cotovelos no chão, mantendo o foco da lanterna em meu rosto com uma das mãos.

Com a outra, ele agarrou-me pela camisa, puxando-me para perto de si. Pensei que meu coração fosse explodir. Imaginei-me sendo arrastado até o edifício, sendo apresentado como um trofeu para o oficial. Anis sussurrou, com os dentes cerrados, algumas palavras roucas em hebraico: "É melhor o senhor ser quem eu estou pensando, ou será um homem morto." O que eu podia fazer? Não podia fugir. Não podia fingir que não estava ali. Eu lhe disse simplesmente: "Jovem, meu nome é Tsion Ben-Judá." Ainda segurandome pela camisa e com a lanterna cegando-me os olhos, ele disse: "Rabino Ben-Judá, meu nome é Anis. Ore como nunca orou antes para que eles acreditem no que eu vou dizerlhes.

'O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça resplandecer o seu rosto sobre ti e te dê a paz.'" Cameron, Deus é testemunha do que estou dizendo. O jovem levantou-se e desceu do ônibus. Permaneci deitado aqui, orando a Deus e chorando o tempo todo.

Não havia nada mais a dizer. Tsion afundou em um dos bancos no meio do ônibus.

Buck voltou ao seu lugar e tomou o rumo da fronteira do Egito.

Meia hora depois, Buck e Tsion chegaram à entrada do Sinai. Desta vez, Deus simplesmente usou a fragilidade do sistema de segurança para permitir a travessia de Ben-Judá. A única cancela existente ficava do outro lado da fronteira do Sinai. Quando Buck foi parado, um guarda imediatamente subiu no ônibus e começou a gritar ordens em sua própria língua.

— Inglês? — disse Buck.

— Está bem, inglês, cavalheiros. — Ele olhou para Tsion. — Você vai poder voltar a dormir aí em poucos minutos, velhote. Antes, vocês precisam ir até lá para que seus documentos sejam examinados. Vou revistar o ônibus enquanto estiverem fora, e depois vocês poderão seguir seu caminho.

Buck, animado após o recente milagre, olhou para Tsion e deu de ombros. Buck aguardou enquanto o rabino abria caminho para o guarda começar a revista, mas Tsion fez um gesto para ele sair dali. Buck desceu do ônibus e dirigiu-se para o edifício.

Enquanto os documentos estavam sendo examinados, o guarda perguntou: — Nenhum problema na fronteira de Israel?

Buck quase sorriu. Nenhum problema? Não há problemas quando Deus está ao nosso lado.

— Não, senhor.

Buck não conseguia conter-se. Continuava a olhar por cima dos ombros à procura de Tsion. Onde ele estaria agora? Será que Deus o tornara invisível?

A burocracia ali era muito mais simples e mais rápida. Aparentemente, os egípcios estavam acostumados a simplesmente carimbar tudo o que os israelenses haviam aprovado. Não era possível chegar até ali sem ter passado pelos procedimentos anteriores e, a menos que os israelenses estivessem tentando livrar-se de seus elementos indesejáveis, a travessia era tranquila. Os documentos de Buck foram carimbados e entregues a ele depois de algumas perguntas de rotina.

— Menos de cem quilómetros até El Arish — disse o guarda. — Não há voos comerciais programados para sair de lá a esta hora da noite, é claro.

— Eu sei — disse Buck. — Já tomei minhas providências.

— Então, tudo bem, Sr. Katz. Tudo de bom para o senhor. Está tudo muito bom mesmo! pensou Buck. Virando-se, ele caminhou apressado para o ônibus. Não havia sinal de Tsion. O guarda que os deteve ainda estava dentro do ônibus. Assim que Buck pisou no degrau, Tsion surgiu detrás do ônibus e parou na frente dele. Ambos subiram juntos. O guarda estava examinando a mochila de Buck.

— Equipamento impressionante, Sr. Katz.

— Obrigado.

Tsion passou pelo guarda e voltou para o mesmo banco, deitando-se nele.

— Para quem você trabalha? — perguntou o guarda.

— International Harvesters — disse Buck. Tsion ergueu um pouco o corpo e Buck quase sorriu. Com certeza, Tsion havia gostado

daquilo.

O guarda fechou a mochila.

— Os documentos de ambos já foram examinados e vocês estão prontos para partir?

— Está tudo em ordem — respondeu Buck.

O guarda olhou para trás. Tsion estava roncando. O guarda virou-se para Buck e disse em voz baixa: — Vá em frente.

Buck tentou não demonstrar ansiedade para partir, mas pisou na embreagem e acelerou assim que o guarda passou pela frente do ônibus. Alguns minutos depois ele já estava na estrada novamente.

— Muito bem, Tsion, onde você se escondeu desta vez? Tsion sentou-se no banco.

— Você gostou do meu ronco? Buck riu.

— Impressionante. Onde você se escondeu enquanto o guarda revistava o ônibus, imaginando que havíamos saído juntos para mostrar os documentos?

— Simplesmente fiquei atrás do ônibus. Você desceu e dirigiu-se para o edifício. Eu também desci e fui para trás do ônibus.

— Você está brincando.

— Eu não sabia o que fazer, Cameron. Ele foi muito gentil e me viu fora do ônibus. Eu não quis ir até o edifício sem ter nenhum documento na mão. Quando você voltou, achei que eu tinha feito o certo.

— A pergunta agora — disse Buck — é quanto tempo vai levar para que o guarda mencione que viu dois homens no ônibus.

Tsion caminhou até o banco atrás de Buck.

— Sim — ele disse. — Em primeiro lugar o guarda vai ter de convencer o pessoal de que ele não estava vendo coisas. Talvez o assunto não venha à baila. Mas, se isso acontecer,eles virão atrás de nós.

— Confio que o Senhor nos livrará, porque Ele prometeu — disse Buck. — Mas penso também que devemos estar preparados. — Ele parou no acostamento, completou a água do radiador e despejou quase dois litros de óleo no motor. Aproveitou para encher o tanque de gasolina.

— Parece que estamos vivendo na época do Novo Testamento — disse Tsion.

Pisando na embreagem e engatando a marcha, Buck disse: — Talvez eles tenham condição de nos alcançar, mas se conseguirmos chegar a El Arish, estaremos a bordo do Learjet e sobrevoando o Mediterrâneo antes que eles percebam que fugimos.

Durante as duas horas seguintes, a condição da estrada piorou. A temperatura estava subindo. Buck olhava constantemente no espelho retrovisor e percebeu que Tsion também olhava para trás. De vez em quando, um veículo menor e mais rápido aparecia no horizonte e passava por eles.

— Com o que você está preocupado, Cameron? Deus não nos traria até aqui para sermos capturados, não é verdade?

— Você está me perguntando? Nunca vi nada disto acontecer antes de conhecer você!

Ambos permaneceram em silêncio por meia hora. Finalmente, Tsion falou e Buck percebeu um tom de firmeza em sua voz.

— Cameron, você sabe que tenho de me esforçar para comer alguma coisa, e até agora não tive muito êxito.

— Pois então coma alguma coisa! Há muita comida aqui!

— E o que vou fazer. O sofrimento em meu coração é tão grande que sinto que jamais vou voltar a fazer alguma coisa que me dê satisfação. Eu adorava um bom prato.

Mesmo antes de conhecer a Cristo, eu sabia que o alimento era uma dádiva de Deus para nós. Ele queria que apreciássemos a comida. Estou com fome, mas vou comer apenas o suficiente para me sustentar e manter as forças.

— Você não me deve explicações, Tsion. Apenas peço a Deus que você encontre algum conforto até o Glorioso Aparecimento.

— Você quer comer alguma coisa?

Buck acenou a cabeça negativamente, mas resolveu pensar melhor.

— Existe alguma coisa aí que tenha muitas fibras e açúcar natural? — Ele não sabia o que teria pela frente, e não queria estar fraco fisicamente.

Tsion deu um suspiro profundo.

— Muitas fibras e açúcar natural? É a comida típica de Israel, Cameron. Você disse exatamente o que costumamos comer.

O rabino entregou a Buck várias barras de figo seco que pareciam ser feitas com granola e frutas. Buck não se dera conta do quanto estava com fome até começar a comer. De repente, sentiu-se saciado e esperava que Tsion também sentisse o mesmo, principalmente depois de avistar luzes amarelas piscando atrás deles, a uma certa distância.

A pergunta agora era se deveriam aumentar a velocidade ou fingir inocência e deixar o veículo passar. Talvez não estivesse no encalço deles. Buck meneou a cabeça.

Evidentemente essa era a sua batalha de Waterloo. Ele estava confiante de que Deus os livraria, mas também não queria ser tão tolo a ponto de pensar que um veículo de emergência vindo da fronteira não estaria no encalço deles.

— Tsion, é melhor você colocar tudo no lugar e esconder-se.

Tsion inclinou o corpo e olhou para trás.

— Mais aventura — ele murmurou. — Senhor, será que já não passamos por tudo o que tínhamos de passar em um único dia? Cameron, vou guardar tudo, mas vou levar alguns petiscos para meu esconderijo.

— Como você preferir. Pelo que vimos na fronteira, os carros deles são pequenos e não são muito possantes. Se eu pisar fundo no acelerador, eles vão demorar para nos alcançar.

— E quando eles nos alcançarem? — perguntou Tsion, já escondido debaixo dos bancos no fundo do ônibus.

— Estou tentando imaginar uma estratégia.

— Vou continuar orando — disse Tsion. Buck quase chegou a rir.

— Suas orações não surtiram muito efeito esta noite — ele disse.

Não houve nenhuma reação da parte de Tsion. Buck acelerou o ônibus o mais que pôde. O ponteiro marcava mais de 80 quilómetros por hora e, segundo seus cálculos, uma velocidade equivalente a 50 milhas por hora. O ônibus rodava ruidosamente, balançando e dando trancos. As várias peças de metal rangiam como se estivessem protestando. Era evidente que se Buck podia enxergar a viatura da fronteira, seu motorista também podia ver o ônibus. Não fazia sentido desligar os faróis e esperar que eles imaginassem que o ônibus saíra da estrada.

Buck achava que conseguiria distanciar-se da viatura. Ele não podia calcular a distância por causa da escuridão, mas aparentemente

o carro não estava em alta velocidade. As luzes estavam piscando, e Buck convenceu-se de que estava sendo perseguido, mas continuou acelerando.

De trás do ônibus, veio a voz de Tsion: — Cameron, acho que tenho o direito de saber. Qual é o seu plano? O que você vai fazer quando eles nos alcançarem?

— Vou lhe dizer uma coisa. Não quero voltar para aquela fronteira. Também não tenho certeza se vou permitir que eles me façam parar no acostamento.

— Como você vai saber o que eles querem?

— Se o motorista for o guarda que revistou o ônibus, saberemos o que eles querem, certo?

— Suponho que sim.

— Vou gritar pela janela e pedir que nos acompanhe até o aeroporto. Não faz sentido percorrer todo o caminho de volta para a fronteira.

— Mas a decisão não deve ser dele?

— Neste caso, vou ter de apelar para a desobediência civil — disse Buck.

— E se ele forçar você a sair da estrada? Parar você?

— Vou evitar colidir com a viatura dele a qualquer custo, mas não pretendo parar, e se for obrigado, não farei o retorno.

— Gostei de sua determinação, Cameron. Vou orar. Siga a orientação de Deus.

— Vou seguir.

Buck calculou que eles estavam a 30 quilómetros do aeroporto de El Arish. Se ele conseguisse manter a velocidade do ônibus a mais ou menos 60 quilómetros por hora, chegaria lá em meia hora. O carro da patrulha com certeza o alcançaria antes disso. Mas como eles estavam bem mais perto do aeroporto que da fronteira, Buck tinha certeza de que o guarda seria sensato e os acompanharia até o aeroporto em vez de forçá-los a voltar para a fronteira.

— Tsion, preciso de sua ajuda.

— Diga.

— Continue abaixado e fora de visão, mas pegue meu telefone que está em minha mochila e traga-o até aqui.

Quando Tsion aproximou-se rastejando e com o telefone na mão, Buck perguntoulhe: — Quantos anos você tem?

— Em minha cultura, essa é uma pergunta deselegante — disse Tsion.

— Ah, sim, mas agora isso pouco importa.

— Tenho 46 anos, Cameron. Por que você quer saber? Você parece estar em boa forma.

— Obrigado. Pratico exercícios físicos.

— Pratica? Sério?

— Isso o surpreende? Você se surpreenderia mais ainda com o número de intelectuais que praticam exercícios físicos. Claro que há muitos que não fazem isso, mas ...

— Só quero saber se você é capaz de correr, se for necessário.

— Espero não ter de chegar a esse ponto, mas sim, sou capaz. Não corro tão rápido como no tempo em que era jovem, mas tenho uma resistência surpreendente para um homem de minha idade.

— Isso é tudo o que eu queria saber.

— Lembre-me de fazer-lhe algumas perguntas pessoais um dia — disse Tsion.

— Estou falando sério, Tsion. Eu não o ofendi, não? Buck estava estranhamente entusiasmado. O rabino deu uma risada.

— Oh, meu amigo, pense um pouco. O que poderia me ofender agora?

— Tsion, é melhor você voltar para o seu lugar, mas antes diga-me quanta gasolina ainda temos.

— O marcador está na sua frente, Cameron. Você é quem deve me dizer.

— Não. Estou falando das latas extras.

— Vou verificar, mas com certeza não teremos tempo de abastecer o tanque enquanto estivermos sendo perseguidos. O que você tem em mente?

— Por que você faz tantas perguntas?

— Porque sou um aluno. Sempre serei um aluno. De qualquer forma, estamos juntos nisto, não estamos?

— Bem, deixe-me dar-lhe uma pista. Enquanto você verifica as latas de gasolina, eu verifico o acendedor de cigarros no painel.

— Cameron, os acendedores de cigarros são os primeiros a deixar de funcionar em veículos velhos, não é verdade?

— Pelo bem de nós dois, espero que não.

O telefone de Buck tocou. Assustado, ele o abriu.

— Buck falando.

— Buck! É Chloe!

— Chloe! Não posso falar com você agora. Confie em mim. Não me faça nenhuma pergunta. Neste instante estou bem, mas, por favor, peça a todos que orem, e que orem agora.

E veja se você consegue encontrar na Internet ou em outro lugar qualquer o número do telefone do aeroporto de El Arish, localizado no sul da Faixa de Gaza, às margens do Mediterrâneo, no Sinai. Entre em contato com Ken Ritz, que deve estar me esperando lá. Peça que ele ligue para mim neste número.

— Mas Buck...

— Chloe, é assunto de vida ou morte!

— Então me ligue assim que estiver a salvo!

— Prometo!

Buck fechou o telefone e ouviu Tsion dizer, do fundo do ônibus: — Cameron, você está pensando em explodir este ônibus?

— Você é um homem realmente culto, não? — disse Buck.

— Só espero que você aguarde até chegarmos ao aeroporto. Quero dizer, um ônibus em chamas pode nos fazer chegar lá mais depressa, mas seu amigo piloto talvez tenha de transportar nossos restos mortais para os Estados Unidos.



— Está tudo bem, Chloe — disse Rayford. — Faz tempo que desisti de tentar dormir.

Estou acordado, lendo.

Chloe contou-lhe a respeito de sua estranha conversa com Buck.

— Não perca tempo na Internet — disse Rayford. — Tenho um guia com todos os números de telefone dos aeroportos. Espere um pouco na linha.

— Papai — ela disse — você está mais perto que eu de lá. Telefone para Ken Ritz e peça-lhe que ligue para Buck.

— Se eu tivesse um avião, por menor que fosse, iria até lá.

— Papai, não é necessário que você e Buck ponham a vida em risco ao mesmo tempo.

— Chloe, fazemos isso todos os dias.

— É melhor você se apressar, papai.



Buck calculou que a viatura que os seguia estava a menos de 800 metros de distância. Ele pisou fundo no acelerador. O ônibus sacolejava pela estrada e o volante trepidava em suas mãos. Os marcadores do painel estavam dentro da normalidade, mas Buck sabia que não demoraria muito para a água do radiador ferver.

— Calculo que ainda temos oito litros de gasolina — disse Tsion.

— É o suficiente.

— Concordo, Cameron. É mais do que suficiente para que nos tornemos mártires.

Buck tirou um pouco o pé do acelerador para suavizar os solavancos. Suavizar não era a palavra correta. Suas costas e quadril sofreram com o impacto. Agora a viatura estava a menos de 500 metros de distância.

Tsion gritou do fundo do ônibus: — Cameron, está claro que não vamos conseguir chegar ao aeroporto sem que eles nos alcancem, você concorda?

— Sim! E daí?

— Então não faz sentido exigir tanto deste veículo. Seria mais prudente economizar água, óleo e gasolina até chegarmos ao aeroporto. Se o ônibus parar de funcionar, de nada valerá toda a sua determinação.

Buck não podia contra-argumentar. Reduziu imediatamente a velocidade para 50 quilómetros por hora e percebeu que, com isso, o ônibus teria condições de chegar ao destino. No entanto, a velocidade reduzida permitiu que o carro da patrulha o alcançasse.

Buck ouviu o som da sirene e viu, pelo espelho retrovisor externo, a luz de um holofote, a poucos metros de distância do ônibus. Ele limitou-se a fazer um aceno e seguiu em frente. Agora, o motorista da viatura fazia uso de todos os seus equipamentos: luzes pisca-pisca, holofote, sirene e buzina.

Finalmente o carro da patrulha emparelhou com o ônibus. Buck olhou dentro e avistou o mesmo guarda que revistara o ônibus.

— Prenda o cinto de segurança, Tsion! — Buck gritou. — A caçada começou!

— Eu gostaria de ter um cinto de segurança! Buck prosseguiu na mesma velocidade.

A viatura continuava a seu lado e o guarda apontava para o acostamento. Buck acenou para ele e seguiu em frente. A viatura ultrapassou o ônibus, e o guarda reduziu a velocidade, continuando a apontar para o acostamento. Ao perceber que não teria êxito, o guarda reduziu ainda mais a velocidade, forçando Buck a passar para a outra pista.

Sem pisar fundo no acelerador, ele viu que a viatura estava do lado direito do ônibus, rodando em alta velocidade para não permitir a ultrapassagem. Buck reduziu a velocidade e voltou para a pista anterior, passando a seguir a viatura. Quando ela parou, ele parou atrás.

Assim que o guarda desceu da viatura, Buck deu marcha à ré e passou por ele, distanciando-se cerca de cem metros. O guarda voltou a sentar-se ao volante e o alcançou rapidamente. Emparelhou com o ônibus e mostrou-lhe uma arma. Buck abriu a janela e gritou: — Se eu parar, o ônibus vai enguiçar! Acompanhe-me até El Arish!

— Não! — foi a resposta. — Acompanhe-me de volta à fronteira!

— Estamos muito mais perto do aeroporto! Este ônibus não tem condições de voltar para a fronteira!

— Então saia daí! Volte para a fronteira comigo!

— Siga-me até o aeroporto!

— Não!

Buck fechou o vidro da janela. Quando o guarda apontou a arma na direção de Buck, ele abaixou-se mas continuou seguindo em frente.

O telefone de Buck estava tocando. Ele abriu-o.

— Fale rápido!

— É Ritz! Qual é o problema?

— Ken, você já passou pela alfândega daí?

— Sim! Estou pronto.

— Pronto para divertir-se um pouco?

— Pensei que você nunca ia me pedir isso! Faz séculos que não me divirto de verdade.

— Você vai arriscar a vida e infringir a lei — disse Buck.

— Só isso? Já estou acostumado.

— Diga-me exatamente onde você está, Ken.

— Parece que sou o único avião que vai partir daqui esta noite. Estou do lado de fora de um hangar no final da pista. Quero dizer, o meu avião, e não eu. Estou conversando com você de um pequeno terminal.

— Você já está com a documentação em ordem, pronto para partir do Egito?

— Sim, sem problemas.

— O que você disse ao pessoal daí quanto a outros passageiros e carga?

— Imaginei que você não queria que eu falasse disso com ninguém.

— Perfeito, Ken! Obrigado! E quem eles acham que eu sou?

— Exatamente quem você é, Sr. Katz.

— Ótimo, Ken. Aguarde um pouco na linha.

Agora, a viatura estava na frente do ônibus e o guarda pisou com toda força no freio. Buck teve de dar uma guinada para não bater no carro da patrulha e quase saiu da pista. O ônibus derrapou e, por pouco, não tombou.

— Estou rolando de um lado para o outro! — gritou Tsion.

— Aguente firme! — disse Buck. — Não vou parar nem fazer o retorno.

O guarda havia apagado as luzes pisca-pisca e o holofote, e desligado a sirene. Ele encostou a viatura na traseira do ônibus e forçou uma colisão. Bateu uma vez. Mais uma.

E mais outra.

— Ele está com medo de amassar a viatura, não é mesmo? disse Buck.

— Não tenha tanta certeza assim — disse Tsion.

—Tenho sim. — Buck pisou com força no freio. Tsion escorregou para a frente e deu um grito. Buck ouviu o ruído estridente de pneus e

viu a viatura dar uma guinada e sair para o lado direito da pista, indo parar no acostamento de pedregulhos. Buck acelerou com toda a força. O motor do ônibus parou. Enquanto tentava dar a partida, ele avistou a viatura, rodando pelo acostamento. O motor deu um tranco, e Buck pressionou a embreagem, voltando a falar ao telefone.

— Ken, você ainda está na linha?

— Sim, mas, céus, o que está acontecendo?

— Você não vai acreditar!

— Você está sendo perseguido ou coisa parecida?

— Perseguido é muito pouco para tudo o que estou passando, Ritz! Acho que não vamos ter tempo de passar pela alfândega. Preciso saber como chegar até seu avião.

Você precisa estar com tudo em ordem, motores funcionando, porta aberta e escada na posição.

— Isso é que é divertimento! — disse Ritz.

— Você não faz ideia — disse Buck. O piloto explicou rapidamente a Buck o local da pista e o terminal onde ele se encontrava. — Chegaremos aí dentro de dez minutos — prosseguiu Buck. — Se eu conseguir manter esta coisa rodando, vou chegar o mais perto que puder da pista e de seu avião. O que vou encontrar por aí?

A viatura voltou para a pista, deu um rodopio e ficou de frente para o ônibus.

Buck desviou para a esquerda, mas foi fechado pela viatura, e não pôde evitar uma colisão. Com o impacto, a viatura deu um giro na estrada e o capo foi atirado longe. Buck percebeu que o ônibus quase não sofreu com o impacto da batida, mas o ponteiro da temperatura estava subindo.

— Afinal de contas, quem está perseguindo você? — perguntou Ritz.

— A patrulha da fronteira egípcia — respondeu Buck.

— Então pode apostar que eles vão se comunicar pelo rádio com o pessoal mais à frente. Você vai enfrentar uma espécie de bloqueio.

— Acabei de colidir com a viatura. Será que vou conseguir furar o bloqueio?

— Isso você vai ter de decidir na hora. Se você estiver tão perto daqui como diz, é melhor eu me dirigir para o avião.

— O acendedor de cigarros está funcionando! — gritou Buck para Tsion.

— Não quero ouvir falar nisso!

A viatura amassada recomeçou a perseguição. Buck avistou as luzes da pista à distância.

— Tsion, venha até aqui. Precisamos planejar uma estratégia.

— Planejar uma estratégia? Isso é uma loucura!

— E que outro nome você daria a tudo isto que estamos passando?

— A loucura de Deus! Farei tudo o que você me pedir, Cameron. Hoje, nada será capaz de nos deter.

Aparentemente o guarda da viatura já havia se comunicado pelo rádio para pedir não só um bloqueio, mas também ajuda. No sentido contrário, Buck avistou dois pares de faróis, lado a lado, ocupando as duas pistas.

— Você conhece a expressão "brincar com fogo"? — perguntou Buck.

— Não — respondeu Tsion — mas estou começando a conhecer. Você vai desafiá-los?

— Você não acha que eles têm muito mais a perder que nós?

— Acho. Estou aguentando firme. Faça o que tiver de fazer!

Buck pisou fundo no acelerador. O ponteiro da temperatura chegou rapidamente ao máximo. Saía fumaça do motor.

— Vou lhe dizer o que vamos fazer, Tsion! Preste muita atenção!

— Concentre-se na direção, Cameron! Diga-me depois!

— Não haverá depois! Se estas viaturas não saírem da frente, vai haver uma tremenda batida. Acho que conseguiremos prosseguir. Quando chegarmos ao tal bloqueio preparado para nós no aeroporto, teremos de tomar uma decisão rápida. Quero que você despeje a gasolina de todos aqueles recipientes dentro de um tambor maior de água, aquele que tem uma abertura grande na parte superior. Vou acionar o acendedor de cigarros e deixá-lo pronto. Se eu achar que temos condição de furar o bloqueio, vou continuar rodando até chegar o mais perto possível da pista. O Learjet vai estar à nossa direita e a cerca de cem metros do terminal. Se o bloqueio for intransponível, vou tentar passar por fora. Se isso for impossível, vou virar todo o volante para a esquerda e pisar com toda força no freio. Isso vai fazer com que

o ônibus dê um cavalo-de-pau. Tudo o que estiver solto dentro do ônibus vai escorregar pela porta traseira. Você vai precisar colocar aquele tambor de gasolina no corredor a dois ou três metros da porta traseira.

Quando eu der um sinal, atire o acendedor de cigarros dentro dele. Isso precisa ser feito com alguns momentos de antecedência para que a gasolina se incendeie antes da colisão.

— Não estou entendendo! Como vamos escapar?

— Se o bloqueio for intransponível, essa será a nossa única esperança! Quando a porta traseira se abrir com a explosão e a gasolina pegar fogo, teremos de nos segurar com toda a força para não sermos arremessados para o fundo do ônibus. Enquanto eles estiverem concentrados no fogo, vamos saltar pela porta da frente e correr na direção do jato. Entendeu?

— Entendi, Cameron, mas não estou otimista!

— Segure firme! — gritou Buck quando os dois carros do aeroporto aproximaram-se dele. Tsion colocou um braço na barra de metal atrás de Buck e passou o outro ao redor do peito, agarrando o encosto do banco como se fosse um cinto de segurança humano.

Buck não fez menção de reduzir a marcha nem de desviar e foi de encontro aos dois pares de faróis. No último instante, ele fechou os olhos à espera de uma violenta colisão.

Quando abriu os olhos, não havia nenhum carro na estrada. Virou-se para trás e olhou para a esquerda e para a direita. Os dois carros estavam fora da estrada, e um deles rodava. A viatura que o perseguia continuava atrás do ônibus, e Buck ouviu um estampido.

A pouco mais de um quilómetro à frente surgiu o pequeno aeroporto. Cercas enormes de arame farpado isolavam a entrada, e atrás dela havia um bloqueio de meia dúzia de veículos e vários soldados armados. Buck viu que não seria capaz de furar o bloqueio nem de desviar dele.

Pressionou o acendedor de cigarros enquanto Tsion arrastava o tambor de gasolina para o fundo do ônibus.

— O líquido está balançando dentro do tambor! — gritou Tsion.

— Faça o melhor que puder!

Quando Buck acelerou em direção ao portão aberto e ao enorme bloqueio, com o carro da patrulha ainda o perseguindo, o acendedor de

cigarros funcionou. Buck agarrouo e atirou-o na direção de Tsion. O acendedor bateu em alguma coisa e rolou debaixo de um banco.

— Oh, não! — gritou Buck.

— Consegui pegá-lo! — disse Tsion. Buck olhou no espelho retrovisor e viu Tsion sair debaixo do banco, atirar o acendedor de cigarros dentro do tambor e correr para a frente do ônibus.

A traseira do ônibus irrompeu em chamas.

— Segure firme! — gritou Buck, virando todo o volante para a esquerda e pisando com toda força no freio. O ônibus rodopiou tão rápido que quase tombou. A traseira colidiu com os carros do bloqueio e a porta do fundo abriu-se, espalhando a gasolina em chamas por toda parte.

Buck e Tsion saltaram do ônibus, abaixaram-se e correram, passando pelo lado esquerdo do bloqueio. Os guardas miraram suas armas para dentro do ônibus e começaram a atirar enquanto outras pessoas gritavam e fugiam das chamas. Tsion estava sem forças. Buck agarrou-o e arrastou-o para o lado escuro do terminal perto da pista.

Lá estava o Learjet, pronto para decolar. Nunca um avião se parecera tanto com um oásis de segurança. Buck olhou para trás duas vezes, mas aparentemente ninguém notara a fuga deles. Era bom demais para ser verdade, mas encaixava-se com tudo o que lhes acontecera naquela noite.

A uns quinze metros do avião, Buck ouviu tiros e virou-se. Meia dúzia de guardas corriam em sua direção, atirando com armas possantes. Quando eles chegaram à escada, Buck agarrou Tsion pela parte de trás da cinta e empurrou-o para dentro do avião.

Enquanto Buck atirava-se para dentro do avião, um projétil atingiu a parte inferior do salto da bota de seu pé direito. Seu pé começou a doer enquanto ele fechava a porta com força e Ritz fazia as manobras para a decolagem.

Buck e Tsion rastejaram até a cabina de comando.

Ritz murmurou: -Aqueles mal-educados atiraram em meu avião. Estou louco da vida com eles.

O avião decolou como um foguete e elevou-se rapidamente.

— Próxima parada — anunciou Ritz — aeroporto de Palwaukee, Estado de Illinois, nos Estados Unidos da América do Norte.

Deitado no chão, Buck não conseguia mover-se. Queria olhar pela janela, mas não se atrevia. Tsion escondeu o rosto nas mãos. Chorava e parecia orar também.

Ritz voltou a falar.

— Williams, você criou uma confusão terrível lá embaixo. Conte-me tudo o que aconteceu.

— Eu demoraria uma semana para contar tudo — disse Buck ofegante.

— Bem — disse Ritz — qualquer que tenha sido a história, com certeza foi muito divertida.

Uma hora mais tarde, Buck e Tsion estavam sentados nas poltronas reclináveis, examinando os ferimentos.

— Sofri apenas uma torção — disse Tsion. — Quando batemos pela primeira vez, meu pé ficou preso sob um dos suportes do banco. Eu estava com receio de ter fraturado o pé. Vai sarar rapidamente.

Buck tirou lentamente a bota do pé direito e levantou-o para que Tsion pudesse ver a trajetória do projétil. Havia um buraco que ia da sola do pé até o tornozelo. Buck tirou a meia ensanguentada.

— Você quer olhar? — perguntou Buck, sorrindo. — Não haverá necessidade de sutura. Apenas um pequeno corte.

Tsion utilizou o estojo de primeiros socorros de Ken Ritz para cuidar do pé de Buck e encontrou uma bandagem para seu tornozelo.

Finalmente, recostados nas poltronas e com os pés levados para abrandar a dor dos ferimentos, Tsion e Buck entreolharam-se.

— Você está tão exausto quanto eu? — perguntou Buck.

— Estou pronto para dormir — disse Tsion — mas seríamos negligentes se não agradecêssemos.

Buck inclinou-se para a frente e curvou a cabeça. A última coisa que ouviu antes de mergulhar num doce sono de alívio foi a linda cadência da oração do rabino Tsion Ben- Judá, agradecendo a Deus porque "a glória do Senhor foi a nossa retaguarda".

# CAPÍTULO 14

Buck despertou quase dez horas depois, satisfeito por ver que Tsion ainda dormia.

Examinou o tornozelo enfaixado do amigo. Estava inchado, mas não aparentava gravidade. Buck ainda não podia calçar a bota por causa do ferimento no pé. Mancando, ele dirigiu-se até a cabina de comando.

— Como vão indo as coisas, capitão?

— Muito melhor agora que estamos sobrevoando o espaço aéreo dos Estados Unidos.

Eu não tinha ideia da encrenca em que vocês se meteram nem que tipo de pilotos de caça estavam atrás de mim.

— Acho que não valíamos todo aquele estardalhaço, com a Terceira Guerra Mundial em pleno andamento — disse Buck.

— Onde você deixou seus pertences?

Buck virou-se e olhou ao redor. O que ele estava procurando? Não havia trazido nada. Tudo o que era seu ficara naquela mochila de couro, que agora devia ter-se transformado em cinzas, e seu conteúdo, derretido.

— Prometi ligar para minha esposa! — ele disse.

— Você vai gostar de saber que eu já conversei com seus familiares — disse Ritz. — Eles ficaram aliviados quando lhes contei que você estava a caminho de casa.

— Você não contou nada a respeito de meu ferimento nem do outro passageiro, contou?

— Você precisa confiar mais em mim, Williams. Nós dois sabemos que seu ferimento não foi grave, portanto não havia necessidade de sua esposa tomar conhecimento antes de ver o que aconteceu. E quanto ao outro passageiro, não tenho ideia de quem ele é nem se sua família sabe que você o está levando para sua casa. Não, eu também não disse nada a respeito dele.

— Você é um cara legal, Ritz — disse Buck, dando-lhe um tapinha no ombro.

— Gosto de elogios como qualquer outra pessoa, mas espero que você saiba que me deve uma gratificação pela minha parte na fuga.

— Isso poderá ser providenciado.

Por ter saído poucos dias antes dos Estados Unidos com a documentação em ordem, tanto do avião como de seu passageiro, Ritz não teve problemas e passou facilmente pela rede de radares norte-americanos. Não comunicou a presença de um passageiro extra, mas como o pessoal do Aeroporto de Palwaukee não tinha o hábito de fiscalizar viajantes internacionais, ninguém prestou atenção quando um piloto norte-americano na casa dos cinquenta anos, um rabino israelense com mais de quarenta e um escritor norteamericano na casa dos trinta anos desceram do avião. Ritz era o único que não mancava.

Buck havia ligado para Chloe do avião. Imaginou que ela poderia estar furiosa por ter ficado acordada a noite inteira, preocupada e orando por ele, mas ela parecera aliviada ao ouvir sua voz.

"Acredite em mim, meu bem," ele dissera. "Você vai compreender depois de ouvir a história inteira."

Buck a convencera de que apenas o Comando Tribulação e Loretta poderiam saber a respeito de Tsion.

"Não conte nada a Verna. Você pode ir sozinha até Palwaukee?"

"Ainda não estou dirigindo, Buck", ela respondera. "Amanda poderá levar-me. Verna não está mais morando aqui. Mudou-se para a casa de amigas."

"Ela pode vir a ser um problema para nós", dissera Buck. "Talvez eu tenha me tornado vulnerável diante da pior pessoa relacionada à minha profissão."

"Falaremos sobre isso depois, Buck."

Parecia que Tsion Ben-Judá estava sob um programa nacional de proteção a testemunhas. Foi levado à casa de Loretta na calada da noite. Amanda e Chloe, que já haviam sido informadas por Rayford sobre a tragédia com a família de Tsion, cumprimentaram-no com cordialidade e pesar pelo acontecido, mas não sabiam muito o que dizer. Loretta os aguardava com uma refeição leve.

— Sou uma velha e não sei bem o que está acontecendo — ela disse — mas já entendi tudo. Quanto menos eu souber sobre seu amigo, melhor, estou certa?

Tsion respondeu com ar circunspecto.

— Estou muito grato por sua hospitalidade. Logo depois, Loretta dirigiu-se para seu quarto, demonstrando satisfação por poder oferecer hospitalidade a serviço do Senhor.

Buck, Chloe e Tsion caminharam mancando até a sala de estar, seguidos por Amanda que mal podia conter o riso.

— Eu gostaria que Rayford estivesse aqui — ela disse.- Pareço a única abstêmia dentro de um carro cheio de bêbados. Todas as tarefas que exijam dois pés vão recair sobre mim.

Chloe, em seu modo direto de ser, inclinou-se para a frente e segurou a mão de Tsion entre as suas.

— Dr. Ben-Judá, temos ouvido falar muito sobre o senhor. Sentimo-nos abençoados por Deus por tê-lo aqui conosco. Não podemos sequer imaginar seu sofrimento.

O rabino inspirou profundamente e soltou o ar devagar, com os lábios trémulos.

— Não tenho palavras para dizer o quanto sou grato a Deus por ter-me conduzido até aqui, e a vocês por me receberem. Confesso que meu coração está despedaçado. O Senhor tem colocado a mão sobre mim de maneira tão clara desde a morte de minha família que não posso negar sua presença. Mesmo assim, há momentos em que me pergunto se serei capaz de prosseguir. Não quero me deter nos pormenores de como meus queridos perderam a vida. Não devo querer saber quem fez isso e como foi feito.

Sei que agora minha esposa e meus filhos estão felizes, mas para mim é muito difícil imaginar o horror e o sofrimento que eles sentiram antes de Deus os receber. Devo orar para me libertar de sentimentos de amargura e ódio. Acima de tudo,sinto-me terrivelmente culpado pelo que lhes aconteceu. Não sei o que e.u poderia ter feito, a não ser tentar proporcionar-lhes mais segurança. Eu não podia esquivar-me de servir a Deus, tendo em vista a maneira como fui chamado.

Amanda e Buck aproximaram-se de Tsion e colocaram a mão em seus ombros. Com os três formando um círculo ao redor de Tsion, todos oraram juntos enquanto ele chorava.

A conversa avançou noite a dentro. Buck explicou que Tsion passaria a ser objeto de perseguição internacional, muito provavelmente com a aprovação de Carpathia.

— Quantas pessoas sabem do abrigo'subterrâneo na igreja? — perguntou Buck.

— Quer você acredite ou não — respondeu Chloe — até Loretta acha que se trata de uma despensa ou coisa parecida, a não ser que ela tenha lido o material impresso extraído do computador de Bruce.

— Como ele conseguiu esconder isso dela? Loretta esteve presente ali o tempo todo que durou a escavação.

— Você precisa ler os escritos de Bruce, Buck. Da mesma forma que todos os membros da igreja, era sua impressão que a obra tinha a ver com o novo tanque de água e com a melhoria do terreno do estacionamento.

Duas horas mais tarde, já deitados na cama, Buck e Chloe não conseguiam dormir.

— Eu sabia que ia ser difícil — ela disse. — Só que eu não sabia o quanto.

— Você preferiria não estar envolvida com um sujeito como eu?

— Digamos que nossa vida não tem sido maçante. — Chloe contou-lhe sobre Vema Zee. — Ela pensa que somos malucos.

— E não somos? A questão agora é o quanto ela pode me prejudicar. Ela já conhece minha posição e, se isso chegar aos ouvidos do pessoal do Semanário, Carpathia tomará conhecimento num piscar de olhos. E então?

Chloe contou que ela, Amanda e Loretta haviam persuadido Verna a manter o segredo de Buck, pelo menos por enquanto.

— Mas por que ela faria isso? — perguntou Buck. — Nunca nos demos bem. Cada um cuida de sua vida. Só houve uma trégua entre nós porque nossas desavenças pareciam ser insignificantes diante da Terceira Guerra Mundial.

— As desavenças entre vocês eram insignificantes — disse Chloe. — Ela admitiu que se sentia intimidada na sua presença e o invejava. Você sempre foi aquilo que ela gostaria de ser. Verna chegou a confessar que, diante de você, ela não era nenhuma jornalista.

— Isso não significa que ela vai guardar meu segredo.

— Você deveria estar orgulhoso de nós, Buck. Loretta contou a história inteira dela para Verna. Contou por que todas as pessoas de sua numerosa família foram arrebatadas, menos ela. Então, entrei no assunto e contei-lhe como você e eu nos conhecemos, onde você estava

no momento do Arrebatamento, e como você, eu e papai nos tornamos crentes.

— Verna deve ter pensado que viemos de um outro planeta — disse Buck. — Foi por isso que ela se mudou daqui?

— Não. Ela deve ter achado que estava atrapalhando.

— Ela foi compreensiva?

— Foi. Certa vez, chamei-a de lado e contei-lhe que a coisa mais importante era ela tomar uma decisão quanto a aceitar ou não a Cristo. Mas eu também lhe disse que nossas vidas dependiam do segredo que ela teria de guardar a respeito de você em relação a seus colegas e superiores. Ela disse: "Superiores? O único superior a Cameron é Carpathia." Mas ela também me contou algo muito interessante, Buck. Disse que apesar de admirar Carpathia e tudo o que esse homem tem feito pelos Estados Unidos e pelo mundo — que piada! — ela detesta o modo como ele controla e manipula as notícias.

— A questão, Chloe, é saber se você conseguiu dela alguma promessa de que vai me proteger.

— Ela queria uma troca de favores. Provavelmente, uma espécie de promoção ou aumento de salário. Eu lhe disse que você nunca agiu dessa maneira. Ela já imaginava isso.

Pedi que ela me prometesse não dizer nada a ninguém, pelo menos antes de conversar com você. E então, você está preparado para isso? Eu a fiz prometer que compareceria ao culto em memória de Bruce no domingo.

— E ela vai comparecer?

— Disse que sim. Pedi a ela que chegasse bem cedo. A igreja vai lotar.

— Com certeza. Tudo isso vai ser muito estranho para ela, não?

— Ela diz que entrou na igreja apenas uma dúzia de vezes na vida, para assistir a casamentos e funerais. O pai dela era ateu. A mãe aparentemente foi criada dentro de uma espécie de denominação muito severa e a abandonou depois de adulta. Verna diz que a ideia de frequentar igreja nunca foi discutida em sua casa.

— E ela nunca sentiu curiosidade? Nunca procurou um significado mais profundo para sua vida?

— Não. Na verdade, ela admitiu que tem sido uma pessoa descrente e infeliz há anos. Achava que isso a tornaria a jornalista

perfeita.

— Ela sempre me deu essa impressão — disse Buck. — Eu também era descrente e negativo, mas felizmente havia um equilíbrio entre meu humor e minha personalidade.

— Ah, sim, nisso você tem razão — disse Chloe, em tom de galhofa. — É por isso que ainda estou com vontade de ter um filho com você, mesmo nos tempos atuais.

Buck não sabia o que pensar e o que dizer. Eles já haviam discutido esse assunto antes. A ideia de pôr um filho no mundo no período da Tribulação era, em princípio, inconcebível, e eles tinham concordado que pensariam no assunto, orariam e veriam o que a Bíblia dizia sobre isso.

— Você quer falar sobre esse assunto agora? Ela meneou negativamente a cabeça.

— Não. Estou cansada. Mas não vamos esquecê-lo.

— Eu não vou esquecer, Chio'.- ele disse. — Mas você precisa saber que estou em um fuso horário diferente. Dormi durante todo o percurso de volta.

— Oh, Buck! Senti muito a sua falta. Será que você não pode pelo menos ficar a meu lado até eu pegar no sono?

— Claro. Em seguida, irei sorrateiramente até a igreja para ver como está o abrigo de Bruce.

— O que você deveria fazer — disse Chloe — é terminar de ler os escritos de Bruce.

Marcamos as passagens que gostaríamos que você e papai lessem no culto de domingo.

Não sei como ele vai conseguir ler tudo se não tiver um dia inteiro para fazer isso, mas trata-se de um material extraordinário. Espere para ver.

— Mal posso esperar.



Rayford Steele estava tendo uma crise de consciência. De malas prontas para partir e, enquanto aguardava a chegada do motorista de

Hattie Durham para buscá-lo, ele lia o Global Community International Daily .

Rayford sentia falta de Amanda. Ainda pareciam dois estranhos, e ele sabia que o período de pouco mais de cinco anos que teriam pela frente até o Glorioso Aparecimento seria insuficiente para que ambos se conhecessem melhor e estabelecessem o mesmo vínculo que ele tivera com Irene. Nesse aspecto, Irene ainda lhe fazia falta. Por outro lado, Rayford sentia-se culpado por estar muito mais apegado a Amanda do que a Irene durante todos aqueles anos de convivência. O erro havia sido dele. Rayford só compreendeu e aceitou a fé de Irene quando já era tarde demais. Ela era uma pessoa muito doce, muito prestativa. Apesar de saber da existência de vários casamentos piores que o seu e de homens mais infiéis que ele, Rayford culpava-se por não ter sido o marido ideal para Irene. Ela merecia coisa melhor.

Para Rayford, Amanda foi uma dádiva de Deus. Ele se lembrava de que, no início, não gostara dela. Amanda, uma mulher bonita, saudável e um pouco mais velha que ele, demonstrou tanto nervosismo no dia em que ambos se conheceram que Rayford a considerou uma tagarela. Ela não permitiu que ele ou Chloe abrissem a boca. Passou o tempo todo apontando seus próprios erros, respondendo a suas próprias perguntas, falando sem parar.

Rayford e Chloe acharam-na divertida, mas a ideia de um futuro relacionamento amoroso nunca passara pela cabeça dele. Amanda os deixou impressionados ao falar de seu breve encontro com Irene. Ela parecia ter compreendido a essência do coração e da alma de Irene. Pela maneira com que a descreveu, Rayford e Chloe poderiam ter pensado que ela conhecia Irene havia anos.

Logo no início, Chloe desconfiou que Amanda estava de olho em Rayford. Por ter perdido sua família no Arrebatamento, ela passou a sentir-se solitária e carente. Rayford não havia percebido nada. Só estava interessado em saber o que sua ex-esposa representara na vida de Amanda. Porém a suspeita de Chloe deixou-o alerta. Ele não tentou cortejá-la, mas passou a observar se havia algum indício da parte dela. Não havia.

Esse fato despertou a curiosidade de Rayford. Ele percebeu que Amanda se entrosou rapidamente na Igreja Nova Esperança. Ela foi cordial com ele, mas nunca se comportou de maneira inconveniente e

nunca — na mente dele — ousou alguma coisa. Até mesmo Chloe teve de admitir que Amanda não estava interessada em coisas desse tipo. Em pouco tempo, ela passou a ser conhecida na Igreja Nova Esperança como uma serva do Senhor. Esse era o seu dom espiritual. Ela ocupava-se com os trabalhos da igreja.

Cozinhava, limpava, transportava pessoas em seu carro, ensinava, dava as boas-vindas aos visitantes e colaborava em tudo o que fosse necessário. Apesar de trabalhar fora o tempo todo, ela passava os momentos de folga cuidando das tarefas da igreja. "Comigo é tudo ou nada", ela dizia. "Depois que me converti, minha vida passou a pertencer à igreja."

À distância e apesar das poucas vezes que conversou com Amanda após seu primeiro encontro quando ela simplesmente queria falar sobre Irene, Rayford passou a admirá-la. Ela era uma mulher tranquila, meiga e muito atraente. Quando ele desejou passar alguns momentos ao lado de Amanda, não estava pensando em romance.

Simplesmente gostava dela. Gostava de seu sorriso. Gostava de sua aparência. Gostava de seu modo de ser. Assistiu a uma aula de Escola Dominical na qual ela lecionava. Ela era uma professora comprometida com seu trabalho. Na semana seguinte, ela assistiu a uma aula dele e o elogiou como professor. Ambos disseram em tom de brincadeira que algum dia formariam uma equipe de professores. Mas nada aconteceu até o dia em que eles saíram para jantar com Buck e Chloe. Logo em seguida, ele se apaixonou perdidamente por Amanda. A cerimónia do casamento de Rayford e Amanda e de Buck e Chloe foi realizada em conjunto, pouco tempo depois. Agora, durante o pior período da história da humanidade, Buck e Chloe representavam uma ilha de felicidade na vida de Rayford.

Rayford estava ansioso por voltar aos Estados Unidos para ver Amanda. Também aguardava com satisfação o momento de passar algumas horas ao lado de Hattie no avião. Rayford sabia que a obra de atraí-la para Cristo pertencia ao Espírito Santo e não a ele, mas, mesmo assim, achava que deveria aproveitar qualquer oportunidade legítima para persuadi-la. O problema de Rayford naquela manhã de sábado era que cada célula de seu corpo lutava contra o fato de ele trabalhar como piloto de Carpathia. Tudo o que ele lera, estudara e aprendera nas aulas de Bruce o haviam convencido — e convencido também todos os

integrantes do Comando Tribulação e a congregação da Igreja Nova Esperança — de que Carpathia era o anticristo. Os crentes beneficiavam-se do fato de Rayford ocupar essa função, e Carpathia conhecia muito bem a posição de seu piloto.

Evidentemente, Carpathia só não sabia que um de seus empregados, Cameron Williams, em quem ele mais confiava, era agora genro de Rayford e se convertera na mesma época em que seu sogro.

Quanto tempo isso duraria? perguntou Rayford a si mesmo. Estaria ele colocando em risco a vida de Buck e Chloe? De Amanda? A sua própria? Rayford aprendera que chegaria o dia em que os "santos da tribulação", conforme Bruce se referia a eles, passariam a ser inimigos mortais do anticristo. Rayford teria de administrar seu tempo com muito cuidado.

De acordo com os ensinamentos de Bruce, chegaria o dia em que para ter o simples direito de comprar ou vender, os cidadãos da Comunidade Global precisariam ter a "marca da besta". Até agora ninguém sabia ao certo de que forma isso sucederia, mas a Bíblia indicava que a marca seria na testa ou na mão. Não haveria truques. De alguma maneira, a marca seria especificamente detectável. Aqueles que estampassem a marca jamais poderiam arrepender-se e voltar atrás. Estariam perdidos para sempre. Aqueles que não estampassem a marca teriam de viver escondidos, e suas vidas não teriam nenhum valor para a Comunidade Global.

Por ora, Carpathia parecia estar meramente se divertindo e impressionado com Rayford. Talvez Carpathia imaginasse que, se mantivesse Rayford por perto, poderia encontrar alguma coisa que o fizesse mudar de ideia. Mas o que aconteceria quando Carpathia descobrisse que Buck não lhe era leal e que Rayford sempre soube disso? E, pior ainda, por quanto tempo Rayford conseguiria justificar sua própria consciência, imaginando que as vantagens de ouvir às escondidas e espionar Carpathia sobrepujariam seu sentimento de culpa por estar colaborando com o trabalho daquele ser maligno?

Rayford consultou seu relógio e acelerou a leitura do jornal. Hattie e seu motorista chegariam a qualquer momento. Rayford sentia-se como se estivesse suportando uma carga pesada demais. Qualquer um dos sofrimentos que ele testemunhara desde o dia em que a guerra irrompera teria causado um efeito devastador em um homem normal,

durante uma época normal. Agora, Rayford sentia-se na obrigação de enfrentar tudo com naturalidade. As atrocidades mais infames e mais horripilantes passaram a fazer parte da vida diária. A Terceira Guerra Mundial eclodira. Rayford perdera um de seus amigos mais queridos e ouvira Nicolae Carpathia dar ordens para destruir as principais cidades e, em seguida, falar de sua dor e desapontamento em uma transmissão internacional, via TV.

Rayford meneou a cabeça. Tinha feito seu trabalho. Pilotou o novo avião, aterrissou três vezes com Carpathia a bordo, jantou com uma velha amiga, foi dormir, conversou com várias pessoas por telefone, acordou, leu o jornal e agora estava pronto para voar feliz para casa e reencontrar sua família. Em que tipo de maluquice o mundo se transformara? Como seria possível haver vestígios de normalidade em um mundo que se precipitava para o inferno?

O jornal estampava notícias de Israel, explicando que o rabino que chocara seu próprio país, sua religião e seu povo e para não dizer o restante do mundo — com sua afirmação de que Jesus era o Messias, enlouquecera repentinamente. Rayford conhecia a verdade e aguardava com satisfação o momento de conhecer aquele corajoso homem de Deus.

Rayford sabia que Buck conseguira tirá-lo do país, mas não sabia como. Estava ansioso para conhecer os detalhes. Será que todos eles teriam de enfrentar o mesmo sofrimento do rabino? O martírio de suas famílias? A morte? Rayford sabia que sim.

Tentou afastar esses pensamentos. A justaposição entre a rotina fácil e cómoda de ser o piloto de um jumbo — o Rayford limitado que ele havia sido dois anos atrás — e a sensação atual de sentir-se como um joguete político internacional era algo que sua mente não conseguia assimilar.

O telefone tocou. Hattie e o motorista haviam chegado.



Buck espantou-se com o que viu na igreja. Bruce fizera um trabalho tão perfeito para camuflar o abrigo que Buck quase não

conseguiu encontrá-lo.

Sozinho ali naquele lugar isolado, Buck caminhou em direção ao pavimento inferior.

Atravessou o salão de confraternização e desceu a escada que dava para um corredor estreito. Passou pelos banheiros e pela sala de calefação. Estava agora no fim de um corredor sem nenhuma iluminação — um local que deveria ser escuro até mesmo em plena luz do dia. Onde seria a entrada do abrigo? Buck apalpou a parede. Nada. Voltou a entrar na sala de calefação e apertou a tomada de luz. Em cima do aquecedor havia uma lanterna, que ele utilizou para encontrar uma reentrância, em um dos blocos de concreto da parede. Aprumando o corpo e sentindo uma fisgada no calcanhar direito por causa do ferimento recente, ele empurrou a reentrância com toda a força. Uma parte do bloco abriu-se ligeiramente. Ele entrou e fechou-a atrás de si. A lanterna iluminou um aviso diante dele e de uma escada de seis degraus: "Perigo! Alta voltagem! Entrada permitida somente a pessoas autorizadas."

Buck sorriu. O aviso o teria assustado se ele não o conhecesse de antemão. Desceu a escada e virou para a esquerda. Depois de descer mais quatro degraus, ele deparou com uma enorme porta de aço, onde havia o mesmo aviso que estava no início da escada, desta vez em tamanho duplicado. Bruce havia-lhe mostrado, no dia da cerimónia dos dois casamentos, como abrir aquela porta.

Buck segurou a maçaneta e virou-a para a direita e depois para a esquerda.

Empurrou-a, afundando-a pouco mais de meio centímetro e puxou-a de volta cerca de um centímetro. Ela pareceu mover-se um pouco, mas ainda não girava nem para a direita nem para a esquerda. Seguindo uma sequência secreta de movimentos engendrada por Bruce, ele empurrou a maçaneta e, ao mesmo tempo, girou-a levemente para a direita e depois para a esquerda. A porta abriu-se e Buck deparou com uma caixa de disjuntores do tamanho de um homem. Nem mesmo uma igreja do tamanho da Nova Esperança teria necessidade de tantos disjuntores. Mas todos aqueles botões expostos não estavam ligados a nenhum disjuntor. A armação daquela caixa não passava de uma outra porta, que se abriu facilmente, deixando à

mostra o abrigo oculto. Bruce havia feito um trabalho grandioso desde a última vez que Buck esteve ali, poucos meses antes.

Buck não entendia como Bruce tinha encontrado tempo para fazer todo aquele trabalho após o expediente. Ninguém mais tinha conhecimento do esconderijo, nem mesmo Loretta, portanto a habilidade de Bruce havia sido muito útil. O local era ventilado e bem iluminado, possuía ar-condicionado, painéis de revestimento, forro, piso e continha todos os materiais de primeira necessidade. Bruce dividira a área de 24 metros quadrados em três cómodos: um banheiro completo com chuveiro, um quarto com quatro beliches e um cómodo maior com uma pequena cozinha de um lado e uma sala de estar/estúdio conjugados do outro lado. Buck surpreendeu-se por não sentir claustrofobia, porém, se mais de duas pessoas passassem a morar ali — tendo consciência de que estavam bem abaixo do nível do solo — o local ficaria muito apertado.

Bruce não poupara dinheiro na construção do abrigo. Tudo era novo. Havia um freezer, uma geladeira, um microondas e um fogão convencional com forno. Parecia que cada centímetro havia sido transformado em espaço útil. Mas, perguntou Buck a si mesmo, onde Bruce teria instalado a fiação?

Buck arrastou-se pelo carpete e olhou por baixo de um sofá-cama. Lá estava uma fileira de tomadas de telefones. Acompanhando com a mão o caminho percorrido pelos fios embutidos em direção ao teto, ele tentou localizar em que lugar eles sairiam no corredor acima. Apagou as luzes, fechou a porta da caixa de disjuntores, fechou a porta de metal, subiu a escada correndo e fechou a passagem no bloco de concreto. Ao iluminar um canto escuro do corredor com a lanterna, ele avistou um conduíte que vinha do chão e subia até o teto. Voltou ao salão de confraternização e olhou pela janela. Pelas luzes do estacionamento, ele pôde concluir que o conduíte passava por fora na altura do teto e subia, embutido, na direção da torre da igreja.

Bruce contara a Buck que a torre restaurada tinha sido a única coisa que sobrara do antigo templo. O edifício original havia sido derrubado trinta anos antes. Nos velhos tempos, a torre tinha sinos que tocavam chamando o povo para comparecer à igreja. Os sinos ainda estavam lá, mas as cordas, que se estendiam desde um alçapão até o vestíbulo da igreja, de onde um diácono podia manipulá-las,

tinham sido cortadas. A torre agora não passava de um elemento decorativo. Será?

Buck pegou uma escada dobrável que estava no quarto de despejo da igreja, levoua até o vestíbulo, abriu o alçapão e passou por ele. Em cima do forro da igreja, ele avistou uma escada de ferro que terminava no campanário. Subiu por ela até avistar os sinos, que estavam cobertos de teias de aranha, poeira e fuligem. Quando ele chegou perto da abertura da torre onde estavam os sinos, sua cabeça esbarrou em uma teia, e ele sentiu uma aranha prendendo-se em seus cabelos. Buck quase perdeu o equilíbrio ao tentar tirá-la dali, tendo ao mesmo tempo de segurar a lanterna com uma das mãos e firmar-se na escada com a outra. No dia anterior, ele tinha sido perseguido no deserto, batido com o ônibus na viatura, recebido um tiro no pé e fugido no meio das chamas para a liberdade. Depois de um longo suspiro, ele imaginou que preferia passar por tudo aquilo novamente a ter uma aranha presa nos seus cabelos.

Buck olhou pela abertura e avistou o conduíte, que subia até a parte cónica da torre.

Foi até o último degrau da escada e debruçou-se na abertura. Agora, ele estava do lado da torre que não recebia iluminação do solo. A madeira antiga parecia frágil. Seu pé machucado começou a dar agulhadas. Que coisa fantástica! ele pensou. Despencar da torre de sua própria igreja e morrer no meio da noite.

Examinando cuidadosamente a área para ver se não havia nenhum carro por perto, Buck iluminou o topo da torre com a lanterna para ver o trajeto do conduíte. Lá estava uma espécie de antena parabólica em miniatura, com pouco mais de seis centímetros de diâmetro. Buck não conseguiu ler o que estava escrito na minúscula etiqueta colada na frente da antena. Ficou na ponta dos pés, descolou-a e guardou-a no bolso. Só a leu depois de percorrer todo o caminho de volta até o vestíbulo da igreja. Dizia o seguinte: "Tecnologia Donny Moore: Doutor em Computadores."

Buck levou a escada ao seu lugar e começou a apagar as luzes. Pegou uma Concordância Bíblica da estante do escritório de Bruce e procurou a palavra eirado. Aquela mini-antena parabólica instalada por Bruce fê-lo lembrar-se de um trecho de Mateus 10.27-28, que um dia ele ouviu ou leu e que falava de proclamar as boas-novas do eirado: "O

que vos digo às escuras, dizei-o a plena luz; e o que se vos diz ao ouvido, proclamai-o dos eirados. Não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei, antes, aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo."

Será que Bruce havia levado a Bíblia ao pé da letra?

Buck retornou para a casa de Loretta, onde leria até às seis horas da manhã o material escrito por Bruce. Depois, dormiria até o meio-dia e estaria em pé quando Amanda voltasse de Mitchell Field, em Milwaukee, trazendo Rayford.

Será que ele nunca pararia de espantar-se com o que estava acontecendo? Depois de percorrer de carro alguns quarteirões, espantou-se com a diferença entre os dois veículos que dirigira nas últimas 24 horas: este Range-Rover, que custara uma quantia de seis dígitos, equipado com tudo o que se podia imaginar, e aquele ônibus em chamas "comprado" de um homem que, em breve, talvez se tornaria um mártir.

No entanto, o mais espantoso de tudo era aquilo que Bruce planejara e preparara tão bem antes de sua partida. Com um pouco de tecnologia, o Comando Tribulação e seu mais recente integrante, Tsion Ben-Judá, brevemente estariam proclamando o evangelho a partir de um local oculto e propagando-o via satélite e Internet para qualquer pessoa no mundo que desejasse ouvir, e para muitas outras que não desejassem.

O relógio marcava 2h30 da manhã, horário de Chicago, quando Buck retornou da igreja e sentou-se diante dos papéis de Bruce depositados sobre a mesa de jantar da casa de Loretta. Pareciam ter sido redigidos em formato de romance. Buck leu com atenção os estudos e comentários bíblicos de Bruce, e encontrou o esboço de sermão que ele preparara para aquele domingo. Buck não podia falar em público naquela igreja. Já se havia exposto o suficiente, mas poderia ajudar Rayford a organizar algumas anotações.



Apesar de trabalhar anos como piloto, Rayford sempre se ressentia da diferença de fusos horários, principalmente quando voava do leste para o oeste. Seu organismo dizia que ele estava no meio da noite e, após um dia de viagem, já se sentia pronto para dormir. Porém, enquanto o DC-10 taxiava em direção ao portão, em Milwaukee, o relógio marcava meio-dia, horário da região central dos Estados Unidos. Do outro lado do corredor, a bela e elegante Hattie Durham dormia. Seus longos cabelos loiros estavam presos, formando um coque, e seu rímel estava manchado por ela ter limpado as lágrimas com as mãos.

Hattie chorou quase durante o vôo inteiro. Em meio a duas refeições, um filme e um lanche, ela desabafara com Rayford. Queria desvencilhar-se de Nicolae Carpathia. Não o compreendia. Não o amava mais. Apesar de não afirmar que Carpathia era o anticristo, os momentos que passaram a sós contribuíram para que ela não mais se impressionasse com ele como fazia a maior parte das pessoas.

Rayford evitara manifestar suas opiniões sobre Carpathia. Deixou claro que não era seu admirador nem rigorosamente leal a ele, mas achou prudente não declarar com todas as letras que concordava com a maioria dos cristãos que Carpathia possuía todas as características do anticristo. Evidentemente, Rayford não tinha nenhuma dúvida quanto a isso. Mas como já vira muitos romances desfeitos serem reatados, a última coisa que ele desejava era dar a Hattie uma munição que pudesse vir a ser usada contra ele por Carpathia. Em breve, ele não mais se importaria em saber quem o delataria a Nicolae. De uma forma ou outra, eles seriam inimigos mortais.

O que causava mais preocupação a Rayford era a confusão em que Hattie se encontrava a respeito de sua gravidez. Ele gostaria que ela se referisse à criatura que carregava em seu ventre como uma criança. Mas era uma gravidez indesejada. Talvez não tivesse sido no início, mas agora, em razão de sua confusão mental, ela não queria dar à luz um filho de Nicolae Carpathia. Não queria chamá-lo de filho nem mesmo de bebé.

Rayford teve uma missão difícil ao tentar argumentar sem ser óbvio demais.

— Hattie, quais as alternativas que você tem? — ele lhe perguntara.

— Só conheço três, Rayford. Toda mulher deve pensar nessas três alternativas quando engravida.

Nem todas as mulheres, pensou Rayford. Hattie prosseguira: — Posso levar a gravidez até o fim, o que eu não quero fazer. Posso entregar esta criatura para adoção, mas não sei se suportarei atravessar a gravidez inteira e o parto. E, evidentemente, posso interromper a gravidez.

— O que isso significa exatamente?

— O que isso significa? — dissera Hattie. — Interromper a gravidez significa interromper a gravidez.

— Você está se referindo a um aborto?

Hattie lançara-lhe um olhar como se ele fosse um idiota.

— Sim! Do que você acha que estou falando?

— Bem, pelo que estou entendendo, parece que esta é a alternativa mais fácil.

— É a alternativa mais fácil, Rayford. Pense um pouco. A pior situação seria levar a gravidez até o fim, passar por todo aquele desconforto e depois sofrer as dores do parto.

E se eu for acometida daquele instinto maternal que todo mundo fala? Além de padecer durante nove meses, eu teria de dar à luz um filho de alguém. Depois, o entregaria para adoção, o que só pioraria as coisas.

— Você acabou de dizer a palavra filho — dissera Rayford.

— O quê?

— Você está se referindo a isto como sua gravidez. Mas depois de nascer, não será uma criança?

— Será o filho de alguém. Não meu, espero. Rayford preferira deixar o assunto de lado enquanto a refeição estava sendo servida. Orou silenciosamente para que pudesse falar a ela a respeito da verdade. A sutileza não era seu forte. Ela não era uma mulher ignorante. Talvez fosse melhor ir direto ao assunto. Mais tarde durante o vôo, Hattie voltara a falar do assunto.

— Por que você quer me fazer sentir culpada por pensarem aborto?

— Hattie — ele lhe dissera, — não quero fazê-la sentir-se culpada. A decisão é sua. O que eu penso sobre isso significa muito pouco, não é verdade?

— Bem, eu levo em conta o que você pensa. Respeito você como alguém que tem estado a meu lado. Só não quero que você pense que eu considero o aborto uma decisão fácil de ser tomada, apesar de ser a melhor solução e a mais simples.

— Melhor e mais simples para quem?

— Para mim, eu sei. Às vezes, as pessoas precisam pensar em si mesmas. Quando deixei meu emprego e parti para Nova York a fim de ficar com Nicolae, pensei que finalmente estava fazendo alguma coisa por Hattie. Agora, não gosto do que fiz por Hattie, portanto preciso fazer alguma coisa mais por Hattie. Entendeu?

Rayford assentira. Tinha entendido tudo muito bem. Lembrou-se de que Hattie não era crente. Ela não estava pensando no bem de qualquer outra pessoa, a não ser de si mesma. E por que deveria?

— Hattie — ele dissera — faça a minha vontade por alguns instantes e suponha que essa gravidez, que essa "coisa" que você está carregando, já seja uma criança. É seu filho. Talvez você não goste do pai dele. Talvez você deteste saber que tipo de gente o pai dessa criança poderia gerar. Mas o bebé também tem o seu sangue. Você já nutre sentimentos maternais ou então não estaria tão confusa assim. Minha pergunta é: quem está cuidando dos interesses dessa criança? Digamos que foi cometido um erro. Digamos que foi imoral você passar a viver com Carpathia sem casar-se com ele. Digamos que esta gravidez, esta criança, foi gerada por uma união imoral. Vamos mais além. Digamos que as pessoas que consideram Nicolae Carpathia o anticristo estejam certas. Sou até capaz de entender que talvez você se arrependa da ideia de ter um filho e não se considere a melhor mãe para ele.Não creio que você possa esquivar-se da responsabilidade como faria uma vítima de estupro ou incesto. Mas mesmo nestes casos, a solução não é matar um inocente, você concorda comigo? Alguma coisa está errada, realmente errada. Há os que defendem o direito de escolha. O que eles escolhem não é apenas a interrupção da gravidez, nem apenas um aborto, porém a morte de alguém. Mas a morte de quem? De quem cometeu um erro? De quem cometeu um estupro ou incesto? Ou de quem engravidou fora do casamento? Não, a solução é sempre matar a parte mais inocente de todas.

Rayford tinha ido longe demais e sabia disso. Olhara de relance para Hattie que tampava os ouvidos com as mãos enquanto lágrimas

escorriam por seu rosto. Ele tocara o braço dela, mas foi repelido. Aproximando-se mais, ele tocara seu cotovelo.

— Hattie, por favor não se afaste de mim. Não pense que tive a intenção de magoála.

Apenas dê um pouco de crédito a uma pessoa que está defendendo os direitos de alguém que não tem condições de defender-se. Se você não quiser defender seu filho, alguém vai ter de defendê-lo.

Depois disso, ela lhe virou as costas, cobriu o rosto com as mãos e chorou. Rayford irritou-se consigo mesmo. Por que não tinha aprendido a lição? Por que falara tudo aquilo? Acreditava no que havia dito e estava convencido de que expressara a opinião de Deus. Fazia sentido. Mas Rayford também sabia que ela poderia rejeitá-lo simplesmente por ele ser um homem. Como ele podia entender? Ninguém estava sugerindo o que ele podia ou não podia fazer com seu corpo. Ele queria dizer a Hattie que compreendia tudo isso, mas, e se aquele ser em gestação fosse uma mulher? Quem defenderia os direitos do corpo daquela mulher?

Hattie não lhe dirigira a palavra durante horas. Ele sabia que merecia. Mas, pensou, quanto tempo ainda me resta para ser diplomático? Não tinha ideia quanto aos planos de Hattie. Mas deveria conversar com ela enquanto tivesse oportunidade.

— Hattie — ele dissera. Ela não olhara para ele. — Hattie, por favor, deixe-me explicar mais uma coisa para você.

Ela virara-se ligeiramente, sem olhar para ele, mas dando a entender que pelo menos ouviria.

— Quero que me perdoe se você se sentiu magoada ou ofendida pelo que eu disse.

Espero que você me conheça o suficiente para saber que não tive essa intenção. E mais importante ainda, quero que você saiba que sou um de seus poucos amigos da região de Chicago que a ama e quer o melhor para você. Eu gostaria que, na volta, você descesse em Monte Prospect para nos visitar. Mesmo que eu não esteja lá, mesmo que eu tenha partido para a Nova Babilónia antes de você, pare em Monte Prospect para visitar Chloe e Buck. Converse com Amanda. Você faria isso?

Hattie voltara a olhar para ele. Com os lábios cerrados e meneando negativamente a cabeça, ela respondera: — Provavelmente

não. Agradeço seus sentimentos e aceito suas desculpas. Mas não, provavelmente não.

E foi assim que a conversa encerrara. Rayford estava irritado consigo mesmo. Seus motivos eram puros, e ele acreditava que sua lógica estava certa. Mas talvez tivesse confiado muito em sua personalidade e estilo e não em Deus para que ele tocasse o coração de Hattie. Agora, só podia orar por ela.

Quando finalmente o avião parou perto do portão, Rayford ajudou Hattie a pegar sua sacola do bagageiro. Ela agradeceu-lhe. Ele não se sentiu confiante para dizer mais nada.

Já se desculpara. Hattie limpou as lágrimas mais uma vez e disse:
— Rayford, sei que você quer o meu bem. Mas, às vezes, você me deixa totalmente confusa. Eu deveria estar feliz por nunca termos tido um caso amoroso.

— Muito obrigado — disse Rayford, fingindo-se ofendido.

— Estou falando sério — ela disse. — Você sabe do que estou falando. Somos muito diferentes na questão de idade ou de outra coisa, acho.

— Também acho — disse Rayford. Então era assim que ela resumia tudo? Ótimo. A questão não era essa, é claro. Talvez ele pudesse ter conduzido a conversa de maneira melhor, mas uma explicação neste momento não levaria a nada.

Quando eles passaram pelo portão, Rayford avistou Amanda, com um sorriso de boas-vindas. Correu em sua direção e ela o abraçou. Depois de um beijo apaixonado, ela afastou-se um pouco.

— Não tive a intenção de ignorar sua presença, Hattie, mas francamente estava mais ansiosa por ver Rayford.

— Eu compreendo — disse Hattie secamente, cumprimentando-a e desviando o olhar.

— Podemos deixá-la em algum lugar? — perguntou Amanda.

Hattie riu.

— Minha bagagem vai ser examinada em Denver. Vocês podem me levar até lá?

— Oh, eu sabia disto! — exclamou Amanda. — Podemos acompanhá-la até o portão?

— Não, está tudo bem. Conheço este aeroporto. A decolagem ainda vai demorar.

Vou tentar relaxar um pouco.

Rayford e Amanda despediram-se de Hattie, que foi cordial. Mas enquanto eles se afastavam, ela cruzou o olhar com Rayford, apertou os lábios e meneou a cabeça. Ele sentiu-se arrasado.

Rayford e Amanda caminharam de mãos dadas, depois de braços dados, e depois com os braços na cintura um do outro, até as escadas rolantes que levavam à alfândega.

De repente, Amanda parou e puxou Rayford antes que ele colocasse o pé no degrau da escada. Algo na TV chamara-lhe a atenção.

— Ray — ela disse — veja isto. Eles passaram a assistir a um noticiário da CNN/GNN que relatava a extensão dos prejuízos causados pela guerra no mundo inteiro. O jornalista dizia: "Os especialistas do setor de saúde do mundo inteiro predizem que o índice de mortalidade aumentará em mais de 20% em âmbito internacional. O Potentado da Comunidade Global Nicolae Carpathia anunciou a formação de uma organização mundial de saúde que terá prioridade sobre todas as organizações locais e regionais já existentes. Ele e seus dez embaixadores globais tornaram pública uma decisão tomada durante suas reuniões particulares e de alto nível realizadas na Nova Babilónia, que apresenta em linhas gerais uma proposta para a rigorosa regulamentação da saúde e do bem-estar de toda a comunidade global. Agora ouviremos comentários a esse respeito de um famoso cirurgião cardiovascular, o Dr. Samuel Kline, da Noruega." Rayford sussurrou: — Esse sujeito está nas mãos de Carpathia. Eu o vi por lá. Ele diz tudo o que o Santo Nick quer que ele diga.

O médico estava dizendo: "A Cruz Vermelha Internacional e a Organização Mundial de Saúde, por mais notáveis e eficientes que tenham sido no passado, não estão equipadas para cuidar da devastação, doenças e mortes em tais proporções. O plano visionário do potentado Carpathia, além de ser a nossa única esperança de sobrevivência diante da fome e da praga que estão por vir, também me parece — à primeira vista — ser o maior e o mais agressivo projeto em relação à saúde internacional visto até hoje. Se o índice de mortalidade alcançar 25% em razão da contaminação da água e do ar, escassez de alimentos e outras coisas do gênero, conforme alguns têm vaticinado, as novas regras que governam a vida desde o útero até o túmulo poderão tirar este planeta das ruínas da morte para uma condição

utópica em relação à saúde física." Rayford e Amanda voltaram-se para a escada rolante.

— Em outras palavras — disse Rayford, meneando a cabeça — Carpathia tira da frente os corpos que ele explodiu em pedacinhos, matou de fome ou permitiu que fossem contaminados pelas pragas causadas por esta guerra, e o restante de nós, os sortudos, seremos mais saudáveis e mais prósperos do que nunca.

Amanda olhou para ele.

— Palavras de um empregado sincero e leal — ela disse. Ele abraçou-a e beijou-a.

Ambos tropeçaram e quase caíram quando chegaram ao fim da escada rolante.



Buck abraçou seu novo sogro e velho amigo como um irmão. Considerou uma honra tremenda apresentar Tsion Ben-Judá a Rayford e vê-los tornarem-se amigos. O Comando Tribulação estava reunido uma vez mais, contando as novidades e traçando planos para um futuro que nunca parecera tão incerto.

# CAPÍTULO 15

Rayford esforçou-se para permanecer acordado no sábado até o horário normal de dormir. Ele, Buck e Tsion leram o material de Bruce horas a fio. Diversas vezes Rayford comoveu-se e seus olhos ficaram marejados de lágrimas.

— Não sei se estou à altura disto — ele disse.

— Você está — disse Tsion, em tom de voz suave.

— O que vocês fariam se eu não tivesse conseguido voltar?

— Não sei — disse Buck — mas não posso arriscar-me a falar em público. E muito menos Tsion.

Rayford perguntou qual era o plano em relação a Tsion.

— Ele não pode permanecer aqui por muito tempo, pode?

— Não — respondeu Buck. — Não vai demorar muito para que o pessoal da alta cúpula da Comunidade Global saiba que estive envolvido na fuga dele. Na verdade, acredito que Carpathia já saiba, o que não me causaria nenhuma surpresa.

Eles decidiram por unanimidade que Tsion poderia comparecer ao culto de domingo na Igreja Nova Esperança, possivelmente ao lado de Loretta, como um velho amigo convidado. Pela diferença de idade entre eles, e com exceção da aparência de origem judaica de Tsion, ele poderia passar por filho ou sobrinho dela.

— Mas eu não arriscaria uma outra aparição de Tsion em público — disse Rayford. — Já que o abrigo está pronto, precisamos dar um jeito de levá-lo escondido até lá amanhã, antes do final do dia.

Ainda naquela mesma noite, Rayford, com os olhos ardendo de sono, convocou uma reunião do Comando Tribulação, pedindo a Tsion Ben-Judá que aguardasse em outro cómodo da casa. Rayford, Amanda, Buck e Chloe sentaram-se ao redor da mesa de jantar, sobre a qual havia uma pilha de páginas impressas do material de Bruce.

— Como integrante mais velho deste pequeno grupo de guerreiros da libertação — disse Rayford — suponho que seja minha a tarefa de convocar a primeira reunião após a morte de nosso líder.

Amanda levantou timidamente a mão.

— Com licença, mas creio que sou a integrante mais velha quanto à idade.

Rayford sorriu. Ainda havia momentos para um pouco de humor, e ele achou válida a modesta tentativa de Amanda.

— Sei que você é a mais velha do grupo, meu bem — ele disse — mas sou crente há mais tempo, no mínimo uma semana antes de você.

— Concordo — ela disse.

— Hoje, a única ordem do dia é votar a inclusão de um novo membro. Acho que está claro para todos nós que Deus nos enviou um novo líder e mentor na pessoa do Dr. Ben- Judá.

Chloe resolveu falar.

— Será que não estamos exigindo muito dele? Como sabemos se ele deseja morar neste país? Nesta cidade?

— E para onde mais ele iria? — perguntou Buck. — Talvez seja justo perguntar a ele antes de decidirmos alguma coisa, mas suas alternativas são limitadas.

Buck falou sobre os telefones, os computadores que chegariam em breve, como Bruce preparara o abrigo para transmissões por telefone e computador, e como Donny Moore estava elaborando um sistema à prova de interceptação e rastreamento.

Rayford achou que todos pareciam animados. Finalizou os preparativos para o culto em memória de Bruce na manhã seguinte e disse que planejava ser um evangelista destemido. Eles oraram agradecendo a confiança, a paz e as bênçãos de Deus na decisão que haviam tomado de incluir Tsion no Comando Tribulação. Em seguida, Rayford convidou-o para participar da reunião.

— Tsion, meu irmão, gostaríamos que você passasse a fazer parte de nosso pequeno grupo de crentes. Sabemos de seu profundo sofrimento que talvez ainda dure um longo tempo. Não estamos pedindo que você tome uma decisão imediata. Precisamos de você não apenas para ser mais um entre nós, mas também para ser nosso líder, nosso pastor.

Sabemos que chegará o dia em que todos nós passaremos a morar com você no abrigo secreto. Nesse meio-tempo, procuraremos levar uma vida normal, a mais normal possível, tentando sobreviver e divulgar as boas-novas de Cristo a outras pessoas até o seu Glorioso Aparecimento.

Tsion levantou-se e colocou as mãos na cabeceira da mesa. Buck, que até pouco tempo antes achava que Tsion aparentava ter menos de 46 anos, via agora o sofrimento estampado em seu semblante abatido e desgastado. As palavras saíram-lhe lentamente da boca, cujos lábios tremiam.

— Meus queridos irmãos e irmãs em Cristo — ele disse com seu acentuado sotaque israelense — estou muito honrado e comovido. Sou grato a Deus por sua providência divina e por ter-me abençoado ao enviar o jovem Cameron para encontrar-me e salvar minha vida. Devemos orar por nossos irmãos, Michael e seus três amigos, que acredito façam parte das 144 mil testemunhas que Deus está levantando das tribos de Israel ao redor do mundo. Devemos também orar por nosso irmão Anis, de quem Cameron já lhes falou. Ele foi usado por Deus para nos libertar. Não sei nada sobre a vida daquele moço, a não ser que talvez se torne um mártir, caso alguém venha a saber que ele podia terme detido. Por mais aniquilado que eu esteja por causa da perda de minha família, vejo claramente a mão do Deus Todo-poderoso guiando meus passos. Parece que minha abençoada terra natal se transformou em um saleiro de mesa nas mãos de Deus. Ele o levantou e me espalhou pelo deserto e pelo ar. Caí onde ele queria. Para onde mais posso ir?

— Necessito de tempo para pensar. Já orei neste sentido. Estou no lugar que Deus preparou para mim e ficarei aqui pelo tempo que Ele desejar. Não gostaria de morar em esconderijo, pois não sou um homem acomodado. Mas aceito com gratidão o abrigo e as provisões que vocês me ofereceram, e aguardo com ansiedade todos os programas sobre a Bíblia que Cameron prometeu instalar no novo computador. Ficarei muito grato se vocês e o consultor técnico, o jovem Sr. Moore, puderem encontrar um meio de multiplicar meu ministério. Evidentemente, a época de minhas viagens e palestras já não existe mais.

Espero poder sentar-me ao lado de meus irmãos na igreja amanhã cedo e ouvir mais sobre seu maravilhoso mentor, meu antecessor, Bruce Barnes.

— Não posso e não vou prometer substituí-lo no coração de vocês. Quem é capaz de substituir o pai espiritual de alguém? Porém, uma vez que Deus me abençoou com o dom de entender vários

idiomas, com um coração que o tem buscado incessantemente, e com a verdade que Ele me transmitiu — a qual descobri, aceitei e recebi um pouco tarde demais — dedicarei o resto de minha vida para partilhar com vocês, bem como com qualquer outra pessoa que queira ouvir, as boas-novas do evangelho de Jesus Cristo, o Messias, o Salvador, meu Messias, meu Salvador.

Depois disso, Tsion pareceu desabar sobre a cadeira. Rayford e o restante do Comando Tribulação ajoelharam-se, todos ao mesmo tempo, diante de suas cadeiras.

Buck sentiu a presença de Deus da mesma maneira que sentira durante sua fuga de Israel e do Egito. Ele entendeu que o seu Deus não era limitado a espaço e tempo.

Mais tarde, depois de se recolherem para dormir, deixando Rayford a sós na sala de jantar para dar os toques finais à sua mensagem para o culto do dia seguinte, Buck e Chloe oraram para que Verna Zee cumprisse sua promessa de estar presente.

— Ela é a chave — disse Buck. — Chloe, se ela sair por aí contando tudo sobre mim, nossa vida nunca mais será a mesma.

— Buck, faz quase dois anos que nossa vida não tem sido igual nem um dia sequer.

Buck puxou-a para perto de si e ela aconchegou-se em seu peito. Minutos depois, ele percebeu que os músculos de Chloe estavam se descontraindo e ouviu a respiração profunda e cadenciada de alguém vencida pelo sono. Ele permaneceu acordado por mais uma hora, olhando para o teto.

Quando Buck despertou às oito horas da manhã, Chloe não estava mais ali. Sentiu o aroma do desjejum. Loretta já devia estar na igreja. Ele sabia que Chloe e Amanda haviam se entrosado e quase sempre trabalhavam juntas nos afazeres domésticos, mas ficou surpreso ao encontrar Tsion andando pela cozinha.

— Será que podemos adicionar um pouco do sabor típico do Oriente Médio ao nosso café da manhã? — ele perguntou.

— Por mim tudo bem, irmão — disse Buck. — Loretta voltará para buscá-lo por volta das nove horas. Amanda, Chloe e eu iremos para a igreja assim que terminarmos o desjejum.

Buck sabia por antecipação que a igreja lotaria naquela manhã, mas não esperava ver os estacionamentos repletos e uma fileira de

carros nas ruas próximas. Se Loretta não tivesse reservado uma vaga, seria melhor deixar o carro em casa e caminhar a pé até a igreja com Tsion. Mais tarde, ela contou que, quando chegou com ele, teve de pedir que alguém saísse de sua vaga.

Não fazia sentido Tsion ser visto ao lado de Buck na igreja. Buck sentou-se perto de Chloe e Amanda. Loretta sentou-se nos fundos da igreja ao lado de Tsion. Loretta, Buck, Chloe e Amanda prestavam atenção para ver se Verna compareceria.

Rayford não saberia quem era Verna, mesmo que ela estivesse em pé na frente dele. Estava entretido com seus pensamentos e responsabilidades daquela manhã.

Cinquenta minutos antes do culto ele fez um sinal para que o diretor da funerária transportasse o caixão para dentro do templo e o abrisse.

Rayford estava no escritório de Bruce quando o diretor da funerária caminhou apressado até ele.

— O senhor tem certeza de que devo fazer isso? O templo já está superlotado.

Mesmo sem duvidar, Rayford o acompanhou e deu uma espiada pela fresta da porta da plataforma para constatar. Não seria apropriado abrir o caixão na frente de todas aquelas pessoas. Se o corpo de Bruce já estivesse exposto, aguardando a chegada do pessoal, a cena seria menos chocante.

— Então coloque o caixão sobre um carrinho e empurre-o até ali — disse Rayford. — Trataremos de abrir o caixão depois.

Enquanto Rayford voltava para o escritório, ele e o diretor da funerária avistaram o caixão em um corredor vazio que dava para a plataforma. Rayford sentiu uma vontade repentina de ver o corpo de Bruce.

— Você poderia abrir o caixão para mim, só por alguns instantes?

— Claro, mas só se o senhor desviar os olhos. Rayford virou-se de costas e ouviu a tampa sendo aberta.

— Tudo bem, senhor — disse o diretor.

Para Rayford, Bruce parecia mais desfigurado do que no dia em que ele o viu sob o lençol nos arredores do hospital que desabara. Rayford não sabia se o motivo disso era a iluminação do local, o tempo decorrido ou seu próprio sofrimento e fadiga. Aquele corpo

representava simplesmente a morada terrena de seu querido amigo. Bruce partira. O que havia ali era apenas uma imagem do homem que ele foi um dia. Rayford agradeceu ao diretor da funerária e voltou para o escritório.

Ele sentiu-se satisfeito por ter visto o corpo de Bruce. Não fez aquilo por curiosidade, como as pessoas costumavam dizer. Simplesmente temia que a visão do corpo sem vida de Bruce exposto diante da congregação pudesse deixá-lo sem fala. Mas agora sabia que isso não aconteceria. Ele estava nervoso, mas, mesmo assim, sentia-se confiante por estar representando Bruce e representando Deus perante aquelas pessoas.

Buck começou a sentir um nó na garganta no momento em que entrou no templo e avistou a multidão. Não se surpreendeu com o número de pessoas presentes, mas com a antecedência com que chegaram. Não havia também o costumeiro burburinho de um culto matinal de domingo. Ninguém parecia sequer cochichar. O silêncio era lúgubre, e todos estavam ali para prestar uma homenagem a Bruce. As pessoas choravam, sem soluçar alto. Pelo menos por ora. Permaneciam sentadas, com a cabeça baixa. Algumas liam o programa do culto que incluía os dados de Bruce. Buck ficou surpreso ao ler o seguinte versículo que alguém, provavelmente Loretta, incluíra no rodapé do verso do programa: "Eu sei que o meu Redentor vive."

Buck sentiu Chloe estremecer e sabia que ela estava prestes a romper em pranto.

Passou o braço ao redor dos ombros dela e sua mão esbarrou em Amanda que estava sentada ao lado de Chloe. Amanda virou-se. Seu rosto estava banhado em lágrimas. Ele estendeu o braço e tocou no ombro dela, e os três permaneceram em silêncio.

Precisamente às 10 horas, pontual como um piloto deve ser (Buck pensou), Rayford e um presbítero apareceram na porta lateral da plataforma. Rayford sentou-se. O presbítero subiu ao púlpito e fez um gesto para que os presentes se levantassem, levando a congregação a cantar dois hinos em ritmo lento e baixo, cujas palavras eram tão expressivas que Buck mal conseguia pronunciá-las. Quando os hinos terminaram, o presbítero disse: — Isto faz parte da introdução de nossos cultos. Hoje não haverá levantamento de ofertas. Não será feita nenhuma comunicação. Todas as nossas atividades serão retomadas

no próximo domingo, conforme programado. Este culto está sendo realizado em memória de nosso querido pastor Bruce Barnes, que não está mais entre nós.

O presbítero prosseguiu contando quando e onde Bruce nasceu e quando e onde morreu.

— Ele foi precedido por sua esposa, uma filha e dois filhos, que foram arrebatados.

Nosso orador desta manhã é o presbítero Rayford Steele, que se tornou membro desta congregação logo após o Arrebatamento. Ele foi amigo e confidente de Bruce, a quem vai prestar uma homenagem e nos apresentar uma breve mensagem. Aqueles que desejarem ver o corpo de Bruce, poderão voltar às 16 horas.

Rayford sentia-se como se estivesse flutuando em outra dimensão. Ouvira alguém pronunciar seu nome e sabia por que estava ali naquela manhã. Seria isso um mecanismo de defesa mental? Estaria Deus permitindo que ele deixasse de lado sua dor e emoções para poder falar com clareza? Isso era tudo o que ele podia imaginar. Se fosse tomado pelas emoções, não conseguiria falar.

Ele agradeceu ao outro presbítero e abriu suas anotações.

— Membros e amigos da Igreja Nova Esperança — começou dizendo — e parentes e amigos de Bruce Barnes, eu cumprimento todos os presentes no nome incomparável de Jesus Cristo, nosso Senhor e Salvador. Se existe uma coisa que aprendi neste mundo, é que o orador nunca deve desculpar-se. Permitam-me quebrar esta regra para poder prosseguir, porque sei que, apesar de minha estreita amizade com Bruce, esta mensagem não é minha. Bruce também diria que não era dele. É de Jesus. Preciso dizerlhes que estou aqui nesta manhã não como presbítero, não como frequentador desta igreja e, certamente, não como pregador.

Não tenho o dom da oratória. Ninguém chegou sequer a sugerir que eu pudesse substituir Bruce. Estou aqui porque o amava e porque me sinto um pouco capacitado para falar por ele, principalmente por causa de um tesouro de anotações que ele nos deixou.

Buck manteve Chloe perto de si, mais para ser confortado do que confortá-la. Sentia pena de Rayford, cuja missão era muito difícil. Estava impressionado com a habilidade de Rayford para articular as

palavras em uma situação como aquela. No lugar de Rayford, ele teria se desmanchado em lágrimas, com certeza.

Rayford prosseguia: — Antes de tudo, quero contar-lhes como conheci Bruce, porque sei que quase todos os senhores o conheceram da mesma maneira. Estávamos vivendo o período mais difícil de nossa vida, e Bruce entendeu o significado de tudo aquilo poucas horas antes de nós.

Buck ouviu a história tão repisada de como Rayford foi advertido por sua esposa de que o Arrebatamento estava próximo. Quando ele e Chloe foram deixados para trás após Irene e Raymie terem sido arrebatados, Rayford, no auge do desespero, procurou a igreja onde sua esposa ouvira a mensagem. Bruce Barnes foi o único membro da liderança da igreja a ser deixado para trás, e ele sabia exatamente por quê. Converteu-se imediatamente e tornou-se um evangelista destemido. Bruce suplicara a Rayford e Chloe que ouvissem seu próprio testemunho sobre a perda de sua esposa e de três filhos pequenos no meio da noite. Rayford aceitou. Chloe foi cética. Demorou um pouco para aceitar.

Bruce lhes apresentara uma cópia de uma fita em vídeo que o pastor titular deixara exatamente para essa finalidade.

Rayford surpreendera-se com o fato de o pastor saber com antecedência o que ia acontecer. De acordo com a Bíblia, tudo tinha sido profetizado e ele teve o cuidado de explicar o meio para a salvação.

Agora, Rayford estava aproveitando o tempo, como fazia nas aulas da Escola Dominical e nas reuniões em que testemunhava, para discorrer sobre isso.

Buck sempre se comovia ao ouvir a "velha, velha história", conforme Bruce se referia a ela.

Rayford estava dizendo: "Esta tem sido a mensagem mais mal interpretada de todos os tempos. Se alguém tivesse perguntado ao povo na rua, cinco minutos antes do Arrebatamento, o que os cristãos ensinavam acerca de Deus e do céu, nove entre dez pessoas teriam respondido que a igreja esperava que eles tivessem uma vida boa, fizessem o bem, pensassem nos outros, fossem bondosos e vivessem em paz. Que ideia boa, se não fosse tão errada e tão afastada da verdade!"

"A Bíblia diz claramente que todas as nossas justiças são como trapos da imundícia.

Não há nenhum justo, nenhum. Todos nos desviamos do caminho. Todos nós pecamos e carecemos da glória de Deus. Aos olhos de Deus, somos todos passíveis do castigo da morte.

"Eu seria omisso e deixaria de cumprir minha missão perante esta congregação, se terminasse este culto em memória de um homem cujo coração foi inteiramente dedicado ao trabalho evangelístico, se não levasse ao conhecimento dos presentes o que ele contou sobre sua vida aqui na terra, não só a mim mas a todos aqueles com quem manteve contato durante quase dois anos. Jesus já pagou o preço. A obra está feita.

Devemos ter uma vida boa? Devemos fazer o bem? Devemos pensar nos outros e viver em paz? Claro! Mas com isso ganharíamos a salvação? A Bíblia diz claramente que somos salvos pela graça mediante a fé e que isto não vem de nós nem de obras, para que ninguém se glorie. Devemos viver da maneira mais justa que pudermos, agradecidos a Deus pelo dom inestimável que Ele nos concedeu, ou seja, a nossa salvação, cujo preço Cristo pagou na cruz.

"Isto é o que Bruce Barnes lhes diria nesta manhã se seu corpo não estivesse inerte neste caixão diante de nós todos. Qualquer pessoa que o tenha conhecido sabe que esta mensagem passou a ser a razão de sua vida. Bruce ficou aniquilado pela perda de sua família, pelo sofrimento causado por seus pecados e por ter fracassado na missão que Deus lhe tinha reservado e que era necessária para assegurar-lhe a vida eterna.

"Mas ele não se entregou à autopiedade. Tornou-se um estudioso da Bíblia e passou a divulgar as boas-novas. Este púlpito não lhe foi suficiente. Ele começou a organizar igrejas domésticas por todo este país e a pregar ao redor do mundo. Sim, normalmente ele estava aqui aos domingos, porque acreditava que seu rebanho era sua responsabilidade primordial. Mas todos nós permitimos que ele viajasse porque sabíamos que aqui estava um homem de quem o mundo não era digno."

Buck estava atento quando Rayford parou de falar, afastou-se do púlpito e fez um gesto em direção ao caixão.

"E agora", prosseguiu Rayford, "se eu conseguir ir até o fim, gostaria de dizer algumas palavras diretamente a Bruce. Todos nós sabemos que seu corpo está morto.

Não pode ouvir." — Levantando os olhos, ele prosseguiu: "Bruce, agradecemos tudo o que você fez. Invejamos você. Sabemos que você está com Cristo, o que é 'muito melhor', segundo as palavras do apóstolo Paulo. Confessamos que não gostamos disto. Estamos sofrendo. Estamos sentindo sua falta. Mas, em sua memória, nos comprometemos a prosseguir, a continuar nossa missão, lutar contra todas as adversidades. Estudaremos os materiais que você nos deixou e continuaremos a fazer desta igreja o farol que você construiu para a glória de Deus."

Rayford retornou ao púlpito, sentindo-se exaurido. Mas ainda não terminara.

"Eu também seria omisso se não tentasse compartilhar com os presentes pelo menos os tópicos principais do sermão que Bruce tinha preparado para este domingo. Trata-se de um sermão muito importante, e nenhum dos líderes desta igreja gostaria que os senhores o perdessem. Posso dizer-lhes que o li várias vezes e, a cada leitura, senti-me abençoado. Mas antes disso, eu gostaria de dar a palavra a qualquer pessoa que queira dizer alguma coisa em memória de nosso querido irmão."

Rayford afastou-se do microfone e aguardou. Por alguns segundos, ele pensou que havia apanhado todos desprevenidos. Ninguém se moveu, Finalmente, Loretta levantouse.

"Todos os senhores me conhecem", ela disse. "Passei a ser secretária de Bruce desde o dia do Arrebatamento. Preciso de suas orações para poder prosseguir. Tenho apenas algumas coisas a dizer sobre o pastor Barnes."

Loretta contou sua história de como foi a única de uma família de mais de cem pessoas a ser deixada para trás após o Arrebatamento.

"Há apenas uma dúzia ou pouco mais de pessoas aqui que eram membros desta igreja antes daquele dia", ela disse. "Todos nós sabemos quem somos e, por mais agradecidos que estejamos por termos finalmente descoberto a verdade, estamos arrependidos por todos esses anos perdidos."

Buck, Chloe e Amanda viraram-se no banco para ouvir melhor o que Loretta dizia.

Buck notou que quase toda a congregação ali reunida tinha lenços na mão. Loretta terminou dizendo o seguinte: "O irmão Barnes foi um homem brilhante que cometeu um grande erro. Mas assim que aceitou o Senhor e comprometeu-se a servi-lo pelo resto da vida, tornou-se pastor de todos nós. Não sei dizer quantas pessoas ele conduziu a Cristo. Mas de uma coisa eu sei: nunca tratou ninguém com superioridade, nunca julgou nem irritou-se com ninguém.

Foi um homem sincero e compassivo e gostava muito de atrair o povo para o reino de Deus. Mas quando se tratava de dizer a verdade às pessoas, ele não poupava palavras.

Há muita gente aqui que pode comprovar o que estou dizendo. Porém, seu único e principal objetivo era ganhar almas para Cristo. Se houver alguém aqui que ainda esteja em dúvida ou protelando, peço a Deus que essa pessoa compreenda que talvez ela seja a razão para continuarmos a dizer que Bruce não morreu em vão. Seu amor pelas almas perdidas nunca morrerá."

Loretta rompeu em prantos e sentou-se. O estrangeiro sentado a seu lado, aquele homem de tez morena que só ela e o Comando Tribulação conheciam, colocou carinhosamente o braço em seus ombros.

Em pé, Rayford via as pessoas se levantarem e testemunharem o impacto que Bruce Barnes causara em suas vidas. Os testemunhos foram tantos que duraram mais de uma hora. Finalmente, quando parecia que não havia mais ninguém que quisesse fazer uso da palavra, Rayford disse: "Eu não gostaria de encerrar esta parte do culto arbitrariamente, porém, se houver alguém mais que tenha algo a dizer, peço que seja breve. Após este último testemunho, aqueles que necessitarem deixar este recinto poderão fazê-lo. Os que aqui permanecerem ouvirão o resumo que fiz do sermão de Bruce preparado para esta manhã."

Tsion Ben-Judá levantou-se: "Os senhores não me conhecem", ele disse. "Represento a comunidade internacional à qual o pastor desta igreja se dedicou com tanto empenho e eficiência. Muitos, muitos líderes cristãos do mundo inteiro o conheceram, ouviram seus ensinamentos e aceitaram a Cristo por intermédio dele. Oro para que

os senhores continuem o ministério de seu pastor e que todos aqui presentes 'não se cansem de fazer o bem', conforme está escrito na Bíblia."

Rayford voltou a falar: "Aqueles que desejarem, levantem-se e abracem um amigo, cumprimentem alguém."

Todos levantaram-se, cumprimentaram-se e abraçaram-se, mas poucos murmuraram algumas palavras. Rayford prosseguiu: "Aproveitando que todos estão em pé, aqueles que quiserem retirar-se em razão de cansaço, fome ou outro motivo qualquer poderão fazê-lo. Já passamos da hora normal do encerramento. O restante deste culto será gravado em vídeo para os que não puderem permanecer aqui. Farei um resumo da mensagem de Bruce para esta manhã, desculpando-me antecipadamente por ter de ler alguns trechos para os senhores. Não sou o pregador que ele era, portanto peço a compreensão de todos. Faremos um breve intervalo enquanto parte da congregação estiver deixando este recinto."

Rayford deu as costas para o púlpito e sentou-se. A congregação inteira sentou-se e olhou com ar de expectativa para ele. Quando ficou claro que ninguém sairia, alguém deu uma risadinha, depois outro e mais outro. Rayford sorriu, encolheu os ombros e retomou ao púlpito.

"Acho que existem coisas mais importantes na vida que o conforto pessoal, não é mesmo?", ele disse.

Alguns améns ecoaram no templo. Rayford abriu sua Bíblia e as anotações de Bruce.

Buck sabia o que ouviria a seguir. Já estudara o material quase tantas vezes quanto Rayford e o ajudara a resumi-lo. Mesmo assim, estava empolgado. O povo ficaria entusiasmado com o que Bruce acreditava ter acontecido, com o que ele disse que aconteceria e com o que ainda estava por acontecer.

Rayford começou explicando: "Temos quase certeza de que estas anotações foram escritas a bordo de uma aeronave enquanto Bruce retornava da Indonésia na semana passada. O nome do arquivo é 'Sermão' com data de hoje, e o que tenho em mãos é um esboço rudimentar e muitos comentários. Em um ou outro trecho, ele incluiu anotações pessoais. Achei que posso ler algumas para os senhores, mas há outras que não me sinto autorizado para divulgar por ele não estar mais entre nós. Por exemplo, logo após fazer um resumo dos pontos

principais desta mensagem, ele escreveu: "Passei muito mal esta noite e não me sinto melhor hoje de manhã. Fui alertado quanto a vírus, apesar de todas as vacinas que tomei. Não posso queixar-me. Tenho viajado exaustivamente sem nenhum problema.

Deus tem estado comigo. Evidentemente, Ele também está comigo agora, mas receio ficar desidratado. Se eu não melhorar depois que voltar, precisarei consultar um médico."

"Portanto", complementou Rayford, "podemos ter uma ideia da enfermidade que se abateu sobre ele e que o levou a passar mal na igreja após seu retorno. Como quase todos os senhores sabem, ele foi conduzido às pressas para o hospital, onde acreditamos que morreu por causa da enfermidade e não da explosão.

"Bruce resumiu uma mensagem que ele acreditava ser muito urgente. Observem o que ele escreveu. 'Tenho quase certeza de que estamos no final do período de 18 meses de paz, que se segue ao acordo firmado entre o anticristo e Israel. Se eu estiver certo, e se o início da Tribulação for estabelecido a partir da assinatura do tratado entre a nação de Israel e o que foi na época conhecido como Organização das Nações Unidas, estamos muito próximos do final desse período e devemos nos preparar para a próxima terrível e medonha profecia que ocorrerá durante a Tribulação: o cavalo vermelho do Apocalipse.

Em Apocalipse 6. 3-4 lemos que ao seu cavaleiro foi dado tirar a paz da terra para que os homens se matem uns aos outros; também lhe foi dada uma grande espada. Em minha opinião, essa é a profecia de uma guerra, que será conhecida como Terceira Guerra Mundial. Ela será instigada pelo anticristo e, apesar disso, ele, o grande mentiroso e enganador, se proclamará o grande solucionador, o grande pacificador. A seguir, virão os dois próximos cavalos do Apocalipse, o preto, que representa pragas e fome, e, o amarelo, que representa a morte. Eles virão quase que simultaneamente e nenhum de nós deve ficar surpreso se esta guerra mundial trouxer fome, pragas e morte.' "Será que os irmãos acham isto tão aterrador como eu achei quando li pela primeira vez?" perguntou Rayford. Todos os presentes movimentaram a cabeça afirmativamente.

"Devo lembrar-lhes que estas anotações foram escritas por um homem que morreu pouco antes ou pouco depois da explosão da

bomba que deu início a esta guerra. Ele não sabia exatamente quando isso aconteceria, mas não queria deixar passar mais um domingo sem compartilhar esta mensagem conosco. Não sei se todos concordam comigo, mas estou inclinado a acreditar nas palavras de um homem que interpretou as profecias bíblicas com tanta precisão. Aqui está o que Bruce diz a respeito do que virá: "'O tempo passou a ser curto para todos nós. Em Apocalipse 6. 7-8 lemos que o cavaleiro do cavalo amarelo é a Morte e que o Inferno vem logo a seguir. Ao cavalo amarelo e a seu cavaleiro foi-lhes dada autoridade sobre a quarta parte da terra para matar à espada, pela fome, com a mortandade e por meio das feras da terra. Confesso que não sei o que significam as feras da terra às quais a Bíblia se refere, mas talvez sejam os animais que destruirão o povo quando ele for deixado desprotegido por causa da guerra. Talvez a grande fera da terra seja uma linguagem metafórica para as armas usadas pelo anticristo e seus inimigos. De qualquer forma, em breve um quarto da população mundial será exterminado da face da terra.' "Bruce prossegue: 'Contei isto a três companheiros pouco tempo atrás, e pedi-lhes que considerassem que havia quatro pessoas naquela sala. Será que um de nós partiria no devido tempo? Claro que sim. Será que eu perderia um quarto de minha congregação?

Oro para que minha igreja seja poupada, mas tenho agora tantas congregações ao redor do mundo que é impossível imaginar que todas sejam poupadas. Nesse um quarto da população que será exterminada, com certeza haverá muitos, muitos santos da tribulação.

'"Em razão da moderna tecnologia, a guerra mundial levará pouco tempo para causar devastação e mortandade. Os três últimos cavaleiros do Apocalipse virão um atrás do outro. Se o povo já está horrorizado pelo sofrimento, derramamento de sangue e desaparecimentos dos santos por ocasião do Arrebatamento que resultaram em caos por causa das colisões, incêndios e suicídios, imaginem o desespero de um mundo despedaçado pela guerra mundial, fome, pragas e morte."' Rayford levantou os olhos das anotações e prosseguiu: "Minha esposa e eu vimos as notícias de ontem no aeroporto e acho que quase todos os presentes também as viram.

Vimos estas coisas acontecendo no mundo inteiro. Só o maior dos céticos nos acusaria de termos escrito este material após o

acontecimento dos fatos. Mas digamos que os ouvintes aqui sejam céticos. Digamos que acreditem que somos charlatões. Então, quem escreveu a Bíblia? E quando foi escrita? Esqueçam Bruce Barnes e suas previsões feitas uma semana antes dos fatos. Considerem que estas profecias foram feitas há milhares de anos. Podem imaginar o sofrimento de Bruce quando teve de preparar este sermão. Em uma nota marginal ele escreve: 'Detesto fazer sermões sobre más notícias. Meu problema é que no passado sempre detestei ouvir más notícias. Eu me fazia de surdo. Não ouvia.

Se eu quisesse ouvir, bastava prestar atenção. Preciso incluir outras más notícias nesta mensagem e, apesar de sofrer com isto, não posso me esquivar da responsabilidade.' "Observem o dilema de Bruce", disse Rayford. "Como sou o responsável de transmitir esta mensagem, concordo plenamente com ele. A próxima parte do esboço diz que os Quatro Cavaleiros do Apocalipse, que vêm infligir sofrimento à terra, representam os quatro primeiros dos sete Julgamentos Selados, os quais, conforme indicado em Apocalipse 6. 1-16, ocorrerão durante os primeiros 21 meses da Tribulação. De acordo com os cálculos de Bruce, se usarmos como ponto de referência o tratado assinado entre Israel e a Organização das Nações Unidas, hoje conhecida como Comunidade Global, estamos nos aproximando do final desse período de 21 meses. Assim, é importante entendermos claramente o quinto, o sexto e o sétimo Julgamentos Selados, profetizados em Apocalipse. Os irmãos já aprenderam com Bruce que ainda temos mais dois julgamentos de sete partes que se seguirão até o final dos sete anos de Tribulação e o glorioso aparecimento de Cristo. Os próximos sete serão os Julgamentos das Trombetas e os sete seguintes, os Julgamentos das Taças. Tenho certeza de que o nosso futuro pastor, seja ele quem for, advertirá os senhores quando esse tempo se aproximar. Nesse ínterim, permitam-me contar-lhes o que teremos pela frente nas próximas semanas, de acordo com as anotações e comentários de Bruce."

Rayford estava exausto e, pior ainda, tinha pensado muito no que falaria a seguir.

Não eram boas notícias. Ele se sentia fraco. Estava faminto e seu organismo necessitava de açúcar.

"Peço licença para fazer um intervalo de cinco minutos", ele disse. "Sei que muitos de vocês estão querendo isso. Preciso tomar alguma

coisa. Voltaremos a nos reunir exatamente às 13 horas."

Ele saiu da plataforma e Amanda cortou caminho pela porta lateral e foi ao seu encontro no corredor.

— Do que você está precisando? — ela perguntou.

— Além de orações?

— Orei por você a manhã inteira — ela disse. — Você sabe disso. O que você quer?

Suco de laranja?

— Você age como se eu fosse um diabético.

— Só sei do que eu necessitaria se tivesse permanecido em pé ali por tanto tempo sem comer nada.

— Um suco parece ótimo — ele disse. Enquanto ela saía apressada, Buck foi ao encontro de Rayford no corredor.

— Você acha que eles estão preparados para ouvir o que você ainda tem a lhes dizer?

— perguntou Buck.

— Francamente, acho que Bruce tentou dizer-lhes isso durante meses. Não há nada como as notícias de hoje para convencer esse povo de que seu pastor estava certo.

Buck assegurou a Rayford que continuaria orando por ele. Quando voltou a sentarse, notou que, mais uma vez, aparentemente ninguém havia saído do templo. Não se surpreendeu por Rayford estar de volta ao púlpito exatamente no horário que prometera.

"Não vou me alongar muito mais", disse Rayford. "Mas estou certo de que todos os presentes concordam que estamos tratando de um assunto de vida ou morte. Pelas anotações e ensinamentos de Bruce e de acordo com Apocalipse 6. 9-11 entendemos que o quinto dos sete Julgamentos Selados refere-se aos mártires da tribulação. A Bíblia diz: '... (vi), debaixo do altar, as almas daqueles que tinham sido mortos por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentavam. Clamaram em grande voz, dizendo: Até quando, ó Soberano Senhor, santo e verdadeiro, não julgas nem vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra? Então, a cada um deles foi dada uma vestidura branca, e lhes disseram que repousassem ainda por pouco tempo, até que também se completasse o número dos seus conservos e seus irmãos que iam ser mortos como igualmente eles foram.' "Em outras palavras", prosseguiu Rayford, "muitos daqueles

que morreram nesta guerra mundial, e os que ainda morrerão até que um quarto da população deste planeta desapareça, são considerados mártires da tribulação. Incluo Bruce nessa categoria.

Embora ele não tenha morrido especificamente por pregar o evangelho ou enquanto estava pregando o evangelho, ficou claro que esse era o trabalho de sua vida e que ele morreu em decorrência disto. Posso visualizar Bruce debaixo do altar em companhia das almas daqueles que morreram por causa da palavra de Deus e por causa do testemunho que sustentaram. A ele será dada uma vestidura branca e lhe dirão para repousar por pouco tempo, até que outros mártires completem o número total. Devo perguntar-lhes hoje, os senhores estão preparados? Estão dispostos? Estão prontos para entregar sua vida pelo amor do evangelho?"

Rayford fez uma pausa para respirar e surpreendeu-se ao ouvir alguém gritar: — Eu estou!

Rayford não sabia o que dizer. De repente, de outra parte do templo ouviu-se outro grito: — Eu também!

Mais três ou quatro gritaram ao mesmo tempo. Rayford sentiu-se sufocado pelas lágrimas. A pergunta havia sido retórica. Ele não esperava uma resposta. Que coisa comovente! Que sopro divino! Ele achou que não devia aguardar que outras pessoas respondessem baseadas apenas na emoção, e prosseguiu com voz rouca: "Obrigado, irmãos e irmãs. Acho que todos nós estamos sentindo vontade de manifestar nossa disposição para morrer pela causa. Louvado seja Deus por isso. As anotações de Bruce indicam que ele acreditava que esses julgamentos são cronológicos. Se os Quatro Cavaleiros do Apocalipse precedem os mártires da tribulação com vestiduras brancas debaixo do altar no céu, isso poderia estar acontecendo neste momento. E se estiver, precisamos saber qual é o sexto selo. Bruce sentiu uma emoção tão grande a respeito deste Julgamento Selado que transcreveu de seu computador para estas anotações várias traduções e versões diferentes de Apocalipse 6. 12-17. Permitamme ler uma que ele marcou como a mais rigorosa e mais facilmente compreensível: 'Vi quando o Cordeiro' observem que a palavra Cordeiro, também mencionada no versículo 13 do capítulo anterior, se refere, evidentemente, a Jesus Cristo — 'abriu o sexto selo, e sobreveio grande terremoto. O sol se tornou negro como saco de crina, a lua toda, como

sangue, as estrelas do céu caíram pela terra, como a figueira, quando abalada por vento forte, deixa cair os seus figos verdes, e o céu recolheu-se como um pergaminho quando se enrola. Então, todos os montes e ilhas foram movidos dos seus lugares. Os reis da terra, os grandes, os comandantes, os ricos, os poderosos e todo escravo e todo livre se esconderam nas cavernas e nos penhascos dos montes e disseram aos montes e aos rochedos: Caí sobre nós e escondei-nos da face daquele que se assenta no trono e da ira do Cordeiro, porque chegou o Grande Dia da ira deles; e quem é que pode suster-se?'"

Rayford ergueu os olhos e esquadrinhou o templo. Alguns olhavam fixamente para ele com o semblante pálido. Outros examinavam atentamente suas Bíblias.

"Não sou nenhum teólogo. Não sou nenhum erudito. Tenho tido dificuldade em ler e entender a Bíblia durante minha vida inteira, como qualquer um dos irmãos, principalmente nestes quase dois anos após o Arrebatamento. Mas faço-lhes uma pergunta. Existe alguma dificuldade em entender uma passagem que diz 'sobreveio grande terremoto'? Bruce elaborou uma tabela acerca desses eventos e acreditava que os primeiros sete selos abrangem os primeiros 21 meses dos sete anos de tribulação, que começaram por ocasião do pacto entre Israel e o anticristo. Se alguém aqui ainda não acredita que o anticristo já entrou em cena, então também não deve acreditar que existe um acordo entre Israel e aquela pessoa. E se isso for verdade, todos os acontecimentos ainda estão por vir. A Tribulação não se iniciou com o Arrebatamento. Inicia-se com a assinatura do tratado. Bruce nos ensinou que os primeiros quatro Julgamentos Selados foram representados pelos Quatro Cavaleiros do Apocalipse. Eu digo aos senhores que esses cavaleiros estão em pleno galope. O quinto selo — os mártires da tribulação que foram mortos por causa da palavra de Deus e pelo testemunho que sustentaram, e cujas almas estão debaixo do altar — já começou.

"O comentário de Bruce indica que agora o número de mártires aumentará cada vez mais. O anticristo se voltará contra os santos da tribulação e contra as 144 mil testemunhas das tribos de Israel que surgirão de todas as partes do mundo.

"Ouçam o que estou dizendo, de um ponto de vista prático. Se Bruce estava certo — e até agora ele esteve — o término dos 21 meses

está próximo. Acredito em Deus.

Acredito em Cristo. Acredito que a Bíblia é a Palavra de Deus. Acredito que nosso querido e saudoso irmão 'classificou corretamente a palavra da verdade', portanto estou me preparando para sofrer o que esta passagem chama de 'a ira do Cordeiro'. Um terremoto se aproxima e ele não é simbólico. Esta passagem indica que todos, grandes ou pequenos, preferirão ser esmagados até a morte a ter de enfrentar a face daquele que está assentado no trono."

Buck anotava freneticamente tudo o que ouvia. O assunto não era novidade para ele, mas sentia-se comovido pelas palavras inflamadas de Rayford e comovido também porque o terremoto teria de ser divulgado ao mundo como a ira do Cordeiro.

Talvez essa notícia viesse a ser o seu canto do cisne, a sua morte sinistra, mas ele ia mencionar no Semanário Comunidade Global que os cristãos estavam falando da "ira do Cordeiro". Prever um terremoto era um fato corriqueiro. Os cientistas de gabinete e os clarividentes faziam isso havia anos. Porém os cidadãos do mundo moderno nutriam uma paixão especial por expressões lançadas pela propaganda. Será que haveria uma expressão melhor que aquela extraída da Palavra de Deus?

Rayford estava concluindo sua mensagem.

"No final deste período de 21 meses, o sétimo e misterioso Julgamento Selado nos levará ao período seguinte de 21 meses, durante o qual receberemos os sete Julgamentos das Trombetas. Digo que o sétimo Julgamento Selado é misterioso porque a Bíblia não menciona claramente que forma ele assumirá. A Bíblia só diz que ele será tão dramático que haverá silêncio no céu por cerca de meia hora. Então, os sete anjos, cada um com uma trombeta, se prepararão para tocá-las. Estudaremos esses julgamentos e falaremos sobre eles à medida que nos aproximarmos daquele período. No entanto, acredito por ora que Bruce nos deixou muitas coisas para pensarmos e orarmos a respeito.

"Todos nós amamos este homem, aprendemos com ele e agora estamos lhe prestando uma homenagem. Apesar de sabermos que ele está com Cristo, devemos chorar e lamentar sua morte. A Bíblia diz que não devemos chorar a morte de alguém como fazem os idólatras, mas não diz que não devemos derramar uma lágrima sequer.

Chorem a sua dor o mais que puderem. Mas não permitam que ela os mantenha afastados da missão que lhe foi imposta. O maior desejo

de Bruce era o de permanecermos firmes na tarefa de levar o maior número possível de pessoas ao reino de Deus antes que seja tarde demais."

Rayford estava exausto. Depois de encerrar o culto com uma oração, ele não saiu da plataforma. Permaneceu sentado e de cabeça baixa. A congregação também não teve pressa de sair, como fazia rotineiramente. Quase todas as pessoas continuaram sentadas enquanto algumas levantavam-se devagar e em silêncio, caminhando em direção à porta de saída.

# CAPÍTULO 16

Buck ajudou Chloe a entrar no Range Rover, mas antes que ele pudesse dar a volta no carro para sentar-se ao volante, foi abordado por Verna Zee.

— Verna! Eu não a vi na igreja! Estou satisfeito por você ter vindo.

— Pois eu vim, Cameron. E também reconheci Tsion Ben-Judá!

Buck conteve-se para não tapar a boca de Verna com a mão.

— Como?

— Ele vai ter muitos problemas quando as forças pacificadoras da Comunidade Global descobrirem seu paradeiro. Você não sabe que ele está sendo procurado no mundo inteiro? E que o seu passaporte e documento de identidade foram encontrados com um dos cúmplices dele? Buck, você está tão encrencado quanto ele. Steve Plank está tentando falar com você, e não aguento mais fingir que não faço ideia de onde você está.

— Verna, vamos ter de nos encontrar em algum lugar para conversarmos sobre isso.

— Não posso guardar seu segredo eternamente, Buck. Não vou afundar com você.

Achei esta reunião muito interessante e é óbvio que todos amavam esse tal de Barnes.

Mas será que todas essas pessoas acreditam que Nicolae é o anticristo?

— Não posso responder por elas.

— E quanto a você, Buck? Você se reporta diretamente ao homem. Será que vai escrever um artigo em uma das revistas dele dizendo isso?

— Já escrevi, Verna.

— Ah, sim, mas seus artigos sempre foram neutros, relatando o que algumas pessoas acreditam. Você frequenta esta igreja! Convive com este pessoal! Passou a acreditar nesta história!

— Podemos ir a algum lugar para conversar? — perguntou Buck.

— Acho bom. De qualquer forma, quero entrevistar Tsion Ben-Judá. Você não pode me censurar por um furo de reportagem que tanto sonhei na vida.

Buck mordeu a língua para não dizer que ela não era uma jornalista à altura de escrever um artigo sobre Ben-Judá.

— Voltarei a falar com você amanhã — ele disse. — E aí poderemos...

— Amanhã? Hoje, Buck. É melhor nos encontrarmos no escritório hoje à tarde.

— Hoje à tarde não é conveniente. Vou voltar para cá às quatro horas para ver o corpo de Bruce.

— Então, que tal às seis e meia?

— Por que precisa ser hoje? — perguntou Buck.

— Não precisa ser hoje. No entanto, posso contar a Steve Plank ou ao próprio Carpathia ou a quem eu quiser tudo o que vi hoje, com todos os detalhes.

— Verna, assumi um risco enorme quando a ajudei naquela noite e arrumei um lugar para você ficar na casa de Loretta.

— Claro. E talvez você se arrependa pelo resto da vida.

— Então, quer dizer que tudo o que você ouviu aqui não lhe causou nenhum impacto?

— Ah, sim, causou. Comecei a me perguntar por que passei a ser dócil com você de repente. Vocês são todos malucos, Buck. Vou precisar de um motivo muito forte para não contar tudo o que sei sobre você.

Aquilo parecia uma extorsão, mas Buck entendeu que Verna aparentemente assistira ao culto inteiro daquela manhã. Ela devia ter assimilado alguma coisa. Buck queria saber como Verna podia considerar uma simples coincidência as profecias do Apocalipse e o que acontecera no mundo nos últimos 21 meses.

— Está bem — ele disse. — Seis e meia no escritório.

Rayford e os outros presbíteros concordaram que não deveria haver nenhuma outra formalidade enquanto o corpo de Bruce estivesse exposto no templo. Nenhuma oração, nenhuma mensagem, nenhum discurso, nada. Apenas uma fila de pessoas passando diante do caixão para prestar as últimas homenagens a Bruce. Alguém sugeriu que o salão de confraternização fosse aberto para que o local ficasse mais ventilado, mas Rayford, alertado por Buck, não aprovou a ideia. A escada foi isolada por uma faixa estendida de lado a lado para que ninguém descesse por ela. Uma tabuleta indicava que o corpo ficaria exposto das quatro às seis horas da tarde.

Por volta das cinco horas, enquanto centenas de pessoas desfilavam lentamente diante do caixão, formando uma fila que se estendia até a rua, passando pela porta da frente e por dentro do estacionamento, Buck entrou com o Range Rover lotado na vaga reservada a Ldretta.

— Chloe, prometi que esta é a última vez que vou me aproveitar de seus ferimentos e usar você como chamariz.

— Chamariz para quê? Será que Carpathia está aqui e vai agarrar você ou Tsion?

Buck deu uma risadinha. Rayford tinha chegado ao templo pouco antes das quatro horas. Agora, Buck, Chloe, Amanda, Tsion e Loretta estavam descendo do Range Rover.

Amanda e Loretta seguraram Chloe, uma de cada lado, para ajudá-la a descer do carro enquanto Buck abria a porta. Ele deu uma espiada nas pessoas que estavam aguardando na fila para entrar na igreja. A maioria não estava prestando atenção ao pequeno grupo que acabara de chegar. As que olharam pareciam estar concentradas na bela jovem recémcasada, com o tornozelo machucado, braço na tipóia e segurando uma bengala.

Enquanto as três mulheres se dirigiam para o escritório da igreja, planejando ver o corpo de Bruce depois que a multidão se dispersasse, Buck e Tsion sumiram. Quando Buck entrou no escritório cerca de vinte minutos depois, Chloe perguntou: — Onde está Tsion?

— Está por aí — respondeu Buck.

Rayford permaneceu ao lado do caixão de Bruce, cumprimentando os passantes.

Donny Moore aproximou-se.

— Sinto muito aborrecê-lo com uma pergunta neste momento — disse Donny — mas o senhor sabe onde posso encontrar o Sr. Williams? Ele me fez algumas encomendas e já estão prontas.

Rayford indicou o escritório da igreja.

Enquanto Donny e outras pessoas passavam diante do caixão, Rayford perguntava a si mesmo quanto tempo Hattie Durham ficaria com a mãe em Denver. Carpathia programara uma reunião com o Pontifex Maximus Peter Mathews, que recentemente havia sido nomeado Supremo Pontífice da Fé Mundial Enigma Babilónia, uma aglutinação de todas as religiões do mundo. Carpathia queria Rayford

de volta a Nova Babilónia o mais tardar na quinta-feira da semana seguinte para levar o Condor 216 a Roma. Lá, ele pegaria Mathews e o conduziria à Nova Babilónia. Carpathia já havia noticiado com grande alarde a transferência de Mathews e da Fé Mundial Enigma Babilónia para a Nova Babilónia como fizera com quase todas as demais organizações internacionais.

Sentindo-se entorpecido, Rayford cumprimentava todos os que passavam diante do caixão, tentando não olhar para o corpo de Bruce. Ocupou sua mente pensando nas palavras que ouvira de Carpathia por meio daquele engenhoso aparelho de escuta instalado no Condor pelo falecido Earl Halliday. Para Rayford, o mais interessante de tudo era a insistência de Carpathia em assumir a liderança de vários grupos e comités que tinham sido dirigidos por seu velho amigo e anjo protetor financeiro Jonathan Stonagal.

Buck contara a Rayford e aos demais integrantes do Comando Tribulação que estava presente na sala quando Carpathia assassinou Stonagal e, em seguida, fez uma lavagem cerebral em todos os participantes da reunião para que acreditassem que tinham acabado de presenciar um suicídio. Os motivos para aquele assassinato evidenciaram-se pelo fato de Carpathia estar tentando ardilosamente assumir a liderança dos comités de relações internacionais, das comissões que tratam da harmonia internacional e, acima de tudo, das cooperativas financeiras secretas.

A mente de Rayford divagava ao lembrar-se dos velhos bons tempos quando sua única preocupação era chegar no horário ao aeroporto O'Hare, pilotar o avião nas rotas programadas e voltar para casa. Evidentemente, naquela época ele não era crente. Nem o marido e o pai que deveria ter sido. Na verdade, os velhos bons tempos não tinham sido tão bons assim.

Ele não podia reclamar da vida agitada que levava agora. Desprezava Carpathia e detestava estar sob as ordens dele, mas decidira ser obediente a Deus. Se esse era o lugar que Deus lhe preparara, seria ali que ele o serviria. Só esperava que Hattie Durham passasse por Chicago antes de ele partir. De uma maneira ou outra, ele, Amanda, Chloe e Buck tinham de afastá-la de Nicolae Carpathia. Sentia um entusiasmo perverso por ela ter decidido distanciar-se de Nicolae por conta própria. Mas Carpathia não aceitaria ser rejeitado com tanta

facilidade, principalmente por Hattie estar grávida de um filho seu e por ele ser tão cuidadoso com sua imagem pública.

Buck estava ocupado com Donny Moore, aprendendo a lidar com as incríveis novidades dos novos computadores, quando ouviu Loretta falando ao telefone.

— Sim, Verna — ela estava dizendo — neste momento Buck está ocupado conversando com uma pessoa, mas vou dizer-lhe que Steve Plank quer falar com ele.

Buck pediu licença a Donny e gritou para Loretta: — Se ela estiver no escritório, pergunte se meus cheques estão lá.

Buck tinha estado ausente dos escritórios de Nova e York e Chicago nos dias de pagamento durante várias semanas e ficou satisfeito ao ver Loretta fazendo um movimento afirmativo com a cabeça depois de perguntar a Verna sobre os cheques. Após ler o material escrito por Bruce, ele concluiu que deveria começar a investir em ouro, uma ideia corroborada por Tsion. Em breve, o dinheiro não teria mais valor. Seria necessário começar a amealhar alguma espécie de recurso financeiro porque, mesmo na melhor das hipóteses, mesmo que Verna viesse a se converter e o protegesse de Carpathia, ele não poderia fazer uso desse artifício por muito tempo. Seu relacionamento com Carpathia terminaria. Sua fonte de renda secaria. Ele não poderia mais vender nem comprar sem ter estampada a marca da besta e a nova ordem mundial da qual Carpathia tanto se orgulhava poderia matá-lo de fome.

Quando faltavam quinze minutos para às seis, o templo já estava quase vazio.

Rayford dirigiu-se para o escritório da igreja e fechou a porta atrás de si.

— Daqui a pouco poderemos passar alguns momentos a sós com o corpo de Bruce — ele disse.

Loretta e os integrantes do Comando Tribulação, com exceção de Tsion, estavam sentados com o semblante triste.

— Então, foi isso o que Donny Moore lhe trouxe? — Rayford perguntou a Buck, apontando com a cabeça para os laptops.

— Sim. Um para cada um de nós. Perguntei a Loretta se ela também queria um.

Loretta fez um gesto desanimado para ele, sorrindo.

— Eu não saberia o que fazer com ele. Acho que nem sei desempacotá-lo.

— Onde está Tsion? — perguntou Rayford. — Por enquanto, é muito importante que ele fique ao nosso lado e...

— Tsion está em lugar seguro — disse Buck lançando um olhar cauteloso para Rayford.

— Hã, hã.

— Do que vocês estão falando? — perguntou Loretta. — Onde ele está?

Rayford sentou em uma cadeira de rodinhas e aproximou-se de Loretta.

— Há algumas coisas que não devemos lhe contar para seu próprio bem.

— E o que você acharia — ela disse — se eu lhe dissesse que não estou gostando nada disto?

— Eu entendo, Loretta...

— Não tenho tanta certeza assim, capitão Steele. Guardei segredos durante toda a minha vida porque sou uma senhora educada, criada no sul.

— Eu diria uma bela senhora criada no sul — disse Rayford.

— Agora você está querendo me bajular e também não gosto disto.

Rayford foi tomado de surpresa.

— Lamento muito, Loretta, eu não quis ofendê-la.

— Sinto-me ofendida quando alguém não quer me contar um segredo.

Rayford inclinou-se para a frente.

— Estou falando sério quando digo que é para o seu próprio bem. A verdade é que um dia, ou melhor, muito em breve, alguns oficiais da alta patente poderão forçá-la a dizer onde Tsion está.

— E você acha que se eu souber onde ele está, vou fraquejar.

— Se você não souber onde ele está, não vai fraquejar nem ter de se preocupar com esse assunto.

Loretta cerrou os lábios e balançou a cabeça.

— Sei que todos vocês estão vivendo perigosamente. Acho que me arrisquei muito quando lhes dei abrigo. Agora sou apenas a senhoria de vocês, não é mesmo?

— Loretta, você é uma das pessoas que mais amamos neste mundo, é isso o que você é. Não faríamos nada para prejudicá-la. E é por isso que não vou me obrigar a dizerlhe onde Tsion está, apesar de saber que você está ofendida e de não ser esta a minha intenção. Você poderá conversar com Tsion por telefone e nós nos comunicaremos com ele por computador. Um dia você vai nos agradecer por não lhe termos revelado este segredo.

Amanda interrompeu.

— Rayford, você e Buck estão dizendo que Tsion está onde penso que ele está?

Rayford meneou a cabeça afirmativamente.

— Seria necessário desde já? — perguntou Chloe.

— Receio que sim. Eu gostaria de saber quanto tempo ainda nos resta antes de irmos para lá também.

Loretta, demonstrando irritação, levantou-se e começou a andar de um lado para o outro, com os braços cruzados diante do peito.

— Capitão Steele, você poderia me dizer uma coisa? Poderia me dizer que não vai revelar este segredo para mim por achar que eu vou contar para todo mundo?

Rayford levantou-se.

— Loretta, venha até aqui. Ela parou e encarou-o.

— Vamos — ele disse. — Venha até aqui e deixe-me abraçá-la. Tenho idade para ser seu filho, portanto não me leve a mal.

Loretta parecia estar se recusando a sorrir, mas resolveu ceder e aproximou-se lentamente de Rayford. Ele a abraçou.

— Loretta, eu a conheço há muito tempo para saber que você não costuma revelar segredos. Mas as pessoas que poderão querer saber do paradeiro de Tsion Ben-Judá não hesitarão em usar um detector de mentiras ou até mesmo o soro da verdade se acharem que você sabe de alguma coisa. Se eles a forçarem a entregar Tsion, mesmo contra vontade, isso poderá comprometer a causa de Cristo.

Loretta o abraçou.

— Tudo bem — ela disse. — Continuo a achar que sou muito mais forte do que vocês pensam, mas tudo bem. Se eu achar que vocês não estão fazendo isso para o meu próprio bem, vou expulsá-los de minha casa.

Todos sorriram. Todos, exceto Loretta. Alguém bateu à porta.

— Com licença, senhor — disse o diretor da funerária para Rayford. — O templo já está vazio.

Buck foi o último da fila de cinco pessoas a entrar no templo. Ficou em pé ao lado do caixão de Bruce. A princípio, Buck teve um sentimento de culpa. Estava estranhamente insensível. Talvez tivesse extravasado todas as suas emoções durante o culto. Sabia muito bem que Bruce não estava mais ali e não sentia nada ao ver o corpo de seu amigo morto.

Mesmo assim, em pé ali ao lado das pessoas que lhe eram mais próximas no mundo, ele foi capaz de aproveitar aqueles momentos para refletir sobre as maneiras tão dramáticas e específicas que Deus utilizara por meio dele naquelas últimas horas. Uma das coisas que aprendera com Bruce foi que a vida do cristão era uma série de novos começos. O que Deus tinha feito por ele ultimamente? O que Deus não tinha feito por ele?

Buck gostaria muito de sentir a mesma compulsão para renovar seu compromisso de estar a serviço de Cristo quando Deus aparentemente não estivesse tão próximo.

Vinte minutos depois, Buck e Chloe entraram no estacionamento do Semanário Comunidade Global. Só o carro de Verna estava ali.

Buck achou que Verna ficou surpresa e ao mesmo tempo desapontada ao ver Chloe caminhando com dificuldade ao lado dele. Chloe também devia ter percebido isso.

— Não sou bem-vinda aqui? — ela perguntou.

— Claro que é — respondeu Verna. — Talvez Buck precise de alguém para segurar a mão dele.

— Por que eu precisaria de alguém para segurar minha mão? Eles se dirigiram a uma pequena sala de reuniões com uma mesa e sentaram-se. Verna sentou-se à cabeceira.

Ela escostou-se no espaldar da cadeira e levantou os dedos.

— Buck, nós dois sabemos que agora quem dá as cartas sou eu, certo?

— O que aconteceu com a nova Verna? — Buck perguntou.

— Nunca houve uma nova Verna — ela disse. — Apenas uma versão mais suave da antiga Verna.

Chloe inclinou-se para a frente e perguntou: — Então quer dizer que nada do que dissemos, nada do que eu e você conversamos, nada

do que você viu, ouviu ou experimentou na casa de Loretta ou na igreja teve algum significado?

— Tenho de admitir que gostei do novo carro. É bem melhor do que aquele que eu tinha. Claro que foi uma coisa justa, a última coisa que Buck poderia ter feito por mim depois de arruinar minha vida.

— Então — disse Chloe — seus momentos de vulnerabilidade, seu reconhecimento que sentia inveja de Buck e que não estava à altura dele, tudo isso foi fingimento?

Verna levantou-se. Colocou as mãos nos quadris e olhou com firmeza para Buck e Chloe.

— Estou realmente surpresa com esta conversa tão insignificante. O assunto aqui não tem nada a ver com política administrativa. Nem com conflitos de personalidade. A verdade, Buck, é que você não está sendo leal a seu patrão. Não é apenas uma questão de preocupação, porque não se trata de jornalismo propriamente dito. Só que arrumei um problema para mim. Já contei isso a Chloe, não contei, Chloe?

— Contou.

— Carpathia comprou toda a imprensa, eu sei disso — prosseguiu Verna. — Nós, os jornalistas à moda antiga, não gostamos da ideia de divulgar as notícias que nosso patrão está produzindo. Não gostamos que ele meta o dedo em tudo. Mas, Buck, você é um lobo vestido de cordeiro. É um espião. É inimigo dele. Além de não gostar do homem, você também acha que ele é o anticristo.

— Por que você não se senta, Verna? — perguntou Chloe.- Todos nós conhecemos as pequenas sugestões contidas em livros que nos ensinam como saber quem é mais importante. Não posso falar por Buck, mas sua tentativa de ser superior a mim não me intimida nem um pouco.

— Vou-me sentar, mas só porque quero.

— Então, qual é o seu jogo? — perguntou Chloe. — Pretende fazer uma extorsão?

— Por falar nisso — disse Buck — sou grato por você ter guardado meus cheques das últimas semanas.

— Não toquei neles. Estão na primeira gaveta de sua mesa. E não, não sou chantagista. Só me parece que sua vida depende de quem sabe ou de quem não sabe que você está acobertando Tsion Ben-Judá.

— E você acha que sabe?

— Eu o vi na igreja hoje de manhã.

— Acho que você imaginou que o viu — disse Chloe. Buck hesitou e olhou para ela. Verna também. Pela primeira vez, Buck viu um leve ar de dúvida no rosto de Verna.

— Você está me dizendo que não vi Tsion Ben-Judá na igreja hoje de manhã?

— É muito improvável — disse Chloe. — Você não concorda?

— É certo que não. Sei que Buck esteve em Israel e que seus documentos foram encontrados com um simpatizante de Ben-Judá.

— E você viu Buck na igreja com Ben-Judá?

— Eu não disse isso. Disse que vi Ben-Judá. Ele estava sentado ao lado daquela mulher que me hospedou, Loretta.

— Então Loretta está namorando Tsion Ben-Judá, é isso o que você está dizendo?

— Você sabe o que estou dizendo, Chloe. Ben-Judá chegou a falar naquele culto. Se não era ele, também não sou jornalista.

— Sem comentários — disse Buck.

— Você está me ofendendo! Chloe continuou a pressioná-la.

— Você estava sentada em algum lugar onde não podíamos vê-la...

— Eu estava na galeria, se você quer saber.

— E da galeria você conseguiu ver um homem sentado nos fundos da igreja ao lado de Loretta?

— Eu não disse isso. Deduzi que ele estava sentado ao lado dela. Ambos falaram e o som de suas vozes parece ter vindo do mesmo lugar.

— Então Ben-Judá foge de Israel, aparentemente com a ajuda de Buck. Buck é tão esperto a ponto de deixar seus documentos com um inimigo do Estado. Quando Buck leva Ben-Judá a salvo para os Estados Unidos, permite que ele apareça em público em sua própria igreja e depois Ben-Judá se levanta e fala diante de centenas de pessoas. É isso o que você acha? Verna estava espumando de raiva.

— Bem, ele, bem, se não era Ben-Judá, então quem era?

— A história é sua, Verna.

— Loretta vai me contar a verdade. Acho que ela gostou de mim. Tenho certeza de que o vi saindo da igreja com ela. Ele não é um israelense de pequena estatura e robusto?

— Como você pode saber disso se ele estava nos fundos da igreja?

— Vou ligar para Loretta neste instante. — Ela estendeu o braço para pegar o telefone. — Acho que vocês não vão me fornecer o número dela.

Buck perguntou a si mesmo se essa seria uma boa ideia. Eles não tinham combinado nada com Loretta. Porém, após o incidente no escritório da igreja com Rayford, ele acreditava que Loretta saberia como lidar com Verna.

— Claro que sim — ele disse, rabiscando o número. Verna pegou o fone e discou.

— Casa de Loretta, Rayford Steele falando. Aparentemente, Verna não esperava por isso.

— Oh, hã, sim. Loretta por favor.

— Posso saber quem...

— Verna Zee.

Loretta pegou o telefone e disse em sua maneira típica e charmosa.

— Verna, querida! Como vai? Ouvi dizer que você assistiu ao culto hoje, mas não a vi.

Você não achou tudo muito comovente?

— Conversaremos sobre isso outra hora, Loretta. Eu só queria ...

— Acho que o momento mais propício é agora, querida. Você não gostaria de encontrar-se comigo em algum lugar ou vir até aqui?

Verna parecia irritada.

— Não, agora não. Um outro dia, talvez. Eu só queria fazer-lhe uma pergunta. Quem era aquele homem que estava com você na igreja hoje de manhã?

— Aquele homem?

— Sim! Você estava ao lado de um homem com traços de uma pessoa do Oriente Médio. Ele proferiu algumas palavras. Quem era ele?

— Isso é importante?

— Não! Só estou perguntando.

— Essa é uma pergunta pessoal, indelicada.

— Então você não vai me responder?

— Acho que não é da sua conta.

— E se eu disser que Buck e Chloe afirmaram que você me responderia?

— Em primeiro lugar, eu diria que você é uma mentirosa. Mas isso seria mais indelicado que sua pergunta.

— Só me diga se era o rabino Tsion Ben-Judá, de Israel!

— Você já sabe até o nome dele. O que mais você quer de mim?

— Então, era ele?

— Foi você que disse. Não eu.

— Mas era?

— Você quer mesmo saber a verdade, Verna? Aquele homem é meu amante secreto.

Eu o escondo debaixo da cama.

— O quê? O quê? Então...

— Verna, se você quiser falar sobre o quanto ficou emocionada por causa do culto desta manhã, eu adoraria conversar um pouco mais. Você quer falar sobre o culto?

Verna desligou o telefone.

— Tudo bem, quer dizer que vocês todos se uniram e decidiram não contar a verdade. Acho que não terei muitos problemas em convencer Steve Plank ou até mesmo Nicolae Carpathia que aparentemente você está acobertando Tsion Ben-Judá.

Chloe olhou para Buck e dirigiu-se a Verna.

— Então, você acha que Buck faria algo tão escancaradamente estúpido que poderia causar sua demissão ou até sua morte? E você vai usar a ameaça de divulgar esta notícia à alta cúpula da Comunidade Global em troca do quê?

Verna saiu da sala com arrogância. Buck olhou para Chloe, piscou e balançou a cabeça.

— Você é demais! — ele disse.

Verna voltou apressada e atirou os cheques de Buck sobre a mesa.

— Você sabe que seu tempo está curto, Buck.

— Para lhe dizer a verdade — disse Buck — acho que o tempo de todos nós está curto.

Verna sentou-se com ar de resignação.

— Vocês acreditam de verdade nessa história, não? Buck tentou mudar o tom de voz e falou com simpatia.

— Verna, você conversou com Loretta, com Amanda, com Chloe e comigo. Já lhe contamos nossas histórias. Hoje de manhã, você ouviu a história de Rayford. Se é verdade que somos todos malucos, então

somos todos malucos. Mas será que você não ficou nem um pouco impressionada com as coisas que Bruce Barnes compilou da Bíblia?

Coisas que agora estão se tornando realidade?

Verna permaneceu em silêncio por alguns instantes. Finalmente, resolveu falar.

— Foi mais ou menos estranho. Mais ou menos impressionante. Mas não é igual a Nostradamus? Será que essas profecias não podem ser interpretadas aleatoriamente?

Será que não podem significar algo que alguém queira que signifique?

— Não entendo como você pode acreditar nisso — disse Chloe. — Você é muito inteligente. Bruce disse que se o tratado entre a Organização das Nações Unidas e Israel fosse o pacto a que a Bíblia se refere, ele daria início ao período dos sete anos de tribulação. Primeiro haveria os sete Julgamentos Selados. Os Quatro Cavaleiros do Apocalipse seriam o cavalo da paz e por um período de 18 meses e, o cavalo da guerra, o cavalo das pragas e fome e o cavalo da morte.

— Isso tudo é simbólico, não? — perguntou Verna.

— Claro que é — respondeu Chloe. — Não vi nenhum cavaleiro. Mas vi um ano e meio de paz. Vi a Terceira Guerra Mundial estourar. Por causa dela, vi pragas e fome e sabemos que haverá mais. Vi muitas pessoas morrerem e muitas outras morrerão. O que mais é necessário para convencê-la? Você não pode ver o quinto Julgamento Selado, os santos martirizados debaixo do altar no céu. Mas você ouviu Rayford dizer o que virá proximamente, de acordo com Bruce?

— Um terremoto, sim, eu sei.

— Isso servirá para convencê-la?

Verna virou-se na cadeira e olhou através da janela.

— Suponho que seria muito difícil argumentar contra isso.

— Preciso dar-lhe um conselho — disse Chloe. — Se esse terremoto for tão devastador quanto a Bíblia menciona, talvez você não tenha tempo de mudar de ideia sobre tudo isso antes que seu tempo se esgote.

Verna levantou-se e caminhou lentamente até a porta. Abriu-a e disse suavemente: — Continuo a não gostar da ideia de Buck fingir ser alguém que ele não é para Carpathia.

Buck e Chloe acompanharam-na até a porta da frente.

— Nossa vida particular, nossas crenças não têm nada a ver com os negócios do patrão — disse Buck. — Por exemplo, se eu soubesse que você é homossexual, não acharia necessário contar a seus superiores.

Verna virou-se para encará-lo.

— Quem lhe disse? O que você tem a ver com isto? Se você começar a espalhar eu ...

Buck levantou as duas mãos.

— Verna, sua vida pessoal é confidencial para mim. Não se preocupe porque não vou contar nada a ninguém.

— Não há nada para contar!

— Também acho.

Buck segurou a porta para Chloe passar. No -estacionamento, Verna disse: — Então, estamos de acordo?

— De acordo? — Buck perguntou.

— Que nenhum de nós vai contar nada sobre a vida pessoal do outro?

Buck deu de ombros.

— Por mim, tudo bem.



O diretor da funerária estava falando ao telefone com Rayford.

— Em razão do grande número de mortes, da escassez de sepulturas, etc. etc, estamos calculando que o enterro só será daqui a três semanas ou até mesmo cinco semanas.Temos um local para guardar os corpos sem nenhuma despesa, uma vez que se trata de calamidade pública.

— Entendo. Gostaríamos muito que você nos avisasse assim que o corpo for enterrado. Não haverá mais nenhum culto e ninguém estará presente.

Loretta estava sentada diante da mesa na sala de jantar, ao lado de Rayford.

— Isso é triste demais — ela disse. — Você tem certeza de que nenhum de nós deve estar presente?

— Nunca fui partidário de cultos à beira da sepultura — disse Rayford. — E acho que não há mais nada a dizer diante do corpo de Bruce.

— É verdade — ela disse. — Aquele corpo nem parecia ser o dele. Bruce não vai se sentir abandonado ou desprezado.

Rayford assentiu e pegou uma folha da pilha do material escrito por Bruce.

— Loretta, acho que Bruce gostaria que você lesse isto.

— O que é?

— Faz parte do diário dele. Algumas opiniões pessoais sobre você.

— Você tem certeza?

— Claro.

— Quero dizer, você tem certeza de que ele gostaria que eu lesse?

— De acordo com minha sensibilidade, sim — ele disse. — Se eu tivesse escrito algo semelhante, gostaria que você lesse, principalmente após a minha morte.

Com os dedos trémulos, Loretta ajeitou a folha de modo que pudesse lê-la com seus óculos bifocais.

— Obrigada, Rayford — ela disse, com a voz embargada pelas lágrimas. — Obrigada por permitir que eu lesse isto.



Buck! Eu não fazia ideia de que Verna era homossexual! disse Chloe.

— Você não fazia ideia? Nem eu!

— Você está brincando!

— Não estou. Você não acha que aquela pequena revelação também foi obra de Deus?

— Penso que foi uma terrível coincidência, mas nunca se sabe. Aquele boato pode ter salvado sua vida.

— Você salvou minha vida, Chloe. Você foi brilhante.

— Apenas defendi o meu homem. Ela não sabia com quem estava se metendo.

# CAPÍTULO 17

Uma semana e meia depois, enquanto se preparava para voltar para a Nova Babilónia a fim de retomar seu trabalho, Rayford recebeu um telefonema de Leon Fortunato.

— Você tem alguma notícia da mulher do potentado?

— Mulher do potentado? — repetiu Rayford, tentando dar um tom de desagrado à voz.

— Você sabe de quem estou falando. Ela viajou no mesmo vôo que você. Onde ela está?

— Pensei que eu não fosse responsável por ela.

— Steele, é melhor você não reter informações sobre alguém que Carpathia está procurando saber onde está.

— Oh, ele quer saber onde ela está. Quer dizer então que ele não tem notícias dela?

— Você sabe que foi só por isso que eu liguei para você.

— Onde Carpathia acha que ela está?

— Não brinque comigo, Steele. Conte-me o que você sabe.

— Não sei exatamente onde ela está. E não tenho o direito de falar sobre seu paradeiro nem mesmo onde acho que ela está, sem autorização.

— É melhor você não esquecer quem é seu patrão, cara.

— Como posso esquecer?

— Então, você quer que eu dê a entender a Carpathia que você está protegendo a noiva dele?

— Se é com isso que você está preocupado, fique tranquilo. A última vez que vi Hattie Durham foi quando cheguei a Mitchell Field, em Milwaukee.

— E para onde ela foi?

— Na verdade, não sei se devo revelar o itinerário de Hattie a você. Pode ser que ela não queira.

— Você vai-se arrepender disto, Steele.

— Sabe de uma coisa, Leon? Não estou nem um pouco preocupado.

— Estamos supondo que ela viajou para visitar a família em Denver, onde a guerra não causou nenhum estrago. Não entendemos por que não estamos conseguindo completar as ligações para lá.

— Tenho certeza de que vocês possuem muitos meios para localizá-la. Prefiro não me intrometer nisso.

— Espero que sua situação financeira seja boa, capitão Steele.

Rayford não disse nada. Não queria prolongar uma discussão com Leon Fortunato.

— A propósito — prosseguiu Fortunato — houve uma pequena mudança de planos e você vai buscar o Supremo Pontífice Mathews em Roma.

— Estou ouvindo.

— Carpathia irá com você. Ele quer acompanhar Mathews na viagem a Nova Babilónia.

— E o que eu tenho a ver com isso?

— Eu só quero ter a certeza de que você não vai partir sem ele.



Buck já havia recebido uma reprimenda de Steve Plank por telefone por ter permitido que seu documento de identidade e passaporte tivessem caído nas mãos erradas de alguém em Israel.

— Eles torturaram o tal de Shorosh o mais que puderam, e mesmo assim ele continuou jurando que você foi apenas um passageiro de seu barco.

— Era um barco de madeira enorme — disse Buck.

— Bem, o barco não existe mais.

— Qual foi o objetivo para destruir o barco de um homem e torturá-lo?

— E isso é importante para nós?

— Não sei, Steve. Estamos conversando como jornalistas, como amigos ou estou recebendo um alerta de um colega?

Steve mudou de assunto.

— Carpathia continua gostando dos artigos que você está enviando de Chicago. Ele acha que o Semanário Comunidade Global é o

que há de melhor no mundo em matéria de revistas. Claro, sempre foi.

— Sim, sim. Se esquecermos a objetividade e a credibilidade jornalística ...

— Já esquecemos disto há muitos anos — disse Plank. — Mesmo antes de termos Carpathia como patrão tínhamos de proceder conforme nos mandavam.



Buck ensinou Amanda, Chloe, Rayford e Tsion como aproveitar a velocidade de seus novos computadores laptop. Tsion estava usando seu telefone secreto para conversar com todos da casa de Loretta, que passou a ser conhecida como "casa secreta". Loretta chegou a dizer mais de uma vez: — Parece que aquele homem mora na casa ao lado.

— Você está usando a tecnologia do celular — disse Buck.

Tsion necessitava receber visitas diárias de seus companheiros do Comando Tribulação para não perder o ânimo. Ele estava fascinado com a nova tecnologia e passava a maior parte do tempo acompanhando os noticiários. Sentia vontade de comunicar-se por e-mail com seus filhos espirituais ao redor do mundo; no entanto, temia que alguém os torturasse para saber de seu paradeiro. Pediu que Buck perguntasse a Donny como poderia comunicar-se com essas pessoas sem que elas sofressem por isso. A solução era simples.

Ele poderia enviar suas mensagens para uma central de recados. Assim, ninguém saberia quem estava pegando os recados.

Tsion passava a maior parte do dia estudando o material de Bruce e formatando-o para ser publicado. Tinha sido fácil para Buck gravar o material em disquete para Tsion.

Frequentemente Tsion carregava algumas partes em seu computador, fazia um resumo e o enviava a determinados membros do Comando Tribulação. Ele ficou muito impressionado com o que Bruce escrevera a respeito de Chloe e Amanda. Em seu diário, Bruce mencionou várias vezes seu sonho de que elas trabalhassem juntas, pesquisando, escrevendo e lecionando para grupos pequenos e congregações domésticas.

Todos haviam concordado que Amanda só retornaria a Nova Babilónia depois que Rayford voltasse de seu vôo a Roma. Com isso, ela teria mais alguns dias para passar com Chloe, planejando juntas um ministério de evangelização semelhante ao que Bruce idealizara. Elas não sabiam o que aconteceria nem que oportunidades teriam, mas gostavam de trabalhar juntas, porque assim podiam aprender mais.

Buck estava satisfeito por Verna Zee manter-se afastada.

Grande parte dos funcionários do escritório de Chicago estava agora trabalhando em várias cidades atingidas pelos bombardeios para noticiar a situação caótica em que elas se encontravam. Para Buck, não havia nenhuma dúvida de que o cavalo preto das pragas e fome e o cavalo amarelo da morte já estavam galopando logo atrás do cavalo vermelho da guerra.

Na noite de quarta-feira, Amanda levou Rayford de carro a Milwaukee para sua viagem de volta ao Iraque.

— Por que Mathews não usa seu próprio avião para visitar Carpathia? — ela perguntou.

— Você conhece Carpathia. Ele gosta de prevalecer e destacar-se por sua cortesia e generosidade. Além de mandar um avião para buscar a pessoa, ele também vai junto para acompanhá-la na viagem.

— O que ele deseja de Mathews?

— Quem sabe? Ele pode não querer nada. O número cada vez maior de convertidos deve estar sendo um problema para Mathews. Nós somos uma parte daqueles que não aceitam a ideia de uma religião mundial.



Às seis horas da manhã de quinta-feira, a campainha do telefone despertou o pessoal da casa de Loretta. Chloe pegou a extensão. Colocando a mão no bocal, ela disse a Buck: — Loretta atendeu. É Hattie.

Buck aproximou-se de Chloe para ouvir a conversa.

"Sim", Loretta estava dizendo, "você me acordou, querida, mas está tudo bem. O capitão Steele disse que você ligaria."

"Vou passar por Milwaukee na viagem de volta para Nova Babilónia e programei uma parada de seis horas lá. Diga ao pessoal daí que estarei em Mitchell Field, caso alguém queira conversar comigo. Não quero que eles se sintam obrigados a ir até lá e não ficarei ofendida se ninguém aparecer."

"Oh, eles irão, meu bem. Não se preocupe."



O relógio marcava quinze horas em Bagdá (seis horas da manhã em Chicago) quando o avião comercial em que Rayford viajava pousou. Ele planejara permanecer a bordo por um pouco mais de meia hora à espera da curta viagem que o levaria até Nova Babilónia, mas ouviu o telefone celular tocando em seu bolso. Poderia ser uma ligação de Buck ou de Carpathia falando sobre Buck, o que poria um fim às dúvidas e suspeitas sobre o Comando Tribulação. Todos eles sabiam que em breve a posição ocupada por Buck estaria seriamente comprometida.

Rayford também teve um ligeiro pensamento de que a ligação poderia ser de Hattie Durham. Ele havia protelado ao máximo a viagem de volta na esperança de poder conversar com ela antes. Da mesma forma que Carpathia e Fortunato, ele também não conseguira completar a ligação para Denver.

Porém, o telefonema era de seu co-piloto, Mac McCullum.

— Desça desse avião, Steele, e estenda as pernas. Sua condução já chegou.

— Ei, Mac! Do que você está falando?

— Estou falando que o chefão não gosta de esperar. Encontre-se comigo no heliporto do outro lado do terminal. Vou levá-lo de helicóptero até o escritório central.

Rayford queria postergar ao máximo seu retomo a Nova Babilónia, mas pelo menos seria divertido viajar de helicóptero. Ele invejava a habilidade de McCullum em pilotar alternadamente um jumbo e um helicóptero. Rayford não pilotava um helicóptero desde seus tempos de militar, mais de vinte anos atrás.



O Semanário Comunidade Global saía todas as quintas-feiras, estampando na capa a data da segunda-feira seguinte. Buck aguardava com ansiedade a publicação da edição daquele dia.

Durante uma reunião na casa de Loretta ficou decidido que Amanda e Chloe iriam de carro até Milwaukee buscar Hattie. Loretta retornaria do escritório da igreja mais cedo, com tempo de preparar um lanche para ela. Buck iria para o escritório do Semanário a fim de ver os primeiros exemplares da revista e voltaria para casa de Loretta assim que recebesse um telefonema de Chloe avisando que ela, Amanda e Hattie já haviam retornado do aeroporto.

Buck estava apreensivo quanto à sua reportagem de capa. No intuito costumeiro de manter um ponto de vista neutro, objetivo e jornalístico, ele iniciara a reportagem incluindo grande parte do material de Bruce que fora lido em seu funeral na manhã de domingo. A reportagem foi escrita por Buck, mas ele incumbiu os repórteres dos escritórios do Semanário Comunidade Global de vários países do mundo de entrevistarem os religiosos locais sobre as profecias do livro de Apocalipse.

Por um motivo ou outro, os repórteres — céticos em sua maioria -assumiram essa tarefa com satisfação. Buck recebeu informações do mundo inteiro por fax, e-mail, telefone, encomenda postal e correio. A pergunta que ele pediu que seus repórteres fizessem aos líderes religiosos do mundo inteiro e que também serviu como título de sua reportagem era: "Seremos atingidos pela 'ira do Cordeiro'?"

Buck gostara muito dessa tarefa que ele atribuíra a si mesmo, mais do que de todas as outras que já havia escrito, inclusive várias reportagens sobre o "Homem do Ano" e a de Chaim Rosenzweig.

Passara cerca de três dias e três noites quase sem dormir confrontando os materiais e comparando-os com várias outras reportagens. Evidentemente, Buck tinha condições de identificar seus colegas crentes com base em alguns comentários escritos por eles.

Apesar do ceticismo e descrença da maioria dos repórteres, os pastores considerados santos da tribulação e alguns poucos judeus

convertidos haviam citado que a "ira do Cordeiro" profetizada em Apocalipse 6 era certa e iminente. A grande maioria das citações partiu de religiosos que antes representavam diversas religiões e denominações, mas que agora trabalhavam para a Fé Mundial Enigma Babilónia. Todos os homens e mulheres chamados de "guias da fé" (ninguém mais tinha o título de reverendo, pastor ou padre) eram liderados pelo pontifex Maximus Peter Mathews. Em sua opinião, que havia sido repetida dezenas de vezes, o Livro de Apocalipse era uma "literatura bela, admirável e arcaica, devendo ser entendida como uma linguagem simbólica, figurada e metafórica".

Mathews dissera a Buck por telefone, com um leve sorriso na voz: "Esse terremoto pode referir-se a qualquer coisa. Pode já ter acontecido. Talvez se refira a alguma coisa que alguém imaginou que estava se passando no céu. Quem sabe?

Pode ser alguma história relacionada à antiga teoria de um homem eterno do céu que criou o mundo. Não conheço sua opinião, mas não vi nenhum cavaleiro apocalíptico. Não vi ninguém morrer por causa da religião que professava. Não vi ninguém ser 'morto por causa da palavra de Deus', conforme mencionam os versículos anteriores. Não vi ninguém com vestidura branca. E espero não ter de enfrentar nenhum terremoto.

Independentemente de sua opinião sobre a pessoa ou o conceito de Deus, ou de um deus, hoje em dia seria muito difícil alguém imaginar que um ser espiritual supremo, cheio de bondade e de luz, submetesse o mundo inteiro e já tão sofrido em razão desta guerra devastadora e a uma calamidade como um terremoto."

"Mas", retrucara Buck, "o senhor não sabe que essa ideia de temer a 'ira do Cordeiro' é uma doutrina que continua sendo pregada em muitas igrejas?"

"Claro", respondera Mathews. "Mas essas são as igrejas remanescentes das facções da ala direita, as fanáticas e fundamentalistas, que sempre leram a Bíblia no sentido literal. Esses mesmos pregadores, e até muitos de seus seguidores, são aqueles que aceitam a história da criação — o mito de Adão e Eva, por exemplo — em seu sentido literal. Essa gente acredita que o mundo inteiro ficou debaixo d'água nos tempos de Noé e que apenas ele, seus três filhos,

genros e noras sobreviveram para dar início à raça humana da qual fazemos parte."

"Mas o senhor, como católico, como ex-papa..."

"Além de ex-papa, Sr. Williams, também sou ex-católico. Como líder da fé da Comunidade Global, sinto a enorme responsabilidade de pôr de lado todas as armadilhas do provincianismo. No espírito da união, da conciliação e do ecumenismo, devo estar preparado para admitir que grande parte do pensamento e da mentalidade do catolicismo era tão rígida e tão bitolada quanto o que estou criticando aqui."

"Por exemplo?"

"Não me importo de ser muito específico, correndo o risco de ofender aqueles poucos que ainda se dizem católicos, mas a ideia de uma virgem dar à luz deve ser vista como uma incrível falta de lógica. A ideia de considerar a Santa Igreja Católica Romana como a única e verdadeira Igreja era tão perniciosa quanto a opinião dos protestantes evangélicos de que Jesus era o único caminho até Deus. Evidentemente, isso dá a entender que Jesus foi 'o único Filho do Pai', conforme muitos dos meus amigos admiradores da Bíblia gostam de dizer. Agora, estou certo de que a maioria das pessoas que sabem raciocinar entendem que Deus é, no máximo, um espírito, uma idéia. Se elas desejam atribuir a esse ser algumas características de pureza e bondade, a conclusão é que somos todos filhos e filhas de Deus."

Buck tentara conduzir a conversa.

"Então quer dizer que o céu e o inferno...?"

"Céu é um estado de espírito. Céu é o que podemos fazer de nossa vida aqui na terra. Acredito que estamos caminhando rumo a um estado utópico. Inferno? As mentes sensíveis estão sendo cada vez mais prejudicadas pela ideia totalmente mítica de que — bem, é melhor eu explicar de outra maneira: Digamos que aqueles fundamentalistas, aquela gente que acredita que estamos prestes a ser castigados com a 'ira do Cordeiro', estejam certos quando dizem que existe um Deus de amor que se preocupa com cada um de nós. O que isto vem a ser? Teria ele criado algo para depois destruir? Não faz nenhum sentido."

"Mas os cristãos convertidos, aqueles que o senhor está tentando qualificar, dizem que Deus não quer que ninguém pereça, não é

mesmo? Em outras palavras, Deus não quer mandar ninguém para o inferno. O inferno é destinado àqueles que não crêem, mas a oportunidade de não perecer foi concedida a todos."

"O senhor resumiu bem a posição deles, Sr. Williams. Porém, como o senhor pode ver, isso não tem nenhum fundamento."

Naquela manhã, bem cedo, antes que o escritório fosse aberto, Buck pegou uma pilha de exemplares ainda amarrados da revista Semanário Comunidade Global que estavam na soleira da porta e levou-a para dentro. As secretárias distribuiriam a revista de mesa em mesa, mas ele rasgou o plástico de uma delas e colocou-a diante de si. A capa, que tinha sido ardilosamente desenhada no escritório central internacional, estava melhor do que Buck esperava. Abaixo do logotipo havia uma ilustração estilizada de uma imensa cadeia de montanhas partindo-se ao meio. Acima, via-se uma lua vermelha e a frase: "Você será Atingido pela Ira do Cordeiro?"

Buck folheou a revista até encontrar a extensa reportagem que estampava seu nome. Fiel como sempre ao seu modo característico de escrever, ele abrangera todos os pontos, incluindo citações de todos os tipos de líderes, desde Carpathia e Mathews até "guias da fé" do local. Havia também algumas citações esparsas de pessoas nas ruas.

Para Buck, a jogada de mestre estava em um texto em destaque na lateral de uma das páginas que continha um breve, porém convincente, estudo muito bem elaborado por nada mais nada menos que o rabino Tsion Ben-Judá. Ali, ele explicava quem era o Cordeiro sacrificado ao qual a Bíblia se referia e como essa figura retórica mencionada no Antigo Testamento havia sido consumada por Jesus Cristo no Novo Testamento.

Buck estava desconfiado por não ter sido repreendido por ninguém mais, a não ser seu velho amigo Steve Plank, a respeito de seu envolvimento, ainda não comprovado, na fuga de Tsion Ben-Judá. Com a inclusão do estudo de Tsion em destaque naquela reportagem, parecia que Buck estava esfregando no rosto de seus superiores que conhecia o paradeiro de Ben-Judá. Mas Buck contornara a situação.

Quando a reportagem foi enviada via satélite para as diversas gráficas que cuidavam da impressão da revista, ele incluiu uma nota dizendo que "o Dr. Ben-Judá tomou conhecimento desta reportagem

pela Internet e submeteu suas opiniões por computador a partir de um local ignorado".

Buck também achou engraçado — se é que poderia haver alguma coisa engraçada neste assunto relativo ao universo — o fato de um de seus jovens e corajosos repórteres da África decidir entrevistar por conta própria os catedráticos de geologia de uma universidade de Zimbábue. A conclusão a que chegaram? "A ideia de um terremoto mundial é, aparentemente, ilógica. Os terremotos ocorrem pela fricção interna das placas da crosta terrestre. Trata-se de um fenómeno de causa e efeito. Pela lógica, os terremotos ocorrem em determinadas regiões e em determinadas épocas porque não estão acontecendo em outros lugares ao mesmo tempo. Essas placas movimentam-se e chocam-se umas contra as outras porque não têm mais espaço para se deslocar. Nunca se ouviu falar de terremotos simultâneos. Não é possível haver um na América do Norte e outro na América do Sul exatamente ao mesmo tempo. As probabilidades de ocorrer um fenómeno geológico abrangendo a terra inteira, o que significaria terremotos simultâneos ao redor de todo o globo terrestre, são ínfimas."



McCullum pousou o helicóptero no teto do edifício da sede internacional da Comunidade Global em Nova Babilónia. Ajudou a colocar as malas de Rayford dentro do elevador que passava pela Suíte 216 de Carpathia, um andar inteiro de escritórios e salas de reuniões. Rayford nunca entendeu por que a suíte que levava o número 216 não ficava no segundo andar. Carpathia e seus assessores ocupavam o último andar do edifício de 18 andares.

Rayford esperava que Carpathia não soubesse a hora exata da chegada deles. Teria de ver o homem quando o levasse a Roma para buscar Mathews, mas naquele momento Rayford queria desfazer as malas, refrescar-se um pouco em seu apartamento antes de subir outra vez a bordo de um avião. Sentiu-se satisfeito por não terem encontrado ninguém no caminho. Faltavam cerca de duas horas para a partida.

— Vamos nos encontrar no 216, Mac — ele disse.



Os telefones começaram a tocar no escritório do Semanário Global antes mesmo que alguém mais tivesse chegado. Buck manteve a secretária eletrônica ligada. Pouco depois, ele arrastou sua cadeira até a mesa da recepcionista para ouvir os comentários. Uma mulher disse: "Então, quer dizer que o Semanário Comunidade Global desceu ao nível dos tablóides, fazendo reportagens sobre os últimos contos de fada que surgem dessa tal igreja. Deixem esse lixo para a imprensa sensacionalista."

Outra disse: "Nunca imaginei que o povo ainda acreditasse nessas baboseiras. O fato de vocês reunirem tantas pessoas excêntricas em uma só reportagem é um tributo ao jornalismo investigativo. Obrigado por revelarem quem elas são e mostrarem o quanto são tolas."

Apenas algumas poucas ligações refletiram o mesmo pensamento de uma mulher da Flórida: "Por que ninguém me contou isso antes? Estou lendo o livro de Apocalipse desde o momento em que esta revista foi entregue em minha casa e estou muito assustada. E agora, o que devo fazer?"

Buck esperava que ela lesse a reportagem a fundo para descobrir qual era a única proteção contra um terremoto iminente, de acordo com as palavras de um judeu convertido da Noruega: "Ninguém deve supor que haverá abrigos. Se você crê, como eu, que Jesus Cristo é a única esperança de salvação, arrependa-se de seus pecados e aceite-o antes que a morte bata à sua porta." O telefone particular de Buck tocou. Era Verna.

— Buck, estou guardando seu segredo e espero que você também esteja cumprindo sua parte no acordo.

— Estou, mas o que deixou você tão agitada esta manhã?

— Sua reportagem, é claro. Eu sabia que ela seria publicada, mas não esperava que fosse tão evidente. Você acha que conseguiu se esconder por trás de sua objetividade?

Não acha que a reportagem o expõe como alguém que está sugerindo alguma coisa?

— Não sei. Espero que não. Mesmo que Carpathia não fosse o dono desta revista, eu gostaria de ter a mesma objetividade.

— Você está se iludindo.

Buck procurou pensar em uma resposta. Por um lado, gostou do aviso. Por outro, isso não era novidade. Talvez Verna estivesse tentando encontrar um motivo de aproximação, um pretexto para reiniciar um diálogo.

— Verna, continuo insistindo para que você pense no que Loretta, Chloe e Amanda disseram.

— E você também. Não fique fora disso. — O tom de voz de Verna era de zombaria e sarcasmo.

— Estou falando sério, Verna. Se você quiser conversar sobre este assunto, estou às ordens.

— Você está brincando? Sei o que sua religião fala a respeito de homossexuais.

— Minha Bíblia não estabelece diferenças entre homossexuais e heterossexuais — disse Buck. — Ela chama os homossexuais de pecadores, mas também considera pecado a união heterossexual fora do casamento.

— Isso é apenas uma questão de semântica, Buck. Semântica.

— Peço que você se lembre do que eu disse, Verna. Não quero que nossos conflitos de personalidade interfiram naquilo que é real e verdadeiro. Você tinha razão quando disse que a eclosão da guerra fez com que nossas desavenças se tornassem insignificantes. Estou disposto a esquecer tudo isso.

Verna permaneceu em silêncio por alguns momentos. Em seguida, pareceu demonstrar interesse.

— Obrigada, Buck. Vou reter na memória o que você me falou.



Enquanto a manhã terminava em Chicago, já estava anoitecendo no Iraque. Rayford e McCullum estavam levando Carpathia, Fortunato e

o Dr. Kline de avião para Roma a fim de buscarem o Supremo Pontífice da Fé Mundial, Peter Mathews. Rayford sabia que Carpathia desejava abrir caminho para a união apóstata das religiões e transferi-las para Nova Babilónia, mas não tinha certeza do papel do Dr. Kline naquela reunião. Em sua escuta pelo intercomunicador clandestino, ele logo descobriu o motivo.

Como procedia rotineiramente, Rayford fez a decolagem, alcançou rapidamente a altitude de cruzeiro, ligou a aeronave no piloto automático e passou o comando para Mac McCullum.

— Parece que passei o dia inteiro dentro de um avião — ele disse. Em seguida, recostou-se em sua poltrona, cobriu os olhos com a aba do quepe e colocou os fones de ouvido, dando a entender que estava cochilando. Durante as quase duas horas que durou o vôo desde Nova Babilónia até Roma, Rayford assistiu a uma aula de diplomacia da nova ordem mundial. Antes de entrar no assunto da reunião, Carpathia perguntou a Fortunato quais eram os planos de vôo de Hattie Durham.

— Ela está fazendo uma viagem de várias etapas com uma parada longa em Milwaukee, seguindo depois para Boston. De lá, ela vai pegar um vôo sem escalas para Bagdá. A viagem por essa rota será mais demorada, mas acho que ela vai chegar amanhã cedo.

Carpathia parecia irritado.

— Quanto tempo ainda vai levar para aquele terminal da Nova Babilónia ficar pronto?

Estou cansado de precisar passar todas as vezes por Bagdá.

— Disseram que ficará pronto daqui a dois meses.

— E quem está cuidando disso são os mesmos engenheiros que dizem que tudo em Nova Babilónia é supermodemo?

— Sim. O senhor notou algum problema?

— Não, mas chego quase a desejar que essa 'ira do Cordeiro' seja mais que um mito.

Eu gostaria de pôr em prática o verdadeiro teste à prova de terremotos, dos quais essa gente tanto fala.

— Li a matéria hoje, disse o Dr. Kline. — Uma ficção bem interessante. Aquele Williams consegue escrever uma reportagem interessante sobre qualquer assunto, não?

— Sim — respondeu Carpathia em tom de voz sério. — Desconfio que ele escreveu uma história interessante de sua própria experiência.

— Não estou entendendo.

— Nem eu — disse Carpathia. — Nosso serviço secreto estabeleceu uma ligação dele com o desaparecimento do rabino Ben-Judá.

Rayford endireitou o corpo e passou a ouvir com mais atenção. Não queria que McCullum percebesse que ele estava ouvindo em uma frequência diferente, mas também não queria perder nenhuma palavra da conversa.

— A cada dia, estamos aprendendo coisas novas a respeito do nosso jovem e brilhante jornalista — disse Carpathia. — Ele nunca falou de sua ligação com meu piloto e o meu piloto também não. Não me importo que eles estejam me rodeando. Talvez eles pensem que têm uma proximidade estratégica comigo, mas também posso saber de muitas coisas sobre meus opositores por meio deles.

Então é isto, pensou Rayford. O desafio está lançado.

— Leon, quais são as últimas novidades a respeito daqueles dois malucos de Jerusalém?

Fortunato respondeu em tom de desagrado: — Eles puseram a nação inteira de Israel em pé de guerra novamente. O senhor sabe que não chove lá desde que eles começaram a fazer toda aquela pregação. E estão novamente lançando mão daquele truque que fizeram com o fornecimento de água durante as cerimónias do templo — transformando a água em sangue.

— Desta vez, qual foi o motivo deles?

— Pensei que o senhor soubesse.

—Já lhe pedi para não usar meias palavras comigo, Leon. Quando lhe faço uma pergunta, quero...

— Perdoe-me, potentado. Eles estão chamando a atenção para a prisão e tortura das pessoas relacionadas com o Dr. Ben-Judá. Dizem que, enquanto aqueles suspeitos não forem libertados e a perseguição não for encerrada, todos os reservatórios de água serão poluídos com sangue.

— Como eles fazem isso?

— Ninguém sabe, mas é tudo verdadeiro, não, Dr. Kline?

— Oh, sim — ele respondeu. — Recebi algumas amostras. Existe um alto teor de água, mas a maior parte é composta de sangue.

— Sangue humano?

—Tem todas as características de sangue humano, embora seja difícil determinar o tipo. Parece uma mistura de sangue humano com sangue animal.

— Como está o ânimo do povo de Israel? — perguntou Carpathia.

— O povo está zangado com os dois pregadores. Quer matá-los.

— A ideia até que é boa — disse Carpathia. — Não podemos fazer isso?

— Ninguém se atreve. Já chega a mais de uma dúzia o número de pessoas que morreram por tentar atacá-los. Todo mundo já aprendeu a lição.

— Vamos descobrir um jeito — disse Carpathia. — Enquanto isso, libertem os suspeitos. Ben-Judá não tem con dições de ir muito longe. De qualquer forma, sem poder aparecer em público, ele não pode nos prejudicar. Se aqueles dois patifes não purificarem o fornecimento de água imediatamente, vamos ver se eles conseguirão resistir a uma explosão atómica.

— O senhor está falando sério? — perguntou o Dr. Kline.

— E por que não estaria?

— O senhor faria uma bomba atómica cair sobre o local sagrado da Cidade Santa?

— Francamente, não me preocupo com o Muro das Lamentações nem com a Colina do Templo nem com o novo templo. Aqueles dois estão me causando muitos problemas, portanto gravem estas minhas palavras: Chegará o dia em que eles vão me fazer passar dos limites.

— Seria conveniente conhecermos a opinião do pontífice Mathews a respeito disto.

— Já temos muita coisa na agenda para tratar com ele — disse Carpathia. — Na verdade, acho que ele também tem alguma coisa para tratar comigo, talvez algum assunto sigiloso.

Mais tarde, depois que alguém ligou a TV e os três passaram a assistir ao noticiário internacional sobre o trabalho para eliminar os efeitos da guerra, Carpathia voltou a atenção para o Dr. Kline.

— Conforme você sabe, os dez embaixadores votaram unanimemente a favor de um fundo para realizar abortos em mulheres dos países pobres. Tomei uma decisão para que isso seja unilateral. Todos os continentes sofreram com a guerra, portanto todos podem ser considerados pobres. Tenho a impressão de que Mathews não

criará problemas quanto a isso, não da maneira como protestava no tempo em que era papa. No entanto, se ele for contra, você está preparado para discutir os benefícios a longo prazo?

— Claro.

— E em que ponto estamos quanto a tecnologia para determinar antecipadamente a saúde e a viabilidade de um feto?

— A amniocentese pode nos revelar tudo o que queremos saber. Seus benefícios são tão amplos que vale a pena qualquer risco que o procedimento possa causar.

— Leon — disse Carpathia — será que já podemos anunciar sanções exigindo amniocentese em todas as mulheres grávidas, acompanhada de um pedido de aborto para qualquer tecido fetal que possa resultar em um feto deformado ou deficiente?

— Já está tudo em ordem — disse Fortunato. — No entanto, acho que o senhor vai querer contar com uma boa base de apoio, a mais ampla possível, antes de tornar público este assunto.

— Claro. Este é um dos tópicos da reunião com Mathews.

— O senhor está otimista? — perguntou Fortunato.

— E não deveria estar? Será que Mathews não sabe que fui eu quem o colocou no lugar onde ele está hoje?

— Esta é uma pergunta que faço a mim mesmo o tempo todo, potentado. Com certeza, o senhor observou sua falta de consideração e respeito. Não gosto da maneira como ele o trata, como se fosse igual ao senhor.

— Por enquanto, ele pode me provocar o quanto quiser. Mathews vai ser muito importante em razão do que ele ainda vai enfrentar. Sei que ele está tendo dificuldades financeiras por não conseguir vender as igrejas excedentes. São construções que não servem para outra finalidade, portanto com certeza ele vai pedir mais dinheiro à Comunidade Global. Os embaixadores já estão aborrecidos com isso. Mesmo assim, por enquanto não me importo de ajudá-lo financeiramente. Talvez possamos fazer um acordo.

# *C A P Í T U L O* **18**

Buck divertia-se com o fato de sua reportagem ser o assunto mais quente do dia. Foi comentada em todos os programas de entrevista, noticiários e até mesmo em shows de variedades. Um programa humorístico produziu um desenho animado de um cordeirinho fazendo desordem, cujo título era "Nossa Visão da 'Ira do Cordeiro'".

Olhando de relance a revista à sua frente, ocorreu-lhe de repente que, quando sua situação fosse conhecida, quando tivesse de se afastar do cargo, quando provavelmente se tornasse um fugitivo, seria impossível editar uma revista com a mesma tiragem daquela tão conceituada no mundo inteiro. Ele poderia ter uma grande audiência na TV e na Internet, mas duvidava que tivesse o mesmo prestígio.

Buck consultou seu relógio. Estava quase na hora de dirigir-se à casa secreta e almoçar com Hattie.



Rayford e Mac McCullum tiveram um intervalo de uma hora entre a aterrissagem em Roma e a decolagem de volta para Nova Babilónia. Cruzaram com Peter Mathews e um de seus assessores que estavam subindo a bordo do avião. Rayford sentia-se aborrecido com a subserviência de Carpathia a Mathews. Ouviu o potentado dizer: "Quanta gentileza de sua parte por permitir que viéssemos até aqui para buscá-lo, pontífice. Espero que possamos ter uma conversa significativa e útil para o bem da Comunidade Global."

Antes de distanciar-se, Rayford ouviu Mathews dizer a Carpathia: "Se a conversa for útil para a Fé Mundial, não me importo se ela vai ser útil ou não para você."

Rayford encontrou uma desculpa para despistar McCullum e voltou apressado para o avião e entrou na cabina de comando. Desculpou-se com Fortunato dizendo que precisava "verificar algumas

coisas" e voltou a sentar-se em sua poltrona. A porta estava trancada. O botão secreto estava ligado e Rayford estava escutando.



Desde a noite do Arrebatamento Buck nunca vira Hattie Durham tão angustiada como naquele momento. Como a maioria dos homens, costumava vê-la apenas como uma mulher deslumbrante. Agora, a palavra mais gentil para retratá-la era desleixada.

Ela portava uma bolsa enorme cheia de lenços de papel, e parecia ter usado todos.

Loretta indicou-lhe a cadeira à cabeceira da mesa e, quando o almoço foi servido, todos sentiram um certo desconforto, tentando evitar o assunto do momento. Buck pediu: — Amanda, você oraria por nós?

Hattie cruzou os dedos sob o queixo, como se fosse uma menina ajoelhada ao lado da cama. Amanda orou: — Pai, em situações como esta, às vezes é difícil saber o que dizer. Às vezes nos sentimos infelizes. Às vezes estamos confusos. Às vezes não sabemos para onde ir. O mundo parece estar uma desordem total. No entanto, sabemos que podemos agradecerte, pois és Deus. Somos gratos a ti, porque és um Deus bondoso. Porque cuidas de nós e nos amas. Somos-te gratos porque és soberano e porque o mundo está em tuas mãos.

Somos-te gratos pelos amigos, principalmente por uma boa amiga como Hattie. Coloca palavras em nossa boca para que possamos ajudá-la na decisão que ela deve tomar, e obrigada por este alimento que nos proporcionas. Em nome de Jesus. Amém.

Comeram em silêncio. Buck percebeu que os olhos de Hattie estavam marejados de lágrimas. Apesar disso, ela comeu rapidamente e terminou antes de todos. Pegou outro lenço de papel e assoou o nariz.

— Bem — ela disse — Rayford insistiu que eu os visitasse no caminho de volta.

Lamento muito não tê-lo encontrado aqui, mas acho que ele queria realmente que eu conversasse com vocês. Ou talvez quisesse que vocês conversassem comigo.

As mulheres pareciam tão atónitas quanto Buck. Então era isso? Eram eles que estavam com a palavra? O que deveriam fazer? Seria difícil ajudar aquela mulher se ela não abrisse o coração.

Loretta foi a primeira a falar.

— Hattie, o que a está atormentando mais neste momento? Essas palavras ou o modo como Loretta as proferiu fizeram Hattie romper em prantos.

— A verdade é que quero fazer um aborto — ela disse. — Minha família está me apoiando. Não sei o que Nicolae vai dizer, mas, se o nosso relacionamento não mudar quando eu voltar para lá, com certeza vou decidir pelo aborto.

Penso que estou aqui porque sei que vocês vão tentar me fazer desistir desta ideia e acho que preciso ouvir os prós e contras. Rayford já se manifestou contra o aborto. Não preciso ouvir isso novamente.

— O que você precisa ouvir? — perguntou Buck, adotando uma postura machista e insensível.

Chloe lançou-lhe um olhar dando a entender que ele não devia pressioná-la.

— Hattie — ela disse — você conhece nossa posição, e não é por isso que está aqui.

Se você quiser que a gente a faça desistir da ideia do aborto, podemos tentar. Se você não quiser, nada do que dissermos vai adiantar.

Hattie parecia frustrada.

— Então, vocês acham que estou aqui para ouvir um sermão.

— Não vamos lhe fazer nenhum sermão — disse Amanda.

— Pelo que entendo, você já conhece a nossa posição sobre os assuntos de Deus.

— Sim, conheço — disse Hattie. — Lamento muito ter tomado o tempo de vocês.

Acho que tenho de tomar uma decisão sobre esta gravidez e foi uma tolice de minha parte envolver vocês neste assunto.

— Não se sinta obrigada a sair daqui, querida — disse Loretta. — Esta casa é minha.

Você é minha convidada e me ofenderia se partisse tão depressa.

Hattie olhou para Loretta para constatar se ela a estava provocando. Ficou claro que sim.

— Posso muito bem aguardar no aeroporto — disse Hattie.

— Sinto muito ter trazido este problema para vocês. Buck queria dizer alguma coisa mas sabia que não teria condições de interferir no assunto. Olhou para as mulheres, que tinham os olhos fixos na convidada. Finalmente, Chloe levantou-se, postou-se atrás da cadeira de Hattie, colocando-lhe as mãos nos ombros.

— Sempre gostei de você e a admirei — disse. — Penso que poderíamos ter sido amigas em outra situação. Mas acho que sei por que você veio aqui hoje. Sei por que você seguiu o conselho de meu pai, apesar de não ser essa a sua vontade. Alguma coisa me diz que sua visita a seus familiares não teve sucesso. Talvez eles tenham sido práticos demais. Talvez o conselho que lhe deram não foi acompanhado do carinho de que você necessitava. Talvez o conselho para interromper a gravidez não tenha sido aquele que você queria ouvir. Deixe-me dizer-lhe uma coisa, Hattie. Se você está precisando de amor, veio ao lugar certo. Sim, temos as nossas crenças. Acreditamos em coisas que você deveria conhecer. Coisas com as quais você deveria concordar. Decisões que talvez você devesse tomar. Temos idéias do que você deveria fazer quanto ao seu bebé e idéias do que você deveria fazer quanto à sua alma. Mas são decisões pessoais que só você pode tomar. E como são decisões que tratam de vida ou morte, de céu ou inferno, tudo o que podemos oferecer-lhe é apoio, incentivo, conselho e se você nos pedir amor.

— Ah, sim — disse Hattie — amor, desde que eu aceite as ideias de vocês.

— Não. Vamos amar a você em qualquer condição. Vamos amá-la da maneira como Deus a ama. Vamos amá-la de maneira tão intensa que você não vai ser capaz de fazer segredo desse amor. Não a amaremos menos, mesmo que sua decisão vá contra tudo o que acreditamos ser a verdade, e mesmo que venhamos a sofrer por causa da morte de um inocente, caso você decida abortar.

Hattie começou a chorar convulsivamente enquanto Chloe afagava-lhe as costas.

— Isso é impossível! Seja qual for a atitude que eu tomar, vocês não vão me amar, principalmente se eu desprezar seus conselhos!

— Você tem razão — disse Chloe. — Não somos capazes de amar incondicionalmente.

É por isso que temos de fazer o amor de Deus chegar até você por nosso intermédio. Ele é o único que nos ama, sem se importar com o que fazemos. A Bíblia diz que ele enviou seu Filho para morrer por nós porque somos pecadores. Esse é o amor incondicional. É isso que podemos lhe oferecer, Hattie, porque é tudo o que temos.

Hattie levantou-se desajeitadamente, arrastando a cadeira para abraçar Chloe.

Permaneceram abraçadas por um bom tempo, e, em seguida, o grupo inteiro passou para a outra sala. Hattie tentava sorrir.

— Pareço uma tola — ela disse — chorando como uma colegial.

As outras mulheres não protestaram. Não disseram que ela estava com uma ótima aparência. Simplesmente lançaram-lhe um olhar carinhoso. Por uns momentos, Buck desejou estar no lugar de Hattie para poder responder. Não sabia o que se passava no íntimo dela, mas com certeza a conversa o teria persuadido.



— Permita-me ir direto ao assunto — disse Peter Mathews a Carpathia. — Se houver um jeito de nos ajudarmos mutuamente, quero saber o que você quer de mim, porque há algumas coisas que eu preciso de você.

— Por exemplo? — perguntou Carpathia.

— Sinceramente, preciso de anistia para a dívida que a Fé Mundial tem com sua administração. Talvez possamos resgatar parte dessa dívida algum dia, mas no momento não temos condições.

— Problemas para vender alguns templos excedentes? — indagou Carpathia.

— Oh, isso é apenas parte do problema, mas uma parte muito pequena. Nosso verdadeiro problema está relacionado com dois grupos religiosos que, além de se recusarem a passar para o nosso lado, são antagonistas e intolerantes. Você sabe de quem estou falando. O problema com um dos grupos foi o acordo que você firmou entre a Comunidade Global e Israel. Os judeus não precisam de nós, não têm motivos para juntar-se a nós. Eles ainda acreditam no único e

verdadeiro Deus e no Messias que deve aparecer no céu brevemente. Não sei o que você pretende fazer quando o contrato se encerrar, mas com certeza eu poderia usar alguma munição contra eles.

— O outro é esse bando de cristãos que se dizem santos da tribulação. São aqueles que pensam que o Messias já veio e arrebatou sua Igreja e eles foram deixados para trás.

Imagino que se tiverem razão, estão zombando deles mesmos por pensarem que terão uma nova oportunidade, mas você sabe tanto quanto eu que eles estão crescendo em número assustador. O mais estranho de tudo é que uma grande parte dos convertidos é composta de judeus. Eles deram ouvidos àqueles dois malucos do Muro das Lamentações que andam dizendo a todo mundo que os judeus estão quase salvos porque acreditam no único e verdadeiro Deus, mas que Jesus é seu Filho, que ele voltou e que está voltando novamente.

— Peter, meu amigo, essa doutrina não devia ser estranha para você, um excatólico.

— Eu não disse que era estranha para mim. Só que nunca me dei conta da profunda intolerância que os católicos tinham e que esses tais santos da tribulação têm agora.

— Você também notou intolerância?

— E quem não notou? Essa gente entende a Bíblia no sentido literal. Você já viu o alarde que eles fazem e ouviu seus pregadores falando em grandes concentrações. Há dezenas de milhares de judeus acatando essa ideia. A intolerância deles me faz mal.

— Como assim?

— Você sabe. O segredo de nosso sucesso, o enigma da Fé Mundial, é que simplesmente derrubamos as barreiras que antigamente nos dividiam. Qualquer religião que acredita existir um único caminho até Deus é, por definição, intolerante. Seus adeptos tornam-se inimigos da Fé Mundial e, por consequência, da Comunidade Global como um todo. Nossos inimigos são seus inimigos. Temos de fazer alguma coisa.

— O que sugere?

— Eu pretendia fazer esta mesma pergunta a você, Nicolae. Rayford imaginou Nicolae estremecendo ao ouvir Mathews chamá-lo pelo primeiro nome.

— Quer você acredite ou não, meu amigo, tenho pensado muito nesse assunto.

— Tem pensado?

— Tenho. Como você diz, seus inimigos são meus inimigos. Aqueles dois do Muro das Lamentações, aqueles que os tais santos chamam de testemunhas, não param de criar problemas para mim e para minha administração. Não sei de onde vieram ou o que pretendem, mas eles têm aterrorizado o povo de Jerusalém e mais de uma vez já me fizeram passar por uma pessoa má. Esse grupo de fundamentalistas, aqueles que estão convertendo tantos judeus, acham que os dois são heróis.

— E então, a que conclusão você chegou?

— Francamente, tenho pensado em criar mais leis. A sabedoria convencional diz que não podemos legislar sobre o ânimo do povo. Não acredito nisso. Admito que meus sonhos e objetivos são grandiosos, mas não vou intimidar-me. Antevejo uma comunidade global gozando verdadeira paz e harmonia, uma utopia na qual o povo vive unido para o bem de todos. Quando houve aquela ameaça de rebelião da parte de três de nossas dez regiões, eu revidei imediatamente. Apesar de minha franca posição contra a guerra, tomei uma decisão estratégica. Agora estou legislando sobre o ânimo. As pessoas que quiserem viver unidas e em paz me considerarão generoso e conciliatório. Aquelas que quiserem causar problemas, desaparecerão. Só isso.

— O que você está dizendo, Nicolae? Vai declarar guerra aos fundamentalistas?

— Em certo sentido, vou. Não faremos isso com tanques e bombas. Mas acredito que é chegada a hora de estabelecer regras para a nova Comunidade Global. Como isso parece que vai trazer benefícios tanto a você como a mim, eu gostaria de obter sua cooperação para formar e dirigir uma organização de legisladores de elite — composta só de gente de ideais puros.

— Como você define "ideais puros"?

— Antevejo um grupo de homens e mulheres — jovens, fortes e saudáveis — tão devotados à causa da Comunidade Global que estarão dispostos a receber treinamento e esforçar-se até chegarem ao ponto de ter a certeza de que todos concordam com nossos objetivos.

Rayford ouviu alguém levantar-se e andar de um lado para o outro. Imaginou que poderia ser Mathews, ruminando a ideia.

— Essas pessoas não usariam fardas, imagino eu.

— Não. Elas fariam parte do povo, mas seriam escolhidas com base em seu discernimento e experiência em psicologia. Elas nos manteriam informados sobre elementos subversivos que se opõem aos nossos pontos de vista. Com certeza você concorda que já passamos do tempo de tolerar que o subproduto extremamente negativo da liberdade de expressão corra solto por aí.

— Não só concordo, disse Mathews rapidamente — como também me coloco à disposição para ajudá-lo no que for possível. A Fé Mundial pode fazer a seleção dos candidatos? Treiná-los? Alojá-los? Fornecer-lhes roupas?

— Pensei que sua verba estivesse curta — disse Carpathia, rindo.

— Isso servirá para aumentar nossa verba. Quando eliminamos a oposição, todos se beneficiam.

Rayford ouviu Carpathia suspirar.

— Podemos chamá-los de MMCG, os Monitores do Moral da Comunidade Global.

— Esse título tem uma conotação muito branda, Nicolae.

— A ideia é exatamente esta. Não queremos chamá-los de polícia secreta, polícia de elite, polícia violenta ou de outra polícia qualquer. Grave o que estou dizendo. Eles serão um grupo secreto. Terão poderes. Serão capazes de anular uma causa justa se for para o bem da Comunidade Global.

— Até que limite?

— Não haverá limites.

— Eles portarão armas?

— Claro.

— E em que circunstâncias poderão usá-las?

— É aí que vem o melhor de tudo, pontífice Mathews. Se selecionarmos os jovens certos, se forem bem treinados tendo como ideal uma utopia pacífica e se lhes delegarmos poderes básicos para aplicarem a justiça como acharem conveniente, conseguiremos rapidamente subjugar o inimigo e eliminá-lo. A MMCG passará a ser desnecessária dentro de alguns anos.

— Nicolae, você é um génio.



Buck estava desapontado. Quando chegou a hora de levar Hattie de volta para Milwaukee, ele achou que ainda faltavam algumas coisas para serem ditas. Ela estava com muitas dúvidas sobre o que aquelas mulheres faziam para preencher o tempo.

Estava intrigada com a idéia dos estudos bíblicos. E mencionara ter sentido inveja de presenciar uma amizade sincera entre pessoas do mesmo sexo que pareciam preocuparse de verdade umas com as outras.

Mas Buck esperava que a conversa tivesse sido proveitosa. Talvez Hattie prometesse não fazer o aborto, não se desesperar e converter-se. Tentou afastar da mente a idéia de que Chloe pudesse estar imaginando que eles dois teriam condições de criar o bebé indesejado de Hattie. Ele e Chloe estavam perto de tomar uma decisão se deveriam ou não trazer um bebé ao mundo nesse período crítico da história da humanidade, mas não lhe passava pela cabeça criar o filho do anticristo.

Hattie agradeceu a cada um e subiu no Range Rover com as mulheres. Buck deu a entender que pegaria um dos outros carros para voltar ao escritório do Semanário Comunidade Global, mas dirigiu-se à igreja. Parou no caminho a fim de comprar um lanche para seu amigo, e, após alguns minutos, já tinha atravessado o labirinto até o local secreto, o estúdio particular do rabino Tsion Ben-Judá.

Todas as vezes que entrava sorrateiramente naquele lugar, Buck pensava na sensação de claustrofobia, solidão, medo e sofrimento que devia estar tomando conta de seu amigo. No entanto, era Buck quem mais se beneficiava dessas visitas, sem sombra de dúvida. Tsion dificilmente mostrava-se alegre. Quase não ria e não recebia o amigo com um largo sorriso de satisfação. Tinha os olhos vermelhos e o rosto marcado pela perda recente de sua família. Mas ele também estava cuidando da forma física. Praticava exercícios, corria sem sair do lugar, pulava obstáculos, fazia alongamentos, etc. etc.

Contou a Buck que fazia isso durante, no mínimo, uma hora por dia. A cada visita de Buck, o ânimo de Tsion parecia melhorar e ele nunca se queixava de nada. Naquela tarde, Tsion pareceu estar sinceramente satisfeito por receber uma visita.

— Cameron — ele disse — se eu não estivesse sentindo uma tristeza tão grande, certas partes deste esconderijo, até mesmo sua localização, seriam semelhantes a um paraíso. Posso ler, estudar, orar, escrever, comunicar-me por telefone e por computador.

Este é o sonho de todo intelectual. Sinto falta do convívio de meus colegas, principalmente de meus jovens alunos que tanto me ajudaram. Mas Amanda e Chloe têm sido alunas maravilhosas.

Depois de comer seu lanche com voracidade, disse: — Preciso falar um pouco sobre minha família. Espero que você não se importe.

— Tsion, você pode falar sobre sua família comigo sempre que desejar. Peço perdão por minha negligência em lhe fazer esse tipo de pergunta.

— Sei que você, como tantas outras pessoas, fica em dúvida se deve trazer à tona um assunto tão doloroso. Desde que a conversa não gire em torno da maneira como eles morreram, gosto muito de falar de minhas lembranças. Você sabe que criei os filhos do primeiro casamento de minha esposa como se fossem meus durante dois anos, o menino dos oito aos dez anos e a menina dos quatorze aos dezesseis. O marido dela morreu em um acidente na construção em que trabalhava. No início, as crianças não me aceitaram, mas eu as conquistei por causa de meu amor por ela. Não tentei tomar o lugar do pai das crianças nem tencionei controlá-las.

Chegou o dia em que elas começaram a me chamar de pai e esse foi um dos dias em que mais senti orgulho na vida.

— Parece que sua esposa era uma mulher maravilhosa.

— Ela era. As crianças também eram maravilhosas, apesar de minha família ser composta de seres humanos como qualquer outra. Eu não construía ideais para eles.

Todos eram muito inteligentes. E isso era uma alegria para mim. Eu conversava com eles sobre assuntos profundos, complicados. Minha esposa foi professora de nível universitário antes de ter filhos. As crianças estudavam em escolas particulares e eram excelentes alunos. E o mais importante de tudo foi que, quando lhes contei o que estava

aprendendo em minhas pesquisas, eles nunca me acusaram uma vez sequer de heresia ou de estar dando as costas para minha cultura, minha religião ou meu país. Eles eram inteligentes o suficiente para ver que eu estava descobrindo a verdade. Não preguei para eles, não tentei influenciá-los. Eu simplesmente lia as passagens em voz alta para eles e dizia: "O que vocês deduzem disto? O que o Tora está dizendo aqui sobre as qualificações do Messias?" Eu era tão adepto do método socrático que às vezes acredito que eles chegaram à minha conclusão antes de mim. Quando aconteceu o Arrebatamento, entendi imediatamente seu significado. De certa maneira, fiquei desapontado ao constatar que falhei com minha família, porque fomos todos deixados para trás. Se os três tivessem sido arrebatados, eu teria sofrido, mas também teria sido uma bênção para mim se um deles tivesse conhecido a verdade e tomado uma atitude antes que fosse tarde demais.

— Você me disse que todos se converteram pouco depois de você.

Tsion levantou-se e começou a andar de um lado para o outro.

— Cameron, não consigo entender como uma pessoa que conheça um pouco a Bíblia possa duvidar do significado dos desaparecimentos em massa. Rayford Steele, com seu conhecimento limitado, entendeu por causa do testemunho de sua esposa. Eu, acima de todas as outras pessoas, deveria ter entendido. E, mesmo assim, estamos ouvindo todas essas histórias sem sentido. O povo ainda está tentando encontrar uma explicação. Isso corta o meu coração.

Tsion mostrou a Buck o material no qual estava trabalhando. Já havia quase completado um livrete que ele esperava ser o primeiro de uma série baseada nos escritos de Bruce.

— Apesar de jovem, ele era um estudioso excepcionalmente conhecedor do assunto — disse Tsion. — Não falava tantas línguas como eu, portanto estou adicionando um pouco de meu conhecimento ao seu trabalho. Penso que isso dará um toque especial à obra acabada.

— Tenho certeza de que Bruce concordaria — disse Buck. Buck desejava tocar no assunto do novo pastor da igreja, pedir a ajuda de Tsion para encontrar um, mesmo que fosse uma possibilidade remota. Que maravilha ter Tsion como seu pastor! Mas isso estava fora de cogitação. De qualquer forma, Buck não queria interromper o importante trabalho de Tsion.

— Você sabe, Tsion, que talvez eu seja o primeiro a lhe fazer companhia aqui de forma permanente.

— Cameron, acho que você não conseguiria viver satisfeito dentro de um esconderijo.

— Eu enlouqueceria, não há dúvida quanto a isso. Mas estou ficando um pouco descuidado. Arriscando-me mais. Com certeza alguém vai me pegar.

— Você será capaz de fazer o que eu faço na Internet — disse Tsion. — Depois de aprender alguns truques, já estou me comunicando com centenas de pessoas. Imagine o que você poderia fazer com a verdade. Teria condições de escrever da maneira como está acostumado, com total objetividade e seriedade, sem sofrer influência do proprietário da revista.

— O que você quis dizer com "verdade"?

— Escrever a verdade, somente isto.

Buck sentou-se e começou a rabiscar um papel. Desenhou a capa de uma revista e deu-lhe o nome de "Verdade". Ele estava eufórico.

— Veja isto. Eu poderia elaborar o material gráfico, escrever o artigo e divulgá-lo pela Internet. De acordo com Donny Moore, ninguém descobriria de onde isso partiu.

Não quero forçá-lo a permanecer preso por livre e espontânea vontade — disse Ben- Judá — mas confesso que gostaria muito de ter companhia.

# *CAPÍTULO* 19

Rayford estava orgulhoso de Hattie Durham. Pelo que ele conseguira captar na Nova Babilónia, ela ludibriara novamente Nicolae Carpathia e seu capanga Leon Fortunato.

Aparentemente, Hattie teria voado de Milwaukee a Boston, mas, em vez de pegar o vôo de conexão para Bagdá, fez uma parada em algum lugar.

Evidentemente, Rayford não tinha mais condições de ouvir a conversa durante as reuniões com Peter Mathews, que continuaram na sede dos escritórios da Nova Babilónia.

Ele só sabia que o pessoal de lá, especialmente Nicolae e Leon, estava muito aborrecido por Hattie ter escapado outra vez de seu controle. Embora Nicolae tivesse demonstrado indiferença em relação a Hattie, a ausência de notícias sobre, seu paradeiro poderia criar uma situação realmente embaraçosa para ele.

Quando finalmente ficou sabendo que ela havia alterado o itinerário, Carpathia convocou Rayford para uma conversa particular. A nova equipe de secretárias estava a postos e trabalhando quando Rayford entrou na Suíte 216 e recebeu autorização para conversar com o potentado.

— É muito bom vê-lo novamente, capitão Steele. Não tenho tido a oportunidade de agradecer seus serviços como costumava fazer no tempo em que não havia tanta agitação por aqui.

— Permita-me ir direto ao assunto. Sei que a Srta. Durham já trabalhou para você.

Na verdade, você chegou até nós por recomendação dela. Sei também que às vezes ela lhe fez confidências. Portanto, você não vai se surpreender se eu lhe contar que não estamos vivendo num mar de rosas, como costumam dizer por aí. Vou usar de franqueza.

Acredito que a Srta. Durham sempre superestimou a importância de nosso relacionamento pessoal.

Rayford lembrou-se do dia em que Nicolae demonstrara orgulho ao anunciar que Hattie estava grávida e usando o anel que ele lhe dera.

Porém, Rayford sabia muito bem que seria melhor não tentar pegar o mais mentiroso dos mentirosos em uma mentira.

Carpathia prosseguiu: — A Srta. Durham devia ter entendido que na posição que ocupo não há espaço para uma situação particular que envolva um compromisso relacionado a casamento e família. Ela parecia estar satisfeita com a ideia de ter um filho, um filho meu. Portanto, não desencorajei essa ideia nem incentivei uma outra opção. Se ela decidir levar a gravidez até o fim, é claro que eu assumirei a responsabilidade que a lei determina. No entanto, não é justo que ela espere que eu dedique meu tempo a essa criança como faria um pai normal. Aconselhei-a a interromper a gravidez. Porém, como o nosso relacionamento chegou a este ponto por responsabilidade dela, vou deixar a decisão a cargo dela.

Rayford não conseguia esconder sua perplexidade. Por que Carpathia estava lhe contando isso? Qual a incumbência que recairia sobre ele?

Rayford não demorou muito para saber.

— Tenho necessidades como um homem qualquer, capitão Steele. Você entende. Eu nunca me dedicaria inteiramente a uma só mulher e com certeza não me dedicaria à Srta. Durham.

A verdade é que existe outra pessoa com quem tenho um relacionamento. Portanto, você pode entender meu dilema.

— Não tenho certeza se posso — disse Rayford.

— Bem, já substituí a Srta. Durham como minha assistente pessoal. Penso que ela está amargurada por isso e por ter deduzido que o nosso relacionamento se deteriorou.

Eu não vejo por esse ângulo; vejo nós dois progredindo. Mas, conforme estou dizendo, ela deu mais importância ao nosso relacionamento do que eu, portanto deve estar mais aborrecida e desapontada com o desfecho.

— Eu preciso perguntar-lhe sobre o anel que o senhor deu a ela — disse Rayford.

— Oh, isso não é problema. Não vou querê-lo de volta. Na verdade, sempre achei que a pedra era muito grande para ser usada em um anel de noivado. É uma pedra decorativa. Ela não precisa preocupar-se em devolvê-lo.

Rayford estava começando a entender. Carpathia ia recorrer a ele, como velho amigo e chefe de Hattie, para dar-lhe a notícia. Por que outro motivo ele precisava de toda essa informação?

— Vou agir corretamente com a Srta. Durham, capitão Steele. Fique tranquilo. Não quero deixá-la desamparada. Sei que ela tem condições de conseguir um novo emprego, talvez não em função burocrática, mas com certeza no ramo da aviação.

— Que foi devastada pela guerra, conforme o senhor sabe — disse Rayford.

— Sim, mas com a experiência que ela tem e talvez com um pouco de pressão de minha parte...

—O senhor está querendo dizer uma espécie de indenização, remuneração temporária ou acordo?

O semblante de Carpathia iluminou-se.

— Sim, se isso facilitar a vida dela, ficarei contente em poder ajudá-la.

Eu devia imaginar que você ficaria, pensou Rayford.

— Capitão Steele, tenho uma incumbência para você...

— Eu estava imaginando isso.

— Claro que sim. Você é um homem inteligente. Soubemos que a Srta. Durham está retornando e deve chegar a Bagdá na segunda-feira em um vôo procedente de Boston.

Finalmente Rayford percebeu o motivo da demora de Hattie para retornar. Talvez ela soubesse quais eram os planos de Amanda. Talvez Amanda tivesse programado encontrar-se com ela em algum lugar e acompanhá-la na viagem de volta. Amanda teria um motivo oculto, é claro: manter Hattie afastada de uma clínica de abortos. Talvez desejasse continuar a demonstrar amor por ela. Rayford decidiu não dizer a Carpathia que iria de qualquer maneira ao aeroporto de Bagdá na segunda-feira para buscar sua esposa.

— Assumindo que você estará livre de qualquer compromisso, capitão Steele, e eu vou garantir que estará, gostaria que fosse buscar a Srta. Durham. Como seu velho amigo, você é a pessoa certa para dar-lhe a notícia. Os pertences dela foram deixados em um dos apartamentos do prédio em que você mora. Ela poderá ficar lá durante um mês antes de decidir para onde vai se mudar.

Rayford interrompeu.

— Desculpe-me, mas o senhor não está me pedindo para fazer algo que o senhor devia fazer?

— Oh, não me entenda mal, capitão Steele. Não estou com medo desse encontro.

Seria muito desagradável para mim, confesso, mas reconheço minha responsabilidade. O problema é que estou com uma agenda tomada de reuniões importantes. Acabamos de estabelecer muitas normas e circulares legislativas por causa da recente rebelião e simplesmente não posso me afastar do escritório.

Rayford pensou que o encontro de Carpathia com Hattie Durham levaria menos tempo do que a conversa com ele naquele momento. Mas de que adiantaria discutir com um homem como aquele?

— Alguma pergunta, capitão Steele?

— Não. Está tudo muito claro para mim.

— Você fará isso então?

— Acho que não tenho escolha. Carpathia sorriu.

— Você tem senso de humor, capitão Steele. Eu não diria que seu emprego depende disso, mas gosto de saber que você foi um militar bem treinado para entender que, quando uma ordem é dada, é para ser cumprida. Quero que você saiba que gosto disso.

Rayford o encarou. Resolveu não responder com o obrigatório "às ordens". Assentiu com a cabeça e levantou-se.

— Capitão Steele, peço que permaneça sentado por mais alguns momentos.

Rayford voltou a sentar-se. E agora? Seria o início do fim?

— Eu gostaria de saber sobre seu relacionamento com Cameron Williams. — Rayford não disse nada. Carpathia prosseguiu. — Também conhecido como Buck Williams. Ele foi articulista sénior do Semanário Global, hoje Semanário Comunidade Global, onde trabalha como meu editor.

— Ele é meu genro — disse Rayford.

— E você imagina por que ele não contou essa notícia agradável para mim?

— Acho que o senhor deve fazer esta pergunta a ele.

— Bem, talvez eu deva perguntar a você. Por que você não me contou a novidade?

— Trata-se de um assunto de família — disse Rayford, tentando manter a calma. — De qualquer forma, uma vez que ele é um empregado seu de alto nível, pensei que em breve o senhor tomaria conhecimento do assunto.

— Ele professa a mesma religião que você?

— Prefiro não falar por Buck.

— Entendo essa resposta como um sim. — Rayford olhou firme para ele. Carpathia prosseguiu. — Não estou dizendo que isso seja necessariamente um problema, você compreende. — Compreendo muito bem, pensou Rayford. — Perguntei apenas por curiosidade — prosseguiu Carpathia, sorrindo para Rayford, que viu imediatamente naquele sorriso o que o anticristo queria dizer. — Ficarei aguardando um relatório sobre sua reunião com a Srta. Durham e tenho plena certeza de que você será bem-sucedido.



Buck estava no escritório de Chicago do Semanário da Comunidade Global quando recebeu uma ligação de Amanda em seu telefone particular.

— Recebi um telefonema muito estranho de Rayford — ela disse. — Ele me perguntou se eu tinha combinado com Hattie viajar com ela de Boston a Bagdá. Respondi que não.

Pensei que ela já havia chegado lá. Ele imaginou que ela tivesse reprogramado seu itinerário e que chegaríamos mais ou menos no mesmo horário. Perguntei a Rayford o que estava acontecendo, mas ele parecia estar com pressa e sem condições de prolongar a conversa. Você sabe o que está havendo?

— Isso tudo é novidade para mim, Amanda. O seu avião também parou em Boston para reabastecer?

— Sim. Você sabe que Nova York está completamente destruída. E Washington também. Não sei se esses aviões têm condições de fazer um vôo direto de Milwaukee até Bagdá.

— O que teria feito Hattie demorar tanto para chegar lá?

— Não faço ideia. Se eu soubesse que ela ia retardar seu retorno, teria oferecido para viajarmos juntas. Precisamos manter contato com aquela moça.

Buck concordou.

— Chloe já está com saudade de você — ele disse. — Ela e Tsion estão trabalhando muito em alguns estudos do Novo Testamento. Apesar de estarem separados por uma distância de cerca de 500 metros, parece que trabalham na mesma sala.

— Sei que ela está gostando disso — disse Amanda. — Eu gostaria de convencer Rayford a me deixar retornar. Nós nos veríamos com menos frequência, mas eu também o vejo muito pouco em Nova Babilónia.

— Não se esqueça de que em qualquer lugar que você esteja, poderá estar naquela "mesma sala" com Tsion e Chloe.

— Ah, sim — ela disse — só que estamos nove horas atrás de vocês.

— Basta vocês coordenarem seus horários. Onde você está neste momento?

— Estamos sobrevoando o continente. Deveremos aterrissar dentro de uma hora ou pouco mais. Imagino que seu relógio esteja marcando um pouco mais de oito horas da manhã, é isso?

— Correto. O Comando Tribulação está prestes a estender seu trabalho e não vai demorar muito. Tsion parece estar produzindo bastante e satisfeito, até feliz mesmo.

Chloe está na casa de Loretta e empolgada com seu estudo e com as oportunidades de transmitir os ensinos bíblicos, embora saiba que talvez não vá ter permissão legal para fazer isso. Eu estou aqui. Você está aí e se encontrará com Rayford mais cedo do que imagina. Acho que estamos todos presentes e cumprindo nossos deveres.

— Espero que Rayford esteja certo quanto a Hattie — disse Amanda. — Será mais cómodo para ele buscar nós duas no mesmo horário.

Já havia chegado a hora de Rayford seguir para Bagdá. Ele estava confuso. Por que Hattie permanecera incomunicável em Denver por tanto tempo e por que confundira Fortunato sobre seu retorno se havia restabelecido contato? Se seu plano não era o de viajar na companhia de Amanda, então qual seria? O que teria prendido seu interesse em Boston?

Rayford estava ansioso por ver Amanda. Estavam afastados havia poucos dias, mas, afinal de contas, eles ainda eram recém-casados. Ele não estava satisfeito com a incumbência de buscar Hattie, principalmente se Amanda chegasse no mesmo horário.

No entanto, havia uma justificativa baseada no que ele soubera do encontro de Hattie com Loretta, Chloe e Amanda na casa secreta. Hattie se sentiria confortada com a presença de Amanda.

A dúvida de Rayford era a seguinte: será que a notícia que ele daria a Hattie seria desagradável para ela? Depois disso, talvez ela aceitasse o futuro com mais facilidade. Ela sabia que tudo estava terminado. Temia que Carpathia não a deixasse ir embora.

Evidentemente, ela se sentiria ofendida, insultada. Talvez ela não quisesse ficar com o anel, o dinheiro e o apartamento que lhe dera. Mas, pelo menos, saberia a verdade.

Rayford, como homem, considerava isso uma solução prática. Contudo, ao longo dos anos de convivência com Irene e Amanda, ele aprendera que, apesar da atração de Hattie por Carpathia ter diminuído de intensidade, ela se sentiria magoada e rejeitada. Rayford ligou para o motorista de Hattie.

— Você poderia me conduzir ou emprestar seu carro? Vou pegar a Srta. Durham em Bagdá e também minha...

— Oh, sinto muito, senhor. Não sou mais motorista da Srta. Durham. Agora sou motorista de uma pessoa da suíte executiva.

— Você saberia me informar onde posso encontrar um carro?

— O senhor poderá tentar o setor de veículos, mas isso é um pouco demorado. Muita papelada, o senhor sabe.

— Não tenho tempo para isso. Você tem uma outra sugestão? — Rayford estava zangado consigo mesmo por não ter planejado melhor.

— Se o potentado ligar para o setor de veículos motorizados, o senhor conseguirá um carro rapidamente.

Rayford ligou para o escritório de Carpathia. A secretária disse que ele estava ocupado.

— Ele está aí? — perguntou Rayford.

— Sim, senhor, mas como eu lhe disse, está ocupado.

— Trata-se de uma emergência. Mesmo que ele esteja incomunicável, gostaria que você me permitisse conversar com ele só por um minuto.

Ao entrar na linha novamente, a secretária disse: — O potentado pede que o senhor passe pelo escritório dele por alguns momentos antes de realizar a tarefa que ele lhe designou.

— Estou com pouco tempo, mas...

— Vou dizer a ele que o senhor virá para cá.

Rayford estava a três quarteirões do edifício de Carpathia. Desceu apressado pelo elevador e correu em direção ao escritório central. De repente, ocorreu-lhe um pensamento e ele pegou seu telefone. Enquanto corria, ligou para McCullum.

— Mac? Você está livre neste momento? Ótimo! Preciso que você me leve de helicóptero até Bagdá. Minha esposa está chegando, e também fui incumbido de buscar Hattie Durham. Notícias dela? Não tenho autorização para dizer nada, Mac. Estarei no escritório de Carpathia em poucos minutos. Devo encontrar você no heliporto? Ótimo!

Obrigado!



Buck estava trabalhando em seu laptop com a porta da sala fechada quando a máquina assinalou a chegada de um e-mail de resposta simultânea. Ele gostava desse sistema, que era semelhante a um bate-papo com apenas uma pessoa. A mensagem era de Tsion. Ele perguntava: "Será que podemos tentar conversar por meio do monitor?"

Buck digitou: "Claro." Em seguida, digitou o código. Passaram-se alguns minutos até o programa ser processado, e, de repente, a imagem de Tsion apareceu trémula na tela.

Buck digitou: "É você ou estou olhando no espelho?"

Tsion respondeu: "Sou eu. Podemos usar o áudio e conversar, se você estiver em local seguro."

"É melhor não", digitou Buck. "Você precisa de alguma coisa específica?"

"Eu gostaria de ter companhia para o desjejum", digitou Tsion. "Estou muito melhor hoje, mas também estou sentindo um pouco de claustrofobia aqui. Sei que você não pode me tirar daqui, mas será que teria condições de vir sem que Loretta desconfie?"

"Vou tentar. O que você gostaria de comer no desjejum?"

"Preparei alguma coisa parecida com comida americana para você, Buck. Vou virar a tela para que ela possa captar a imagem."

A máquina não estava programada para captar uma imagem panorâmica no escuro, dentro de um abrigo subterrâneo. Buck digitou: "Não consigo enxergar nada, mas confio em você. Estarei aí assim que puder."

Buck avisou a recepcionista que se ausentaria do escritório por cerca de duas horas.

Enquanto caminhava em direção ao Range Rover, foi abordado por Verna Zee.

— Aonde você vai? — ela perguntou.

— Como assim?

— Quero saber aonde você vai.

— Não sei ao certo aonde vou — ele disse. — A recepcionista sabe que estarei ausente do escritório por cerca de duas horas. Não me sinto na obrigação de fornecer detalhes.

Verna meneou a cabeça.



Ao chegar na entrada principal do escritório central da Comunidade Global, Rayford diminuiu o ritmo dos passos. O conjunto de edifícios tinha sido construído em uma região estranha, cercada de residências. Alguma coisa chamou a atenção de Rayford. Ruídos produzidos por animais. Latidos. Ele sabia da existência de cães na

área. Muitos funcionários possuíam cães de raça e gostavam de levá-los para passear presos por correntes. Essa gente era o exemplo da prosperidade. De vez em quando, Rayford ouvia um ou dois latidos de cães. Mas agora todos estavam latindo. O barulho era tão grande que ele se virou para ver se conseguia descobrir o que os deixava agitados. Avistou dois cães soltarem-se de seus donos e correrem uivando. Ele deu de ombros e entrou no edifício.



Buck pensou em passar pela casa de Loretta e pegar Chloe. Teria de inventar uma história para contar a Loretta, que estava no escritório da igreja. Ele não conseguiria estacionar nem entrar na igreja sem ser visto por ela. Talvez fosse conveniente ele e Chloe passarem um pouco de tempo com ela e depois fingirem que estavam saindo da igreja pelos fundos. Se ninguém estivesse observando, poderiam entrar furtivamente no abrigo e ver Tsion. Parecia um plano. Buck estava a meio caminho de Monte Prospect quando percebeu algo estranho. Animais na pista. Em grande quantidade. E outros tantos tentando atravessar as ruas. Esquilos, coelhos, serpentes. Serpentes? Ele vira algumas serpentes no meio-oeste, principalmente no extremo norte. Serpentes não-venenosas.

Então era isso, mas por que tantas assim? Guaxinins, gambás, patos, gansos, cães, gatos, animais por toda parte. Buck abaixou o vidro do Range Rover e prestou atenção.

Bandos enormes de pássaros voavam de uma árvore para outra. Mas o céu estava brilhante. Sem nuvens. Parecia não haver nenhuma brisa. Nenhuma folha balançava nas árvores. Buck parou no semáforo e percebeu que, apesar de não ventar, as luzes da rua estavam balançando. As placas de sinalização moviam-se para a frente e para trás. Buck passou pelo semáforo e acelerou rumo a Monte Prospect.



Rayford foi conduzido ao escritório de Carpathia. O potentado estava reunido com várias personalidades importantes ao redor de uma mesa. Imediatamente ele chamou Rayford de lado.

— Obrigado por ter vindo até aqui, capitão Steele. Eu só queria reiterar meu desejo de não ter de ficar frente a frente com a Srta. Durham. Talvez ela queira conversar comigo. Isso está fora de cogitação. Eu...

— Com licença, senhor, potentado — interrompeu Leon Fortunato — nossos medidores de energia elétrica estão apresentando números estranhos.

— Seus medidores de energia elétrica? — perguntou Carpathia, incrédulo. — Eu deixei a manutenção a cargo de você e de seu pessoal, Leon...

— Senhor! — disse a secretária. — Uma chamada de emergência do Instituto Sismográfico Internacional para o senhor ou para o Sr. Fortunato.

Carpathia parecia irritado, virou-se para Fortunato.

— Tome conta disso, por favor, Leon. Estou muito ocupado.

Fortunato atendeu a ligação, aparentemente não querendo dizer nada, mas de repente deixou escapar: — O quê? O quê?!

Agora Carpathia estava zangado.

— Leon!

Rayford afastou-se de Carpathia e olhou pela janela. Lá embaixo, os cães corriam em círculos, com seus donos atrás deles. Rayford enfiou a mão no bolso para pegar seu telefone celular e ligou rapidamente para McCullum. Carpathia olhou firme para ele.

— Capitão Steele! Eu estava falando com você aqui...

— Mac! Onde você está! Dê partida. Já estou indo para aí! De repente, as luzes apagaram-se. Somente as lâmpadas perto do teto, operadas por baterias, continuaram acesas e a luz forte do sol atravessou as vidraças. A secretária deu um grito. Fortunato virou-se para Carpathia tentando contar-lhe o que acabara de ouvir. Carpathia gritou na penumbra: -Mantenham a ordem aqui, por favor!

Em seguida, como se alguém tivesse apertado um botão, o dia tornou-se negro.

Agora, até mesmo os homens adultos gemiam e gritavam. As lâmpadas operadas por baterias iluminavam fracamente o edifício, que

começou a tremer. Rayford correu em direção à porta. Ele percebeu que alguém corria atrás dele. Apertou o botão do elevador, mas em seguida constatou que não havia energia eletrica. Subiu correndo as escadas até o teto, onde McCullum já estava com as hélices do helicóptero funcionando.

O edifício movimentava-se debaixo dos pés de Rayford como se fosse uma onda. O helicóptero, pousado sobre sua base em formato de esquis, inclinou-se para a esquerda e depois para a direita. Rayford alcançou a porta do helicóptero e viu Mac com os olhos arregalados. Enquanto tentava subir, Rayford foi empurrado por trás, indo parar perto de Mac. Nicolae Carpathia estava subindo no helicóptero.

— Levante vôo! — ele gritou. — Levante vôo! McCullum elevou o helicóptero cerca de trinta centímetros.

— Há mais gente chegando! — ele gritou.

— Não cabe mais ninguém! — Carpathia berrou. — Levante vôo!

Enquanto duas jovens e vários homens de meia-idade agarravam-se ao helicóptero, Mac afastou-se do edifício. Quando o helicóptero derivou para a esquerda, suas luzes iluminaram o teto do edifício, onde havia outras pessoas gritando e chorando na porta de acesso ao heliporto. Rayford observou horrorizado quando o prédio inteiro de 18 andares, com centenas de funcionários dentro, desabou no solo fazendo um ruído ensurdecedor e uma nuvem de poeira. As pessoas que gritavam dependuradas no helicóptero despencaram, uma após outra.

Rayford encarou Carpathia. Pela luz fraca do painel, ele não viu nenhuma expressão.

Carpathia simplesmente parecia ocupado amarrando o cinto de segurança. Rayford estava revoltado. Acabara de ver as pessoas morrendo. Carpathia ordenara a Mac que se livrasse das pessoas que poderiam ter sido salvas. Rayford sentiu vontade de esganar aquele homem.

Perguntando a si mesmo se não seria melhor ter morrido naquele edifício, Rayford meneou a cabeça e amarrou o cinto de segurança resolutamente.

— Bagdá! — ele gritou. — Aeroporto de Bagdá!



Buck entendeu exatamente o que estava acontecendo e atravessou rapidamente os semáforos e os sinais de parada de trânsito, subindo em cima de calçadas, cortando carros e caminhões. Antes de tudo, queria pegar Chloe na casa de Loretta. Agarrou seu telefone, mas ainda não registrará os números para discagem automática, e não havia condição de dirigir tão rápido e discar um número inteiro ao mesmo tempo. Atirou o telefone no banco e continuou acelerando. Quando ele estava cruzando uma rua, o sol desapareceu. O dia tornou-se noite em um piscar de olhos e não havia energia eletrica na área toda. Todos os motoristas estavam acendendo os faróis, mas Buck avistou a fenda tarde demais. Ele estava acelerando o carro em direção a uma rachadura na estrada que acabara de abrir-se na sua frente. Parecia ter três metros de largura e três metros de profundidade. Ele imaginou que morreria se caísse ali dentro, mas não conseguiu parar em razão da velocidade. Deu uma guinada para a esquerda e o Range Rover rolou antes de mergulhar na cratera. O airbag do lado do passageiro desenrolou e murchou silenciosamente. Era chegada a hora de constatar a segurança daquele carro.

Acima dele, a rachadura estreitava-se. Não havia outra condição de sair dali a não ser tentando subir. Ele acionou os botões de tração em todas as rodas, engatou a primeira marcha, virou as rodas da frente ligeiramente para a esquerda e pisou fundo no acelerador. O pneu dianteiro esquerdo afundou na escarpa acentuada da fenda. Buck acelerou e o carro saiu da cratera quase na vertical. Um carro pequeno que vinha atrás dele caiu de frente na cratera e incendiou-se.

O chão começou a mover-se e abrir em vários lugares. Um imenso bloco da calçada levantou-se do solo a uma altura de mais de três metros e amontoou-se na rua.

O barulho era ensurdecedor. Buck não subira o vidro depois de ter avistado os animais e agora estava envolvido pelos estrondos provocados por colisões de carros. Os caminhões capotavam. Os postes, telefones públicos e casas desabavam.

Buck resolveu não acelerar muito. A velocidade o mataria. Ele precisava enxergar o que encontraria pela frente e descobrir um meio de prosseguir. O Range Rover dava solavancos e derrapava. Chegou a rodar em círculo. As pessoas que tinham sobrevivido até aquele momento estavam dirigindo freneticamente e os carros batiam uns nos outros.

Quanto tempo isso duraria? Buck estava desorientado. Olhou para a bússola no painel e tentou seguir para o oeste. Parecia que a rua estava ondulada por igual. O Range Rover subia e descia como se estivesse em uma montanha-russa, mas o grande tremor tinha apenas começado. Aquilo que a princípio parecia acentuadas ondulações sobre as quais o Range Rover poderia passar transformou-se rapidamente em um redemoinho de lama e asfalto, que engolia os carros.



Horror não era uma palavra suficiente para descrever a cena. Rayford não conseguia falar com Carpathia nem com Mac. Eles estavam seguindo para o Aeroporto de Bagdá e Rayford não conseguia desviar os olhos da devastação lá embaixo. Incêndios irromperam por toda parte. O fogo iluminava as colisões de carros, os edifícios desabados, a terra se remexendo e rolando como se fosse um mar bravio. Seu olhar captou alguma coisa semelhante a uma gigantesca bola de fogo provocada por gasolina. Lá, dependurada no céu e tão próxima que parecia poder ser tocada, estava a lua. A lua vermelha como sangue.



Buck não estava pensando em si mesmo. Estava pensando em Chloe. Estava pensando em Loretta. Estava pensando em Tsion. Será que Deus os fizera passar por tudo aquilo só para deixá-los perecer no grande terremoto, o sexto Julgamento Selado? Se todos eles fossem para o céu, tanto melhor. Seria muito pedir que seus entes queridos não

sofressem? Se eles tivessem de partir, "Senhor, leva-os rapidamente", orou.

O terremoto prosseguia com seus estrondos, como se fosse um monstro devorando tudo o que havia pela frente. Buck encolheu-se horrorizado quando os faróis do Range Rover iluminaram uma casa enorme desaparecendo completamente embaixo da terra. A que distância ele estaria da casa de Loretta e de Chloe? Seria melhor tentar buscar Loretta e Tsion na igreja? Em breve, Buck não avistou mais nenhum veículo, nenhuma iluminação de rua, nenhum semáforo, nenhuma placa de trânsito. As casas estavam se esfarelando. Acima da estrada ele ouviu gritos, avistou pessoas correndo, tropeçando, caindo, rolando.

O Range Rover dava solavancos e balançava. Buck já não sabia contar quantas vezes batera com a cabeça no teto do carro. Uma tira de calçada enrolou-se e empurrou o Range Rover de lado. Buck pensou que o fim estava próximo, mas não queria esmorecer. Lá estava ele, espremido contra a lateral do veículo e preso com o cinto de segurança. Estendeu o braço tentando soltar o cinto para poder sair pela janela do passageiro. Antes de conseguir fazer isso, o Range Rover bateu em um monte de terra e quase ficou na posição vertical, mas conseguiu atravessá-lo. Vidros quebravam por toda parte. Paredes ruíam. Restaurantes desapareciam. Lojas de carro eram engolidas. Os prédios comerciais se inclinavam e desabavam lentamente. Buck avistou outra fenda na estrada que ele não podia evitar. Fechou os olhos e preparou-se para a queda, sentindo os pneus do Range Rover rolando sobre uma superfície acidentada, quebrando vidros e esmagando metais. Quando o Rover virou para a esquerda, Buck abriu rapidamente os olhos e viu que tinha passado por cima do teto de um outro carro. Ele mal sabia onde estava. Continuou a seguir para o oeste. Se ao menos pudesse chegar à igreja ou à casa de Loretta. Será que ele reconheceria esses locais? Será que alguma pessoa que ele conhecera ao redor do mundo ainda estaria viva para que ele pudesse orar por ela?

Mac olhou de relance para a lua. Rayford percebeu que ele estava aterrorizado. Mac manobrou o helicóptero para que Nicolae pudesse vê-la também. Carpathia olhava para ela admirado. Seu rosto foi iluminado com um medonho brilho vermelho, e aquele homem nunca se pareceu tanto com o demónio.

Enormes soluços subiam da garganta e do peito de Rayford. Enquanto ele olhava a destruição e o caos lá embaixo, sabia que seria muito improvável encontrar Amanda.

Senhor, recebe-a em teus braços sem que ela sofra, por favor!

E Hattie! Será que ela aceitou a Cristo antes disso? Teria havido alguém em Boston ou no avião que pudesse tê-la ajudado?

De repente, houve uma chuva de meteoros, como se o céu estivesse desabando.

Rochas gigantescas em chamas riscavam o céu. Rayford vira o dia transformar-se em noite. Agora o dia clareara novamente por causa das chamas.



Buck estava ofegante quando finalmente o Range Rover bateu em algo que o fez parar. A parte traseira caíra dentro de um pequeno buraco e os faróis apontavam para o alto. Segurando o volante com as duas mãos, Buck ficou reclinado no carro, olhando para cima. De repente, o céu se abriu. Monstruosas nuvens negras e roxas rolavam umas sobre as outras parecendo recobrir a própria escuridão da noite. Houve uma chuva de meteoros, que esmagavam tudo o que não tinha sido engolido pela terra. Um deles caiu perto da porta de Buck e era tão quente que derreteu o pára-brisa. Enquanto Buck tentava desatar o cinto de segurança e arrastar-se até a outra porta do carro, uma outra rocha de fogo explodiu atrás do Range Rover e o fez saltar para fora da vala. Buck foi atirado no banco traseiro e bateu a cabeça no teto. Estava atordoado, mas sabia que morreria se não saísse dali. Passou por cima de seu banco e sentou-se novamente ao volante. Prendeu o cinto de segurança, pensando na fragilidade daquela precaução diante do mais violento terremoto da história da humanidade.

A movimentação da terra parecia ter diminuído. Mas o terremoto não ia parar. Buck dirigia lentamente. Os faróis do Range Rover balançavam e pulavam. As lanternas laterais caíram e voaram pelos ares. Buck pensou ter reconhecido um local: um restaurante meio inclinado em uma esquina a três quarteirões da igreja. Buck sentia que precisava ir em frente. Dirigindo cuidadosamente, ele passou pelo meio da destruição e do caos. A terra continuava a mover-se e rolar, mas ele prosseguia. Através do pára-brisa destruído, ele conseguiu ver pessoas correndo e gritando, com feridas abertas no corpo que sangravam.

Elas tentavam esconder-se debaixo das pedras que tinham sido expelidas pela terra.

Usavam pedaços do asfalto e das calçadas para se proteger, mas assim mesmo eram esmagadas. Um homem de meia-idade, sem camisa, sem sapatos e sangrando, olhou para o céu através das lentes quebradas dos óculos e escancarou os braços. Ele gritava: — Deus, me mata! Me mata!

Enquanto Buck passava sacolejando dentro do Range Rover, o homem foi engolido pela terra.



Rayford perdera as esperanças. Uma parte dele desejava que o helicóptero caísse e se despedaçasse. A ironia de tudo era que ele sabia que Nicolae Carpathia só morreria dali a 21 meses. Depois, ele reviveria por mais três anos e meio.

Nenhum meteoro abateria o helicóptero. E em qualquer lugar que ele pousasse, seus passageiros estariam a salvo. Tudo porque Rayford se dispusera a fazer um favor para o anticristo.



O coração de Buck comoveu-se quando ele avistou a torre da Igreja Nova Esperança.

Faltavam menos de 600 metros para chegar lá, mas a terra ainda tremia, provocando colisões por todos os lados. Árvores imensas caíam e arrastavam os fios elétricos pela rua. Buck levou vários minutos passando por escombros e pilhas enormes de madeira, terra e cimento. Quanto mais ele se aproximava da igreja, mais aumentava a sensação de vazio em seu coração. A torre da igreja era a única coisa que estava em pé, com a base assentada no solo. Os faróis do Range Rover iluminaram os bancos da igreja, dispostos em fileiras tortas. Alguns deles estavam intactos. O restante do templo, as vigas em arco, os vitrais coloridos, tudo havia desaparecido. O prédio da administração, as salas de aula e os escritórios estavam no chão, formando um amontoado de tijolos, vidros e argamassa.

Via-se apenas um carro na cratera que se abrira no terreno do estacionamento. O fundo do carro estava assentado no chão, com os quatro pneus furados e os eixos das rodas quebrados. Projetando-se de baixo do carro havia duas pernas humanas desnudas.

Buck parou o Range Rover a cerca de trinta metros do terreno do estacionamento. Deixou o câmbio no ponto morto e desligou o motor. A porta de seu lado não abria. Ele soltou o cinto de segurança e desceu pelo lado do passageiro. De repente, o terremoto cessou. O sol reapareceu na manhã clara e luminosa de uma segunda-feira em Monte Prospect, Illinois. Buck sentia cada osso de seu corpo. Cambaleando sobre o solo irregular, ele caminhou na direção do carro no terreno do estacionamento. Ao se aproximar, ele avistou um corpo esmagado sem um dos pés. O outro pé confirmou o que ele temia. Loretta tinha sido esmagada por seu próprio carro.

Buck tropeçou e caiu com o rosto na terra, sentindo alguma coisa cortar sua bochecha. Sem fazer caso disso, ele rastejou até o carro de Loretta e empurrou o carro com toda força, tentando tirar o corpo debaixo do carro. O veículo não se movia. Buck não queria de jeito nenhum deixar o corpo de Loretta ali. Mas para onde ele o levaria?

Chorando, ele arrastou-se no meio dos escombros à procura de uma entrada para o abrigo subterrâneo. Após reconhecer algumas pequenas áreas do salão de confraternização, ele arrastou-se ao redor do que restara do templo desabado. O conduíte que ia até a torre estava rompido. Abrindo caminho sobre tijolos e pedaços de madeira, ele finalmente encontrou a abertura de ventilação. Com as mãos em

formato de concha ao redor da boca, ele gritou dentro da abertura: — Tsion! Tsion! Você está aí?

Em seguida, ele encostou a orelha na abertura, sentindo o ar fresco que vinha do abrigo.

— Estou aqui, Buck! Você está me ouvindo?

— Sim, Tsion! Você está bem?

— Estou bem! Não consigo abrir a porta!

— É melhor assim. Você não vai querer ver o que aconteceu aqui, Tsion! — gritou Buck, com a voz cada vez mais fraca.

— Como está Loretta?

— Ela morreu!

— Aconteceu o grande terremoto?

— Aconteceu!

— Você pode vir até aqui?

— Vou chegar até aí mesmo que seja a última coisa que eu vá fazer, Tsion! Preciso de sua ajuda para procurar Chloe!

— Eu estou bem por enquanto, Buck! Vou esperar por você!

Buck virou-se e olhou na direção da casa secreta. As pessoas andavam com passos trôpegos, roupas esfarrapadas, sangrando. Algumas caíam no chão e pareciam estar morrendo diante dos olhos de Buck. Ele não sabia quanto tempo ainda levaria para chegar até Chloe. Não queria ver outra cena igual àquela que estava presenciando, mas não desistiria até encontrá-la. Se houvesse uma chance em um milhão de chegar até onde ela estava, de salvá-la, ele iria até o fim.



O sol voltara a brilhar sobre Nova Babilónia. Rayford pediu insistentemente a Mac McCullum que prosseguisse na direção de Bagdá. Por toda a parte que os três olhavam só havia destruição. Crateras produzidas por meteoros. Incêndios. Edifícios desabados.

Estradas devastadas.

Ao avistar o aeroporto de Bagdá, Rayford abaixou a cabeça e chorou. Os jumbos estavam contorcidos, alguns com partes

projetando-se das enormes cavidades no solo. O terminal desabara. A torre não mais existia. Havia corpos espalhados por toda parte.

Rayford fez um sinal para que Mac voasse mais baixo. Assim que examinou a área, Rayford entendeu tudo. Agora ele só podia orar para que Amanda ou Hattie estivessem voando quando ocorreu o terremoto.

Quando as hélices pararam de girar, Carpathia virou-se para os dois: — Algum de vocês tem um telefone que esteja funcionando?

Rayford estava tão revoltado que passou por Carpathia e abriu a porta com força.

Contornou rapidamente a poltrona de Carpathia e pulou no solo. Em seguida, ele colocou o braço dentro do helicóptero, soltou o cinto de segurança de Carpathia, agarrou-o pelas lapelas e gritou para que ele saísse dali. Carpathia caiu no chão e levantou-se rapidamente, como se estivesse pronto para lutar. Rayford empurrou-o contra o helicóptero.

— Capitão Steele, sei que você está aborrecido, mas...

— Nicolae — disse Rayford, com os dentes cerrados — você pode explicar o que aconteceu da maneira que quiser, mas antes deixe-me dizer-lhe uma coisa: Você acabou de presenciar a ira do Cordeiro!

Carpathia deu de ombros. Rayford empurrou-o pela última vez contra o helicóptero e afastou-se dali cambaleando. Virou o rosto em direção ao terminal do aeroporto, a uma distância de pouco menos de meio quilómetro. Orou para que essa fosse a última vez que ele teria de procurar o corpo de uma pessoa querida no meio de entulhos.

# *E P Í L O G O*

"Quando o cordeiro abriu o sétimo selo, houve silêncio no céu cerca de meia hora. Então, vi os sete anjos que se acham em pé diante de Deus, e lhes foram dadas sete trombetas. Veio outro anjo e ficou em pé junto ao altar, com um incensário de ouro, e foilhe dado muito incenso para oferecê-lo com as orações de todos os santos sobre o altar de ouro que se acha diante do trono; e da mão do anjo subiu à presença de Deus a fumaça do incenso, com as orações dos santos. E o anjo tomou o incensário, encheu-o do fogo do altar e o atirou à terra. E houve trovões, vozes, relâmpagos e terremotos.

Então, os sete anjos que tinham as sete trombetas prepararam-se para tocar."

— Apocalipse 8.1-6



Jerry B. Jenkins (www.jerryjenkins.com) é o autor da série *Deixados para Trás* e de mais de 100 livros, quatro dos quais figuraram na lista de mais vendidos do New York Times. Foi vice-presidente da divisão editorial do Instituto Bíblico Moody de Chicago e trabalhou muitos anos como editor da Moody Magazine, com a qual colabora até hoje.

Escreveu artigos para várias publicações, tais como Reader's Digest, Parade, revistas de bordo e numerosos periódicos cristãos. Seus livros abrangem quatro gêneros literários: biografias, obras sobre casamento e família, ficção para crianças e ficção para adultos.

Dentre outras, Jenkins colaborou nas biografias de Hank Aaron, Bill Gaither, Luis Palau, Walter Payton, Orei Hershiser, Nolan Ryan, Brett Butler e Billy Graham.

Cinco de seus romances apocalípticos — *Deixados para Trás, Comando Tubulação, Nicolae, A Colheita e Apoliom* — constaram da lista dos mais vendidos da Associação Cristã de Livreiros e do semanário religioso Publishers Weekly. *Deixados para Trás* foi indicado para receber o prêmio de Romance do Ano, pela Associação das Editoras Cristãs Evangélicas, em 1997 e 1998.

Como autor e conferencista de assuntos relacionados ao casamento e à família, Jenkins tem participado com freqüência do programa de rádio do Dr. James Dobson, *Focus on lhe Family* (A Família em Foco).

Jerry também é o autor das tiras cômicas *Gil Thorp*, distribuídas aos jornais dos Estados Unidos por Tribune Media Services.

Ele mora com sua esposa, Dianna, no Colorado.

Convites para conferências podem ser feitos pela Internet no seguinte endereço: speaking@jerryjenkins.com.

O Dr. Tim LaHaye, que idealizou o projeto de romancear o Arrebatamento e a Tribulação, é autor famoso, ministro do evangelho, conselheiro, comentarista de televisão e palestrante de temas sobre vida familiar e profecias bíblicas. É fundador e presidente do Family Life Seminars (Seminários sobre a Vida Familiar) e também fundador



do The PreTrib Research Center (Centro de Pesquisas do Período Pré-Tribulação). Atualmente, o Dr. LaHaye faz palestras sobre profecias bíblicas nos Estados Unidos e no Canadá, onde seus sete livros sobre profecias fazem muito sucesso.

O Dr. LaHaye é formado pela Universidade Bob Jones, com mestrado e doutorado em ministério pelo Western Conservative Theological Seminary (Seminário Teológico Conservador do Oeste). Durante 25 anos, foi pastor de uma das mais prósperas igrejas dos Estados Unidos, em San Diego, a qual se expandiu para outras três localidades. Nesse período, fundou duas escolas cristãs de ensino médio reconhecidas pelo governo, um sistema de escolas cristãs composto de dez estabelecimentos e a Christian Heritage College (Faculdade Herança Cristã).

O Dr. LaHaye escreveu mais de 40 livros, com mais de 11 milhões de exemplares impressos em 32 idiomas, abordando uma ampla variedade de assuntos, tais como vida familiar, estados de humor e profecias bíblicas. Estas obras de ficção, escritas em parceria com Jerry Jenkins — *Deixados para Trás, Comando Tribulação, Nicolae, A Colheita e Apoliom* —, alcançaram o primeiro lugar na lista dos livros cristãos mais vendidos. Outras obras escritas por ele: *Temperamento Controlado pelo Espírito; Como Ser Feliz Mesmo Sendo Casado; Revelation, Illustrated and Made Plain* (O Apocalipse Ilustrado e Simplificado); *Como Estudar Sozinho as Profecias Bíblicas; Um Homem Chamado Jesus* e *Estamos Vivendo os Últimos Dias?* — publicados pela Editora United Press —, *No Fear of the Storm: Why Christians Will Escape Ali the Tribulation* (Sem Medo da Tempestade: Por Que os Cristãos Escaparão do Período da Tribulação); *e Deixados para Trás — Série Teen.*

O Dr. LaHaye é pai de quatro filhos e tem nove netos. Gosta muito de esquiar na neve e na água, de motociclismo, de golfe, de férias com a família e de caminhadas.

Este *ePub* teve como base a digitalização em *Rtf* feita por um autor desconhecido.

Para esta formação peguei como inspiração a edição norte-americana mais recente, além da formatação, fiz a capa e a imagem utilizada na página com os livros da série.

*Maio de 2014*

***LeYtor***